

ECC

Estudos de
Comunicação
e Cultura

Translating Europe across the Ages

Poesias de Ossian

Antologia das traduções em português

Gerald Bär



Universidade Católica Editora



Poesias de Ossian

Catálogo recomendada

OSSIAN

Poesias de Ossian : antologia das traduções em português / coord. [de] Gerald Bär. - Lisboa :
Universidade Católica Editora, 2010. - 248 p. ; 23 cm
(Estudos de comunicação e cultura)

ISBN 978-972-54-0278-8

I - BÄR, Gerald, coord. II - Tit. III - Col.

CDU 891.6 Ossian 3 .03=690

Licença: Este trabalho encontra-se publicado com a Licença
Internacional Creative Commons Atribuição 4.0



© Universidade Católica Editora | Lisboa 2010

Edição: Universidade Católica Editora, Unipessoal **Capa:**
OMLET design

Composição gráfica: Empresa do Diário do Minho, Lda.

Revisão Editorial: Helena Romão

Data: Novembro 2010

Depósito Legal: 318874/10

ISBN: 978-972-54-0278-8

ISBN e-Book: 978-972-54-1078-3

Universidade Católica Editora

Palma de Cima – 1649-023 Lisboa

tel. (351) 217 214 020 fax (351) 217 214 029

uce@uceditora.ucp.pt www.uceditora.ucp.pt

Na capa: *Blind Ossian IV*, Calum Colvin

Poesias de Ossian

Antologia das traduções em português

coordenação **Gerald Bär**



Universidade Católica Editora

Índice

Prefácio	7
Agradecimentos	11
Parte I – Ossian na Europa	
<i>Howard Gaskill</i>	
A obra	15
As traduções	19
A atracção de Ossian	32
Bibliografia	50
Parte II – A recepção da Poesia Ossiânica em Espanha, na América Hispânica, no Brasil e em Portugal	
<i>Gerald Bär</i>	
Ossian em Espanha e na América Hispânica	57
Ossian no Brasil	60
Ossian em Portugal	76
O Pré-Romantismo Português	76
A Recepção tardia de <i>Ossian</i>	81
<i>Ossian</i> no Pré-Romantismo Português	83
<i>Ossian</i> no princípio da época do Romantismo português	91
Conclusões	144
Bibliografia	148
Parte III – Antologia da poesia Ossiânica traduzida em português	
Resto de uma tradução de Ossian	
José Bonifácio de Andrada e Silva (1825)	155
Dois Fragmentos de <i>Fingal</i> (Canto 1.º)	
Bocage (1812) e Soares de Passos (1856)	156
Darthula. Poema traduzido ou imitado de Ossiano	
Marquesa de Alorna (1844)	157

FINGAL	
Adelaide Prata (1867)	171
COLMAL PARÁFRASE OSSIÂNICA	
Fagundes Varela (1865)	213
OSCAR (IMITAÇÃO DE OSSIÂN)	
Almeida Garrett (1845)	216
HYMNO AO SOL	
Anón. (1818)	220
AO SOL (Fragmento Do Poema De «Carthon»)	
Soares de Passos (1856)	220
A ESPERA DESGRAÇADA (Copiada de Ossian)	
Joaquim Silvestre de Sousa (1839)	221
COLMA (Fragmento dos Cantos de Selma)	
Soares de Passos (1856)	222
OS CANTOS DE SELMA	
F. Octaviano (1872)	223
O RAPTO D'OITHONA. Poema d'Ossian	
Luiz Ribeiro de Sottomaior (1861)	229
A GUERRA DE CAROS (Tradução livre d'Ossian)	
Luiz Ribeiro de Sottomaior (1851)	234
OINA-MORUL	
A. S. D. Gama (1852)	240
O ESPIRITO DE LODA	
João Nepomuceno de Seixas (1856)	243
COLNA-DONA (De Ossian)	
Gervásio Lobato (1868)	245



Ossian, Fils de Fingal, Barde du 3e Siècle; Poésies Galliques, Traduites sur L'Anglais de Macpherson, Par Letourneur. Nouvelle Édition, vol. I, Paris: J. G. Dentu, 1810.

Prefácio

Há duzentos e cinquenta anos, em Junho de 1760, James Macpherson publicou o seu primeiro texto ossiânico, nomeadamente os quinze *Fragments of Ancient Poetry collected in the Highlands of Scotland, and translated from the Galic or Erse Language* (1760).

Em comparação com este precursor do Romantismo europeu, a recolha da literatura popular de tradição oral começou relativamente tarde em Portugal. Um dos primeiros empenhados neste campo foi Garrett, que em 1843 publicou o seu *Romanceiro* – uma colectânea de histórias em verso. No século XIX sucederam-se ainda Adolfo Coelho com a obra *Contos Populares Portugueses* (1879) e Teófilo Braga com os *Contos Tradicionais do Povo Português* (1883).

Tendo sido comprovado que os poemas atribuídos a Ossian tiveram uma influência maior na literatura pré-romântica, romântica e ultra-romântica portuguesa do que assumido pela crítica do século XIX e XX,¹ justifica-se a publicação de uma antologia destes textos traduzidos para o idioma português e publicados durante o século XIX por vários autores em dispersas obras e revistas. Nesta edição os textos são acompanhados por uma introdução de Howard Gaskill que enquadra o fenómeno de Ossian no contexto histórico-literário europeu e por um estudo que mostra a sua recepção e relevância na literatura portuguesa. Relativo à poesia de Ossian deve-se mencionar que se encontra os temas do bardo em sinfonias de Mendelssohn-Bartholdy, em cantos de Le Sueur, Schubert, Brahms e em óperas de Méhul e Sobolewski. Também os Pink Floyd gravaram uma peça intitulada “Fingal’s Cave” (1969). Jim Morrison sabia que o nome da sua banda de rock estava relacionado com o livro de Aldous Huxley *The Doors of Perception* (1954), cujo título vinha de uma frase de William Blake (*The Marriage of Heaven and Hell*). Será que Morrison também estava consciente de que “Riders on the Storm” (*The Doors*, 1971) tem uma forte carga ossiânica?

O impacto enorme das publicações de Macpherson nas literaturas e culturas europeias inspirou igualmente quadros de Runciman, Ingres, Kauffmann, Runge, Berthélémy, Gérard, Roussy Trionon e, finalmente, de Calum Colvin², que forneceu a imagem para a capa desta antologia. Para dar relevo a este interesse não exclusivamente literário, mas também artístico, a edição vem com algumas ilustrações de obras estrangeiras.

Em vez de apresentar uma edição bilingue e crítica em termos translitológicos, optou-se por uma edição monolíngue. Justifica-se este procedimento porque os

¹ Cf.: Buescu, Maria Gabriela Carvalhão (2001) *Macpherson e o Ossian em Portugal. Estudo comparativo translitológico*, Lisboa: Edições Colibri; Bär, Gerald (2004) “Ossian in Portugal”, in Gaskill, Howard, (ed.), *The Reception of Ossian in Europe*, London, New York, NY: Thoemmes Continuum, pp. 351-374; Buescu, Maria Gabriela (2005) “A Poesia Ossiânica em Portugal: Estudo da sua Recepção Translitológica”, in Avelar, Mário (org.) *Viagens pela Palavra: Livro de Homenagem à Professora Maria Laura Bettencourt Pires*, Lisboa: Universidade Aberta, pp. 227-240, Bär, Gerald (2006) “A Citação na Tradução: O Caso de Werther e Ossian”, in Miguel, M.A.C., Moreira da Silva, E.J., et al. (org.), *Actas do I Colóquio de Tradução e Cultura (Arquipélago – Línguas e Literaturas Anexo III)*, Ponta Delgada: Universidade dos Açores 2006, pp. 52-66.

² Colvin, Calum (2002) *Ossian Fragments of Ancient Poetry*, catálogo, National Galleries of Scotland.

textos que serviram para as traduções não são da mesma edição e nem sempre em inglês. Evitando assim a tentação inerente a uma edição bilingue de comparar a versão portuguesa com um suposto 'original', o leitor poderia recorrer à edição *The Poems of Ossian and related works* (ed. Howard Gaskill, Edinburgh University Press, 1996) para ter acesso à obra integral das publicações ossiânicas de Macpherson. Infelizmente, ainda não existe uma tradução desta obra completa em português.

Os seguintes ensaios que precedem a antologia baseiam-se em parte em textos previamente publicados, nomeadamente "Ossian in Europe"³, "Ossian in Portugal"⁴ e "Garrett e Ossian"⁵.

³ Gaskill, Howard (1994) "Ossian in Europe", *Canadian Review of Comparative Literature* 21: 643-78.

⁴ Bär, Gerald (2004) "Ossian in Portugal", in Gaskill, Howard, (ed.), *The Reception of Ossian in Europe*, London, (The Athlone Critical Traditions Series: The Reception of British Authors in Europe), New York, NY: Thoemmes Continuum, pp. 351-374.

⁵ Bär, Gerald (2008) "Garrett e Ossian", in *Anglosaxonica. Revista do Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa*, Série II - n.º 26 - 2008, Lisboa: Edição Colibri, pp. 197-219.

Agradecimentos

Professor Howard Gaskill, pela sua amizade e o apoio contínuo durante muitos anos.

Professor João Almeida Flor, pelas indicações bibliográficas valiosas e pela sua ajuda a decifrar o manuscrito de Garrett.

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, pelas imagens do manuscrito de Garrett.

Professora Ofir Bergemann de Aguiar, pelo envio do seu livro e dos artigos relevantes para esta publicação.

Dr. Carlos Bobone, pelos vários ‘achados’ e pelo fac-símile da carta, datada 7 de Abril de 1824, Arquivos dos Condes de Ribeira Grande.

Professor Calum Colvin, pela cedência da imagem da capa do livro.

CECC e Professor Peter Hanenberg, pelo apoio na edição do livro e na organização do Congresso “Ossian e as ‘Epopéias Nacionais’” na Universidade Católica Portuguesa.

E *last, but not least*, Elsa, pela ajuda na transcrição dos textos ossiânicos, pelo *proof-reading* e pela sua paciência.

I – Ossian na Europa

Ossian na Europa

HOWARD GASKILL

A obra

A 14 de Junho de 1760 foi publicado em Edimburgo um pequeno livro de sessenta e nove páginas, intitulado *Fragments of Ancient Poetry, collected in the Highlands of Scotland, and translated from the Galic or Erse Language* (Macpherson, 1760). Não é indicado o nome do tradutor, nem o do autor do 'Prefácio' (iii-viii). Este último informa o leitor de que, embora os poemas não possam ser datados com exactidão, são certamente antigos, como provam o seu 'spirit and strain' ('espírito e estilo') (iii).

Não resta a menor dúvida de que estes poemas devem ser atribuídos aos bardos, uma raça de homens bem conhecidos por se terem mantido, ao longo de muitas épocas, na Irlanda e no norte da Escócia... Através da sucessão destes bardos, os poemas foram passando de mão em mão, de geração em geração; alguns na forma de manuscrito, mas a maior parte vinha através da tradição oral (v-vi).

Não lhes é atribuída autoria, mas 'Oscian' é a 'personagem principal' em diversos fragmentos. Embora os poemas 'apareçam como peças soltas nesta compilação, há razões para acreditar que a maior parte deles eram originalmente episódios de uma obra maior, que associava às guerras de 'Fingal', o pai de Oscian, 'o último dos heróis' (v). O Prefácio termina com um breve resumo do *plot* desta 'obra grandiosa', que deveria, de facto, ser recuperada e traduzida 'se um tal empreendimento fosse encorajado' (vii-viii).

E assim foi lançado o 'projecto Ossian'. A publicação inicial consistiu em quinze poemas em prosa, mas a resposta positiva por parte do público deu origem a uma segunda edição, três meses depois, e à inserção de mais um poema. Que a procura de 'encorajamento' (especialmente graças aos bons ofícios do autor do Prefácio, Hugh Blair) foi rápida e bem sucedida, evidenciam-no o aparecimento, em Dezembro de 1761 (datado de 1762), de um volume muito substancial de *Fingal*, contendo o poema epónimo e

diversos poemas menores (Macpherson, 1762). Seguiu-se, pouco depois, o ainda mais volumoso *Temora* (Macpherson, 1763). Os dois foram posteriormente coligidos na obra *The Works of Ossian* (Macpherson, 1765), cujo segundo volume tem apenas uma versão extensa e muito influente da ‘Critical Dissertation on the Poems of Ossian’, de Hugh Blair, publicada pela primeira vez em 1763. Os poemas foram subsequentemente sujeitos a uma revisão estilística mais apurada para *The Poems of Ossian* (Macpherson, 1773).¹ A edição final, sobre a qual se pode dizer que James Macpherson tivera algum tipo de intervenção, é a obra póstuma *Poems of Ossian in the Original Gaelic* (Macpherson, 1807).

Quanto ao *status* exacto destas obras, todas elas pretendendo ser traduções literais da poesia de antigos bardos gaélicos, o leitor é remetido para as contribuições de Thomson (1952) e Meek (1991). A natureza da fraude praticada por Macpherson e, de facto, o seu grau de culpa pessoal, não são matéria sobre qual se possa dizer que há um consenso crítico, embora se deva talvez assinalar que os mais inclinados a condenar a fraude de imediato, não se destacam habitualmente pelo seu interesse pela língua e pela cultura literária gaélicas ou pelo seu conhecimento das mesmas – ou mesmo pela tradução. Contudo, é um facto que Macpherson foi um compilador convincente e de grande sucesso (Stafford 1988, 113-32), que passou à escrita (ou passara à escrita), muitas baladas atribuídas a Ossian (ou Oisean), a partir da recitação oral, e a quem se deve a preservação de alguns manuscritos importantes, incluindo o ‘Book of the Dean of Lismore’ (1512-42). Embora possa ter feito mais tarde reivindicações insensatas acerca das suas descobertas dos manuscritos, Macpherson não fez, em momento algum, a afirmação ridícula, que lhe é algumas vezes atribuída, de que estes eram contemporâneos do próprio Ossian. Ele é geralmente cuidadoso em acentuar, pelo menos na produção impressa, de que apenas uma pequena parte das composições por ele traduzidas provém de fontes escritas – veja-se, por exemplo, a “Dissertation” que precede a edição de *Fingal*, de 1765: ‘o tradutor coligiu, da tradição e de *alguns* manuscritos, todos os poemas desta colectânea’ (Macpherson, 1765, 1: 22; *italico meu*).² O que Macpherson

¹ Para a história da publicação dos poemas ossiânicos e as diferenças entre as várias edições *vide* Macpherson 1996: xxii-xxvi, 415-552.

² Cf. Gaskill 1990; também 1991, 6-16, para o ‘manuscript myth’. Logo na primeira nota de rodapé ao poema épico ‘Temora’, Macpherson acentua que a maior parte do poema ‘provém da tradição’.

compilou consistia, de um modo geral, como ele bem sabia, em baladas gaélicas irlandesas e escocesas, que celebravam as proezas gloriosas do herói lendário do século III, Fionn, e da sua milícia, a Fian, a maior parte das quais assumiram a forma geral com que as conhecíamos no século XV (para uma discussão detalhada *vide* Meek, 1991). Estas composições, embora a maior parte provavelmente tenha sido produzida por verdadeiros literatos, familiarizados com as sofisticadas convenções bardas, apresentam uma relativa simplicidade formal e utilizam uma dicção não muito afastada do discurso oral. Sendo assim, elas foram facilmente assimiladas pelo vernáculo e a sua adaptabilidade assegurou-lhes a sobrevivência para lá do colapso do sistema bárdico na Irlanda e na Escócia Gaélica e do conseqüente declínio do conhecimento da linguagem literária clássica. Estas baladas eram ainda populares nos tempos de Macpherson, embora ele tivesse todos os motivos para supor que as alterações que estavam a acontecer nas Highlands (terras altas) e nas Islands (ilhas), particularmente na sequência da derrota catastrófica dos Jacobitas, na batalha de Culloden (1746), levariam ao seu desaparecimento rápido. Um dos seus motivos foi, indubitavelmente, a preservação do património literário dos Gaels. Contudo, além disso, pretendeu devolver alguma da glória passada a um povo destruído, fazendo com que a sua cultura fosse reconhecida por um mundo exterior, aos olhos do qual *Highlander* era sinónimo de selvagem. Macpherson foi também um poeta ambicioso por direito próprio, que desejava ter fama e dinheiro. Ele deve ter assumido, com razão sem dúvida, que o material que colecionou, na sua forma bruta e não adulterada, não bastaria ‘para agradar a uma época polida’ (Macpherson, 1765, 1: xx). Deve ter também conseguido convencer-se de que o material na sua posse consistia nos restos corrompidos de uma tradição literária de uma dignidade e antiguidade muito maiores (quanto a isto, não estaria completamente enganado), que recuava talvez ao próprio Ossian lendário, e que, por isso, se justificava tentar reconstituí-lo como deveria ter sido outrora, ‘restituindo uma obra de mérito à sua pureza original’ (Mackenzie, 1805, 44 [citando Andrew Gallie]). No entanto, fossem quais fossem os motivos de Macpherson e fosse qual fosse o papel dos seus apoiantes (que está ainda para ser completamente investigado), particularmente o de Hugh Blair e o do falante gaélico Adam Ferguson, o procedimento que adoptou parece ser razoavelmente claro. Estava ao nível de algo que se aproximava da tradução convencional – Macpherson pode, na verdade, ser ocasionalmente encontrado ‘a lutar contra as suas fontes’ (Thomson 1952, 26) – através da adaptação livre, vagamente baseada em *plots* e incidentes autênticos, ou mesmo da falsificação completa.

Desta maneira, é capaz de criar, pelo menos em ‘Fingal’, um todo épico sintético, que é, em parte, uma colagem de elementos genuínos, em parte invenção livre. No uso que fez das fontes autênticas, ele é notoriamente selectivo, suprimindo implacavelmente tudo o que sugerisse humor, grosseria, superstição, anacronismo ou, de facto, as origens irlandesas. Ele explora um vasto hiato na pré-história escocesa para evocar, à maneira de Tolkien, o mundo gaélico fantástico do século III, com os seus próprios costumes, tradições e genealogias intermináveis. E, para acentuar a importância do seu texto, quer como documento literário quer como documento histórico, completa-o com um extenso aparato editorial de dissertações eruditas e de doudas notas de rodapé, tal como deveria ornamentar-se qualquer obra clássica. Esta tendência é acentuada no segundo poema épico, *Temora*, o qual, deve dizer-se, é quase inteiramente fraudulento, sendo o primeiro livro a única parte com alguma base na tradição autêntica, o qual já tinha sido incluído no volume *Fingal*, quando originalmente publicado.

Como se pode verificar, a questão da autenticidade é extremamente complexa e não seria razoável esperar que um público do século XVIII fosse capaz de responder-lhe. Por outro lado, talvez valha a pena frisar que muitos dos mais ardentes entusiastas de Ossian entre os contemporâneos de Macpherson, incluindo Herder e Cesarotti, tinham uma ideia razoavelmente perspicaz do procedimento deste como editor e tradutor, e se tentaram sobrestimar o que era autêntico na sua obra, estavam muito mais certos no julgamento que dele fizeram do que alguns comentadores modernos.



Mapa: *Outlines of the Celtic Kingdom of Connor*
 in *The Poems of Ossian, translated by James Macpherson,*
Esq. Authenticated, Illustrated and Explained, by Hugh Campbell, Esq.,
F. A. S. Ed., vol. I, London: Richard Phillips & Co. 1822.

As traduções

Como refere Van Tieghem (1924, 224), seria um erro imaginar que o *Ossian* de Macpherson tivesse sido traduzido para todas as grandes línguas europeias, pouco depois de ter aparecido. Na maior parte dos países, demorou vinte, trinta ou mais anos até que aparecessem traduções completas ou mesmo de grande volume. A fase inicial da recepção é efectuada através de fragmentos dispersos (os *Fragments*, ou alguns dos poemas mais pequenos que acompanhavam os poemas épicos, especialmente ‘Carthon’), que surgiam habitualmente em revistas e periódicos literários, pelo

que eram apenas acessíveis a um público um tanto restrito. No entanto, a razão mais óbvia para a disseminação limitada foi a grande dificuldade sentida no Continente em obter, de facto, cópias dos poemas, o que era inicialmente quase impossível, excepto talvez em Hanôver. Sabe-se que Michael Denis – a quem cabe devidamente a honra de ter feito a primeira tradução completa de *Ossian* para uma determinada língua (que é menos bem conhecida) –, não conseguindo encontrar uma edição inglesa em Viena, foi primeiramente obrigado a trabalhar a partir da italiana de Cesarotti, até conseguir localizar uma cópia em Praga, em 1767. Segundo Uwe Böker (1991, 79), em 1770, vinte e quatro milhões de alemães eram servidos apenas por duzentos livreiros. Que o comércio livreiro internacional era claramente subdesenvolvido e um tanto lento naquela época, é igualmente sugerido pelas dificuldades sentidas por Van Goens em adquirir o *Ossian* italiano de Cesarotti, de 1763, tendo abordado em vão livreiros em Viena, Lyon, Paris, Leipzig e Londres (Cristea 1969, 103; Daas 1961, 38). Herder teve de escrever o seu famoso ensaio ‘Über Ossian und die Lieder aller Völker’ (1771/73) sem ter tido acesso a um texto inglês e, quando finalmente quando teve acesso, tratava-se de uma cópia que Goethe terá pedido de empréstimo à biblioteca do seu pai, em Frankfurt. Face a isto, não admira que Goethe e o seu amigo Merck pensassem que seria um bom negócio fazer a sua própria reimpressão pirateada (Macpherson 1773-77). (O primeiro de vários *Ossians* continentais em inglês apareceu anonimamente em Darmstadt, o primeiro volume em 1773 e o segundo em finais de 1774; os dois últimos volumes foram completados por um editor de Leipzig [Fleischer], em 1776/1777, seguindo-se uma segunda edição em 1783.) Pode dar-se o caso de não ser necessário muito mais do que um conhecimento razoável de inglês para se ler *Ossian* no original, mas que fazer se não se dispuser de nenhum original? Há certamente alguma razão no argumento de que o *Ossian* que influenciou a Europa não foi, de modo algum, o de Macpherson, mas os de Cesarotti, Denis, Le Tourneur, Bilderdijk, respectivamente: por outras palavras, um híbrido mediado através do *sciolti* hendecassilábico italiano, dos hexâmetros alemães, da prosa poética francesa, dos alexandrinos holandeses, para não mencionar já os versos gregos de quinze sílabas ou os trocaicos russos de quatro pés, com finais dactílicos.

Indubitavelmente que as mais influentes destas traduções – se se excluirmos os extractos constantes na obra de Goethe, *Die Leiden des jungen Werthers* (1774) – foram as primeiras traduções completas: a versão alemã de Denis (1768/69), a italiana de Cesarotti (1773 [datada de 1772]) e a francesa de Le Tourneur (1776/77), todas elas contendo, adicionalmente aos poemas, uma documentação extensa, que

incluía notas de Macpherson, bem como as suas ‘Dissertations’ e as de Hugh Blair (completas ou resumidas). Denis inclui mesmo notas de Cesarotti, as então disponíveis, e ainda muitas da sua própria autoria. Se é dada aqui prioridade a Denis e não a Cesarotti, é por uma boa razão. Um dos erros mais obstinados e irritantes no criticismo ossiânico é a ideia de que na edição de dois volumes, de Pádua, de 1763, Cesarotti apresentou um *Ossian* mais ou menos completo, sujeito apenas à omissão de alguns dos poemas menores. De qualquer modo, tem-se permitido que persista a impressão de que Cesarotti atrasou a publicação das suas traduções a fim de poder incorporar nelas o segundo poema épico ‘Temora’. Na medida em que ele tinha ouvido do próprio Macpherson que este poema estava prestes a ser publicado, essa pode muito bem ter sido a sua intenção inicial. No entanto, a chegada a Veneza do volumoso tomo, acerca da qual Cesarotti foi notificado em finais de Agosto de 1763, deveria ter posto termo a tais ambições. É notoriamente absurda a ideia de que, num espaço de tempo de cerca de doze semanas, Cesarotti (com ou sem a ajuda do seu amigo meio-inglês, Sackville) tivesse sido capaz de transferir o volumoso poema épico para o polido *sciolti* – e estamos a falar de um marco na literatura italiana. Uma vista de olhos pela edição em causa confirma que, longe de ser uma edição completa, ela nem sequer inclui todos os poemas contidos no *Fingal* de Macpherson, de 1762 (Cesarotti não encontra tempo ou espaço para ‘Oithona’ ou para ‘Berrathon’).³ Nem sequer houve muito impacto inicial, com a controvérsia sobre a elevação provocatória de Ossian face a Homero a tentar desviar a atenção dos próprios poemas. As vendas parecem ter sido muito baixas (Cristea 1969, 103-4). Só com o aparecimento da edição de quatro volumes, em princípios de 1773, é que *Ossian* ficou totalmente disponível em italiano, e a obra começou a ter alguma influência positiva. No entanto, o que a edição de 1763 contém é uma tradução do primeiro livro de ‘Temora’, nomeadamente o que está incluído entre as peças mais pequenas que acompanham o ‘Fingal’ inglês, de 1762. Quando Cesarotti traduz eventualmente o poema épico completo, ele reproduz simplesmente a sua versão prévia do Livro I.

Isso é compreensível, pode pensar-se – excepto que o inglês de 1762 não é idêntico ao de 1763. Com o objectivo de manobrar o *plot*, Macpherson faz algumas

³ Para uma observação detalhada do que Cesarotti estava precisamente a traduzir e quando, vide Baldassarri (1989, 1990a, 1990b, 1993).

excisões, incluindo a remoção de personagens redundantes. Esta é uma das explicações para as liberdades que se supõe que Cesarotti teve com o texto inglês – embora se tivesse pensado que as ‘interpolações’ de dez linhas a negrito e a importação de nomes novos devesse ter alertado os críticos para o que estava a acontecer. Particularmente culpado quanto a isto é Weitnauer (1906), cujas descobertas são ainda adoptadas acriticamente por Grewe (1982), mas ele faz parte de um longo e fastidioso cortejo de críticos, que inclui, receio, o mais notável de todos, Van Tieghem, o qual persiste em falar sobre o ‘texto’ inglês como se houvesse apenas um.

Em 1773 Macpherson produziu a sua edição ‘cuidadosamente corrigida e bastante melhorada’ de *Poems of Ossian*. Era esta que se devia tornar o *textus receptus*, a base para quase todas as edições subsequentes em inglês; ou seja, até que Otto Jiriczek (Macpherson 1940) fizesse os originais de 1762/63 disponíveis em fac-símile. Quaisquer dúvidas quanto à natureza meticulosa e muitas vezes radical das revisões que Macpherson fez do seu próprio texto podem ser facilmente dissipadas por amostragem ao acaso. As alterações parecem sobretudo destinadas a enfatizar a ausência de fôlego paratática da versão inglesa e a contrariar qualquer tendência para que esta flua suavemente. Deste modo, as conjunções coordenativas e subordinativas são abandonadas em massa: as frases relativas tornam-se principais, as vírgulas são substituídas por dois pontos, pontos e vírgula ou pontos finais e os pontos finais tanto podem ser substituídos por pontos de exclamação como não, acentuando o efeito *staccato*. Os tempos do *Simple Past* passam para o histórico presente, provavelmente para sugerir uma elocução espontânea. Por razões que podem não ser imediatamente manifestas, a divisão dos parágrafos é completamente alterada, habitualmente no sentido de unidades mais longas. Há ainda a acrescentar as modificações notórias do conteúdo. Os nomes das cores são alterados: por exemplo ‘azul’ pode tornar-se ‘branco’ (ou mesmo ‘alto’ ou ‘sinuoso’!). As imagens podem ser alteradas, completamente abandonadas, ou inseridas novas. Os nomes das personagens e dos lugares podem ser mudados. Às vezes estas alterações são tidas em conta em anotações reescritas, outras vezes não são recolhidas, ocasionando eternas contradições entre o texto e as notas que são ocasionalmente reminiscentes de uma novela de Jean Paul. A acrescentar a esta confusão, um número razoável de alterações como as que foram feitas ao texto de 1765, parecem ser recuperações de leituras dos textos de 1762/73, pelo facto de ser o último que Macpherson usou como ponto de partida para as suas revisões. Assim, enquanto nos textos de 1763 e 1773 se pode ler no 7.º Livro de ‘Temora’: ‘foi Conar, rei de Inis-fail’, no de 1765 altera-se para:

‘o curso impetuoso de Conar aos ventos’ (Macpherson 1996, 279, 515). Em termos de imaginário alternativo é, de facto, muitas vezes a edição de 1765 que é desviante, e é certamente a que difere mais do *textus receptus*.⁴ Acontece que é também a única que mostrou ser a mais popular na Europa. Pode ter-se alguma ideia acerca da natureza das revisões de Macpherson e da dimensão das diferenças entre as edições se compararmos a exaltada abertura de ‘Fingal’ nas duas versões mais conhecidas:

1765	1773
<p>Cuchullin sat by Tura’s wall; by the tree of the rustling leaf.—His spear leaned against the mossy rock. His shield lay by him on the grass. As he thought of mighty Carbar, a hero whom he slew in war; the scout of the ocean came, Moran the son of Fithil. Rise, said the youth, Cuchullin, rise, I see the ships of Swaran. Cuchullin, many are the foe: many the heroes of the dark-rolling sea. Moran! replied the blue-eyed chief, thou ever tremblest, son of Fithil: Thy fears have much increased the foe. Perhaps it is the king of the lonely hills coming to aid me on green Ullin’s plains.</p>	<p>Cuthullin sat by Tura’s wall: by the tree of the rustling sound. His spear leaned against a rock. His shield lay on the grass, by his side. Amid his thoughts of mighty Carbar, a hero slain by the chief in war; the scout of ocean comes, Moran, the son of Fithil! “Arise,” says the youth, “Cuthullin, arise, I see the ships of the north! Many, chief of men, are the foe. Many the heroes of the sea-borne Swaran!” “Moran,” replied the blue-eyed chief, “thou ever tremblest, son of Fithil! Thy fears have increased the foe. It is Fingal, king of desarts, with aid to green Erin of streams.”</p>

⁴ É bastante curioso que alguns dos desvios de 1765 pareçam ser recuperações de leituras dos *Fragments* (dois terços dos quais foram incorporados em *Fingal* e *Temora*). Uma vez que os *Fragments* foram vistos, durante a impressão, por Hugh Blair, admira que ele não tenha feito um trabalho semelhante para a edição *Works* de 1765 (que, além do mais, incluía a versão revista da sua própria ‘Critical Dissertation’). Macpherson partiu para a América, o mais tardar no Verão de 1764, e é improvável que tenha sido capaz de supervisionar efectivamente a publicação a partir dos pântanos da Florida. Se for válida esta especulação, a recusa notória de Macpherson em usar a edição de 1765 para as suas revisões pode indiciar um ressentimento de propriedade relativamente à intromissão de Blair.

1765

Cuchullin estava sentado junto aos muros de Tura; junto da árvore de folhagem sussurrante. – A sua lança encostada à rocha musgosa. O seu escudo jazia junto dele na relva. Quando pensava no poderoso Carbar, um herói que havia assassinado na guerra, a sentinela do oceano chegou, Moran o filho de Fithil. Ergue-te, disse o jovem, Cuchullin, ergue-te, eu vejo os navios de Swaran. Cuchullin, muitos são os adversários, muitos os heróis do mar negro-encapelado.

Moran! Respondeu o chefe de olhos azuis, tu sempre o mais assustado, filho de Fithil: os teus temores aumentaram muito o adversário. Talvez seja o Rei das solitárias colinas a vir em meu auxílio nas verdes planícies de Ullin.

1773

Cuchullin estava sentado junto aos muros de Tura; Junto da árvore de sons sussurrantes. – A sua lança encostada a uma rocha. O seu escudo jazia na relva, a seu lado. No meio dos seus pensamentos sobre o poderoso Carbar, um herói assassinado pelo chefe na guerra; a sentinela do oceano chega, Moran, o filho de Fithil! “Ergue-te”, diz o jovem, “Cuchullin, ergue-te, eu vejo os navios do norte! Muitos, chefe dos homens, são os adversários, muitos os heróis de Swaran, o que nasceu no mar!”.

“Moran”! respondeu o chefe de olhos azuis, “tu sempre o mais assustado, filho de Fithil! os teus temores aumentaram o adversário. É Fingal, Rei dos desertos, em auxílio do verde Erin dos riachos.

Dada a existência de diferenças como estas, não deve ser muito difícil descobrir a partir de que edição o tradutor está a trabalhar. De facto, não seriam provavelmente necessárias mais do que dez linhas tiradas ao acaso de qualquer parte da obra, mesmo no caso das traduções em verso. É pouco sincero da parte de Van Tieghem (1917, 1: 326) dizer que Le Tourneur ‘talvez’ possa não ter traduzido a

partir da versão de 1773, que o próprio Van Tieghem usa para todas as suas comparações do francês com o inglês. Logo na primeira frase *Le Tourneur* tem ‘folhagem agitada’; Carbar é um ‘herói que ele tinha morto em combate’; a sentinela do oceano vê ‘os barcos de Swaran’; o seu mar escuro ‘rola nas ondas uma multidão de heróis’; ele tem Ullin e não Erin. Não há nenhum ‘peut-être’ (talvez) sobre o assunto. *Le Tourneur* traduz do inglês de 1765 e, tanto quanto vejo, não há, de facto, nenhuma tradução francesa a partir da edição de 1773, até à de Lacaussade, em 1842, que, embora manifestamente muito competente, teve um sucesso limitado. Foi ofuscada pela de Christian Pitois, que apareceu pela primeira vez dois anos mais tarde e é, essencialmente, uma reformulação muito modesta da de *Le Tourneur*. Pode pois dizer-se que o *Ossian* ‘bastante aperfeiçoado’ de Macpherson teve um impacto insignificante em França. Contudo, para a sua obra sobre *Ossian en France*, Van Tieghem parece ter tido à sua disposição apenas um *Ossian* de Tauchnitz, e é pelo inglês desta edição que ele julga – não apenas *Le Tourneur*, mas também Saint-Simon (que traduziu *Temora* em 1774), e, entre outros, o infeliz tradutor anónimo de ‘Darthula’, em 1786, o qual, embora muito preciso em outros aspectos, é acusado de suprimir arbitrariamente uma ‘noite silenciosa’ e de inventar estrelas ‘verdes’, que ‘não nada no texto o permite’ (1: 348). Com justiça, deve dizer-se que este uso da edição errada, embora seja um impedimento sério, não invalida inteiramente as avaliações que Van Tieghem faz das várias traduções. Se se disser que Saint-Simon preserva o carácter do ‘original’ melhor do que *Le Tourneur*, embora ambos traduzam a partir da edição mais antiga, o julgamento tem alguma autoridade.

Cesarotti nunca traduz da edição inglesa revista, de 1773. Embora continue a fazer melhoramentos estilísticos ao seu *sciolti* ossiânico, até mesmo à edição das suas obras completas em 1801, estas são efectuadas sem qualquer referência às modificações de Macpherson ao seu próprio texto (Gilardino 1982, 68, n. 117). Contudo, deve também dizer-se, em abono da verdade, que a sua principal prioridade parece ter sido produzir poesia italiana inovadora e de sucesso, mais do que fazer uma interpretação escrupulosamente exacta do inglês. Na sua correspondência com Macpherson, a palavra que Cesarotti usa para descrever a sua própria actividade é ‘transportar’ e não ‘traduzir’, e faz uma distinção semelhante no título das traduções: *Poesie di Ossian ... tradotte in prosa inglese da Jacopo Macpherson, e da quella trasportate in verso italiano dall’Ab. Melchior Cesarotti* (Gilardino 1982, 75). Contudo, isto não significa que não estivesse preocupado em ser razoavelmente fiel à

versão inglesa (ainda que não se preocupasse com qual). A sua intenção era, acima de tudo, libertar a linguagem poética italiana, e a transposição deste alienígena supostamente antigo para a língua materna de Cesarotti destinava-se a transmitir algo de surpresa face ao novo. ‘O *staccato* de Cesarotti, verso frequentemente de construção frásica invertida e sem ritmo, ornamentado com neologismos, deve ter soado asperamente’ aos ouvidos dos italianos da época (Cristea 1969, 97). No entanto, à parte os neologismos, ele usou também Macpherson como uma oportunidade bem-vinda para alargar o registo poético, de forma a englobar palavras e expressões dialectais, aproximando-o em geral do discurso corrente. Ele nem sequer permite que o *sciolto* de verso branco hendecassilábico se transforme numa camisa-de-forças métrica, recorrendo ocasionalmente a um verso mais curto e também à rima, especialmente para as peças líricas. Nisto Cesarotti foi provavelmente guiado pelo próprio Macpherson, que nas suas notas faz a distinção entre as partes líricas (tais como as apóstrofes a vários corpos celestiais) ‘espalhadas ao longo dos poemas’, que são consideradas muito bonitas no gaélico, devido à ‘harmonia da rima’ e às partes ‘recitativas e narrativas’, e que no original se diz que são ‘mais uma espécie rítmica de prosa, do que uma versificação regular’ (Macpherson 1765, 2: 55; ver também 109). Cesarotti cria aqui um precedente que é seguido por muitos tradutores da poesia (e alguns da prosa) de Ossian, quer directamente, quer através do exemplo de Denis que, de modo semelhante, varia os seus hexâmetros alemães com odes *klopstockianas* (vide, por exemplo, a tradução holandesa do *Fingal*, de 1793, por Van de Kastelee). Seria difícil sobrestimar o sucesso de Cesarotti, visto em termos do seu impacto na Itália e fora dela.

Alfieri, Monti, Foscolo, Leopardi, para nomear apenas os mais famosos, todos foram profundamente influenciados pelo *Ossian* de Cesarotti, e continuaram a valorizá-lo como um empreendimento literário de primeira grandeza, ainda que, como no caso de Foscolo, pudessem mostrar-se cépticos relativamente à absurda imitação da poesia bárdica que provocou. Padre Ossian, como Cesarotti se intitulou a si próprio, tornou-se numa figura célebre, não apenas no seu país natal, mas em toda a Europa. Entre muitos dos seus admiradores, contavam-se Napoleão e o rei Stanislaus da Polónia, já para não mencionar Mme de Staël e bastantes falantes nativos do inglês, que preferiam Cesarotti ao original. Além disso, foi extremamente importante como mediador de *Ossian* para Espanha e para a América do Sul. O *Fingal* de Montengón (1800), a única tradução completa do poema épico para espanhol, baseia-se certamente em Cesarotti (embora não pelas

razões indicadas por Peers [1925], que avalia os desvios comuns de um texto inglês que nem sequer traduz); o poeta cubano Heredia usa Cesarotti em 1823 (Chapman 1955); e, em geral, pode dizer-se que até à segunda metade do século XIX, quando *Ossian* começa a ser traduzido mais abrangentemente para esta língua, os países de língua espanhola vivenciam o seu *Ossian* por intermédio de Cesarotti (ou de Le Tourneur/Pitois). O mesmo se pode dizer relativamente à Grécia, onde, contrariamente à asserção de Grewe, se torna eventualmente disponível um número razoável de *Ossians*, particularmente nos anos sessenta do século XIX: as traduções de Panas de ‘Lathmon’ e de ‘Darthula’ (1862), que fizeram sentir, pela primeira vez, a presença de *Ossian* na Atenas romântica, são ainda de Cesarotti (Vagenas 1967, 182). Graças ao enorme respeito e prestígio que Cesarotti, que já se tinha distinguido como tradutor de Homero, gozava como sendo uma autoridade em poesia antiga, a sua defesa da autenticidade de *Ossian* e do seu valor literário teve um grande peso em toda a Europa e deve ter-lhe garantido audiência nos lugares mais improváveis.⁵

Quem não se submeteu prontamente à autoridade de Cesarotti em todos os aspectos, mas muito contribuiu para espalhar os seus pontos de vista na Europa do Norte, Central e do Sul, foi Michael Denis, um jesuíta bávaro, fixado em Viena. Denis não partilhava, de modo algum, do fervor iconoclástico de Cesarotti e, longe de ser motivado pelo desejo de derrubar Homero do seu pedestal e de livrar-se do cânone clássico, pretendeu acrescentar-lhe um novo nome, nomeadamente o de *Ossian*. Daí o ter escolhido, sem hesitar, os hexâmetros como o único meio apropriado para apresentar o antigo poeta épico. (Wimmer 1987, 30 ff.) Como bem se sabe, foi esta escolha que originou um veemente ataque por parte de Herder, quer na sua crítica à edição das traduções em três volumes, de 1768/69, quer muito particularmente no ensaio ‘Über Ossian und die Lieder alter Völker’

⁵ Muito foi feito relativamente ao facto de a crença de Cesarotti na autenticidade ter sido abalada no começo dos anos noventa do século XVIII, em resultado da sua correspondência com o antiquário irlandês Joseph Walker, mas parece ter sido ignorado que as suas ‘Critical Observations’, publicadas com os pseudo-originais gaélicos em 1807, que representam presumivelmente a sua última palavra sobre a controvérsia (o original está anexado à edição Pisa, de 1801, da sua tradução, dá conta de pesquisa recente e certamente pós-data a morte de Macpherson em 1796, à qual se refere) não apresentem quaisquer dúvidas quanto à antiguidade genuína da poesia em que se baseia a tradução inglesa (Macpherson 1807, clxxxiv-cciii).

(1771), publicado no famoso manifesto sobre os valores do *Sturm und Drang*, *Von deutscher Art und Kunst* (1773). Numa perspectiva de crítica literária, não há qualquer dúvida sobre quem ganhou a polémica. Herder, Goethe, Lenz, Bürger, Stolberg tornaram-se, todos eles, tradutores de *Ossian* e efectuaram também algumas traduções, pelo que deve assumir-se que, sempre que possível, leram a obra em inglês.⁶ O mesmo aplicar-se-á também ao círculo de Klopstock, de quem o próprio Denis era muito próximo. Deste modo, é muito pouco provável que as traduções, como um feito literário em si próprias, exercessem uma influência grandemente produtiva na Alemanha (embora deva ser atribuído a Denis o mérito de ter introduzido na língua ‘Wonne der Wehmut’, uma tradução feliz da expressão ossiânica ‘joy of grief’). Além disso, deve dizer-se ainda que Denis forneceu, juntamente com textos meticulosamente anotados, uma riqueza de informação e de elementos bibliográficos sobre a poesia ‘bárdica’ e sobre antiguidades nórdicas, em geral; e, certamente, também uma tradução da ‘Critical Dissertation’ de Hugh Blair, uma das poucas coisas pelas quais Herder lhe ficou grato.⁷

Um importante poeta, que não teve qualquer contacto com o Inglês e cujo impacto profundo e duradouro com *Ossian* tem sido amplamente ignorado ou suprimido pelos críticos, foi Friedrich Hölderlin. Certamente que, em determinada altura, terá tido acesso à tradução de Denis, mesmo que, contrariamente à opinião aceite, não tenha sido provavelmente nesta forma que conheceu o bardo gaélico na sua plenitude (Gaskill 1990/91; 1992).⁸ De facto, uma diferença importante

⁶ Nos casos de Goethe e de Herder, notavelmente também em gaélico (Gaskill 2001, 2003^a). Em condições muito desfavoráveis, ambos tentaram iniciar-se corajosamente com ‘Specimen of the Original of Temora’, que pode encontrar-se nas edições de 1763 e de 1765 (425 linhas de versos, que ocupam a melhor parte de dezanove páginas impressas, embora os editores de Herder considerassem que era impossível colocá-las). Os dois maiores poemas ossiânicos das *Volkslieder* de Herder (1778/79) são, de facto, traduzidos não do inglês, mas do gaélico.

⁷ É demasiado fácil esquecer e difícil sobrestimar o enorme prestígio que Blair acabou por gozar na Europa e fora dela: as suas *Lectures on Rhetoric and Belles Letres* (1782) tiveram uma segunda edição em francês, em 1821, uma terceira em holandês em 1832 e uma terceira em espanhol em 1816-17, e tiveram influência mesmo na América do Sul; Hamann considerava-as uma ‘obra magnífica’ e, entre muitos outros admiradores alemães de Blair, contava-se Jean Paul.

⁸ A tradução a que Hölderlin estava mais devedor é a versão em prosa de um amigo de Schiller, Johann Wilhelm Petersen (1782). No entanto, o *Ossian* que Novalis exaltou e que trouxe consigo quando era estudante em Jena, foi certamente a de Denis.

comparativamente à França e à Itália e que impediu que Denis conseguisse algo que se aproximasse do impacto que tiveram Le Tourneur ou Cesarotti, não é apenas a eventual competição do original em inglês e a capacidade anglófila dos alemães para o lerem, mas também a disponibilidade inicial de traduções alternativas em alemão, numa variedade de formas. Não muito depois do aparecimento da primeira edição de Denis, Goethe inseriu na sua novela *Die Leiden des jungen Werthers* (1774) uma tradução em prosa de ‘Songs of Selma’, de inigualável brilho e beleza. Isto deve ter contribuído para condicionar as expectativas de muitas pessoas relativamente a Ossian e fez certamente com que Denis parecesse um pouco insípido.

A longevidade do impacto de *Ossian* na Alemanha é demonstrada pela longa lista de traduções completas (Gaskill 1994, 655-56) que termina, provisoriamente pelo menos, com a décima quarta, a obra *Ossians Werke*, de Franz Spunda, de 1924, em rima livre e de qualidade razoável. Contudo, naquela altura a longevidade não é tão invulgar como se poderia pensar. Também em França *Ossian* continuou a vender-se ao longo do século XIX – a tradução de Pitois já ia pelo menos na sua sétima edição, por volta de 1910. Nos anos oitenta e noventa do século XIX Macpherson era lido com afeição em Barcelona e Montevideu; surgiram novas traduções em russo e polaco em 1890 e 1904, respectivamente. A partir de 1905 começaram a ser produzidas imitações em prosa de *Ossian* por um grego, com o pseudónimo de ‘Fingal’. Na Grã-Bretanha continuaram a aparecer versões ‘métricas’ até finais dos anos cinquenta do século XIX e houve um ressurgimento claro do interesse em finais do século XIX, à medida que se aproximava o centenário da morte de Macpherson e a tristeza crepuscular ‘Celtica’ se tornava moda literária. Deveríamos ficar ainda mais impressionados com a extensão e a variedade da lista de versões alemãs. Muitos países não foram, de modo algum, abençoados sequer com uma simples tradução completa: Espanha não teve nenhuma e a tradução grega mais completa só apareceu depois de 1936; mesmo na Holanda, onde o impacto de *Ossian* foi significativo e de longa duração, devido em grande parte ao prestígio e autoridade de Bilderdijk, jamais apareceu uma edição que contivesse toda a obra (embora fosse possível juntar o Bardo ao Holandês através de uma miscelânea de pequenos excertos).

Mesmo nos países mais afortunados não há uma grande dificuldade de escolha, pois há habitualmente apenas uma tradução dominante, baseada numa ou outra das edições da obra. Este parece ser, por exemplo, o caso da Suécia, onde *Ossian* veio a gozar de grande popularidade, tendo a tradução de Knös e Rosén

surgido entre 1794 e 1800, ou da Rússia, onde as traduções de Kostrow, de 1792, se baseiam, de facto, em *Le Tourneur* (consta que a versão de Balabanova, de 1890, é, em grande medida, um exercício filológico). Isto aplica-se certamente à Itália, onde o trabalho extraordinário de Cesarotti fez com que todas as outras tentativas parecessem redundantes. Em certa medida, aplica-se igualmente à França que, em termos do número de traduções, ocupa o segundo lugar, logo a seguir à Alemanha, embora um segundo lugar francamente pobre, deva dizer-se. A Alemanha é também o primeiro país a receber uma tradução do gaélico, de 1807, que foi a única numa língua moderna, durante muitos anos (e várias décadas antes de ter sido traduzida para inglês); e é, de facto, esta versão que se manifestará como a mais popular na Alemanha do século XIX (Ahlwardt 1811).

Talvez se deva também mencionar algo quanto à dependência das traduções de umas relativamente às outras. Não se trata apenas de Denis consultar Cesarotti, Cesarotti consultar mais tarde *Le Tourneur* para as suas revisões e o próprio *Le Tourneur* ser usado praticamente por todos os tradutores franceses subsequentes. Quando se pensa que os primeiros tradutores imaginaram que estavam traduzindo uma tradução, parece extraordinário que se vissem eles próprios a ser, por sua vez, traduzidos. A que distância se encontram do presumível original? Contudo, isso acontece com *Le Tourneur* (na Rússia e em Espanha), a Cesarotti (na Espanha e na Grécia) e a Denis e Harold (1775) (na Hungria e em outras partes da Europa de Leste). Parece que os Holandeses também traduziram habitualmente considerando por um lado o texto inglês e por outro a tradução alemã.

Tanto Edmund de Harold (1787) como John Smith (1780), como imitadores de Macpherson, gozaram de pouco ou nenhum sucesso na Grã-Bretanha. No entanto, Harold é inovador em alguns aspectos. Ele insiste nas origens irlandesas de Ossian e também reintroduz Deus na poesia, enquanto Macpherson banuiu consistentemente qualquer reminiscência de Cristandade. Tem sido sugerido que o carácter ímpio de Ossian foi um factor significativo para a atracção que teve na contemporaneidade (Van Tieghem 1917; Schöffler 1967; Stafford 1988). Ainda que possa haver alguma verdade nisso – tanto Saint-Simon como *Le Tourneur* acharam que havia anticlericalismo em *Ossian* e aprovaram-no – devemos lembrar-nos que os principais defensores escoceses de Macpherson eram ministros eclesiásticos (Blair, Ferguson) e que entre os seus tradutores estiveram sacerdotes (Cesarotti, Marchena), jesuítas (Denis, Montengón) e um bispo polaco (Krasicki). Contudo, é interessante notar que é na Europa do Norte, e particularmente nos

países calvinistas (com excepção da Escócia), que Harold parece ter tido maior sucesso. Efectuou uma segunda edição na Alemanha, foi traduzido para russo em 1803, mas foi mais popular na Escandinávia e na Holanda (Van Tieghem 1924, 202; Daas 1961, 70 e *passim*). Pelo contrário, o reverendo John Smith não teve praticamente qualquer sucesso na Holanda, mas parece ter tido uma influência considerável no Sul da Europa (inclusive na Grécia). A sua obra *Gaelic Antiquities*, de 1780 (versão gaélica, 1787), da qual Deus está ausente, representa um empreendimento de características completamente diferentes da compilação de Harold. Em primeiro lugar, Smith era um excelente estudioso gaélico, com um conhecimento muito profundo da balada ossiânica primitiva. O que ele produz é um misto muito engenhoso do autêntico e do fictício, por vezes equiparado a Macpherson, no seu melhor. Além disso, Smith (diferentemente de Harold) apresenta um impressionante aparato erudito, que inclui numerosas e longas anotações, com citações extensas do gaélico e dissertações sobre a cultura druídica e sobre a autenticidade de Ossian. Talvez devido à sua falta de impacto na Grã-Bretanha (o livro, que se destinava a financiar as traduções bíblicas de Smith, foi um desastre financeiro), as *Antiquities* mereceram escandalosamente muito pouca atenção, quer em termos da sua influência, quer como obra literária, por direito próprio. Com excepção de Montiel (1974) que, pelo menos, tem consciência da importância de Smith, o único crítico que o levou extremamente a sério foi Van Tieghem (1917, 1: 416 ff.). Uma razão óbvia para isso é o facto de Smith ter gozado de um maior sucesso e de uma disseminação mais ampla na França do que em qualquer outro país. Por exemplo, é a versão de Smith que Chateaubriand traduz no princípio dos anos 90 do século XVIII (Chateaubriand, 2001-2; Smethhurst 2004). A primeira tradução publicada para francês surgiu em 1795 e apenas três anos mais tarde foi publicada em conjunto com o Macpherson de Le Tourneur. A prática de publicar os dois *Ossians* conjuntamente foi retomada em 1810 e continuou ao longo do século XIX. A poesia ossiânica de Smith foi amplamente imitada em França e, por concentrar-se apenas na versão de Le Tourneur, acaba por produzir uma visão muito distorcida da recepção em francês (Van Tieghem 1917, 1: 429). Algo de semelhante ocorreu em Itália, onde a tradução de Michele Leoni da poesia ossiânica de Giovanni Smith foi publicada, pela primeira vez, em 1813, depois novamente em 1817, 1818, sendo em 1827 coligida com a tradução de Macpherson por Cesarotti, numa edição única. Leopardi conhecia-a bem (Broggi-Wüthrich 2004). Tal como Macpherson, Smith beneficiou também do interesse crescente pela poesia ossiânica, que se

manifestava no mundo de língua espanhola na segunda metade do século XIX (como o comprovam duas traduções independentes de *Temora*, em 1863/64). Certamente que ele deve ter desempenhado um papel significativo no renascimento literário galego daquele período, fornecendo importantes temas ao seu mais destacado poeta, Eduardo Pondal, (Montiel 1974, 180 ff.; Gaskill, 17-18).

A atracção de Ossian

Se é feita aqui a tentativa de sugerir algumas das razões mais significativas para o sucesso de *Ossian* na Europa, deverá referir-se que não é enfaticamente afirmado na pretensão de que estamos a tratar de uma espécie de aberração notável, uma disfunção da psique colectiva do século XVIII, que precisa ser ‘explicada’. O notório fracasso moderno em reagir, de algum modo, a *Ossian* é seguramente tão extraordinário se não ainda mais. A anterior elevação do Bardo ao nível de Homero, de Dante, dos profetas do Antigo Testamento, mesmo por aqueles que, como Hazlitt, aceitaram a possibilidade de fraude, pode parecer envolver uma sobrevalorização ridícula do empreendimento poético de Macpherson, mas estes julgamentos, que emanaram muitas vezes de figuras literárias cuja competência não estamos, de modo algum, inclinados a questionar, são habitualmente o resultado de uma experiência de leitura intensa persistente. Parece-me que isto prova, não que as reacções estéticas dos nossos antepassados eram, de certo modo, deformadas e, por implicação, que as nossas próprias são ‘normais’ – isto prova, simplesmente o poder ocasional de *Ossian* de inspirar uma tal experiência de leitura. Que isso não tenha estado muito em evidência, pode dizer-se desde 1900, não é em si próprio uma acusação quer à obra, quer ao gosto dos seus primeiros admiradores.

Se *Ossian* conservou a sua popularidade durante uns 150 anos, atraindo gerações sucessivas em muitos países diferentes, o fenómeno não pode ser explicado simplesmente em termos da hábil capacidade de Macpherson em ler e capturar o espírito da sua própria época. Contudo, não pode negar-se que o seu trabalho surgiu num momento propício, num mundo que estava preparado para aguardá-lo. A década que precedeu o aparecimento dos poemas ossiânicos tinha dado muitos sinais de um interesse crescente pelo antigo (não clássico) e pelo primitivo: por exemplo, o estilo ‘oriental’ da poesia bíblica (Lowth), os monumentos literários escaldicos (Mallet), a figura do ‘Bardo’ (Gray); o *Journal Etranger* parisiense tinha mesmo vindo a publicar canções da Lapónia. O apetite saciado de um

leitor de meados do século XVIII estava certamente aberto a sabores alternativos, mas era pouco provável que se entusiasmasse com as novidades da época. Uma sociedade bem ordenada não era propícia à produção de poesia de grande valor, particularmente à épica, visto que a necessária experiência de turbulência e de quase-anarquia estava longe de poder vivenciar-se (Blackwell). Nem as muitas emoções sofridas por outros eram susceptíveis de ser mediadas por imitações autoconscientemente artificiais de todos os modelos clássicos, demasiado familiares. Como poderia um génio original florescer num mundo tão afastado das suas origens, penosamente consciente da sua própria falta de energia e vitalidade, gemendo sob o peso acumulado de séculos de tradição? Pelo menos a este respeito a civilização estava assim a tornar-se associada a um sentido de senilidade e o progresso a declínio. O Bardo geriátrico da tradição ossiânica (autêntica) adaptava-se, de forma ideal, a satisfazer os anseios de uma época e também a articular as suas ansiedades. Ele próprio um produto de uma época dourada de vigor e virtude heróicas, Ossian evoca essa época através dos seus relatos visualmente testemunhados, ainda que lamentando durante todo esse tempo, a extinção irrevocável desses olhos e de tudo o que eles testemunharam. Porque ele sobrevive, de acordo com uma balada genuína, como um ‘deplorável trapo rasgado de um homem velho’, o último que resta, patético, decrépito, de uma raça gloriosa de heróis. Ou, como o próprio Macpherson o apresenta;

Mas cego, e choroso, e desamparado, caminho agora com pequenos homens.
(*But blind, and tearful, and forlorn I now walk with little men.* 1765, 1: 68)

Esta figura tradicional oferece, deste modo, uma oportunidade esplêndida para a combinação do ingénuo com o sentimental e Macpherson tira o maior proveito disso. No entanto, seria óbvio que o espírito geral da *tristeza* elegíaca, que é uma das características mais distintivas da poesia, fosse mais do que simplesmente uma melancolia em moda ou uma indulgência lamurienta, a exploração cínica de efeitos baratos de fazer chorar (embora, ocasionalmente, possa descer a isso). Se Macpherson articula medos gerais acerca do estado debilitado da sociedade contemporânea (o *motto* que precede o *Fingal* é o ‘fortia facta patrum’ virgiliano [‘os feitos bravos dos pais’]), ele lamenta igualmente o destino específico do seu próprio povo, os Gaels da Escócia, aos quais, na esteira de Culloden, foi sendo praticado algo que se aproximou muito de um genocídio cultural. Nas palavras de

Empedokles de Hölderlin, Macpherson sentiu ‘o deus que abandona o seu povo’ e isto empresta uma nota de *pathos* genuína à sua obra. É um aspecto ao qual leitores de muitas nacionalidades foram extremamente sensíveis. Eles podem ter sabido pouco ou nada acerca da situação lamentável dos Gaels na Escócia e na Irlanda, mas sabiam o que era sentir-se desencorajados pelo declínio nacional aparentemente inexorável. Os espanhóis estavam apenas demasiado conscientes do ‘splendor dos pasados tempos’; os holandeses podiam sentir penosamente ‘weemoed wemens de dreigende ondergang van Hollands grotheid’; a Suécia tinha perdido o seu estatuto de maior potência europeia; a Itália podia certamente olhar para trás, para os seus tempos mais gloriosos, tal como, em verdade, a Alemanha – aquela velha relíquia imperial, o Götz von Berlichingen, de Goethe, encontra-se, tal como Ossian, cercado por uma raça de pigmeus. Certamente que o prestígio nacional e a autoconfiança estão profundamente abalados em quase toda a parte durante as guerras revolucionárias e napoleónicas: os russos são particularmente sensíveis à toada melancólica de Ossian quando a sua sorte militar entra em declínio. Mas mesmo que a sobrevivência nacional não esteja ameaçada de imediato, o panorama da morte de uma cultura primitiva exerce o seu próprio fascínio peculiar: é a lembrança daquilo que teve que ser destruído para que a civilização pudesse avançar. Porque o europeu moderno não apenas extinguiu o nobre selvagem em si próprio, ele desempenhou também um importante papel na erradicação dos restos contemporâneos de sociedades ainda num estado de inocência. É talvez menos uma observação empírica do que uma má consciência colonial que faz os índios de Cooper (e de Longfellow) falar como os Gaels de Macpherson (e de Scott); e sentimentos de culpa na espada flamejante dos conquistadores no Peru e em toda a parte é certamente uma razão para a atracção que *Ossian* exerce na América do Sul (Montiel 1974, 33).

No entanto, se Ossian deu uma manifestação comovente da transitoriedade de uma cultura nobre e heróica, que na sua passagem inevitável podia ser vista como uma representação da juventude da raça humana, no seu todo, ele ofereceu também um modelo para a regeneração nacional. A sociedade que descreve é ‘formada na natureza’ e, uma vez que precede o estabelecimento da propriedade privada com a concomitante inclinação para ‘barbarismo e ignorância completos’, ela representa o mais ‘desinteressado e nobre’ dos ‘três estádios da sociedade humana’, incorporando ‘uma dignidade primeva de sentimento’, à qual o homem moderno, civilizado deveria aspirar (Macpherson 1765, 2:xv). Fossem quais fossem as convicções políticas de Macpherson, os valores implícitos na sua obra ossiânica

são essencialmente anarquistas e igualitários, as suas encarnações de heróis são de um espírito de independência e liberdade não muito em evidência numa época civilizada:

Os poderes da alma, sem uma oportunidade para exercê-los, perdem o seu vigor. Os períodos de governação regular e modos polidos são, assim, desejados pelos fracos e débeis de espírito. Um estado instável e as convulsões que o caracterizam são o terreno propício para um carácter exaltado, para o exercício de grandes capacidades. (2: ii)

Um ‘estado instável’ e ‘convulsões’ estavam prestes a anunciar-se muito em breve, de facto conjuntamente com um ‘carácter exaltado’ que, por certo, as encarou como o seu ‘terreno propício’. A popularidade de *Ossian* na França Revolucionária e Napoleónica não está seguramente desligada de um sentido de retorno colectivo à Natureza, manifestado num ressurgimento da virtude bélica. Foi a exaltação de tais virtudes sobre as meramente mercantis que enformara indubitavelmente grande parte das intenções iniciais de Macpherson, bem como, em verdade, as de proeminentes patronos, tais como Blair e Ferguson, e o apoio escocês inicial ao *Ossian* está intimamente ligado à agitação por uma milícia nacional (Sher 1985, 242-61). A propaganda potencial de *Ossian* não se perdeu numa liderança francesa revolucionária, ansiosa por promover a insurreição na Escócia. Muito depois de quaisquer planos sérios de invasão terem sido abandonados, os franceses continuaram a lançar apelos aos modernos escoceses enfraquecidos a lembrar-lhes a sua antiga glória ‘Fingaliana’ e que se libertassem do jugo inglês.⁹

⁹ “O Calédonie! O Fingal! Heróis cantados por Ossian, será que as vossas espadas cairão nas mãos das mulheres, desse sexo tímido! Pictes invencíveis sob as bandeiras, até quando permitis que o jugo do opressor pise sobre as vossas soberbas fronteiras? Eles foram sombras dos louros da vossa vitória! Cantor de Fingal! Poeta-guerreiro, intrépido Ossian, e vós também, heróis dos tempos antigos e cuja fama anuncia os nomes gloriosos, descei do alto dos céus; vinde inspirar os vossos descendentes com a vossa antiga coragem, vosso furor inflexível e altivo contra a tirania” (“O Calédonie! O Fingal! héros chantés par Ossian, vos épées seraient-ils tombées entre les mains des femmes, de ce sexe timide! Pictes invincibles sous les drapeaux, jusques à quand permettrez-vous que le joug de l’opresseur pèse sur vos fronts superbes? Ils étaient ombrages des lauriers de la victoire! Chantre de Fingal! poète-guerrier, intrepide Ossian, et vous aussi, héros des temps anciens et dont la renommée publie les noms glorieux, descendez du haut des

A este respeito a espada ossiânica era certamente de dois gumes e podia ser brandida contra os próprios franceses, como uma força ocupante: testemunham-no, por exemplo, as odes patrióticas do espanhol Christobal de Beña (Montiel 1974, 111 ff.); e *Ossian* foi leitura de campanha, não apenas para Napoleão, mas também para Suvorov.

Na busca de raízes nacionais e de uma herança literária (perdida) *Ossian* não inspirou simplesmente como modelo, importante é que ele foi também uma manifestação do que se pode concretizar desde que sejam feitos esforços para isso. No entanto, há mais a este respeito do que um encorajamento geral para preservar a cultura popular e descobrir os monumentos literários que provariam que os nossos antepassados ‘bárbaros’, quer fossem alemães, boémios, russos ou finlandeses, tinham uma cultura de que se podia ficar orgulhoso. É importante compreender que um número notável de europeus do século XVIII, num considerável número de países, imaginava que tinham um direito de propriedade no *Ossian*. Os Gaels não eram apenas um pequeno povo insignificante e em declínio, agarrado com todas as forças ao traseiro ocidental da Europa, cujas glórias passadas, reais ou imaginárias, pouco interessavam a qualquer outro. Pelo contrário, eles representavam os dignos restos de uma grande raça que tinha, de forma decisiva, modelado a cultura Europeia; o seu património era uma herança universal. Na ‘Dissertação’ que antecede o *Fingal*, Macpherson tem o cuidado de acentuar a ubiquidade dos antigos celtas, ‘outrora os mestres da Europa, desde a foz do rio Oby, na Rússia, ao Cabo Finisterra, a ponta ocidental da Galiza, em Espanha (1765, 1: 2). Dado o papel que *Ossian* iria desempenhar na divisão literária Norte-Sul, como ‘l’Homère du nord’ (na expressão atribuída a Mme de Staël), o fundador ficcional de uma tradição literária, alternativa, não-clássica, ‘do norte’ (Gaskill 2008, 13), é importante sublinhar que a sua atracção é, todavia, destinada a ser não discriminatória e católica. Nenhum grupo nacional se tem que sentir excluído. Mais de um século depois de Macpherson ter escrito a sua ‘Dissertação’, o maior poeta da renascença literária Galega, Eduardo Pondal, estava a produzir os seus *Cantos célticos* ossiânicos, num retorno a antigas raízes galegas (Montiel, 1974, 192). E quanto aos franceses? Não eram eles também uma

cieux; venez inspirer à vos descendans, avec votre antique courage, votre fureur inflexible et altière contre la tyrannie”. Citação em Bain 1931, 106).

nação céltica? Chateaubriand descreve-se a si próprio como um ‘descendente dos velhos celtas’, certamente com alguma justificação, pois ele, tal como Renan, era um nativo bretão. Mas mesmo os franceses que não partilhavam deste privilégio sabiam que os seus antecessores eram gauleses e que os gauleses eram celtas. É interessante notar que a poesia que, numa forma fragmentária, tinha sido inicialmente conhecida como ‘poésies erses’ (um título em si provavelmente menos exótico do que sem significado para a maioria dos contemporâneos franceses) se torna, com *Le Tourneur, Poésies Galliques*, que tinha consideravelmente mais ressonância. Os Caledonianos são ‘Cael-Don, os Gauleses da montanha’. De acordo com a *Gazette des deux-ponts*, *Ossian* é ‘um documento precioso sobre os gauleses, os verdadeiros pais de França’ (Van Tieghem 1924, 258). Napoleão, a quem Cesarotti chamou o ‘Imperador dos Celtas’ e que fundou a sua Academia Céltica em 1807, ‘queria dar raízes autóctones, gaulesas, a um patriotismo dirigido sobretudo contra a Inglaterra’ (Van Tieghem 1917, 2: 34). Tal como Klopstock anteriormente, ele entendeu que a sua nação tinha o direito legítimo de reclamar *Ossian* como sendo sua pertença, contrariamente aos ingratos e pérfidos ingleses, cujos preconceitos, bem conhecidos, contra os escoceses, e as supostas hostilidade e indiferença para com os poemas serviram, quanto muito, para aumentar a sua popularidade no continente e também para atrasar a aceitação de argumentos contra a sua autenticidade.

Não há dúvida de que a assimilação e a adopção do Bardo no que, em alguns casos, poderia parecer território pouco prometedor e improvável, foram grandemente facilitadas por concepções estupidamente predominantes acerca das origens dos vários povos da Europa e das suas línguas. A incapacidade de diferenciar Alemães, Escandinavos e Celtas, embora não universal, é um lugar-comum no século XVIII e, de facto, os termos ‘Celtas’ e ‘Célticos’ acabaram por ser usados indiscriminadamente para referir todos os povos do ‘Norte’. Paul Henri Mallet que, na sua *Introduction à l’Histoire de Danemarck* (1755), tinha mediado algumas noções sobre a natureza da poesia escáldica, produziu, em continuação, no ano seguinte, a obra *Monuments de la Mythologie et de la Poésie des Celtes, et particulièrement des anciens Scandinaves*, baseada principalmente na mais recente *Edda*. Apesar do desmentido um tanto curioso de Van Tieghem (1924, 129), Macpherson tinha claramente lido Mallet, pelo menos na altura em que escreveu *Temora*, visto que se refere a ele numa nota ao Livro V do poema épico (1765, 2: 115-16). Mallet, mais tarde, leu Macpherson, encontrando em *Ossian* uma confirmação significativa da sua

própria obra (Van Tieghem 1924, 130). Escandinavismo e Ossianismo tendem a andar de mãos dadas pelo menos até ao fim do século (Kristmannsson 2005). Isto aplica-se muito particularmente à Alemanha de Klopstock, Gerstenberg, Herder, Denis e os Bardos a Gräter e Kosegarten. E aplica-se certamente também aos próprios países escandinavos, onde é através de *Ossian* que muitos são alertados pela primeira vez para as suas próprias tradições literárias e onde, por causa do papel realmente desempenhado na poesia pelos *Norsemen*, a obra adquire o estatuto de um documento histórico de grande significado nacional. Já a ‘Critical Dissertation’ de Blair contém uma tradução parcial substancial para inglês (e o texto completo em latim) de ‘Regner Lodbrog’s Death-Song’; no prefácio ao seu *Ossian* revisto, de 1773, Macpherson inclui o começo de um poema, alegadamente traduzido do *Norse* para o Gaélico e daí para o Inglês, intitulado ‘Fragment of a Northern Tale’ (Macpherson 1996, 410-12); Herder refere-se ao nessa altura ubíquo ‘Lodbrog’ no seu primeiro ensaio sobre *Ossian*. Pensar-se-ia talvez que a poesia que (como se acreditava então) contivesse referências a hábitos tão bárbaros como usar o crânio de um inimigo como taça para beber contrariaria a noção do nobre primitivo, bem como qualquer associação à magnitude e ternura ossiânicas. E, na verdade, como refere o próprio Hugh Blair, ‘quando passamos da poesia de Lodbrog para a de *Ossian*, é como se passássemos de um deserto selvagem para um campo fértil e cultivado’ (Macpherson 1765, 2: 333).

Contudo, foram os textos publicados por Mallet, juntamente com *Ossian*, que constituíram a base do que viria a ser entendido como a ‘poesia do Norte’, o produto de uma cultura moralmente superior. Montesquieu proclamara a Escandinávia como sendo a fonte da liberdade Europeia e das instituições democráticas e, no seu seguimento, Mallet realça o cavalheirismo e o refinamento nórdicos e, acima de tudo, a congenialidade da mitologia (quando comparada com a clássica). Se os monumentos literários, tal como eram conhecidos, tendiam a exalar um espírito demasiado feroz, *Ossian*, mais gentil, oferecia um correctivo valioso; e a frustrante falta de informação do último acerca da religião dos nossos antepassados podia ser complementada com aquilo que tinha sido recolhido de César ou de Tácito e, por certo, da *Edda*. A poesia dos antigos germanos podia ter-se extinguido, mas sabia-se que ela teria realçado heróis genuínos, robustos, corajosos, nobres, honestos, rectos, castos, cavalheiros, amantes da liberdade, que adoravam deuses *Norse* e que repousavam ao som das baladas de bardos ossiânicos (ou cuja energia militar era robustecida por eles). É, certamente, possível ridicularizar tudo isto como sendo

um pensamento confuso e desejoso que tudo assim tivesse acontecido, uma elaboração sintética reconstituída a partir de fontes díspares de diversos graus de relevância, confiança e autenticidade. A consciência frustrante de um déficit cultural, em comparação com o mundo mediterrânico, levou o ‘Nórdico’, privado culturalmente, a agarrar-se a tudo o que pôde, e, numa altura em que as suas próprias antiguidades genuínas não eram ou eram apenas vagamente conhecidas, *Ossian* foi para ele um documento da maior importância. Na sua primeira ‘Dissertação’, Macpherson toca habilmente nas sensibilidades de todos os que se sentem, eles próprios, subjugados a uma hegemonia cultural estranha, que partilham um sentimento de injustiça por serem deserdados do seu presumível património por uma história que é sempre escrita pelos vencedores. Se Klopstock compôs (mas não publicou) hexâmetros no antigo Alto-Alemão ou ditirambos em Saxão antigo, a sua intenção foi provar que isso poderia ter sido feito (e, muito provavelmente, fora-o). A própria motivação de Macpherson não foi totalmente diferente. Se partimos da convicção, muitas vezes justificada, de que algo de valioso se perdeu grandemente devido à supressão deliberada e à negligência, então sentimo-nos justificados para usar quaisquer fragmentos sobreviventes e reconstituir o que outrora deveria ter sido. Exemplos de reconstrução mais ou menos criativa podem, de facto, encontrar-se noutros países, tais como na Finlândia e na Boémia, e Macpherson é habitualmente o modelo.¹⁰ É também ele que impulsiona os Irlandeses a prestarem mais atenção ao seu rico legado.¹¹

Macpherson produzira, de facto, um texto de uma utilidade extraordinária. Quer como obra literária (a personificação poética de um ideal moral indiscutível) quer como documento histórico de primeira importância, este texto conseguiu dar resposta aos complexos de inferioridade e aos ressentimentos amplamente

¹⁰ Sobre a influência de *Ossian* na emergência de poemas épicos da fundação nacional, *vide* particularmente Leerssen (2004).

¹¹ É interessante notar os termos em que isto é, por exemplo, apoiado por Charlotte Brooke nas suas (muito genuínas) *Reliques of Irish Poetry* (1789): ‘As produções dos nossos bardos irlandeses exibem um brilho de génio cultivado – um espírito de heroísmo elevado, – sentimentos de verdadeira honra, – exemplos de patriotismo desinteressado, – e modos de um grau de refinamento, totalmente surpreendentes quando o resto da Europa estava quase mergulhada no barbarismo’ (Gantz 1940, 146). Com uns ajustes mínimos, isto poderia ter sido escrito por Blair ou Kames sobre o *Ossian* de Macpherson.

partilhados, servindo para levantar a autoconfiança das Terras Altas contra as Terras Baixas, da Escócia contra a Inglaterra, do Norte bárbaro (Alemanha, Escandinávia e Rússia) contra o Sul clássico (França, Itália e Grécia). E certamente que pôde igualmente ser usado para apoiar as reivindicações do original contra o derivativo, do natural contra o artificial, do antigo contra o moderno, do vigoroso contra o caduco, e, por conseguinte, do jovem contra o velho, da anarquia contra a ordem, da liberdade contra a escravatura, da espontaneidade contra a reflexão, da inspiração contra as regras, do coração contra a cabeça, do sentimento contra a razão; também da castidade contra a perversão, da virtude guerreira contra a depravação comercial, do auto-sacrifício contra o egotismo; a ternura e a delicadeza de sentimentos contra a ferocidade e a barbaridade ou, alternativamente, o selvagem (nobre) contra o civilizado (corrupto). Este texto pôde ser explorado pelos iconoclastas que desejavam libertar-se do cânone clássico e apelar Homero do seu pedestal. Ele pôde igualmente ser usado para reafirmar o valor do ‘antigo’ face ao ‘moderno’ – quer demonstrando a universalidade das leis aristotélicas (às quais o génio original Ossian é inconscientemente fiel), quer fornecendo mais uma prova de que é na infância da sociedade humana que a poesia floresce. Homero torna-se, assim, o primeiro grande ‘Volksdichter’ (poeta popular) e a sua recepção nos finais da segunda metade do século XVIII, bem como as noções sobre a natureza e as origens dos poemas épicos são condicionadas por aquilo que se sabe ou se suspeita acerca de Ossian.

O carácter variável da criação de Macpherson é atribuível, em grande medida, à natureza dos materiais à sua disposição, bem como ao uso que lhes deu. A nobreza, magnitude e cavalheirismo quixotesco do herói Fingaliano, que impressionaram os seus contemporâneos como sendo tão extraordinários num povo selvagem e que foram tão proveitosos quer para os primitivistas quer, por certo, para os cépticos, não são invenção de Macpherson, mas uma característica da tradição autêntica (embora ele a possa ter selectivamente exagerado). A citação de Charlotte Brooke (n.º 11) mostra isso. Mas, então, tanto um como o outro estão a lidar com textos que são, originariamente, o produto de uma cultura literária sofisticada; de facto, uma cultura essencialmente medieval no contexto da qual talvez não deva surpreender a ênfase dada ao cavalheirismo. Contudo, o desenvolvimento último, e, em certa medida, independente, da balada ossiânica dentro de uma tradição oral gaélica escocesa vigorosa e florescente, significava também que o que Macpherson coligiu era, de facto, grandemente

composto por ‘canções do povo’, no sentido herderiano. Se, por um lado, Macpherson tenta remover as cruzezas acumuladas e enfatizar tanto o refinamento moral como as capacidades artísticas intuitivas, por outro preocupa-se igualmente em exhibir aqueles aspectos que caracterizariam o trabalho como sendo genuinamente arcaico, de acordo com as concepções prevalecentes. Certamente que, acima de tudo, ele se propõe apresentar o todo como um documento histórico importante. Na ‘Dissertação’ que precede o seu segundo poema épico, ele informa o leitor: ‘o que torna Temora infinitamente mais valioso do que Fingal é a luz que lança sobre a história dos tempos’ (1765, 2: xxiii). Deste modo, *Ossian* não só foi aceite como uma produção autêntica do século III, como tem também pretendido servir de esboço fiel da vida, acontecimentos e maneiras do seu presumível criador e dos seus contemporâneos. Esta é uma ambição extraordinária que, deixou, naturalmente, Macpherson à mercê de severos ataques – foi acusado de expor todo o tipo de anacronismos, incluindo mesmo aqueles que herdara da tradição autêntica e que dão testemunho da sua honestidade como tradutor. Imagina-se que não existiriam muitos poemas épicos e romances genuínos que cumprissem os critérios essencialmente naturalistas que se esperava que *Ossian* contemplasse (Percy pensa que ele destronou o trabalho ao chamar a atenção para a impossibilidade das estradas das Terras Altas aguentarem a quadriga de Fingal e Vallencey liberta-se da cavalaria, sugerindo que todos sabem quão mal os Gaels escoceses sempre haviam tratado as suas mulheres). Então, poder-se-ia claramente dizer-se que Macpherson era responsável pela sua própria queda inevitável. Talvez seja inútil especular sobre a recepção que *Ossian* teria tido se tivesse sido publicado sem suporte histórico, como uma compilação de baladas gaélicas soltas, o seu verdadeiro e enorme impacto foi certamente, em grande parte, devido às suas pretensões épicas e históricas. Despojado destas, como eventualmente foi, teria perdido alguns dos seus recursos mais imaginativos, todo o seu interesse arqueológico e uma boa parte da sua utilidade para a polémica literária e cultural.

No entanto, mesmo reduzido ao *status* mais modesto de um texto puramente literário, sem qualquer relevância histórica ou antropológica, *Ossian* pôde ainda manter muito do seu poder e magia para poetas genuínos, tais como Byron e Chateaubriand. Foi este último e outro entusiasta desiludido, Walter Scott, que atribuíram a Macpherson a qualidade de ter dado ‘um novo espírito à poesia em toda a Europa’ (‘Macpherson a ajouté aux chants de la Muse une note jusque-là

inconnue: c'est assez pour le faire vivre') (Macpherson acrescentou aos cantos da Musa uma nota até aí desconhecida: é o bastante para o fazer viver). Foi sem dúvida a esta nota que os leitores do *Werther* de Goethe estavam a dar resposta quando presenteados com Macpherson, com o melhor das duas líricas numa tradução de 'Songs of Selma', de grande brilho e beleza. Não é, de modo algum, necessária a leitura de notas de rodapé ou uma suspensão extraordinária de descrença, para se ficar comovido com passagens como a do lamento de Colma:

É noite – estou só, abandonado no monte de tempestades. O vento ecoa na montanha. A torrente silva pela rocha a baixo. Nenhuma choupana me abriga da chuva; abandonado no monte de tempestades. (Macpherson 1765, 1: 293)

Esta é uma forma elementar de lirismo que se propagou facilmente, como referiu o próprio Macpherson no seu prefácio à edição de 1773, conservando o seu carácter de 'simplicidade e energia' 'através de numerosas versões' em línguas estrangeiras (1996, 412). O apelo dirige-se energicamente às emoções e à imaginação, sendo o esforço intelectual reduzido ao mínimo (e a sintaxe simples a não sobrecarregar os tradutores). Na sua correspondência com Macpherson, Cesarotti acentua como o exemplo de *Ossian* mostra 'combien la poésie de nature et de sentiment est au dessus de la poésie de réflexion et d'esprit' ('como a poesia da natureza e do sentimento está a um nível superior ao da poesia de reflexão e do espírito'). Para Blair, *Ossian* é a 'poesia do coração', produzida sob o 'impulso imediato do entusiasmo poético.' *Ossian* 'surge em toda a parte para se ser inspirado pelos seus sentimentos; e para falar da riqueza do seu coração'. Daí, a sua simplicidade: 'não encontramos quaisquer ornamentos afectados; qualquer refinamento forçado; quaisquer marcas, quer no estilo quer no pensamento, de uma tentativa estudada para brilhar e cintilar.' O 'trovão e o relâmpago do génio' são 'filhos da natureza, não da arte'. É 'negligente de todas as graças menores, e perfeitamente consistente com uma certa desordem nobre'. Encontra expressão não numa progressão regular e lógica de ideias, mas em sequências de imagens e símiles extraídos de uma paisagem 'selvagem e romântica'. O estilo é paratático e assindético:

Nenhumas transições artificiosas; nem uma conexão completa e alargada de partes; tal como encontramos entre os poetas dos últimos tempos, quando a ordem e a regularidade da composição eram mais estudadas e conhecidas;

mas um estilo sempre rápido e veemente; conciso na narração, mesmo de uma forma abrupta, e deixando vários incidentes para serem dados pela imaginação do leitor. (Macpherson 1765, 2: 345)

Na sua ênfase sobre o ‘fogo e entusiasmo’, a ‘qualidade figurativa’ de uma linguagem poética desprovida de abstracções, reminescente do Velho Testamento, e o estilo ‘abrupto’, Blair (cuja ‘Dissertação Crítica’ continua talvez a ser ainda a melhor apreciação literária de *Ossian*, bem como a mais influente) expõe algumas das características mais marcantes de *Ossian* para o público contemporâneo. Já em Setembro de 1760, Turgot chamara a atenção para o ‘orientalismo do estilo’ dos *Fragments* (embora, tal como Blair depois dele, o encare mais como característica de um certo estágio no desenvolvimento humano, do que como o produto de uma determinada região).¹² Herder, no seu primeiro ensaio sobre *Ossian*, encontra igualmente a essência da poesia popular no *genus abruptum*, a que chama ‘Sprünge und Kühne Würfe’ (saltos e lances ousados) e transições bruscas, a expressão imediata de um mundo vivenciado, não tocado pelo tom pálido do pensamento, qualquer coisa que nós, os modernos, bem deveríamos aprender (Herder 1773; Gaskill, 1996 e 2003a). E se é isto, de facto, o que o próprio Macpherson fizera, então isso não invalidou, de modo algum, *Ossian* como um modelo.

Ainda que com o benefício de uma percepção *a posteriori*, a obra de Macpherson possa parecer agora que fundamenta um tanto duvidosamente a teoria primitivista, seria pouco razoável negar que muitas das qualidades literárias que Herder e os seus contemporâneos encontraram nela, existem realmente nos seus textos. Como é que elas se apresentam, é outro assunto, e eu não pretendo fingir que esta questão é irrelevante, particularmente se se insistir em associar a beleza lírica à sinceridade. De facto, no seu melhor Macpherson transmite, com muito sucesso, um mundo que ele conhece, e conhece muito bem. Embora obrigado, pelas suas fontes, a situar a acção principal dos seus dois poemas épicos na Irlanda, Macpherson dá a *Ossian* uma base

¹² “cette marche irrégulière, ces passages rapides e sans transition d’une idée à l’autre, ces images accumulées et toutes prises des grands objects familiers de la vie champêtre’ (esta marcha irregular, estas passagens rápidas e sem transição de uma ideia para a outra, estas imagens acumuladas e todas as apropriações dos grandes objectos familiares da vida campestre’ (citado em Van Tieghem 1917, 1: 114).

escocesa e é a paisagem das suas Terras Altas nativas que é, com efeito, extremamente evocada na poesia, não como um pano de fundo cénico estático, qualquer coisa em cima da qual se podem projectar os ambientes, um ornato, uma fonte disponível de símiles (que o é), mas, por direito próprio, como uma força viva poderosa de uma terrível tristeza e de uma beleza impressionante. A paisagem ossiânica foi, como diz Van Tieghem, ‘une révélation pour l’Europe’ (1917, 1: 47). Aqui havia algo um pouco diferente das pastagens floridas e das searas ondulantes. Era a natureza rude, selvagem, bravia e não cultivada e, como a raça dos heróis e das heroínas que se pensava ter produzido, sombria e sublime.¹³

Os elementos constituintes deste mundo natural são poucos, o reportório de que Ossian se valeu para as suas comparações circunscrito. De acordo com o catálogo de Blair: o sol, a lua e as estrelas, nuvens e meteoros, relâmpagos e trovões, mares e baleias, rios, torrentes, ventos, gelo, chuva, neve, orvalho, nevoeiro, fogo e fumo, árvores e florestas, charneca e erva e flores, rochas e montanhas. Contudo, mesmo quando usada para fins do símile ossiânico, a paisagem tende a tornar-se um fim em si própria, devido à natureza alargada destes símiles, acrescida da ausência de subordinação sintáctica (eles podem estender-se por várias orações principais e frases separadas). E não é talvez tanto uma questão de um imaginário evocativo que serve para integrar a paisagem na acção, mas antes a de uma paisagem que é frequentemente a própria acção, reduzindo o meramente humano a uma pálida insignificância parasitária. Ela não apenas repercute o espírito desolado das personagens, antes são as próprias personagens que são um reflexo da paisagem, sendo isto expresso mesmo através nos seus nomes que, de acordo

¹³ Como Blair refere: ‘a relva do rochedo, a flor da charneca, o cardo com as suas barbas são os principais ornamentos das suas paisagens... Os acontecimentos registados são todos eles sérios e graves; todo o cenário, selvagem e romântico. A charneca a estender-se junto à costa marítima; a montanha sombreada pelo nevoeiro; a torrente correndo impetuosa por um vale solitário; os carvalhos dispersos e os túmulos dos guerreiros cobertos de musgo, tudo isto produz uma atenção solene no espírito e o prepara para acontecimentos grandiosos e extraordinários’ (‘The grass of the rock, the flower of the heath, the thistle with its beard, are the chief ornaments of his landscapes ... The events recorded, are all serious and grave; the scenery throughout, wild and romantic. The extended heath by the sea-shore; the mountain shaded with mist; the torrent rushing through a solitary valley; the scattered oaks, and the tombs of warriors overgrown with moss; all produce a solemn attention in the mind, and prepare it for great and extraordinary events’ Macpherson 1765, 2: 344, 349).

com as etimologias por vezes fantasiosas de Macpherson, podem significar coisas como ‘trovão’ (Torman), um ‘raio de sol’ (Degrena), o ‘brilho de um raio de sol’ (Dersagrena), ‘fúria das ondas’ (Erragon), o ‘som lúgubre das ondas’ (Cu-thona), o ‘murmúrio das ondas’ (Carthon), a ‘virgem da onda’ (Oi-thóna), ‘brisa suave’ (Minona); mesmo o próprio Ossian, com cujo nome Macpherson não consegue fazer nada, é ‘poeticamente’ referido como ‘a voz de Cona’ (Glenceo).

Também os nomes geográficos, mesmo quando representam uma localização prontamente identificável, tendem a transformar-se em significados tais como ‘ilha de baleias’, ‘ilha de ondas’, ‘riacho da colina’, ‘ribeiro silencioso’, ‘rio pouco profundo’, ‘vale isolado’, ‘planície pantanosa’. Isto reforça a impressão de imprecisão topográfica. O que Macpherson continuamente evoca é um certo tipo de paisagem, com um número limitado de características típicas, mais do que cenários específicos. Ela poderia ser reconhecida praticamente em toda a parte das Terras Altas e das Ilhas por um turista continental do século XIX, enquanto Scott o obrigaria a fazer peregrinações até Trossachs. Esta falta de especificidade, a ausência de cor local na paisagem ossiânica provou ser efectivamente uma vantagem muito positiva para a sua recepção na Europa. Como Van Tieghem acentua, a própria imprecisão foi feita para uma identificação e assimilação fáceis. Os suíços são sensíveis a uma paisagem de montanhas e lagos; Alfieri lembra-se da Suécia, porque realmente são os suecos que podem, de facto, acrescentar mar e costa à lista de analogias; o polaco Brodzinski vê os espíritos dos seus antepassados a ascender em nuvens ossiânicas por cima das gentes dos Cárpatos (Van Tieghem, 1924, 281; Taylor-Terlecki 2004, 246-47). Charneca, pântano, tempestades, nevoeiro e declínio outonal frio e húmido não se confinam à Escócia, embora antes do aparecimento de *Ossian* poucos tivessem pensado ser sensíveis a tais coisas.

Se Macpherson engrandeceu consideravelmente o apelo poético de montanhas rochosas e inóspitas e de mares turbulentos, entre as suas inovações mais admiráveis estavam as apóstrofes líricas a vários corpos celestes. As evocações ao sol em ‘Carthon’ e ‘Carric-thura’ provaram ser extremamente populares e foram sendo continuamente transformadas em antologias, em muitas línguas. Certamente que houve aqui precedentes, e o próprio Macpherson realça a semelhança com Milton, se não com Thomson. Contudo, relativamente à lua, Van Tieghem exalta Ossian como sendo ‘son véritable introducteur dans la poésie moderne, où elle devait tenir un si grand rôle’ (o seu verdadeiro introdutor na poesia moderna, onde ela

deveria ter um tão grande papel) (1924, 280). Ele está a referir-se, em particular, à celebração da ‘filha do céu’ no começo de ‘Darthula’, em que Macpherson mostra ser um digno precursor de Leopardi. Um dos exemplos mais eficazes da poesia sideral é a invocação da estrela da tarde que abre ‘Songs of Selma’ e que deve ter despertado em muitos o primeiro gosto por *Ossian* (*vide* momento em que Werther começa a ler para Lotte). É também bastante interessante o facto de demonstrar como Macpherson consegue, muitas vezes, atingir a verdadeira beleza através da tradução e da adaptação. A sua ‘Estrela do cair da noite!...’ poderia dizer-se que é ofuscada pela ‘Stella maggior della cadente notte...’ de Cesarotti, pela ‘Stern der dämmernden Nacht...’ de Goethe e pela ‘Pale étoile du soir...’ de Musset.

O sol é, de facto, uma presença ‘inconstante’ na poesia, sendo o mundo que esta evoca essencialmente um mundo sombrio, de uma frieza monocromática, quando muito de crepúsculo ou luar, e uma tal luz está disponível ao narrador cego, apenas na memória. É um ambiente sombrio, brumoso, quase onírico e literalmente fantasmagórico, caracterizado por uma obscuridade informe. Correspondentemente, o espírito humano dominante é de desesperança heróica, solidão, desespero e alienação, atenuado apenas pelo sentimento decididamente misto de nostalgia, a ossiânica ‘joy of grief’ Qualquer destas coisas torna a obra romântica? Não há dúvida de que ela desperta um interesse considerável em muitos escritores comumente considerados românticos, mesmo que este interesse possa em alguns casos (de modo algum, em todos) ter sido de curta duração, confinado a uma fase da juventude, se essa for formativa. Pondo de lado os problemas de definição e também as hostes de poetas menores ou menos conhecidos, poder-se-ia citar: Blake, Burns, Scott, Coleridge, Wordsworth, Byron, Goethe, Schiller, Novalis, Hölderlin, Foscolo, Leopardi, Pushkin, Lermontov, Chateaubriand, Lamartine. Mas certamente que não se podem ignorar os problemas de definição. E estas listas não provam nada acerca das filiações românticas de *Ossian*, visto que praticamente todos os grandes poetas que escreveram entre cerca de 1770 e 1830 poderiam ser vistos como mantendo uma relação mais ou menos próxima com o romantismo. *Ossian* atraiu-os. Contudo, atraiu também mesmo muitos que eram nitidamente hostis ao Romantismo, sob qualquer forma – mas estes habitualmente não costumam ser classificados como poetas maiores, ou escrevem em línguas minoritárias. Bilderdijk, por exemplo, apesar da sua importância para o romantismo holandês, foi um homem extremamente conservador, com um gosto literário próprio do classicismo francês, que conhecia e pensava pouco ou nada acerca de

qualquer tipo de literatura escrita em inglês, além de *Ossian*. O mesmo se pode dizer de muitos admiradores espanhóis, franceses, italianos ou polacos, incluindo um razoável número de tradutores. É um erro imaginar que a popularidade de *Ossian* coincide necessariamente com um movimento romântico nacional. Na maior parte dos países, precede-o pelo menos em uma geração (mesmo na Alemanha, a menos que se considere que o *Sturm und Drang* foi romântico, o que é uma heresia para os historiadores literários alemães) e, em alguns, sobrevive-lhe. A influência produtiva de *Ossian* num romantismo nascente na literatura depende em grande medida de quando isso ocorre e da identidade das suas figuras liderantes.

Na Espanha, *Ossian* tende a ser comprimido no choque violento entre a contenção neoclássica e o radicalismo romântico, sendo demasiado subversivo para um dos campos e demasiado dócil e tímido para o outro (Montiel 1974, 39). Isto certamente que não impede que a obra tenha o seu impacto, por exemplo em Espronceda e García Gutiérrez (Ginger 2004), mas isso é diluído por aquilo que já tinha aparecido, muitas vezes na esteira de *Ossian*, fazendo com que o último surja como sendo de transição. Naturalmente que, quanto mais tardio o advento do Romantismo num país, tanto mais obra produzida por românticos grandiosos, genuinamente europeus, ficará entretanto disponível. O Romantismo chega muito tarde à Grécia, e *Ossian* é certamente bem recebido aqui, mas como escritor estabelecido, objecto de admiração distante mais do que uma força inovadora – em 1867 ele é realmente forjado na Grécia, juntamente com Goethe, Schiller, Foscolo, Young e Byron (Vagenas 1967, 186). Van Tieghem acentua, com exactidão, a capacidade de *Ossian* para atrair toda uma longa lista ‘da extrema direita à extrema esquerda das ideias literárias’ (1924, 272). E ele tem também, sem dúvida, boas justificações para salientar em que medida o tom e o estilo de muita da literatura europeia, claramente influenciados pelo Bardo, permanecem ‘clássicos’: ‘só a matéria mudou, a arte permaneceu a mesma.’ O facto de *Ossian* ser continuamente vertido em hexâmetros (mesmo nos antigos hexâmetros gregos e latinos) pareceria provar o seu ponto de vista. E ninguém se junta à *avant-garde* literária apenas por substituir divindades mitológicas clássicas de *Edda* e os espíritos ancestrais ossiânicos (como fazem os ‘bardos’ alemães e suecos). Tal como Mallet, Macpherson ofereceu aos ‘clássicos fortalecidos’ e aos ‘tímidos pré-românticos’ uma matéria agradavelmente diferente, mas ‘raramente sentimentos, cores, novos acentos’ (1924, 180). Deve considerar-se mais questionável se se justifica que Van Tieghem chame a Blair e Cesarotti clássicos até à medula. Seguramente que ambos imaginaram estar a promover ideias inovadoras

e a reagir contra o neoclassicismo fossilizado. Nem se pode equipar primitivismo com conservadorismo literário (isso faria com que Herder parecesse estranho). É também discutível se mesmo a categoria ‘pré-romantismo’ (inevitavelmente vaga e ultimamente só cronologicamente significativa) pode englobar satisfatoriamente o fenómeno do Ossianismo. É de admitir que, no início, a popularidade de *Ossian* na Europa coincidissem com a de um Young ou a de um Gessner, mas eventualmente acaba por excedê-las em muito e sobreviver-lhes (só há uma tradução completa em alemão de *Night Thoughts*). Certamente que a obra de Macpherson, como ‘poesia do coração’, fosse ao encontro da busca de uma emotividade refinada (e certamente que a ajudou a criar), da oportunidade de entrega a uma agradável angústia e a um terno sofrimento. Mas, então, isso conseguiu-o o *Werther* e, embora ambas as obras sejam claramente produtos de uma época de sentimento, ‘Empfindsamkeit’, o apogeu do homem de sentimento, elas não são apenas efusões lacrimosas em moda, mas sim empreendimentos literários de genuíno poder emotivo. Naturalmente que se pode encarar ‘joy of grief’ como um estado típico da predilecção contemporânea pelo vago sentimento ‘misto’ e os prazeres da melancolia, em que qualquer coisa realmente dolorosa é mantida à distância. Mas se se quiser, pode ver-se aí mais do que isto. O *pathos* de *Ossian* não é infundado. E quando lemos ‘Há uma alegria na dor, quando a paz habita o peito dos tristes. Mas o sofrimento consome os pesares’ (Macpherson 1765, 1: 346), não pensaremos nós na emoção de Wordsworth ‘relembra em tranquilidade’? Não deveríamos também considerar que é na obra de Friedrich Hölderlin, particularmente na sua novela *Hyperion*, que a alegria da dor encontra a sua mais encantadora celebração literária?

Os ‘elementos gerais’ do Romantismo que Van Tieghem encontra antecipados em *Ossian* são: o cenário sombrio e grandioso, a melancolia de túmulos e ruínas e o *pathos* do destino humano (1917, 2: 473). É curioso que estes estão exclusivamente ligados aos ambientes e não revelam qualquer conhecimento das qualidades formais e dos instrumentos narrativos, tanto mais que a sua definição de ‘classicismo’ parece ligada à forma (ninguém que escreva uma ode arcaica pode possivelmente ser considerado um romântico). Contudo, em determinados aspectos significativos, *Ossian* poderia ser visto como esboçando algumas das características mais inovadoras e experimentais da escrita romântica, particularmente da alemã (é de admirar que a importância de *Ossian* para o Romantismo alemão propriamente dito tenha sido pouco reconhecida, se é que o foi, antes de Schmidt 2003-4, 2: 938-1096). Na sua excelente *Sublime Savage*, Fiona Stafford assinala qual é a maior diferença

entre os *Fragments* e os últimos poemas épicos: o desenvolvimento de Ossian como *persona* narrativa. Fingal, escreve a autora –

é uma obra dispersa mantida unida não por uma acção ou tema unificados, mas pela presença do narrador. Como na novela contemporânea de Sterne, *Tristram Shandy*, uma série desconcertante de memórias torna-se coerente apenas através do desenvolvimento do narrador como o ponto focal. (1988, 141).

A comparação com *Tristram Shandy* (Keymer, 1998) poderá parecer absurda, mas só porque é demasiado difícil ver *Ossian* apenas como um texto literário. Pode ter sido esboçado de forma a dar a ilusão de um discurso espontâneo, mas paradoxalmente isto leva à concentração no próprio processo criativo e na sua função. É como se o Bardo estivesse continuamente a dizer: vejam como eu transbordo de emoção poderosa (e notem como e porquê eu o faço). Do princípio ao fim, não nos é nunca permitido esquecer a presença do narrador ficcional. Os efeitos de distanciamento empregues podem ser positivamente vertiginosos, envolvendo diversas camadas de reflexão: estamos permanentemente conscientes da presença do narrador, enquanto este nos fala de um passado que contém em si mesmo a recapitulação de acontecimentos passados; lamento dentro de lamento, dentro de lamento, ocasionalmente evocando mesmo o futuro em termos de um acto antecipado de lembrança. A acrescentar a isto, temos o comentário consecutivo do tradutor/editor no fundo da página. A necessidade deste último pode ser realçada pela referência estranha à natureza defeituosa das fontes miraculosamente sobreviventes e, possivelmente, por uma série de asteriscos inseridos em pontos de maior destaque na narrativa. De facto, a carreira literária de Macpherson começa realmente com a produção de *Fragments*, uma obra habilmente imaginada e peculiarmente contida. E a qualidade fragmentária é mantida na última obra, quer a nível estilístico, através da parataxe insistente, da ausência notável de conjunções de conexão e da subordinação sintáctica, quer também em termos da constante fragmentação de toda a narrativa, através de histórias episódicas dentro de outras histórias. Qualquer impressão de totalidade é ainda mais enfraquecida pelas frequentes chamadas de atenção editoriais acerca do estado delapidado da tradição de onde o tradutor extraiu a informação e do seu papel ao reunir os fragmentos espalhados. Uma outra característica proto-romântica notável, já evidente nos *Fragments*, e que foi imediatamente notada com aprovação pelos críticos franceses, é a mistura de géneros,

a combinação da narrativa épica com o diálogo dramático, o lamento elegíaco e a lírica hínica (Van Tieghem 1917, 1: 157). E tudo isto apresentado numa linguagem que, como foi evidente mesmo em muitas das primeiras traduções, oscilava entre a prosa e o verso. Mas talvez central ao apelo romântico de *Ossian* seja o seu papel em conferir dignidade à poesia e à vocação poética. Aqui nós temos o poeta como herói, ainda que derrotado e isolado, o sobrevivente patético de uma época em que os poetas eram os legisladores *reconhecidos* do mundo.

Bibliografia

Esta bibliografia não pretende ser exaustiva e consiste principalmente de obras citadas. O próprio ensaio é largamente baseado no meu artigo ‘Ossian in Europe’ (Gaskill 1994), mas leva em consideração os resultados da pesquisa incorporada no livro *Ossian in Europe* (Gaskill 2004), no qual se pode encontrar mais referências à literatura secundária nas bibliografias de cada colaborador. Também a excelente e exaustiva ‘Timeline of Ossian’s European Reception’ de Paul Barnaby no mesmo volume, merece a atenção do leitor. Finalmente gostaria de expressar o meu reconhecimento ao notável sábio e pioneiro na investigação sobre Ossian, Paul Van Tieghem.

Aguiar, Ofir Bergemann de (1999) *Ossian no Brasil*. Goiânia: Editora UFG.

Ahlwardt, Christian Wilhelm (trans.) (1811) *Die Gedichte Ossians. Aus dem Gaelischen*, 3 vols, Leipzig; also 1839; 1840; 1846; 1861.

Bain, Margaret L. (1931) *Les voyageurs français en Écosse, 1770-1880, et leurs curiosités intellectuelles*. Paris: Champion.

Baldassarri, Guido (1989) ‘Sull’Ossian di Cesarotti: I. Le edizioni in vita, il carteggio, il testo inglese del Macpherson’, *Rassegna della letteratura Italiana*, 93.3: 25-58.

— (1990a) ‘Sull’Ossian di Cesarotti: II. Il testo inglese e il testo Italiano: fraintendimenti e primi contributi esegetici’, *Rassegna della letteratura Italiana*, 94.1-2: 5-29.

— (1990b) ‘Sull’Ossian di Cesarotti: III. Le varianti e le ‘parti liriche’. Appunti sul Cesarotti traduttore’, *Rassegna della letteratura Italiana*, 94.3: 21-68.

— (1993) ‘L’originale’ di ‘Temora’. Postille sul Cesarotti e le stampe inglesi del 1763’, in *Omaggio a Gianfranco Folena*, Padova: Editoriale Programma: 1383-91.

Bär, Gerald (2004) ‘Ossian in Portugal’, in *Ossian in Europe* (ed. Howard Gaskill). London: Thoemmes Continuum: 351-74.

Barnaby, Paul (2004) ‘Timeline of Ossian’s European Reception’, in *The Reception of Ossian in Europe* (ed. Howard Gaskill). London: Thoemmes Continuum: xviii-lxviii.

Böker, Uwe (1991) ‘The Marketing of Macpherson : The International Book Trade and the First Phase of German Ossian reception’, in *Ossian Revisited* (ed. Howard Gaskill). Edinburgh: Edinburgh University Press: 73-93.

Broggi-Wüthrich, Francesca (2004), ‘From Smith’s *Antiquities* to Leoni’s *Nuovi Canti*: The Making of the Italian Ossianic Tradition Revisited’, in *The Reception of Ossian in Europe* (ed. Howard Gaskill). London: Thoemmes Continuum: 303-34.

Buescu, Maria Gabriela Carvalho (2001) *Macpherson e o Ossian em Portugal: Estudo comparativo-translatológico*. Lisboa: Edições Colibri.

Cesarotti, Melchior (1763) *Poesie di Ossian figlio di Fingal antico poeta celtico ultimamente scoperte e tradotte in prosa inglese da Jacopo Macpherson, e da quello trasportate in verso italiano dall' Ab. Melchior Cesarotti con varie annotazioni de' due traduttori*. 2 vols, Padova: Comino.

— (1772) *Poesie die Ossian trasportate dalla prosa inglese in verso italiano dall' Ab. Melchior Cesarotti*. Edizione II. Ricorretta ed accresciuta del restante dei componimenti dello stesso autore. 4 vols, Padova: Comino.

Chapman, A. (1955) 'Heredia's Ossian Translations', *Hispanic Review* 23: 231-36.

Chateaubriand, François René, vicomte de (2001-2) *Poèmes ossianiques de J. Smith: Dargo, Duthona, Gaul*, eBooksLib.com: <http://www.ebookslib.com/?a=sa&b=2891>.

Cristea, S. N. (1969) 'Ossian v. Homer – An 18th-century controversy: Melchior Cesarotti and the struggle for literary freedom', *Italian Studies* 24: 93-111.

Daas, Quirinus Wilhelmus Johannes (1961) *De Gezangen van Ossian in Nederland*. Nijmegen: Janssen.

Denis, Michael (trans.) (1768-69) *Die Gedichte Ossians, eines alten celtischen Dichters, Aus dem Englischen übersetzt von M. Denis, aus der G. J.* 3 vols, Wien: Trattner.

France, Peter (2004) 'Fingal in Russia', in *The Reception of Ossian in Europe* (ed. Howard Gaskill). London: Thoemmes Continuum: 259-73.

Gantz, Kenneth F. (1940) 'Charlotte Brooke's Reliques of Irish Poetry and the Ossianic Controversy', *University of Texas Studies in English*, 20: 137-56.

Gaskill, Howard (1989) 'German Ossianism: A Reappraisal?', *German Life and Letters* 42: 329-41.

— (1990) 'What did James Macpherson really leave on display at his publisher's shop in 1762?', *Scottish Gaelic Studies* 16: 67-89.

— (1991) *Ossian Revisited*. Edinburgh University Press: Edinburgh.

— (1990/91) 'Hölderlin und Ossian', *Hölderlin-Jahrbuch*, 27: 100-30.

— (1992) 'Hölderlin and Ossian', *London German Studies IV*: 147-65

— (1994) 'Ossian in Europe', *Canadian Review of Comparative Literature* 21: 643-78.

— (1995) 'The 'Joy of Grief': Moritz and Ossian', *Colloquia Germanica* 28: 101-25.

— (1996) 'Herder, Ossian and the Celtic', in *Celticism* (ed. Terence Brown). Amsterdam: Rodopi: 257-71.

— (2001) "'Aus der dritten Hand": Herder and his Annotators', *German Life and Letters* 54: 210-18.

— (2002) "'Ossian hat in meinem Herzen den Humor verdrängt": Goethe and Ossian Reconsidered', in *Goethe and the English-Speaking World* (eds Nicolas Boyle and John Guthrie). New York: Camden House: 47-59.

— (2003a) 'Ossian, Herder and the Idea of Folk-Song', in *Literature of the Sturm und Drang* (ed. David Hill). New York: Camden House: 95-116.

— (2003b) 'J. M. R. Lenz und Ossian', *Lenz-Jahrbuch: Sturm-und-Drang-Studien*, 8/9: 51-82.

— (2004) 'Introduction: "genuine poetry ... like gold"', in *The Reception of Ossian in Europe* (ed. Howard Gaskill). London: Thoemmes Continuum: 1-20.

— (2008) "'The Homer of the North"', in *Ossian Then and Now* (eds Frédéric Ogée and Maurice Gérard), *Interfaces: Image Texte Language*, 27: 13-24.

Gilardino, Sergio (1982) *La scuola romantica: la tradizione ossianica nella poesia dell'Alfieri, del Foscolo e del Leopardi*. Ravenna: Longo.

Gillies, Alexander (1933) *Herder und Ossian*. Berlin: Juncker und Dönhaupt.

Ginger, Andrew (2004) 'The suggestiveness of Ossian in Romantic Spain: The case of Espronceda and García Gutiérrez', in *The Reception of Ossian in Europe* (ed. Howard Gaskill). London: Thoemmes Continuum: 335-50.

Graves, Peter (2004) 'Ossian in Sweden and Swedish-speaking Finland', in *The Reception of Ossian in Europe* (ed. Howard Gaskill). London: Thoemmes Continuum: 198-208.

Grewe, Astrid (1982) 'Ossian und seine europäische Wirkung', in *Europäische Romantik II* (ed. Klaus Heitmann). Wiesbaden: Akademische Verlagsgesellschaft Athenaion: 171-88.

Harold, Edmund von/de (1775) *Die Gedichte Ossian's eines alten celtischen Helden und Barden*, 3 vols. Düsseldorf: [s.n.]; também Mannheim, 1782; Münster, 1795.

— (1787) *Poems of Ossian, lately discover'd*, Düsseldorf: Daenzer. [publicado simultaneamente em alemão: *Neu entdeckte Gedichte Ossians*.]

Hartvig, Gabriella (2004) 'Ossian in Hungary', in *The Reception of Ossian in Europe* (ed. Howard Gaskill). London: Thoemmes Continuum: 222-239.

Herder, Johann Gottfried (1773) 'Auszug aus einem Briefwechsel über Oßian und die Lieder alter Völker', in *Von deutscher Art und Kunst. Einige fliegende Blätter*. Hamburg: Bode: 3-70.

Heurtematte, François (ed.) (1990), *Fragments de poésie ancienne: traduction de Diderot, Turgot, Suard*. Paris: J. Corti.

Jiriczek, Otto (1940) *James Macpherson's Ossian. Faksimile-Neudruck der Erstausgabe von 1762/63 mit Begleitband: Die Varianten*. 3 vols. Heidelberg: Winters.

Keymer, Thomas (1998) 'Narratives of Loss: The Poems of Ossian and Tristram Shandy', in *From Gaelic to Romantic: Ossianic Translations* (eds Fiona Stafford and Howard Gaskill). Amsterdam: Rodopi: 79-96.

Kristmannsson, Gauti (2005) *Literary Diplomacy: I: The Role of Translation in the Construction of National Literatures in Britain and Germany; II: Translation without an Original*. Frankfurt am Main: Peter Lang.

Lampert, F. J. (1998) 'Goethe, Ossian and Werther', in *From Gaelic to Romantic: Ossianic Translations*. Amsterdam: Rodopi: 97-106.

Leerssen, Joep (2004) 'Ossian and the rise of literary historicism', in *The Reception of Ossian in Europe* (ed. Howard Gaskill). London: Thoemmes Continuum: 109-25.

Leoni, Michele (trans.) (1813) *Nuovi Canti di Ossian, pubblicati in Inglese da Giovanni Smith e recati in Italiano da Michele Leoni*, Firenze: Vittorio Alauzet.

Le Tourneur, Pierre (trans.) (1777) *Ossian, fils de Fingal, barde du troisième siècle. Poésies galliques, traduites de l'anglais de Macpherson par M. Le Tourneur*. Paris: Musier.

Levin, Yuri D. (1980) *Ossian v russkoy literature: konets XVIII-pervaia tre' XIX veka*. Leningrad: Nauka.

Mackenzie, Henry (ed.) (1805) *Report of the Committee of the Highland Society of Scotland, appointed to inquire into the Nature and Authenticity of the Poems of Ossian*. Edinburgh: Constable.

Macpherson, James (1760) *Fragments of ancient poetry, collected in the Highlands of Scotland, and translated from the Gaelic or Erse language*. Edinburgh: Hamilton & Balfour.

— (1762) *Fingal, an ancient epic poem, in six books: together with several other poems, composed by Ossian the son of Fingal. Translated from the Gaelic language by James Macpherson*. London: Becket & De Hondt.

— (1763) *Temora, an ancient epic poem, in eight books: together with several other poems, composed by Ossian, the son of Fingal. Translated from the Gaelic language by James Macpherson*. London: Becket & De Hondt.

— (1765) *The works of Ossian, the son of Fingal. In two volumes. Translated from the Gaelic language by James Macpherson*. [Vol. 2 inclui 'A Critical Dissertation on the Poems of Ossian' by Hugh Blair.] London: Becket & Dehondt.

— (1773) *The Poems of Ossian. Translated by James Macpherson, Esq; In two volumes. A new edition, carefully corrected, and greatly improved*. London: Strahan & Becket.

— (1773-77) *Works of Ossian*. 4 vols, [Darmstadt]; Frankfurt and Leipzig: Fleischer.

— (1807) *The Poems of Ossian in the original Gaelic, with a literal translation into Latin, by the late Robert Macfarlan; together with a dissertation on the authenticity of the poems, by Sir John Sinclair and a translation from the Italian of the Abbè Cesarotti's dissertation on the controversy respecting the authenticity of Ossian, with notes and a supplemental essay, by John M'Arthur, Published under the sanction of the Highland Society of London*. 3 vols, London: G. & W. Nicol.

— (1940) *James Macpherson's Ossian. Faksimile-Neudruck der Erstausgabe von 1762/63 mit Begleitband: Die Varianten*, ed. Otto Jiriczek. 3 vols. Heidelberg: Winters.

— (1996) *The Poems of Ossian and Related Works* (ed. Howard Gaskill, with an introduction by Fiona Stafford). Edinburgh: Edinburgh University Press.

Mattioda, Enrico (2004) 'Ossian in Italy: From Cesarotti to the Theatre', in *The Reception of Ossian in Europe* (ed. Howard Gaskill). London: Thoemmes Continuum: 274-302.

Meek, Donald E. (1991) 'The Gaelic Ballads of Scotland: Creativity and Adaptation', in *Ossian Revisited* (ed. Howard Gaskill). Edinburgh University Press: Edinburgh: 19-48.

Montiel, Isidoro (1974) *Ossian en España*. Barcelona: Editorial Planeta.

O Dochartaigh, Caitriona (2004) 'Goethe's Translation from the Gaelic *Ossian*', in *The Reception of Ossian in Europe* (ed. Howard Gaskill). London: Thoemmes Continuum: 156-75.

Peers, E. Alison (1925) 'The Influence of Ossian in Spain', *Philological Quarterly* 4: 121-38.

Schmidt, Wolf Gerhard (2003-4) '*Homer des Nordens*' und '*Mutter der Romantik*': James Macphersons *Ossian* und seine Rezeption in der deutschsprachigen Literatur. 4 vols, Berlin, New York: de Gruyter.

Schöffler, Herbert (1967) 'Ossian: Hergang und Sinn eines großen Betrugs', *Deutscher Geist im 18. Jahrhundert: Essays zur Geistes- und Religionsgeschichte*, 2nd edition, Göttingen: Vandenhoeck and Ruprecht: 135-154.

Sher, Richard B. (1985) *Church and University in the Scottish Enlightenment. The Moderate Literati of Edinburgh*. Edinburgh: Edinburgh University Press.

Smethurst, Colin (2004), 'Chateaubriand's *Ossian*', in *The Reception of Ossian in Europe* (ed. Howard Gaskill). London: Thoemmes Continuum: 126-142.

Smith, John (1780) *Galic Antiquities: consisting of a history of the Druids, particularly of those of Caledonia: a dissertation on the authenticity of the poems of Ossian: and a collection of ancient poems, translated from the Galic of Ullin, Ossian, Orran, &c.* by John Smith London: Cadell; Edinburgh: Elliot, 1780.

Stafford, Fiona (1988) *The Sublime Savage: A Study of James Macpherson and The Poems of Ossian*. Edinburgh: Edinburgh University Press.

Taylor-Terlecka, Nina (2004) 'Ossian in Poland', in *The Reception of Ossian in Europe* (ed. Howard Gaskill). London: Thoemmes Continuum: 240-58.

Thomson, Derick (1952) *The Gaelic Sources of Macpherson's 'Ossian'*. Edinburgh: Oliver and Boyd.

Vagenas, Nasos. (1967) 'Ho Ossian stin Hellada', *Parnassos* 9: 172-90.

Van Tieghem, Paul (1917) *Ossian en France*. 2 vols, Paris: Rieder.

— (1924) 'Ossian et l'ossianisme au XVIIIe siècle', in *Le Prérromantisme*, vol 1. Paris: Rieder: 195-287.

Weitnauer, K. (1906) 'Ossian in der italienischen Litteratur bis etwa 1832, vorwiegend bei Monti', *Zeitschrift für vergleichende Litteraturgeschichte* N.F. 16: 251-322.

Wimmer, Ruprecht (1987) 'Michael Denis und seine *Ossian*übersetzung', *Literaturwissenschaftliches Jahrbuch* 28: 27-47.

**II – A recepção da Poesia Ossiânica
em Espanha, na América Hispânica,
no Brasil e em Portugal**

A Recepção dos Textos Ossiânicos

GERALD BÄR

Os leitores no estrangeiro tiveram de esperar muito tempo até aparecerem traduções completas de *Ossian* de Macpherson. Todavia, foram publicadas inúmeras traduções e edições de poemas ou excertos em quase todas as línguas, como por exemplo: 1760 em francês; 1762 em holandês e alemão; 1763 em italiano; 1765 em sueco; 1769 em latim; 1773 em finlandês; 1788 em dinamarquês, húngaro, russo e espanhol;... A primeira tradução de um fragmento ossiânico em português – os 41 versos iniciais de *Fingal* – só aparece em 1812 no quarto volume das *Obras Poéticas* de Bocage.

Ossian em Espanha e na América Hispânica

Na sua pesquisa exemplar sobre a recepção dos textos *ossiânicos* em Espanha *Ossián en España* (1974), Isidoro Montiel partilha as conclusões de E. Allison Peers e Juan Valera no sentido de que os poemas tiveram pouco ou nenhum impacto em Espanha (Peers 1925: 121; Valera 1949-58, II: 1201-1202). Considerando que a primeira tradução espanhola das obras por D. José Alonso Ortiz apareceu em 1788¹, a reacção à poesia *ossiânica* pelos vizinhos portugueses foi mais atrasada e as publicações (traduções, imitações, críticas, obras com referências marcadas e não marcadas) ainda mais dispersas e fragmentárias. Várias das explicações dadas por Montiel (1974: 39-40) para esta “escasa repercussion” na sua pátria servem também para caracterizar a recepção portuguesa: a tenaz resistência do pensamento dominante do Neo-Classicismo literário perante os novos conceitos pré-românticos, o medo geral das ideias relacionadas com a Revolução Francesa e a ameaça da sua infiltração através da literatura estrangeira e finalmente, a ausência da crença cristã e de Deus no mundo pagão de Ossian.

¹ *Obras de Ossian poeta del siglo tercero en las montañas de Escocia. Traducidas del idioma y verso gálico-celtico por el célebre Jaime Macpherson; y del Inglés á la prosa y verso castellano por el lic. D. Joseph Alonso Ortiz, Valladolid, 1788.*

Todavia, em Madrid o ex-jesuíta Pedro Montengón y Paret (1745-1824) publicou *Fingal y Temora, poemas épicos* (1800) em verso castelhano, utilizando a versão italiana de Cesarotti. Neste volume que foi intencionado ser o tomo primeiro encontram-se, além do texto de Fingal, as traduções do prólogo e da dissertação sobre a autenticidade dos poemas de Macpherson e do prefácio do tradutor italiano. O segundo volume nunca foi impresso.

Além de textos de Molière e Rousseau, o Abade José Marchena Ruiz de Cueto (1768-1821) também traduziu seis fragmentos ossiânicos para a revista *Variiedades de Ciências, Literatura y Artes* (Madrid, 1804).

Montiel detecta a influência do Bardo na poesia pré-romântica espanhola e dedica um capítulo a Ossian no teatro romântico (cf. Montiel, 1974, 98-105): Nicasio Gallego (1777-1853) foi buscar o melhor actor espanhol para levar ao palco a peça *Óscar, Hijo de Osian*, tragédia francesa que tinha traduzido (Teatro del Príncipe, Madrid, 1811).

Os cantos de Ossian foram instrumentalizados para servirem a causa patriótica durante a Guerra da Independência, nomeadamente nas obras poéticas do Duque de Rivas (1791-1865) e de Cristóbal de Beña (1777-1833); o seu estilo foi imitado na poesia de Espronceda (1808-1842) e Garcia Gutiérrez (1813-1884).

No seu poema “Oscar y Malvina” Espronceda anuncia no subtítulo que se trata de uma “Imitacion del Estilo de Osian” (A tale of the times of old), e o entusiasmo do poeta pelo tema revela-se logo nas primeiras linhas: “Magnífico Morven, se alza tu frente / De sempiterna nieve coronada” (Espronceda, 1870, 48).

Tanto o hino “Al Sol” como o poema “El Combate” evocam os cenários mais característicos das obras ossiânicas:

Cairvar yace adormido
Y tiene junto á sí lanza y escudo,
Y relumbra su yelmo
Claro á la llamarada reluciente
De un tronco carcomido, ... (Espronceda 1870: 51)

Mas também há vestígios e reflexos na prosa, na sátira e na crítica do romantismo espanhol e até em obras pós-românticas, como, por exemplo, de Gustavo Adolfo Bécquer (1836-1870), Gumersindo Laverde Ruiz (1835-1890) e Eduardo Pondal (1835-1917).

Contudo, nunca foram publicadas as poesias completas atribuídas ao Bardo. Só em 1880 apareceu anonimamente uma tradução em prosa que reuniu mais poemas ossiânicos (embora ainda incompleta e baseada na versão francesa de Christian Pitois): *Ossián, bardo del siglo III. Poemas gaélicos*, Madrid, Imprenta de Enrique Teodoro. Segundo Montiel o tradutor deveria ter sido Ángel Lasso de la Vega y Argüelles (1831-1899) que, em 1883, publicou uma edição semelhante em verso: *Ossián, bardo del siglo III. Poemas Gaélicos*, Traducción en verso de D. Ángel Lasso de la Vega, Madrid, Imp. y Lit. de la Biblioteca Universal.

Publicadas ya en las postrimerías del siglo XIX, sitúan a su traductor entre los ossiánidas españoles más tardíos, lo que prueba que la influencia de Ossian en España llegó hasta más allá de las generaciones románticas. (Montiel 1974, 217)

Os textos ossiânicos também encontraram uma recepção produtiva na América Hispânica: o cubano José María Heredia (1803-1839) traduziu fragmentos e poemas para o espanhol (por exemplo “Apóstrofe al sol”, “La batalla de Lora”, “La guerra de Inis-Thona”, “Oina-Morul”). Na sua obra *Ocios poéticos* (Bogotá, 1863), o colombiano Lorenzo Maria Lleras incluiu a tradução completa de *Temora*, enquanto o seu compatriota José Joaquín Borda já tinha publicado “Himno al sol (traducido de Ossian)” em 1860. Também o autor equatoriano Juan Montalvo (1832-1889) em *Los siete tratados* (1872) e o poeta uruguaio Juan Zorrilla de San Martín (1857-1931) no poema *Tabaré* (1888) absorveram a influência do Bardo. Na Argentina a recepção de *Ossian*, principalmente através de versões francesas e italianas, foi considerável, como comprova o estudo de Isidoro Montiel, “Ossián en la literatura argentina” (1969): autores como Esteban de Luca (1786-1824), Esteban Echeverría (1805-1851), José Rivera Indarte (1814-1845), Bernardo de Montegudo (1785-1825), José Pedro Crisólogo Mármol (1817-1871), Miguel Cané, filho (1851-1905) e Luís Maria Drago (1859-1921) traduziram, citaram e exploraram as publicações de Macpherson nas suas obras. Segundo Montiel, até o General Tomás Guido (1788-1866) e o Presidente Nicolás Avellaneda (1836-1885) mostraram a sua admiração pelo Bardo nos seus discursos e conferências (cf.: Montiel 1974, 33).

Ossian no Brasil

Naturalmente, a fascinação pelo Bardo deixou marcas na literatura brasileira como comprovam o artigo de Eugênio Gomes “Ossian no Brasil” publicado no *Correio da Manhã*, (Rio de Janeiro, 29 de Março, 1.º Caderno, 1958) e o estudo imprescindível *Ossian no Brasil* de Ofir Bergemann de Aguiar (1999).

Em vários estudos² Aguiar aborda o fenómeno tanto da perspectiva translitológica (“O ossian-macphersoniano – um caso de pseudotradução”) como de recepção, analisando traduções de poemas ou fragmentos por José Bonifácio de Andrada e Silva (1825), Francisco Otaviano (1843), Ferreira de Menezes (1863), Fagundes Varela (1865), Eugênio Gomes (1956) e José Paulo Pães (1983):

Menções ou epígrafes referentes a Ossian ou à sua obra – pois mesmo após a polémica sobre a autenticidade dos poemas considerou-se, na História da Literatura Universal, o bardo gaélico o autor das composições – estão presentes nos escritos de Álvares de Azevedo, Castro Alves e Machado de Assis. Ademais, quase todo poeta romântico compôs invocações aos astros e descreveu uma paisagem nebulosa e fúnebre, assim como o índio brasileiro inspirou prosa e versos a exemplo do celta primitivo em obras como as de Junqueira Freire, Gonçalves Dias e José de Alencar. E ainda em outros domínios Ossian marcou presença. Em *Retrato do Brasil*, Paulo Prado relaciona o bardo a assuntos políticos. Oscar, o filho de Ossian, peça francesa traduzida por Gonçalves de Magalhães, trouxe Ossian para o teatro, alcançando sucesso notável com a encenação do célebre João Caetano. (Aguiar 1996a, 275)

José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838), “o patriarca da independência”³, poderá ter sido um poeta menos proeminente, mas foi um importante mediador do (pré-)romantismo inglês. Formado em Universidades de vários países europeus

² Aguiar, Ofir Bergemann de (1999) *Ossian no Brasil* (1996) “Mediação do Francês em Traduções do Inglês” (1996) “Pseudotradução como Objeto dos Estudos Descritivos de Tradução: um Caso”.

³ Cf. Neiva, Venâncio F. (1938) *José Bonifácio: O Patriarca da Independência*, Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti; Peixoto, Afrânio e Alves, Constâncio (org.) (1920) *José Bonifácio (O Velho e o Moço)*. *Antologia Brasileira*, Paris/Lisboa: Livraria Aillaud e Bertrand.

(Portugal, França, Alemanha), este tradutor de Young e *Ossian*, apreciava também as obras de Rousseau, Byron e Scott. Uma vez que já menciona Ossian e Fingal na sua “Ode à Poesia”⁴, escrito em 1785, é possível que José Bonifácio tenha sido o primeiro a traduzir *Ossian* para a língua portuguesa, embora o “RESTO DE UMA TRADUÇÃO DE OSSIÃ” só tenha surgido em 1825 em Bordéus nas *Poesias Avulsas de Américo Elísio* (pseudónimo). As primeiras linhas do texto escolhido divulgam a imagem distintiva associada com o bardo:

Ao pé de alto rochedo alcantilado
 No cume da montanha,
 Debaixo de um carvalho carcomido,
 Ossiã, de Fingal derradeiro filho,
 Já velho, sôbre o musgo repousava.⁵

Este “Resto” de tradução baseia-se no fragmento VIII de *Fragments of Ancient Poetry, collected in the Highlands of Scotland, and translated from the Galic or Erse Language* (Macpherson, 1760). As *Poesias de Américo Elísio* incluem também uma “ODE DE OSSIÃ” que apresenta a temática de solidão, tristeza e morte na forma clássica de ode, utilizando cenário, imagens e argumento das “Songs of Selma” (espera em vão e lamento de Colma). Também poemas como “Visão” e “O Redivivo” mostram a influência do Bardo.

⁴ “Entre os frios Bretões, e os Celtas duros / Reinaram as Camenas: / De pó, de sangue, de ignomínia cheios / Mostra os vencidos Ossian à Pátria; / E a frente coroando, / Canta os triunfos, canta a própria glória. Qual das aves a mágica harmonia, / Que a primavera canta, / Assim teus feitos, grandes e sublimes, / No dia da vitória hercúleo Fingal, / Teus Bardos celebravam, / E a testa sobrançada desfranzias.” (Peixoto / Alves 1920, 41-42)

⁵ *Obras de José Bonifácio de Andrada E Silva I: Poesias de Américo Elísio*, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional 1946, pp. 85-86.

ODE

DE OSSIÃ

Que triste escuridão! desamparada
Na serra me acho das tormentas: berram
Sôbre seu cume os ventos.
As águas gemem pela penha abaixo;
E contra a chuva asilo não diviso;
Pobre de mim, coitada!

Aqui estou solitária, aqui sentada
Sôbre a rocha musgosa, sobranceira
 À margem da torrente.
Das águas e dos nortes o ruído
Ouço sômente, mas não ouço as vozes
Do doce amigo ausente!

Levanta-te, ó lua, ah! sai da nuvem;
E vós resplandecei, da noite estrêlas!
 Talvez clarão benigno
Me poderá mostrar onde repousa
Da caça fatigado o caro amante
 C'os rafeiros ao lado!

Por que não vens a mim, ó meu querido?
Ah! por que tarda da colina o filho
 Em cumprir a promessa?
Eis a árvore é esta; eis o regato...
Devias aqui estar antes da noite:
 Assim mo prometeste.

Ó vento, pára um pouco! e tu suspende,
 Regato, o teu rumor! minha voz se ouça
 Pela verde planície,
 E do meu caçador fira os ouvidos.
 Quem por ti brada, quem por ti suspira,
 Eu sou, meu caro amante!

Junto da árvore estou, sôbre o penedo
 Assinalado. E por que, ó caro, tardas?
 Ah! ninguém me responde!
 Em vão as águas lá no vale brilham!
 De mim já te esqueceste.

Lá inda ao longe débilmente alveja
 Aquela penha, que o caminho indica
 Que outrora êle seguia. –
 Mas através do cume eu não o vejo,
 Nem os seus cães fiéis e dianteiros!
 Desamparada morro.⁶

No seu estudo *Formação da Literatura Brasileira (Momentos Decisivos)* (1959) Antonio Candido consta a influência do Bardo na geração pré-romântica francófila:

... os Tauny, Corbière, Monglave, Denis, Gavet e Boucher formam um autêntico pré-romantismo franco-brasileiro. As suas obras foram certamente conhecidas da juventude que se formava depois da Independência, fornecendo sugestões para a exploração literária dos temas locais, que dignificavam por uma espécie de chancela européia, sempre necessária às nossas iniciativas intelectuais e artísticas. Alguns dêles são clássicos retardados; outros, românticos. Todos trazem, porém, as tonalidades renovadores de Ossian, de Chateaubriand, do exotismo literário, da melancolia, da valorização da América, ‘onovo universo onde recomeça o género humano’. (Candido 1959, I: 283)

⁶ *Obras de José Bonifácio de Andrada e Silva I: Poesias de Américo Elísio*, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional 1946, pp. 62-63.

Principalmente os *Idílios Brasileiros*, escritos em latim por Théodore Taunay, com tradução francesa paralela de seu irmão Félix Émile (1830), citam tanto Young como Ossian, e parafraseiam Southey. Estes poemas mencionam a missão de José Bonifácio, as vantagens da vida agreste e o encanto da natureza, embora estejam ainda na tradição neoclássica. A imitação de modelos literários franceses no Brasil durará até a Segunda Guerra Mundial, quando se intensifica a recepção productiva de textos norte-americanos. Durante o romantismo a utilização de versões francesas como fonte de traduções dos poemas ossiânicos, de Klopstock, Gessner, Goethe, Schiller, Heine, Byron e de Oscar Wilde foi prática corrente.

A melancolia das composições originais do tradutor de Homero, Virgílio e Voltaire, Manoel Odorico Mendes (1799-1864), entre elas, o “Hino à tarde” (1832), já deixa o leitor com reminiscências ossiânicas.

Em 1838, João Caetano encenou a peça de teatro *Oscar, o filho de Ossian* no Rio de Janeiro. Esta tragédia em cinco actos, escrita por Antoine Vincent Arnault (*Oscar, fils de Ossian*, 1796), teve um grande sucesso nos palcos franceses e também no Brasil.⁷ Foi traduzida por Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811-1882), cuja obra *Suspiros poéticos e saudades* (Paris, 1836) marcou o início do romantismo brasileiro.

Na poesia romântica de Antônio Gonçalves Dias (1823-1864), apreciada por Alexandre Herculano na *Revista Universal Lisbonense* (ano 1847-1848, vol. VII, p. 5), encontram-se indubitavelmente vestígios de *Ossian*. No “Canto inaugural” dos *Segundos Cantos* (1848) é-lhe atribuída origem irlandesa (“o cego Bardo / Da verde Erin”). Mas principalmente o tom melancólico e fúnebre faz lembrar a voz de Morven:

Não peças ao bardo, que afflicto suspira,
 Uns cantos alegres de meigo trovar;
 À lyra quebrada só restam gemidos,
 Ao bardo traído só resta chorar.
 (De “Que me pedes”, A. Gonçalves Dias 1857, 578)

⁷ A estátua de Oscar, esculpida por Francisco Manuel Chaves Pinheiro, em frente do Teatro João Caetano no Rio de Janeiro é testemunha deste sucesso.

Citando Shakespeare, Byron, Wieland, Schiller e Lamartine, entre outros, Gonçalves Dias evoca cenas de tempestade, de lamento pela juventude que passou, de luto pela morte prematura da pessoa amada e da morte do próprio sujeito lírico, como em “O Meu Sepulchro”. Já Eugênio Gomes (1958a), que também publicou o estudo *Shakespeare no Brasil* (1961), e Ofir Bergemann de Aguiar (1999, 72-78) notaram a influência ossiânica neste poeta maranhense (cf.: “Hino à lua”, “Hino à tempestade”, “Os timbiras”). Comparando os textos com “Dar-thula”, “The songs of Selma” e “Carthon”, Aguiar chega à conclusão de que os “maiores vestígios ossiânicos em Gonçalves Dias” se encontram no pema em dezasseis cantos “Os timbiras” (1857), dos quais só quatro foram publicados.

Tal como um exemplo da literatura nacional norte-americana⁸, as suas “Poezias Americanas” tentam definir o carácter nacional Brasileiro, utilizando elementos ossiânicos. O tom e alguns *topoi* em “O Canto do Guerreiro”, “O Canto do Piága”, “Debrecação”, “Tabyra” e “Canção do Tamoyo” são recorrentes na poesia bárdica⁹:

Teu grito de guerra
 Retumbe aos ouvidos
 D’imigos transidos
 Por vil commoção;
 E tremão d’ouvil-o
 Peor que o sibilo
 Das setas ligeiras,
 Peor que o trovão.
 [...]
 E cae como o tronco
 Do raio tocado, ... (Gonçalves Dias 1857, 467-468)

⁸ Cf. Fridén, Georg (1949) *James Fenimore Cooper and Ossian*, (S.B. Liljegren (ed.), *Essays and Studies on American Language and Literature*, VIII), Upsala: A.-B. Lundequistska Bokhandeln e Cambridge, Mass.: Harvard Univ. Press.

⁹ Cf. a descrição da batalha e dos heróis (“A onça raivosa / Meos passos conhece, O imigo estremece” / “O Canto do Guerreiro”, 6) e (“Insepultos na terra inclemente / Muitos dormem” / “Tabyra”, 245); a tristeza e o luto em “Canção do Tamoyo”.

No seu poema “A Gonçalves Dias” (Bilac 1905, 15), Olavo Bilac (1865-1918) elogia esta estetização das “grandes tribus”, da “guerra bruta”, do “kanitar indiano”, cujo objectivo (“eternizando o povo americano”) adopta em “A Morte de Tapyr” (1888). Este tardio tributo poético ao ‘indianismo’ termina com um tom elegíaco, evocando imagens da solidão do Bardo: “As poracés selvagens, / As guerras e os festins, tudo passou! É finda / Toda a raça dos teus ... só tu és vivo ainda!” (Bilac, 1905, 14)

O ambiente melancólico e fúnebre predomina também na *Lisia Poética ou Collecção de Poesias Modernas de Auctores Portuguezes publicada por José Ferreira Monteiro* (Rio de Janeiro, 1848). Tirados de jornais literários portugueses dos anos quarenta com pouca divulgação no Rio de Janeiro, poemas como “Uma Noite Dos Fieis Defuntos” (A. Perreira da Cunha), “O Lamentar Do Bardo” (F.M. Bordallo), “A Minha Musa. Ruínas” (José da Silva Mendes Leal Junior) ou “O Meu Tumulo” (João de Lemos Seixas Castello-Branco) teriam influenciado o gosto da nova geração de poetas brasileiros¹⁰.

Álvares de Azevedo (1831-1852) menciona o “bardo-rei de Morven” em discursos, refere as “grutas de Fingal” no “poema do frade” (1855) e a “poesia nebulosa e Ossianica” do “bardo sublime” no prefácio do poema épico “O Conde Lopo” (1886). Também utiliza uma citação de *Ossian* para definir o estilo do seu poema “CREPÚSCULO NAS MONTANHAS” publicado postumamente na *Lira dos Vinte Anos* (1853):

Pálida estrêla, casto olhar da noite,
diamante luminoso na fronte azul do
crepúsculo, o que vês na planície?
Ossian¹¹

¹⁰ No poema “A Religião. Meditação” de José Maria D’Almeida Teixeira de Queiroz em vez do mundo pagão ossiânico encontramos “O místico cantar d’um Bardo crente”, embora o tom dos cantos seja semelhante: “É só real a morte! - à paz da tumba / Ir-vos-heis descançar talvez em breve, / - Talvez em breve - e o Bardo. / Passae, sonhos da vida, illusões d’alma! / Consolo ao triste n’hora d’infortunios / É a pedra do tumulo.” (J.F. Monteiro (ed.) *Lisia Poetica*, 1848, 66)

¹¹ De: “Songs of Selma”. Azevedo provavelmente citou uma trad. francesa, como a de Christian, evocada por H.P.: “Blanche étoile, chaste regard de la nuit, diamant lumineux au front azur du crépuscule, que vois-tu dans la plaine?” (Citação ossiânica e comentário dos editores em Álvares de Azevedo, *Poesias Completas*, São Paulo: Edição Saraiva 1962, p. 82).

“Idéias Íntimas”, fragmento de um poema na segunda parte da *Lira dos Vinte Anos* (1853) é precedido por uma citação de Lamartine que adorava *Ossian*:

IDÉIAS ÍNTIMAS

(Fragmento)

Ossian o bardo é triste como a sombra
 Que seus cantos povoa. O Lamartine
 É monótono e belo como a noite,
 Como a lua no mar e o som das ondas...
 Mas pranteia uma eterna monodia,
 Tem na lira do génio uma só corda,...¹²

Nas suas “Observações sôbre o romance de José de Alencar” Pedro Dantas só menciona Chateaubriand (estilo, americanismo) e Walter Scott (historicismo, técnica) como fontes literárias do escritor brasileiro, associando ainda James Fenimore Cooper e George Sand (cf.: Hollanda 1952, 83). Mas vários outros críticos repararam que José Martiniano de Alencar (1829-1877) tinha também emprestado de Homero e *Ossian* para escrever o ‘poema nacional’ *Iracema* (1865) (cf.: Aguiar 1999, 83-93). Estabelecendo analogias entre as obras, o ensaio “Alencar e Ossian” (Eugênio Gomes 1958)¹³ confirma esta atracção intensa que Aguiar já constata nas “Cartas sobre a Confederação dos Tamoios”, escritas em 1856. Certamente, *Ossian* e as tradições gaélicas serviram como um dos modelos utilizados por Alencar, para descrever um povo primitivo em seguimento de ideias que Rousseau desenvolveu sobre o bom selvagem. Também nos retratos

Jobim (1998) refere citações de *Ossian* em “Idéias Íntimas” de Álvares Azevedo e no poema “A morte de *Ossian*” de M. Odorico Mendes. Ver também: Gomes (1958a, 9, 12) (1958b) (sobre a influência de *Ossian* na obra de José de Alencar), Henriques (1998) e Aguiar (1999).

¹² Álvares de Azevedo (1958) *Poesias Completas*, São Paulo: Edição Saraiva, 1962, p. 170.

¹³ Eugênio Gomes, “Alencar e *Ossian*”, in E. Gomes, *Visões e revisões*, Rio de Janeiro: MEC/INL., pp. 210-217.

de personagens consegue-se encontrar paralelos com Fingal e os seus guerreiros eticamente impecáveis.

As observações feitas por Georg Fridén em *James Fenimore Cooper and Ossian* (1949) sobre a influência do Romantismo Europeu na obra paradigmática Norte-Americana são igualmente elucidativas para o ‘indianismo’ brasileiro:

In his Indian romances he did not follow the literary tradition of earlier Indian novels, nor did he give a realistic picture of a primitive people. His Indians are idealized; they are related to Scott’s clan chieftains, Byron’s pirates, and *Ossian’s* Celtic heroes; all these figures are but phases of the same romantic movement. Cooper saw his Indians in the light of romantic idealism. They were to him the representatives of a dying race whose days of glory and grandeur were gone for ever. He saw them with the same eyes as Macpherson had seen his Celtic heroes in *Ossian*; these are the remnants of a proud and free people now doomed to destruction by implacable fate, and therefore fit to take their place in the world of romance. The general atmosphere in Cooper and *Ossian* is very much alike. The metaphorical language of Cooper’s Indians and Macpherson’s Celtic bards is intimately associated with the romantic atmosphere of the works. Cooper’s Indian rhetoric is a poetic creation and not the speech of living men. There is a striking resemblance between Cooper’s Indian novels and *Ossian* as far as metaphorical language is concerned. Cooper’s heroes, in addition, are similar to *Ossian’s* in their general outlook on life. (Fridén 1949, 56)

Além deste ‘indianismo’, aparecem em *Iracema* aspectos formais tão características das publicações pré-românticas de Macpherson: muitas notas explicativas e comentários. O romance *Ubirajara* (1875), que Alencar na advertência considera “irmão de *Iracema*”, segue os mesmos padrões: pede a compreensão do leitor pela “magnanimidade que resumbra no drama selvagem”, exigindo cautela e espírito crítico na leitura das obras de historiadores, cronistas e viajantes do período colonial: “Como admitir que bárbaros, quaes nos pintaram os indigenas, brutos e canibaes, antes feras que homens, fôssem suscetíveis dêsses brios nativos que realçam a dignidade do rei da criação?” (Alencar 1960, III: 327)

Verdadeiramente Macphersoniano são os conceitos que determinam a sua narrativa: “As coisas mais poéticas, os traços mais generosos e cavalheirescos do caráter

dos selvagens, os sentimentos mais nobres dêsses filhos da natureza, ...” (Alencar 1960, III: 328)

Não surpreende que a descrição do protagonista Jaguarê faça lembrar a figura de Fingal nos seus dias áureos. Também a postura feminina da “formosa virgem” Araci assemelha a das tristes donzelas de Morven: “Quando o guerreiro desapareceu na floresta, Aracy caminhou para a cabana do esposo, que ficara triste e solitária. A virgem fechou a porta; sentou-se na soleira, e cantou sua tristeza.” (Alencar 1960, III: 391)

Reminiscências ossiânicas surgem, quando os “cantores entoaram o seu louvor” (396), ou quando os “anciãos” se sentaram “em torno do guerreiro cego:

- O grande arco da nação carece de uma mão robusta para brandir sua corda, e de um ôlho seguro para dirigir sua seta. Itaquê é o maior guerreiro das florestas; seu nome faz tremer os mais valentes dos inimigos; seu braço fere como o raio. Mas a luz fugiu se seus olhos e êle não pode mais abrir o caminho da guerra. (Alencar 1960, III: 397)

Cenário, configurações, estilo e vocabulário escolhido ecoam às bem conhecidas narrativas de *Ossian* e Chateaubriand cuja obra *Les Natchez* (1827) – também influenciado pelo Bardo – impressionou Alencar (cf.: “Cartas sobre a Confederação dos Tamoios”).

Além disso, o reflexo de *Ossian* é notável nos poemas “Niterói (Lenda do Rio de Janeiro)” de 1870 e “Primeira Saudade (Graziela)”, em que a morte prematura e o túmulo esquecido fazem lembrar os destinos dos heróis de Morven:

O viajante que passa,
Talvez distraído e lento,
Nem sequer reparo faça
Numa lápida esquecida
Por entre a urze escondida. (Alencar 1960, IV: 626)

Francisco Octaviano de Almeida Rosa (1825-1889) foi menos conhecido como poeta do que como tradutor de Horácio, Catulo, Alfieri, Shelley, Moore, Musset, Hugo, Goethe, Schiller e Uhland. Em 1872 publicou a tradução *Os Cantos de Selma* numa edição de sete exemplares no Rio de Janeiro (para J. de Alencar, Salvador de

Mendonça e Henrique Brown, entre outros). A segunda edição aparece em 1910 na *Revista da Academia Brasileira de Letras* (vol. 1.º, pp. 324-337) com uma pequena introdução, na qual o editor Salvador de Mendonça (um dos sete destinatários da primeira edição) cita F. Octaviano, lembrando a polémica acerca de Homero e Ossian, contestando as dúvidas relativas à sua autenticidade:

A crítica moderna pôz em duvida a personalidade de ambos os poetas, o grego e o celta. Teriam elles dado o nome apenas ao complexo de uma literatura, ou existiram realmente como genios criadores? Mau grado os celebres *Prolegomenos* de Wolf, pretendendo demonstrar que a epopéa grega fora um trabalho coletivo; mau grado a contestação do Dr. Johnson á autenticidade dos canticos ersas ou gaélicos de Mac Pherson (*sic*), não posso arrancar de minha alma a crença profunda na existencia real e no enjenho divino do vate da Grecia e do bardo da Caledonia. (Octaviano/Mendonça 1910, 323)

Possivelmente a tradução de Octaviano foi inspirada pela “ode” de José Bonifácio e parece ter sido elaborada no mesmo ano, que o seu texto, incluído no prefácio do editor, datado “S. Paulo, 10 de Novembro de 1843”. (cf. Aguiar 1996b, 179)

Este texto destaca o valor poético dos *Cantos de Selma*, intimando a autoridade de Cesarotti e Chateaubriand:

Os *Cantos de Selma* (ou melhor *Os cantares em Selma*¹⁴) mereceram, mais do que as outras produções de Ossian, o culto de todas as muzas européas. São, no dizer de Cesaratti (*sic*), o ilustre tradutor italiano, “o mais fino perfume de poezia nativa”, e no pensar do autor dos *Martires* “despertam, nas noites melancólicas da velhice, saudades da juventude rizonha”. “O sábio brasileiro e distinto poeta, o venerável José Bonifácio, empreendera vertel-os para a lingua de Camões. Desse trabalho somente publicou a bellissima ode que se encontra no seu mimozo livrinho de poezias, impresso em Bordéus. “A muza do Brazil parecia

¹⁴ “No ersa ou gaélico Selma (Bela Vista) era o palácio de Fingal, rei de Nórven (*sic*); Ullin quer dizer irlandez; Colma, dama de belos cabelos; Sálgar, caçador; Morar, homem de força, e Cárмор, homem de feições queimadas.” (Nota de roda-pé, Octaviano/Mendonça 1910, 323)

ter esquecido os cantos de Selma para não avivar lembranças de um desterro injusto. Já será tempo de despertar-lhe a memória? Não repelirá desdenhoza o meu reclamo? (Octaviano/Mendonça 1910, 323)

Seja como for, o despertar da memória não resultou; ainda hoje não existe uma edição dos Poemas de Ossian na língua de Camões. Em relação à tradução de Octaviano, Mendonça certifica uma certa congenialidade com a poesia Ossiânica, cuja originalidade, na opinião do editor, já alcançou um estatuto clássico, comparável com *Childe Harold* de Byron:

... o éco encantador dessa muzica distante, desferida pelo bardo caledonio, não nos podia chegar melhor aos ouvidos do que acariciado pela voz do poeta brasileiro para quem a arte da palavra não tem segredos, e cuja muza, alcione divina, atravessou os mares com o cantor do *Child*, e foi afinal pouzar nas ruínas do Parthenon onde soletra nos mármore de Fidias a poezia mãe, severa e calma como um olhar olímpico. (Octaviano/Mendonça 1910, 324)

Embora F. Octaviano tenha conhecido a edição de 1807 em língua gaélica com versão latina em face, publicada pela Sociedade Escosseza de Londres, a sua tradução demasiado livre¹⁵ baseia-se numa de Macpherson (Edimburgo, 1814), mas apoia-se na fonte francesa de Christian (1842) (cf.: Aguiar, 1996b, 179-180).

Na sua obra *Flores sem cheiro*, publicada em 1863, José Inácio Gomes Ferreira de Menezes (1845-1881) incluiu traduções de Byron, Schiller, Hugo, Millevoye e Chenier, além de duas peças ossiânicas, das quais uma é “Apóstrofe à estrela da tarde” de “Songs of Selma”. Segundo Aguiar (1996b, 181) a versão deste poema “é, não só apoiada, mas totalmente calcada” na tradução francesa de Christian:

¹⁵ O tradutor até introduziu “anjos” (em vez de “the call of the years”), figuras completamente estranhas no mundo pagão de Ossian.

Olhar casto da noite estrela branca,
 Brilhante luminoso, do crepúsculo
 Na fronte azul, o qu'olhas na planície?
 Calou-se o vento; o eco da montanha
 Parece ir-se sumindo; as vagas lambem,
 Plainas e quietas, do rochedo a base!
 De perfumes envoltos vespertinos,
 Volteando às tontas, os insetos enchem
 De enfadonho zumbido os ares mudos!
 Brilhante estrela o que olhas na planície?
 Mas teu doce clarão já desce aos poucos
 P'ras bordas do horizonte!
 Para te receber, banhar-te a argêntea
 Cabelereira, de mar abrem-se em meio
 Prontas as ondas, ó celeste filha!
 Adeus estrela do silêncio amiga;
 Assim em vez do teu, se acenda o fogo
 Do gênio meu ...
 [...]

Cantava assim Minona, cujo rosto
 Simpático rubor então tingia;
 Os nossos corações opressos estavam
 E o nosso pranto lamentava Colma!

Com a harpa em mãos Ullino adiantou-se;
 De novo os cantos repetiu de Alpino!

Era cheia de encanto a voz de Alpino;
 De Ryno a alma era fogo; de ambos mortos
 Não mais em Selma os cantos se escutavam!
 (Ferreira de Menezes (1863) *Flores sem cheiro*, pp. 153-157;
 cit. de Aguiar, 1996b, 181 e 1999, 51)

No seu prefácio para a obra *Cantos e fantasias* (1865) de Luís Nicolau Fagundes Varela (1841-1875) J. de Ferreira de Menezes salienta as “fontes em que tem ido beber o nosso poeta”: “Byron e Goëthe [sic], Victor Hugo e H. Heine, são os seus mais estimados modelos. A outras vezes menos sublimes do que essas, as de Azevedo, Soares de Passos, Junqueira Freire, Musset e H. Moreau, casa êle as suas na mais doce das harmonias.” (Fagundes Varela 1956, 251-252)

Além destes poetas dos quais vários inspirados por Ossian, não faltam Chateaubriand, Béranger, Vigny e Delavigne e ao lado de Dante finalmente “os sonhos de Ossian” são igualmente mencionados (Fagundes Varela 1956, 254).

Já nos “Fragmentos” (*Noturnas*, 1861) o jovem Fagundes Varela tinha conscientemente adoptado o modelo poético do Bardo: “... nos meus sonhos / Ela passava pensativa, - meiga / Como um génio de Óssian; nos meus versos / Seu doce nome ressoava sempre!” (Fagundes Varela 1956, 55)

Em poemas, como “Névoas”, “Sôbre um Túmulo” e “Tristeza” (*Noturnas*, 1861), cria um ambiente comparável ao mundo ossiânico. Em “Predestinação” (1864), poema recitado na Sessão Magna do Culto à Ciência, podem-se constatar outros elementos típicos, por exemplo, a personificação das estrelas, (também em “A Estrela dos Magos”, 1869), a “harpa solitária” (136), o ambiente e a paisagem (também em “Visão”, 1884):

A noite expira; as estrêlas
 Mais sedutoras e belas
 Desmaiam no céu azul;
 Cobre-se a relva de prantos,
 A névoa desdobra os mantos
 Nas montanhas do Friul.
 Tudo é tristonho e silente,
 Mas nas raias do Ocidente
 Um arco-íris fulgente
 Se debruça n’amplidão,
 Enquanto que vacilante
 Nas campinas do Levante
 A lua caminha errante

Com seu pálido clarão.
 É a hora dos mistérios;
 Ao longo dos cemitérios
 Giram fantasmas funéreos,
 Em horrendas monodias; ... (Fagundes Varela 1956, 126)

Sendo o único dos seis tradutores brasileiros que não traduziu “The Songs of Selma”, Fagundes Varela verteu o poema “Calthon and Colmal” (de *Fingal*) no livro terceiro dos *Cantos e Fantasias*.

Aguiar (1999, 60) demonstra que esta tradução de um dos poemas menos conhecidos das publicações de Macpherson também se baseia na tradução francesa de Christan. Intitulado “Colmal Paráfrase Ossiânica”, a versão de Varela salienta o papel da jovem protagonista que salva o amado Calthon disfarçada de guerreiro:

A filha de Duntalmo, airosa e linda,
 Virgem de olhos azuis, louros cabelos,
 Chorava no silêncio a desventura
 De Calthon que prendera-lhe a vontade
 Do ardente amor nos laços feiticeiros.
 Uma noite ela ergueu-se resoluta,
 A formosa Colmal, reveste de aço
 Seu corpo sedutor, agarra a espada
 Que a defunto guerreiro pertencera,
 E, transpondo a prisão do desditoso,
 Quebra-lhe os ferros, mostra-lhe a passagem.
 (Fagundes Varela 1956, 344)

António de Castro Alves (1847-1871), poeta que apelou para a libertação dos escravos (“Vozes de Africa”, “Navio Negreiro”, 1868), caracteriza a poesia ossiânica como “titânica e nebulosa”, “vaga e metafísica”, e menciona neste contexto também um texto (“Dargo”) publicado por John Smith (cf.: “Impressões da leitura das poesias do Sr. A.A. de Mendonça”). Para comprovar a influência do Bardo na obra de Castro Alves, Aguiar (1999, 71-72) cita passagens do prólogo da obra poética *Espumas flutuantes* (1870) e do poema “Poesia e mendicidade” (1870), no qual “O bardo se alevanta / Pega da lira ... canta” e “Vai Ossian mendicante ...” (Peixoto / Alves 1921, 131).

Em “Pedro Ivo”, escrito em 1865, Castro Alves refere-se aos túmulos desconhecidos dos heróis, cujos fantasmas em cavalgada se misturam com as nuvens na tempestade – imagens tão conhecidas de *Ossian* (“Ghosts fly on clouds and ride on the wind” / *Fingal*):

Rebramam os ventos ... Da negra tormenta
 Nos montes de nuvens galopa o corcel ...
 Relincha – troveja ... galgando no espaço
 Mil raios desperta co’as patas revel.
 [...]
 Se passa o trepeiro nas êrmas devesas,
 Caminha medroso, figura-lhe ouvir
 O infrene galope d’Espectro soberbo,
 Com um grito de glória na boca a rugir

Que importa se o tùm’lo ninguém lhe conhece?
 Nem tem epitáfio, nem leito, nem cruz? ...
 Seu túmulo é o peito do vasto universo,
 Do espaço – por cúpula – as conchas azuis! ...
 (*Poetas Românticos Brasileiros I*, 1963, 25 e 32)

Estas contemplações nocturnas, ultra-românticas sobre a solidão e o túmulo, em tom ossiânico, continuam nos poemas do volume *Os Escravos* “A cruz da estrada” (1865), “A visão dos mortos” (1865) e em “Os anjos da meia-noite” (*Espumas flutuantes*, 1870).

Tal como Castro Alves, Álvares de Azevedo e Fagundes Varela, o poeta Junqueira Freire (1832-1855), com o seu ‘indianismo’, faz parte do ultra-romantismo brasileiro. Eugénio Gomes detectou vestígios ossiânicos na sua obra, nomeadamente no poema incompleto “Dertinca”, que Ofir Bergemann de Aguiar comenta:

Ao apresentar os índios no lugar dos celtas primitivos e as selvas em vez das montanhas da Caledónia, Junqueira Freire, assim como Gonçalves Dias e José de Alencar, aproxima-se de Chateaubriand e dos pré-românticos franco-brasileiros, também admiradores de *Ossian* [...] Torna-se difícil, portanto, precisar

até que ponto o conhecimento do bardo de Morven chegou direta ou indiretamente a Freire e aos demais românticos brasileiros. A similaridade mais visível que se observa entre “Dertinca” e os cantos ossianicos é a paisagem tempestuosa. [...] Há também uma apóstrofe à hora do crepúsculo, à semelhança da poesia sideral ossiânica. (Aguiar 1999, 79)

Sem dúvida, e provavelmente devido à sua divulgação através do *Werther* (1774) de Goethe que foi várias vezes traduzido no Brasil, a famosa ‘address to the evening star’ dos “Cantos de Selma” ficou a passagem mais popular de sempre. Até no século XX foram vertidas duas novas versões: “Invocação à estrela Vésper” (Eugênio Gomes, 1956) e “Invocação à estrela da tarde” (José Paulo Paes 1983).

Ossian em Portugal

O Pré-Romantismo Português

No seu estudo *O Pré-Romantismo Português*, Zenóbia Moreira acusa historiadores da literatura Portuguesa de terem negligenciado o período entre 1755 e 1825 no qual “nada de extraordinário acontece na literatura portuguesa” (2000, 131). Frequentemente Moreira cita e critica a obra de Van Tieghem *Le Romantisme dans la littérature européenne*, mas na sua bibliografia não consta o seu *Ossian en France* (2 vols, 1917). Refere-se meramente a uma edição francesa dos *Poemas de Ossian* de 1867 traduzida por P. Christian: *Ossian Barde Du IIIe Siècle – Poemes Gaéliques recueillis par James Mac-*Person** (sic). Contrariamente a Van Tieghem, a autora não leva em consideração o papel da poesia ossiânica na literatura europeia, nem levanta a questão se realmente não deixou marcas nas letras portuguesas. Analisando obras pré-românticas portuguesas e brasileiras, nomeadamente a poesia da natureza com os seus elementos nocturnos e sepulcrais, Moreira só nota a influência de Young, Thomson, Gray, and Hervey.

Todavia, Van Tieghem já tinha alertado para um paralelismo entre Camões e Ossian, na semelhança de motivos como o espectro em *Fingal* (1917, 1: 156) ou no facto de que ambos eram considerados “poetas do mar” (1917, 2: 465) e recomendados para uso nas escolas (1917, 2: 20).

Para Álvaro Manuel Machado o pré-romantismo português é um “produto híbrido”, que apesar de novas influências (cf. Rousseau) não consegue ultrapassar as regras estilísticas tradicionais como, por exemplo, a imitação dos Antigos:

Ora, o período pré-romântico em Portugal é precisamente o contrário desta múltipla tentativa de pureza estética renovadora europeia. Acumulação de lugares-comuns classicizantes com restos de retórica e de barroquismo e exercícios de um estilo pretensamente a imitar por vezes Rousseau, mas um Rousseau transposto para ênfase teatral e provinciana – eis o que predomina de João Xavier de Matos a Bocage. Além de que o nosso pré-romantismo se limitou praticamente ao domínio da poesia, quase nunca ousando transpô-la para, noutros domínios, tentar uma fusão dos géneros que está nas origens mais fundas do romantismo europeu de repercussão universal. [...] Consequentemente, o pouco que resta do pré-romantismo em Portugal com relativo valor universal situa-se apenas nos domínios da teoria literária e sobretudo da poesia. (A. M. Machado 1979, 44-45)

Tendo mencionado os poetas britânicos Thomson, Young, Gray, Burns e Blake como “os grandes precursores ingleses [sic] do romantismo europeu” no seu livro *As origens do Romantismo em Portugal* (1979), Machado encontra também um lugar para *Ossian* na história literária. Embora considerasse *Ossian* uma “grande impostura” concede-lhe o benefício de ter revelado a poesia natural, “primitiva e espontânea”:

Acrescente-se a grande impostura da recolha de poemas da tradição oral escocesa de um pretense *Ossian*, considerado o Homero do Norte, publicada em 1765 por Macpherson (1736-1796), com edição definitiva em 1773, poemas que tiveram mais influência no estrangeiro do que na própria Inglaterra e cuja importância se situa sobretudo no domínio da moda e de uma certa revelação elementar da poesia primitiva e espontânea, numa palavra, ‘natural’, oposta à tradição greco-latina. (A. M. Machado 1979, 32)

Cerca de cem anos mais cedo, o historiador e crítico literário Teóphilo Braga (1843-1924) já tinha admitido o grande impacto que “essa vaga melancholia do genio céltico” teve na Europa. Na sua opinião “esse novo lyrismo” revelou um novo ideal poético e até o debate sobre a autenticidade dos poemas revelou consequências positivas:

N’este tempo os poemas gaelicos do bardo *Ossian*, repassados do aneio pela liberdade e d’essa vaga melancholia do genio celtico, vem descobrir ao

mundo um novo ideal de poesia; Goethe apaixonou-se por esse novo lyrismo, e Napoleão prefere essas narrativas ossianicas às epopêas de Homero. A discussão da autenticidade dos poemas publicados por Mac-Pherson leva a descobrir o problema da concepção da poesia nacional, e influe no lyrismo inglez da escola dos *lakistas*. (Braga 1880, 76)

Todavia, é importante observar as revisões significativas da sua posição relativamente à figura do autor e ao novo ideal poético. As alterações feitas na sua avaliação em 1903, nomeadamente a inclusão das expressões “pretendido bardo” e “seduzir as imaginações”, caracterizam as obras ossiânicas num juízo de valores menos favoráveis:

N’este tempo os poemas gaélicos do pretendido bardo do século VI Ossian, repassados do anseio pela liberdade e de uma vaga melancholia do genio celtico, vem seduzir as imaginações com um novo ideal poetico. (Braga 1903, 28)

Referindo as “interpolações do falsário Nodot” mas ao mesmo tempo elogiando o seu trabalho editorial em *Satyricon* (Petronius), Sampaio Bruno, o contemporâneo de Braga, tinha anteriormente reconhecido o grande mérito de quem juntasse e adaptasse textos fragmentários quando não existisse material autêntico – um método que Braga não aceitava. (Bruno 1886, 4)

O primeiro impulso de apresentar um trabalho sobre a recepção das obras atribuídas a Ossian em Portugal deve ter vindo de Paul van Tieghem, amigo declarado de Figueiredo¹⁶ que na sua *Historia da Litteratura Romantica Portuguesa* (1913) só menciona “Ossian, ou melhor Mac-pherson” (Figueiredo 1913, 164) de passagem, não relacionando, por exemplo, “a melancholia da nuvem” (1913, 158) com o Bardo. Quando fala do “falso Ossian” no 3.º volume da sua *Historia da Litteratura Classica* (Figueiredo 1924, III: 198), já tinha apresentado o breve relatório “Ossian em Portugal” nos volumes 10.º, 11.º, 12.º e 13.º *Revista de Historia*. Nesta série de notas bibliográficas, publicadas entre 1921 e 1924 em turnos com H. de C. Ferreira Lima, Figueiredo lista vários poetas portugueses que traduziram textos ossiânicos, mencionando também o libreto do drama lirico *Fingal* (música: Pedro Antonio Coppola;

¹⁶ No seu ensaio “Shakespeare e Garrett” (1949, 54) Figueiredo refere-se ao “meu falecido amigo Van Tieghem”, que tinha publicado *Ossian en France* em 1917.

texto: Caetano Solito), que foi representado no teatro São Carlos em 1851 e 1864. Existem duas edições bilingues (italiano/português) do libreto dos mesmos anos, o último com retrato do actor principal Pietro Mongini.

O interesse de Figueiredo surgiu após um discurso do crítico e historiador castelhano D. Narciso Alonso Cortés em 1919, no qual afirmou, que a “primeira tentativa de tradução para língua peninsular foi feita pelo frade mexicano, P.^o Augustin de Castro”. Contrário à tradução de Ortiz (1788) esta tentativa ficou incompleta e não se baseava no texto inglês. No seu discurso Cortés menciona as traduções portuguesas de Bocage e Soares de Passos o que faz lembrar a Figueiredo as poesias polémicas de Ossian¹⁷ e como a “influencia directa do supposto bardo gaélico exerceu-se em Portugal pelo romantismo, principalmente sobre Herculano e sobre Soares de Passos”: “*Ossianico* entrou na adjectivação litteraria” (Figueiredo, 1921, X: 74)

No seu estudo “sôbre o Anglo-Germanismo nos Proto-Românticos Portugueses” (1930) Hernâni Cidade compara o impacto de *Ossian* nas literaturas europeias muito favoravelmente com produções de Young, Gray, Hervey, etc.:

Nenhum dêstes poemas, porém, igualou em voga o que compôs a meia mistificação de Macpherson – o estupendo *Ossian*. Que diferença entre a ficção luminosa das écolgas e dos romances pastrais e êste poema! Rudes gigantes desmesurados, todos vibrantes de impetuosidade cavalheiresca, movendo-se ou por entre o retinir das espadas ou ao som da harpa dos bardos; paisagem feita de névoa e luar, povoada dos fantasmas dos guerreiros mortos, que, esparsos nas nuvens, assistem aos combates dos heróis ... (Cidade, 1930, XXXI).

Estas palavras não escondem o entusiasmo do crítico perante o sentimento tipicamente ossiânico do sublime e das “solidões de melancolia”, – admiração baseada exclusivamente no aspecto estético:

¹⁷ “Como é geralmente sabido, os falsos poemas de Ossian, plangentes e lugubres, fóra de toda a disciplina classica, eram devidos a falsificação habilidosa de James Macpherson (1736-1796) e quando se divulgaram tiveram uma repercussão immensa por toda a Europa, cujos melhores poetas, sem se precatarem da falsificação, encontraram nessa poesia elegiaca a cabal expressão da sensibilidade do romantismo.” (Figueiredo 1921, X: 74)

Sonho grandioso o que se desdobra nas páginas deste poema estranho, a lembrar a imaginação imortal daquela mesma alma céltica, que trouxe ao espiritual convívio da Europa medieva os numerosos cavaleiros arturianos e seu mundo de esplêndida e ardente irrealidade. (Cidade 1930, XXXI).

Apesar de tudo, as implicações morais do debate sobre a autenticidade estigmatizaram a poesia ossiânica fora e dentro de Portugal de tal maneira que a maioria dos críticos não reconheceu a sua importância num contexto mais abrangente da história literária. Para António José Saraiva, Ossian é simplesmente “o suposto bardo celta engendrado pela fantasia de Macpherson” (Saraiva / Lopes 1966, 714). Em *Perspectiva do Romantismo Português* (1971) de Alberto Ferreira o bardo nem merece comentário.

Tal como na *História da Literatura Portuguesa* (Saraiva / Lopes 1966, 664), Carlos Reis também considera Ossian uma “falsificação” e Macpherson o produtor destes textos “forjados” (Reis 1995, 139). Contudo sublinha que estas “famosas mistificações” tiveram consequências “na formação do Romantismo europeu”:

Naquela que foi uma das mais famosas mistificações de toda a história da literatura, Macpherson forjou e publicou, entre 1760 e 1763, textos que apresentou como tradução de poemas do bardo gaélico Ossian, poeta lendário que teria vivido no século III; a fraude (e a sua descoberta) não impediu que aqueles textos apócrifos tivessem assinalável repercussão na formação do Romantismo europeu. (Reis 1995, 423)

Na *Enciclopédia do Romantismo* de Francis Claudon, publicado na tradução portuguesa em 1986, esta repercussão já tinha sido confirmada através de várias referências a quadros de Ingres (11), Girodet (39), Gérard (42), Abildgaard (57) e autores europeus românticos (incluindo Goethe) (222). Afirmando a “fraude literária” (222) de “Ossian (quer dizer, de Macpherson)” (179), o autor alerta a sua recepção produtiva:

O ossianismo foi uma verdadeira moda, que exerceu uma influência muito maior na génese do romantismo europeu do que o próprio Ossian ou Macpherson. (Claudon 1986, 222)

No *Dicionário do Romantismo Literário Português* (1997, 269), Lopes continua a focar a “fraude grosseira”. Esta associação junto com a subentendida desonestidade intencional de Macpherson torna difícil a aceitação do seu produto literário como modelo para uma possível redefinição da poesia do Romantismo¹⁸ no campo estético.

A Recepção tardia de Ossian

As causas para a recepção tardia de *Ossian* em Portugal são ligadas ao atraso do Romantismo: o gosto e a produção literários estavam determinados pela cultura católica e pelos ideais estéticos do Neo-Classicismo francês na Corte de D. Maria I: “A palavra *imitação* resume a *synthese* historica da litteratura portugueza.” (Braga 1880, 85)

A leitura de livros franceses “era geral”, “pensava-se em francês” – o próprio Garrett, que só aprendeu alemão por volta de 1834 (e imperfeitamente), citava e comentava Schlegel, em 1822, através de uma tradução francesa. Só pela revelação do espírito alemão na obra de Mme de Staël *Sur L'Allemagne* e do seu duplo português, Marquesa de Alorna, a literatura e filosofia anglo-germânicas tornaram-se mais interessantes.

Novas ideias subversivas que poderiam ter surgido da guerra de independência Norte-Americana e da Revolução Francesa e o seu debate intelectual foram oprimidas. Em 1778, depois de ter sido interrogado pela inquisição, o poeta e matemático José Anastácio da Cunha (1744-87) foi denunciado e condenado por ter adoptado os “erros de Deísmo, Tolerantismo e Indiferentismo”. Tal como no caso de Filinto Elysio (1734-1819), que fugiu para a Holanda, a leitura, as traduções e a posse de obras estrangeiras (de autores como Voltaire e Pope) foram suficientes para incriminarem J. A. da Cunha. Na sua *Portugiesische Grammatik* (1778) J. A. von Jung explica a existência de poucas traduções portuguesas de obras clássicas latinas com o perigo de se expressar sobre deuses pagãos¹⁹. A Real Mesa Censória proibiu

¹⁸ A noção do papel eminente de *Ossian* naquela época não escapou ao germanista Olívio José Caeiro, que no seu estudo *O Diário de Platen-Hallermünde* (1968) menciona a importância do Bardo tanto para o alemão August von Platen como para o suíço Albrecht von Haller (Caeiro 1968, 72).

¹⁹ “... wenige lateinische Dichter commentirt oder übersetzt; [...] Bei allem Protestiren scheint es doch bedenklich zu sein, sich mit den heidnischen Gottheiten der classischen Schriftsteller viel abzugeben.” (Jung 1778, 62)

obras de Locke e Rousseau; até o poema *Die Alpen* (1732) de Haller e o romance *The Vicar of Wakefield* (1766) de Goldsmith foram alvos dos censores escrupulosos da época (cf.: Bastos 1926: 150-155, 288, 329, 330).

Por Teófilo Braga esta censura, o proteccionismo cultural²⁰ e o consequente isolamento político e social são factores determinantes para o atraso do Romantismo português:

Antes da primeira emigração em 1823, o estrangeiro era considerado em Portugal como o *hostis* do mundo antigo; estávamos incommunicáveis com a Europa, com o terror das ideias liberais. Os livros francezes, inglezes ou allemães só entravam como contrabando, e existia a censura prévia para toda e qualquer publicação. [...] O movimento do Romantismo para entrar em Portugal tinha de ser cúmplice com a Revolução; mas quando esta força se revelava como um agente d'ynâmico do corpo social, e como tal capaz de fecundar as creações artisticas, o velho habito portuguez preferiu a estabilidade e aceitou o Romantismo como mais um modelo para exercer a sua imitação. (Braga 1880, 89-90)

Além dos aspectos do Romantismo que foram entendidos como ameaça às estruturas do absolutismo feudal/Catolicismo, a outra explicação dada por Braga pela sua recepção tardia – a tendência inerente da literatura portuguesa de imitar as grandes correntes literárias dos outros povos da Europa – é um veredicto questionável²¹. Contudo verificou-se para o ‘Ultra-Romantismo’ português e as suas produções literárias. Se a imitação do Neo-Classicismo francês impediu em Portugal uma aderência mais cedo ao Romantismo, a perpetuação do mesmo depois

²⁰ Um exemplo da atitude desconfiada do que provém do estrangeiro é o impedimento da expedição científica do Barão de Humboldt à América, ordenado por Dom João VI em 02/06/1800.

²¹ Segundo Maria Alexandra Ambrósio Lopes, a opinião de Teófilo Braga é extremamente contraprodutiva para o processo histórico de encontrar e assumir uma literatura e identidade nacional: ‘Protestantemente exclamativo, arrogantemente alternativo, Teófilo Braga condena os autores por aquilo que foram e escreveram, confrontando depois o leitor com o progresso literário ‘como deveria ter ocorrido’. O processo histórico assume-se, pois, como desilusão.’ (Maria Alexandra Ambrósio Lopes, “We are communal histories, communal books” – Tradução em *Tempo Romântico*”, in Seruya/Moniz 2001, 107)

do seu começo tardio, seguindo modelos estrangeiros²², provocava inevitavelmente mais críticas: “Em Portugal, nunca os escriptores receberam inspiração das tradições nacionaes, por um motivo facil de explicar: porque não tivemos nacionalidade.” (Braga 1880, 86)

A consciência de uma dependência política e cultural que se traduziu na exigência de uma literatura nacional cresceu com a presença prolongada de forças estrangeiras em Portugal. Após a retirada do exército napoleónico (General Junot) em 1807 formou-se a contestação de grandes partes da população portuguesa contra a autoridade militar britânica. Com a família real no Brasil esta resistência tornou-se numa revolução política (Gomes Freire, 1817; Fernandes Tomaz, 1820). Nos anos de guerra civil que se seguiram, surgiram pensamentos democráticos e liberais burgueses que combateram os privilégios da aristocracia e do clero. Foi nesta altura que a literatura portuguesa implementou formas e temas poéticos que já eram muito conhecidos nos Pré-Romantismos e Romantismos Ingleses, Alemães e Franceses. (cf. Pires 1979, 38). Todavia, *Ossian* não foi tão instrumentalizado no contexto político da formação de uma identidade literária nacional como aconteceu em Espanha (cf. Montiel 1974, 111-117).

Ossian no Pré-Romantismo Português

Les poèmes du légendaire barde écossais Ossian, publiés par Macpherson de 1760 à 1763, traduits en français d’abord par Turgot en 1760, puis par Letourneur en 1777, n’arrivent pas à devenir un élément décisif pendant la période préromantique portugaise comme ils l’ont été un peu partout dans le reste de l’Europe. Même pendant la période romantique, Herculano, qui en a été plus attiré, et Garrett font de sérieuses réserves à ce culte nébuleux du légendaire venu du Nord au nom d’un nationalisme rigide et d’un culte du Midi lumineux, ... (A. M. Machado 1986a, 89)

²² “Em geral a poesia da meia idade, singela, romanesca, apaixonada, de uma espécie lírica-romântica que não tem tipo nos poetas antigos, conquanto deixou seu cunho impresso no carácter das línguas e poesias modernas de todo sul e ocidente da Europa, não teve contudo imitadores nem se cultivou e aperfeiçoou nunca mais, quase desde o completo triunfo dos clássicos, senão agora recentemente depois que as baladas de Bürger, os romances poéticos de Sir W. Scott e alguns outros ensaios ingleses e alemães, mas principalmente os do famoso escocês, introduziram este gosto e o fizeram *da moda*.” (Garrett 1963, 47)

Não há nada a acrescentar às afirmações de Machado relativamente ao período do pré-romantismo – tendencialmente subestima a influência de *Ossian* (seja directa ou indirecta) no romantismo português, mas nota a sua presença no ‘Ultra-romantismo’.

Quanto à popularidade, *Ossian* no final do século XVIII em Portugal não parece ter sido um desafio para obras de expressão inglesa como *Night Thoughts* (1742-44) de Young (três traduções diferentes), “Elegy written in a Country Churchyard” (1751) de Gray, ou mais tarde os romances históricos de Walter Scott (dezasseis traduções em Portugal entre 1836 e 1842). A *Gazeta Literaria*, um periódico editado no Porto entre 1761 e 1762 que reclama dar notícias exactas das obras principais impressas na Europa, não menciona as primeiras publicações de Macpherson. Na sua recensão inglesa de “Universal History from the earliest [sic] Account of Time compiled from original writers” (Janeiro de 1762, 21-43) não se refere ao Bardo escocês (*Fragments of Ancient Poetry* foi disponível desde Junho de 1760).

A presença de *Ossian* em Portugal torna-se visível apenas no princípio do século XIX, mediado pela língua francesa. Além de um fragmento de *Fingal* traduzido por Bocage²³ (*Obras Poéticas*, vol. IV, 1812) encontra-se no *Jornal de Coimbra* (Vol.12, 1818, Num. LXIII, Parte II, pp. 83-84) o “Hymno ao Sol” uma versão portuguesa baseada na tradução das “poesias d’Ossian” de Baour-Lormian. Pierre Marie Louis Baour Lormian tinha publicado o seu volume *Ossian, Poésies Galliques* em 1801. Uma vez que na altura não falava inglês, confiou na tradução de Le Tourneur para elaborar uma versão bastante livre em versos que até 1827 atingiu cinco edições. O “Hymne au soleil” é mais uma adaptação da então famosa última parte do poema “Carthon”, publicado em *Fingal*, 1762 e traduzido pela primeira vez para o francês no mesmo ano. Em Portugal, a adaptação classicista de Baour Lormian, incentivada por Napoleão para a glorificação do seu império, foi vertida anonimamente e também impresso em Lisboa.²⁴

²³ Bocage emprega expressões que podem ser derivadas das primeiras edições ou da edição revista de 1765 ou da edição ainda mais revista de 1773. Tendo produzido só traduções do latim e do francês (com a excepção dos poucos versos de *Fingal*), o recurso a edições francesas parece ainda mais provável.

²⁴ “HYMNE AU SOLEIL”, in *Ossian, Barde du Troisième Siecle Poésies Galliques En Vers Français*; Par P.M.L. Baour Lormian, Quatrième Édition, Avec Gravures, Paris: Louis Janet, [1804], pp. 48-49: “Roi du monde et du jour, guerrier aux cheveux d’or, / Quelle main, te couvrant d’une armure enflammée, / Abandonna l’espace à ton rapide essor, / Et traça dans l’azur ta

Em 1813 tinha aparecido um “Hymno ao Sol” bem diferente no *Investigador Portuguez em Inglaterra* (VI, 23: 326-9)²⁵, um periódico editado em Londres, que se encarrega da “defesa e divulgação de talentos nacionais”, tendo no mesmo ano violentamente criticado a *Edinburgh Review* por ter publicado as opiniões “desses ignorantes, e mentirozos viajantes, que tiverão a impudência de escrever á cerca dos habitantes de Portugal, sem nunca passarem de Lisboa” (VIII: 20). Aparentemente Portugal foi descrito pelos “sabios Redactores da Revista de Edinburgh” como “paiz em que ha enxames de assassinos”.

Diversas adaptações portuguesas de literatura inglesa dependeram de traduções francesas – notáveis nas obras de Milton (M. Racine), Pope (M. de Silhouette), Young e Ossian (Le Tourneur). Além da barreira linguística, da censura e do número limitado de livros estrangeiros disponíveis havia outra razão: a falta de intercâmbio e inovação literários. Muitos residentes britânicos em Portugal (como o tio de Robert Southey que tinha uma boa biblioteca) viveram retirados e não eram grandes leitores. Em 1796 “Philistines” foi a palavra escolhida por Southey para criticar os seus compatriotas que

... know much of their own business, [...] very little of the country they live in, and nothing of anything else except cards. [...] He disapproved of the Portuguese, of most of their literature, of the Lisbon English, of “all the mummery of a Catholic Lent”, and, in fact, of Roman Catholicism *en bloc*, finding it foolish, superstitious, bigoted, reactionary, cruel, and obsessed with ‘the diabolical belief in eternal punishment’. (Macaulay 1985, 146-7)²⁶

route accoutumée ? / Nul astre à tes côtés ne lève un front rival ; / Les filles de la nuit à ton éclat pâlisent ; / La lune devant toi fuit d’un pas inégal, / Et ses rayons douteux dans les flots s’engloutissent. ...” Cf.: “HYMNO” ao Sol in Baour-Lormian (1818) Poesias d’Ossian. Lisboa, Imp. Regia (TP, I, 3419), p. 321.).

²⁵ Esta revista publicou várias traduções e artigos sobre poetas pré-Românticos e Românticos (por exemplo Gessner, Schiller e Byron). O “Hymno ao Sol”, escrito por Francisco Xavier Monteiro de Barros que já tinha aparecido previamente no *Jornal de Coimbra* não é ossiânico, mas mostra o tratamento diferente do mesmo tema no espírito do Iluminismo. O artigo contra a *Edinburgh Review* foi impresso no vol. 8, Nov. 1813. Comparar também neste contexto: o poema de Alexandre Braga “Ao Sol” (1854), in *A Grinalda*, 2:134.

²⁶ Segundo Southey o ‘estado das Letras’ estava deplorável: “Literature was almost dead in Portugal”: “Read they will not. Indeed, if they would, they have scarcely a book in their own

Quando Byron visitou a grande biblioteca do convento de Maфра em Julho de 1809, foi questionado, “if the *English* had any books in their country” (Macaulay 1985, 170).

No “Discurso Preliminar” da segunda edição “Correcta, E Augmentada” do seu poema épico *Newton* (1815)²⁷ o erudito José Agostinho de Macedo (1761-1831) enumera as “hiperboreas guerrêas [poesias] de Ossian filho de Fingal” (9-10), entre os “grandes Poemas” da literatura mundial. Mas foi provavelmente a sua precaução filológica que impediu Macedo de incluir estas produções bárdicas no cânone da poesia britânica recorrente nas suas obras. Em *Newton* elogia Bolingbrocke [sic], Adisson [sic], Pope, Bacon, Milton, Locke e Tompson [sic] (103). Também não menciona *Ossian* em *A Meditação* (1812), na qual os heróis-poetas da “Magestosa Albion” são Bacon, Newton, Locke, Milton, Pope e Thomson (153-154). Nem no poema épico *A Natureza*, só publicado em 1846, onde outra vez Newton, Bacon, Milton (o “Britânico Homero”), Pope e Thomson figuram como protagonistas do “Génio Inglês” (7). Estranha-se tanto a falta de admiração por Shakespeare, que aparentemente não foi muito apreciado pelos Pré-Românticos portugueses, como a ausência de referências a *Ossian* nas *Cartas Filosóficas a Attico* (1815) de Macedo. Esperava-se algumas alusões ao mundo do Bardo no contexto predestinado “Sobre o Sublime” (cartas VI e VII), no qual refere a Haller (72), Homero (73), Buchanan (73), Virgílio (74), Pope (74) e ao “Esscocez Blair” (78), que estava intimamente ligado as publicações de Macpherson.

D. Leonor d’Almeida de Portugal Lorena e Lencastre, Marquiza d’Alorna / ‘Alcipe’ (1750-1839)

Outra possibilidade de espalhar a palavra do Bardo escocês em Portugal era inesperadamente – não através da vizinha Espanha, mas através da cultura literária alemã. Na poesia pastoril de ‘Alcipe’ (nome arcadiano de D. Leonor de Almeida

language fit to be read. I would our novel-mongers ... were transported here, and ordered to manufacture trash for the Portuguese. Anything that would teach them to read!” (Macaulay 1985, 158). Todavia, o tradutor escocês de Camões, William Julius Mickle, na sua estadia em Portugal entre 1778 e 1780 foi celebrado e homenageado.

²⁷ A breve nota introdutória da primeira edição de *Newton* (1813) não menciona o Bardo escocês.

de Portugal Lorena e Lencastre) encontram-se cenários ‘nórdicos’ onde a natureza é um sonho de felicidade. Adota temas novos revelados pelas suas leituras. Estas, feitas sob a influência do marido alemão, o Conde de Oeynhausen, assim como por ocasião de uma estada que fez em Viena como embaixatriz, nos anos 80, voltam-se para o domínio germânico. Entre os poetas de expressão alemã, que ela traduziu e imitou encontram-se além de Wieland e Cronegk, ainda Goethe e Bürger, que se têm ocupado muito com *Ossian*; no seu exílio em Londres entre 1803 e 1815 deve ter aprofundado os seus conhecimentos de literatura da expressão inglesa. Foi também a Marquesa quem criou a primeira loja maçónica feminina em Portugal, cujo mais alto grau era designado “eleita sublime escocesa”. ‘Alcipe’, nascida no mesmo ano que Cornelia, a irmã de Goethe, que não conseguiu impor-se como autora, conhecia Mme de Staël (1780 em Paris e 1814 em Londres) com quem seria posteriormente comparada por Alexandre Herculano. No seu elogio na revista *Panorama*, ocasionado pela edição das *Obras Poéticas* da Marquesa de Alorna (1844), Herculano atribui à escritora um espírito inovador e o potencial “para ser uma das mais brilhantes provas contra as vãs pretensões de superioridade excessiva do nosso sexo”, se tiver tido outra pátria:

Como Madame de Staël, ela fazia voltar a atenção da mocidade para a arte da Alemanha, a qual veio dar nova seiva à arte meridional, que vegetava na imitação servil das chamadas letras clássicas, e ainda estas estudadas no transunto infiel da literatura francesa da época de Luís XIV. Foi por isso, e pelo profundo engenho, que, com sobeja razão, se lhe atribuiu o nome de Staël portuguesa. (Herculano 1986, 124)

Entre os autores cuja temática, imagística e expressão estilística se assemelham às de *Ossian* (lamento, sentimentos elegíacos, fúnebres e de saudade, descrições de natureza), ‘Alcipe’ traduziu e imitou Thomson (“Spring” / *The Seasons*), Young (*Night Thoughts*), Gray (*Elegy written on a Country Churchyard*) e Lamartine, este último um grande admirador de *Ossian*. Todavia, segundo Hernâni Cidade, o gosto da Marquesa pela literatura inglesa era bastante selectivo:

Da literature inglêsa, desadora Shakespeare, «doido e grosseiro», que «só os inglêses aturam ... Milton é gigantesco. Todos os mais divertem e instruem menos do que cansam», «a-pesar-de em todos se encontrarem pedaços bons, e alguns

mesmo admiráveis». Mas ao que nela se mantém de moderação e de equilíbrio clássicos, agrada Pope – «o único que parece ter juízo e gosto». (Alorna 1941a, XLI-XLII)

Quando “Darthula, Poema Traduzido ou Imitado de Ossiano” foi publicado postumamente (Alorna 1844, III: 203-229), o editor não sabia decidir se se tratava de uma tradução ou de uma imitação de *Ossian*. Esta obra que ‘Alcipe’ provavelmente tinha escrito no início da sua carreira literária é, de facto, uma tradução, profusamente anotada com informações sobre a história e a mitologia dos Celtas (nove páginas). A autora descreve o carácter nacional do mundo ossiânico como “feliz ajuntamento do valor altivo de um povo sylvestre, e das mais bellas virtudes de uma gente civilisada.” (Alorna 1844, III: 284)

Estas explicações, que não deixam margem de dúvida sobre a autenticidade e autoridade histórica de *Ossian*, são admitidamente (duas referências) adaptadas das dissertações de Macpherson: “Este Bardo celebre vivia antes do estabelecimento da Religião Christã na Escossia, isto é, nos fins do 3.º ou principios do 4.º seculo.” (Alorna 1844, III: 287) Conduzem a conclusões que a vida e as ideias espirituais dos Celtas eram realmente “mui poeticas”, embora a superstição e a crença em fantasmas lançassem “... um colorido melancolico em todas as composições d’Ossiano, que principalmente se recréa em descrever as scenas da noite, demorando-se com prazer nos objectos sombrios e magestosos que apresenta.” (Alorna 1844, 289).

Com as informações fornecidas por Macpherson, ‘Alcipe’ também explica o sistema da tradição oral que supostamente preservou os Cantos durante séculos²⁸.

Provavelmente aludindo a *Werther*, Hernâni Cidade considera os efeitos de “Darthula” na tradução da Marquesa como “novo e poderoso encanto, capaz de fazer rebentar as fontes da emoção, havia tanto obstruídas”:

²⁸ “*Malvina*, a esposa do seu querido Oscar [filho de *Ossian*] não o abandonou jámais. A esta é que elle dirige a maior parte dos seus cânticos, principalmente aquelles em que o valente Oscar desempenha o primeiro papel. *Malvina* aprendia de cór os Poemas d’*Ossiano*, á medida que elle os compunha; e cantava-os ao som da harpa. Depois da morte d’*Ossiano*, os Bardos os aprenderam de *Malvina*; e os recitavam com preferênciã ás suas proprias composições.” (Alorna 1844, 288)

Trazia de novo aquele poema a fraterna convivência das almas e das coisas; a integração permanente numa acção transcendendo as normas do real, numa paisagem a cada passo abrindo perspectivas para o sonho; a infinita melancolia dessas perspectivas, ora cerradas pela bruma fria, ora extáticas sob a algidez do luar, quasi sempre abandonadas da graça de Apolo, o deus da Alegria, mas também da frívola dissipação; e trazia ainda o fresco sabor de novos prazeres da imaginação sensorial, ... (Cidade 1930, LXVII)

Estes elementos inovativos entraram na poesia de ‘Alcipe’, que exerceu uma influência decisiva na formação estética romântica em Portugal. Todavia, Álvaro M. Machado, numa perspectiva positivista observa as suas limitações na oscilação “entre o apego à tradição clássica e a descoberta de poetas pré-românticos e românticos europeus, [que] acaba sempre por privilegiar as fontes clássicas e prolongar o Neoclassicismo setecentista.” (A.M. Machado 1986b, 24)

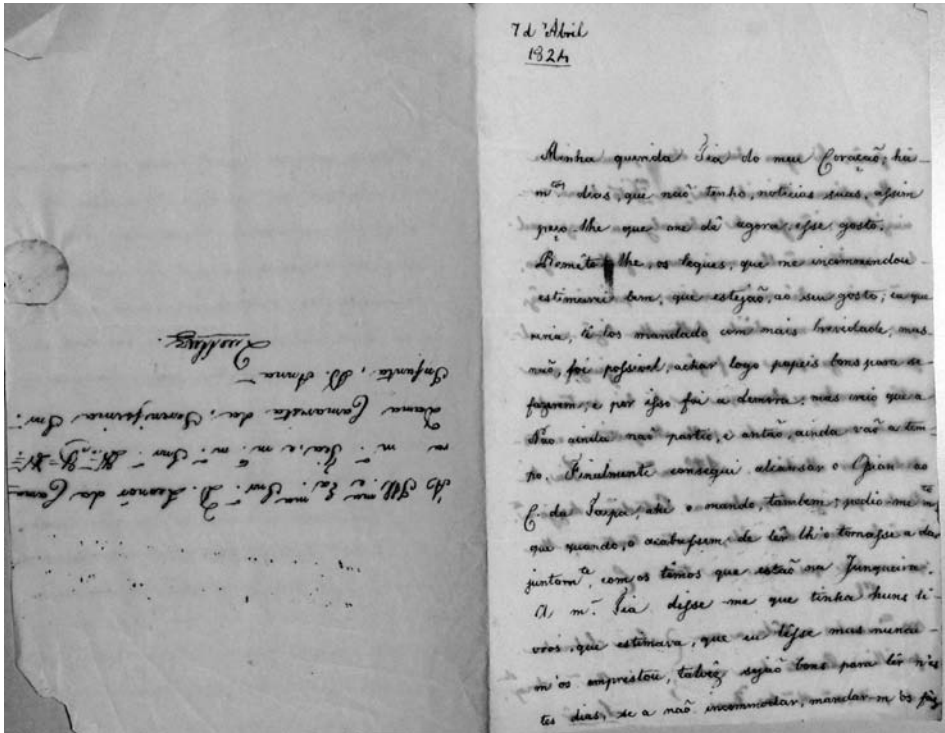
Embora a influência da literatura alemã e inglesa contemporânea seja notável relativamente cedo na obra da Marquesa de Alorna²⁹, Machado implica que o dilema reside na sua aderência a tradição clássica mesmo após da sua descoberta dos poetas pré-românticos e românticos europeus. Esta atitude impediu uma “abertura mais arriscada à poesia romântica europeia”. (A.M. Machado 1986b, 24)

Uma carta não publicada escrita pela neta de Alcipe, Dona Leonor Mascarenhas, a Dona Leonor da Camara, Dama de Rainha Dona Maria II, comprova que as edições de *Ossian* eram ainda raras em Lisboa e apreciadas pela nobreza na Corte. O livro foi emprestado às duas donzelas pelo Conde de Taipa só com algumas reticências e com um aviso delicado de uma rápida devolução:

Finalmente consegui alcançar o *Ossian*, ao Conde da Taipa, ahi o mando também; pedio-me muito que o acabassem de ler lho tornasse a dar juntamente com os tomos que estão na Junqueira.³⁰

²⁹ Cf.: as alusões e os poetas mencionados nas cartas dirigidas ao pai nos anos setenta do século XVIII, in Alorna 1941b, 23-33.

³⁰ Citação de uma carta não publicada, datada de 7 de Abril de 1824, Arquivos dos Condes de Ribeira Grande, com agradecimentos ao Dr. Carlos Bobone que chamou a atenção do autor para esta carta.



Carta escrita pela neta de Alcipe, Dona Leonor Mascarenhas, a Dona Leonor da Camara, Dama de Rainha Dona Maria II, 7 de Abril de 1824 (Facs.)

Manuel Maria Barbosa Du Bocage (1765-1805)

“O Amor e a Morte são os seus numes gémeos”, escreveu Vitorino Nemésio sobre o jovem Bocage, o ‘Elmano’ setubalense. Tal como o seu pai, “um pouco poeta e zombeteiro”, era “leitor das «Noites» de Young” (Nemésio 1949, 67-68) e foram os “tons baços e lúgubres” do Pré-Romantismo inglês que, junto com o estilo arcádico, influenciaram a sua produção poética. Na obra *Bemerkungen auf einer Reise durch Frankreich, Spanien und vorzüglich Portugal* (1801) H. F. Link confirma que na maior parte das suas poesias transparece “um colorido melancólico”.

Na altura do seu encontro com o Lord Beckford em 1794, Bocage, alternadamente grave e fútil, sempre “estranho e versátil”, mostrou-se como “um pálido,

esquisito mancebo”³¹, cujo bom-humor e excentricidade eram como o sol de Inverno: “vinham quando menos se esperava.” Aparentemente conduziu a conversa mais acerca dos ‘corvos bentos’ de Lisboa ou da livraria sumptuosa do Convento dos Caetanos que sobre a literatura em geral ou sobre *Ossian* em particular. Porém, o quarto volume das suas *Obras Poéticas* (1812), editado e prefaciado por J. M. Costa e Silva, inclui um pequeno fragmento traduzido do primeiro livro de *Fingal*. Este “fragmento do poema épico atribuído a Ossian” consiste em 41 versos. Um ano mais tarde aparece novamente no volume *Verdadeiras Inéditas* (1813) com quatro alterações insignificativas na tradução. Segundo Innocencio F. da Silva, a morte de Bocage em 1805 teria impedido a conclusão da tradução. (I. F. da Silva, 1893: XVI, 350)

Obviamente, o breve contacto com a poesia ossiânica não deixou uma impressão duradora nos representantes do Pré-Romantismo português. Relembramos que as traduções tanto de Alcipe como de Bocage, tal como as obras de muitos autores desta época, foram só publicadas postumamente. Embora alguns dos poetas famosos, como José Agostinho de Macedo, que conheceu as obras de Rousseau, Thomson, Young e também *Ossian*, descobrissem a natureza como sujeito lírico, continuaram maioritariamente a escrever num tom descritivo e erudito, insistindo na idealização dos poetas clássicos grego-romanos e do Iluminismo. Sendo assim, o “Britanno Illustre” *Newton* (1813), mereceu a mesma (ou mais) atenção do que Homero, Virgílio, Camões, Tasso ou *Ossian*.

Ossian no princípio da época do Romantismo português

O conceito do ‘Romantismo europeu’, muitas vezes utilizado neste contexto, deve ser utilizado com cuidado, uma vez que as definições desta época literária não são consensuais. Nas várias teorias não existe uma congruência dos Romantismos nacionais; há disparidades cronológicas e diferenças temáticas. Tendencialmente o crítico da tradição anglo-americana data o início do movimento muito mais cedo do que os teóricos literários alemães, que identificam a ironia romântica como elemento inerente e constituinte do Romantismo alemão – componente ausente ou menos destacada nas outras literaturas nacionais da mesma época.

³¹ Cf. Nemésio 1949, 73; Braga 1902, 118-127.

Comparado com outros países europeus, foi relativamente tarde que poetas portugueses empregaram motivos românticos, paisagens ou costumes estranhos. Este atraso do Romantismo português explica-se por um lado como resultado de uma tendência inerente da literatura portuguesa: a imitação das grandes correntes literárias dos outros povos da Europa; por outro lado pelo proteccionismo político e cultural.

As traduções e imitações do Bardo escocês apareceram após a queda de Napoleão, numa altura em que a literatura portuguesa gradualmente começou a adoptar alguns dos elementos característicos e comuns do Romantismo europeu. Distinguem-se: o exotismo, o nacionalismo e o liberalismo. O crescente nacionalismo nos estados formados no início do século XIX intensivou o historicismo, implicando a busca de elementos genuínos da personalidade colectiva na Idade Média. Apoiado em exemplos de Inglaterra, Alemanha, França, Grécia, Rússia, Finlândia, Itália e Espanha, Teófilo Braga salienta sobretudo a formação de uma sensibilidade e consciência pela própria literatura nacional e o seu desenvolvimento. (Braga 1880, 76-84)

Segundo Braga procurou-se na Idade Média o pitoresco do distante no tempo, deformado pela imaginação³², como se encontrou no Novo Mundo e no Oriente o distante no espaço. Para este efeito encontraram vários modelos atraentes nas literaturas europeias que serviram como fontes de inspiração e legitimação durante o tardio Romantismo português de longa duração. Receberam estímulos principalmente das literaturas anglo-germânicas e da francesa, tendo a recepção de muitos textos pré-românticos e românticos coincido sem diferenciação filológica. Entre eles a poesia ossiânica, as baladas de Bürger, o *Werther* (1774) de Goethe – que também era mediador de *Ossian*, tal como Chateaubriand (*Génie du Christianisme* (1802), etc.) e Lamartine (*Méditations Poétiques* (1820), etc.).

Só em 1821 apareceu a primeira tradução portuguesa *Werther: Historia Alemã. Escrita pelo Doutor Goëthe* [sic], que ainda hoje frequentemente é confundido com um produto do Romantismo alemão. Para o seu trabalho o tradutor anónimo utilizou uma versão francesa que ignorou a importância das estrofes melancólicas

³² Braga lamenta, que muitos autores portugueses ao criarem o carácter de uma nacionalidade, “que se não revelava pela historia, desconheceram o valor da *tradição*, e inventaram tradições a capricho, sobre que fizeram romances, dramas e poemas.” (Braga 1880, 86)

das “Songs of Selma” e de “Berrathon” para o desenvolvimento dos temas de amor e de suicídio e como espelho do estado psíquico do protagonista. Omitiu a maior parte destas citações ossiânicas, que encheram várias páginas do texto original. Mesmo assim, os leitores poderiam perceber a enorme influência exercida pelo Bardo através da famosa carta LX escrita por Werther no dia 12 de Outubro³³. Desta forma, o texto da tradução ossiânica que prepara o clímax lacrimoso fica reduzido ao seguinte:

Sobre uma rocha minada pelas ondas salitrosas, solitária a minha filha se queixava. Gemidos penetrantes e frequentes, do agonizante peito lhe escapavam; sendo vedado a um pai, a um pai afflicto voar em seu soccorro. Permaneci toda

³³ “Ossian tem agora no meu coração a primazia sobre Homero. A que mundo me conduz este cantor sublime! Vagar nas planícies dezertas por entre arbustos resoando de toda a parte com o ruído dos ventos impetuosos que assopram em turbilhão, e que sobre nuvens alvacentas conduzem os espiritos de nossos antepassados, que se deixam vêr ao fraco clarão da lua! Ouvir da crista das montanhas os debeis lamentos daquellas sombras errantes, os suspiros que exhalam do fundo das cavernas; e que se confundem com o bramido da torrente rapida e impetuosa; escutar os gemidos, os ais magoados que a juvenil e afflicta donzella, expirando entre angustias, deixa escapar do peito, curvada sobre uma funerea campã coberta de musgo, e como escondida entre a erva nutrida em pranto; monumento da morte gloriosa do guerreiro que a adorava! Quando eu encontro aquelle sublime Bardo encanecido pelos annos, peregrinando, buscando sobre a vasta extensão da planicie os vestigios de seus maiores, e só encontrando, ai! As pedras sepulchraes que cobrem os seus frios restos inanimados; quando elle pranteando, volve os olhos a pálida lua, que se esconde nas enroladas fugitivas ondas do mar, e que a alma deste heroe sente reviver a idéa daquelles tempos venturosos, em que um propicio raio de sua luz allumiava os perigos dos valorosos, e em que o astro prateava o seu baixel decorado com as palmas da victoria; quando eu leio sobre a sua frente a profunda dor que o devora, e vejo este mesmo heroe, o ultimo da sua raça, vacillando em o mais triste abatimento sobre o tumulo; como a fraca presença das sombras de seus avós é para elle uma origem inesgotável de alegria a mais dolorosa e encantadora! Como elle olha attento para a terra fria e para a erva que a cobre, e exclama: “O passageiro, que me conheceo na minha viridente idade, aqui vira; elle virá, e perguntará onde existe o cantor, digno filho de Fingal! Há de caminhar sobre a minha sepultura, e procurar por mim em vão.” Ó meu amigo, eu seria capaz de arrancar a espada como um nobre guerreiro, livrara immediatamente o meu Príncipe do tormento de uma vida que não é mais do que uma morte lenta, e enviar depois a minha alma junto deste semi-deos libertado.” (*Werther: Historia Alemã. Escrita pelo Doutor Goëthe [sic], E Traduzida em Portuguez*, Lisboa: Typographia Rollandiana, 1821, vol II, p. 49-50)

a noite sobre a praia. Ao frouxo clarão da pálida lua, eu a reconheci. Toda a noite escutei os seus gemidos. O vento com força sibilava, e a chuva batia com violência contra o lado da montanha. Antes do raiar da aurora tinha a sua voz enfraquecido; foi pouco a pouco desfalecendo, bem como morre a viração da tarde entre a relva dos rochedos. Á força de tormentos expirou; e tu ficaste, ó Armin, só, no meio deste vasto mundo! O valor que me fazia temido na guerra, evaporou-se; e após elle a galhardia, que eu conservava entre as mulheres!

“Quando se aproximam as tempestades, que partem das montanhas; quando os rijos aquilões fazem encapelar as salgadas ondas; eu me assento junto á praia que resoa; e olho para o fatal rochedo. Muitas vezes quando o astro da noite se vai sumindo, eu vejo os manes dos meus filhos, que vagam juntos, quasi invasíveis, em tristes conferencias. Nenhum me fallará por piedade! Elles não attendem seu pai! Ó Carmon! Eu estou curvado de pezares! Nem é de pequena monta a origem dos meus males. (*Werther: Historia Alemã. Escrita pelo Doutor Goëthe [sic], E Traduzida em Portuguez*, Lisboa: Typographia Rollandiana 1821, vol II, p. 90-92)

O *Genio do Christianismo*, obra de Chateaubriand tão marcante para o Romantismo francês, e traduzido por Camillo Castello-Branco entre 1852 e 1859, ainda menciona os “mausoleos de Ossian” (vol. I, 9) sem questionar a autenticidade da fonte. O segundo volume dedica uma parte de um capítulo do “Livro Segundo” a túmulos na “Caledonia, ou Antiga Escossia”, referindo-se tanto a figuras dos Cantos como citando a autoridade histórica do Bardo³⁴. A tendência de reclamar o sentimento

³⁴ “Quatro pedras musgosas marcam nas charnecas de Caledonia a jazida dos guerreiros de Fin-gal. Oscar e Malvina passaram, mas na sua pátria erma nada mudou. O montanhez da escossia apraz-se ainda em repetir ao cantares de seus avoengos; é ainda bravo, sensível, e generoso; seus modernos costumes são como a recordação dos costumes antigos: não é já a mão do bardo (perdôe-se-nos a imagem) que se ouve dedilhando a harpa; é o tremulo das cordas produzido pelo tocar de uma sombra, que, por noite, em salão deserto, annunciava a morte de um heroe. «Carril acompanhava-lhe a voz. Cheia de meiguice e melancolia, a sua musica era uma como lembrança dos dias que já não são. Ouviram-no as sombras dos bardos sobre os flancos da Slimora. Debeis sons se prolongaram ao longo das florestas, e os valles calados da noite exultaram. Assim, durante o silencio do meio dia, quando Ossian está sentado na encosta das suas brizas, o zumbido da abelha da serra cala em sua orelha; a miudo, o zephyro em sua passagem, arrebatada o ligeiro som, mas para logo retrocede.» O homem aqui é como o cego Ossian, assentado nos túmulos dos reis de Morven: onde quer que estenda a mão á sombra, toca as cinzas de seus paes.” (*O Genio do Christianismo* 1860, II, 175-176)

moral e de beleza destas poesias para o Cristianismo fica evidente. Todavia, António Feliciano de Castilho, liberal conservador, critica este “catolicismo absorvente e estilizador”:

Neste cartório – refere-se ao culto pela Idade Média em desfavor do paganismo romano – tem o sr. Chateaubriand não pequena culpa. Foi ele o titão centímano que, amontoando sobre Ossian de sofismas, e Pelions de eloquência, Olimpos de um catolicismo absorvente e estilizador, mais profundos estragos consumou na veneranda Antiguidade. (Castilho, A.F. 1909, I: 70)

Segundo Tieghem e Smethurst³⁵, a influência de *Ossian* também está presente em *Atala* e *René*. No prefácio das *Obras Primas de Chateaubriand* (1867), o tradutor (T. Braga), afirma que o autor “obedecia á fatalidade do genio celtico”:

“... o excesso da imaginação, o devaneio, e um desalento sem motivo, produzido pela falta de senso pratico, accusam este ár de familia.” [...] Esta predisposição fez com que fosse dos primeiros atacados do contagio do *sentimentalismo*, doença do seculo, languidez e enfado do *Saint-Preux* de Rousseau, do *Werther*, augmentado pelas vagas creações d’*Ossian* imagens vaporosas, impalpáveis, suspensas como nuvens mal distinctas entre o céu e a terra. (Chateaubriand 1867, VI)

Além da recepção esporádica, fragmentária e sobretudo indirecta dos textos ossiânicos, os romances históricos de Walter Scott e Victor Hugo foram de uma consequência mais óbvia para a literatura nacional portuguesa. Na sua forma convencional e vulgarizada o historicismo ficcional tentou compor uma identidade nacional, contribuindo ao mesmo tempo para o prolongado declínio do Romantismo português (‘Ultra-Romantismo’). Esta fase, já notável nos anos quarenta, foi acompanhada pelo revivalismo de temas sentimentais, melodramáticos e mórbidos, conhecidos nas literaturas anglo-germânicas do século XVIII (‘*Empfindsamkeit*’, ‘*Schauerliteratur*’, ‘*Gothic literature*’). Muitos poetas assumiram uma pose bárdica, exibindo uma melancolia ossiânica, baseada numa linguagem plena de

³⁵ P. van Tieghem (1917) *Ossian en France*; C. Smethurst, “Chateaubriand’s Ossian”, in H. Gaskill (ed.) (2004) *The Reception of Ossian in Europe*.

imagens fúnebres e derivada de conceitos pré-românticos pouco conhecidos e percebidos em Portugal:

Jovens poetas dizem-se roídos de cepticismo, afundam-se em desalento, apelam para a morte como único remédio. Com o desespero alterna o prazer doce da melancolia, outras vezes a entrega masoquista à dor. O pendor autobiográfico leva a rasgos melodramáticos em que o “bardo” infeliz se põe em pose, contemplando-se e amplificando-se; a discrição não é o seu forte. O culto da espontaneidade prejudica a sinceridade profunda, a conquista do mais íntimo do indivíduo e a sua adequada expressão; ... (Coelho 1965, 14)

Retomando particularidades e motivos literários europeus do final do século XVIII e do início do século XIX – entre eles, o tom, a imagística e temáticas ossiânicas – o já tardio Romantismo português prolonga-se em estilo e conteúdo numa forma epígona, resistindo em alguns recintos até ao Naturalismo literário.

José Maria da Costa e Silva (1788-1854)

Ainda na sua juventude José Maria da Costa e Silva estudou o latim, o grego, a retórica, a filosofia, a física e a teologia; mais tarde as línguas francesa, italiana, alemã e espanhola. Destinado por seus pais a seguir a medicina, o autor encontrou a sua vocação após ter traduzido a *Eneida* na escola (seguirá também a *Iliada*). Segundo Innocencio F. da Silva (1860, V: 25) produziu mais do que duzentas peças de teatro na sua carreira, incluindo imitações e traduções de várias línguas. Numa nota biográfica F. M. Bordalo sublinha a sua abertura a ideias do Romantismo:

Embalado na eschola classica, o sr. Costa e Silva não teve a louca fatuidade de desprezar a nova eschola, como tantos velhos, antes se identificou com ella, e d’ahi tirou grande partido.³⁶

Infelizmente estes benefícios não eram de natureza financeira; Costa e Silva morreu pobre, sendo escrivão da Câmara Municipal de Lisboa.

³⁶ F. M. Bordalo, “Biographia. José Maria Da Costa E Silva”, *Revista dos Espectaculos*, 2.º vol., Abril, 1854, n.º 26, Lisboa, p. 201.

Aos dezanove anos terá composto *O Passeio: poema descriptivo* (publicado em 1816), inspirado pela poesia da natureza de Thomson e Delille, no qual contrasta o ambiente dos “Cantores da Grecia” com a “barbara Poesia / Destes da Escócia Montanheses rudes”:

Cercados de tristonha Natureza,
 Não podiam traçar amenos quadros
 De lacti-roseo Céu, risonhos campos,
 Romanticas Montanhas! Densa névoa,
 Serras de gelo, altissimos Rochedos,
 Que fórra o verde musgo, estereis plainos
 Desertas praias, que continuo açouta
 Proceloso Oceano remugindo,
 Estas scenas, que percorre a Musa
 Do filho de Fingal! Corre iguaes sitios
 A que vos inspirou, Scaldes! á sombra,
 Do sanguinoso manto do Assassino
 Estes vátes bravios entoavam
 Ardentes de estro canticos sublimes,
 Seu cruento Parnasso horrído trôa
 Co’ encontro dos broqueis, quebrar das lanças, ... (Costa e Silva *O Passeio*, 1844, 165)

Virando-se decididamente para modelos do Romantismo, deixou-se inspirar pela obra *The Lady of the Lake* (1810) de Scott, e publicou um volume com o poema épico *Emilia, e Leonido, ou Os Amantes Suevos* (1836), precedido por “Alix, e Ricardo. Balada Escoceza.” Neste livro o leitor ainda encontra anexado o poema “A Sombra de Pope”.

As citações e alusões de Costa e Silva em *Os Amantes Suevos* abrangem entre outros: a *Biblia*, e a *Odisseia*; Tasso, Merlim e Druidas, Odin e Ossian – todas meticolosamente explicadas nas numerosas anotações. Escolhendo a imagística popular de *Ossian*³⁷, o autor liga os cenários dos planaltos escocêses com os das ribas do Tejo.

³⁷ “Dolmins, que forra o musgo”; “Do Cantor de Fingal dê honra aos Manes / Sobre o tumulto seu”; “A arvore, a que encostado o velho Bardo”; “Do Clan de Alpino a lastimosa sorte” (Costa e Silva 1836, 1-2).

Mostrando algumas noções do contínuo debate sobre a autenticidade, Costa e Silva apoia-se nas suas notas a autoridade do tradutor “Cesaroti” [sic] que “em excellentes versos Italianos” tivesse provado, “que a Poezia do Bardo Escocoz he superior a de Homero”. Sendo assim, este poeta português, geralmente subestimado pela crítica literária, defende naturalmente que Macpherson seja o tradutor de Ossian:

Alguns críticos quizeram persuadir-nos que estes poemas herão composição [sic] de Marcphearson [sic], mas a semelhança do seu estilo com o das poezias Norsicas, Welches, e Dinamarquezas conservadas por Bartholino, não deixa acreditar esta supposição. Alem de que, se Macphearson fosse o Author de taes Poemas, tinha conseguido ser Creador de huma poesia nova, e parece absurdo suppôr que fosse tanta a sua modestia, que se conservasse incognito, recusando os applausos, com que forem geralmente recebidas aquellas formosas composições. (Costa e Silva 1836, VII (‘Notas do Poema’).

Parece importante para a definição do Romantismo literário esta avaliação positiva da poesia ossiânica caso “aquellas formosas composições” fossem da autoria de Macpherson: numa apreciação puramente estética e do ponto de vista histórico-literário o escritor seria obviamente o “Creador de huma poesia nova”.

Outra referência a Ossian, Oscar e Malvina ocorre em forma de um entretenimento “Com as memorias dos passados tempos”, idealizando o amor de Óscar que ainda se faz sentir após a morte:

“Hera o canoro Ossian, que idoso, e cego / De Malvina as saudades consolava / Celebrando de Oscar egregios feitos! / Oscar, o Esposo seu, que ardente a amava, / Cujo Espirito heroico inda nos ares / Folgava de a mirar da nevoa sua!” (Costa e Silva 1836, 163).

Mais uma vez, o autor contextualiza e explica pormenores da poesia Ossiânica, destacando a expressão sentimental do “Bardo Escocoz”.³⁸ (Costa e Silva 1836, XXXI)

³⁸ “Malvina hera espoza de Óscar, filho de Ossian, e neto de Fingal. O Bardo Escocoz a pinta summamente formosa, e sentidíssima pela morte de seu marido, e lhe dirige alguns cantos, em que celebra as façanhas daquelle heroe.” (Costa e Silva 1836, XXXI)

Curiosamente, só a sua tradução *Os Argonautas, Poema de Apollonio Rhodio* (1852) revela definitivamente o seu *textus receptus* da poesia Ossiânica. No prefácio (1852: XV) Costa e Silva critica a caracterização dos heróis Homéricos, dando a vantagem aos de Ossian com quem prefere comparar os de Apollonio Rhodio. Continua com referências ao Bardo Escocês em várias das suas muitas notas (Costa e Silva 1852: 57, 177), utilizando-o como fonte histórica. Para explicar semelhanças estilísticas e culturais (rituais funerárias) até cita três passagens de *Fingal* pelo “Homero da Escossia” – traduzidas da versão Italiana de Cesarotti (1852: 114-115).

João Baptista da Silva Leitão, Visconde de Almeida Garrett (1799-1854)

Apesar da insistência de Braga (1880, 373) em que toda a poesia portuguesa escrita entre 1800 e 1836 teria sido meramente uma reprodução automática de formas arcádicas (neoclassicistas), *Camões* (1825) de Almeida Garrett, publicado no exílio em Paris, pode ser considerado a primeira obra notável do Romantismo português. Ferreira (1994, 32) data o surgimento do Romantismo “enquanto movimento literário autónomo” por volta de 1834 e o início da sua dissolução aproximadamente em 1860. Politicamente e historicamente este período é enquadrado “entre o definitivo triunfo da burguesia sobre as instituições monárquico-feudais e o triunfo da fracção burguesa liberal sobre o radicalismo da pequena burguesia ou das camadas populares mais esclarecidas”. Coelho (1965, I: 9-10) argumenta que só depois de 1837, passado o período mais agitado das lutas entre liberais e miguelistas e com o surgimento de revistas como o *Panorama*, o *Ramalhete*, etc., o Romantismo português pode “contar com um público numeroso e uma coorte de escritores menores”.³⁹ Já três anos antes da revista *O Panorama*, editada por Herculano, o jornal *Repositório Literário* (1834, 1: 4)

³⁹ Um semanário semelhante para a instrução e recreação, embora com menos ambições literárias – *O Archivo Popular* – foi publicado pela primeira vez no mesmo ano. O n.º 28 (Outubro de 1837) inclui o artigo “Mythologia dos escossezes antigos”, que, embora sem mencionar o Bardo, descreve o mundo espiritual ossiânico: “Segundo a crença dos antigos habitantes da Escossia, as nuvens erão o aposento das almas dos mortos. Os virtuosos e valentes erão recebidos com alegria no palacio aereo de seus pais. Os máos erão condemnados a correr o mundo com os ventos. A felicidade daquelles que habitavão o palacio aereo, consistia em verem satisfeitos todos os seus desejos. [...] Todavia nenhum destes heroes podia entrar no divino alcaçar, se os seus bardos (cantores públicos) lhe não entoassem o seu himno de morte: se esta cerimonia por acaso era esquecida, a alma ficava para sempre envolta das nuvens.” (*Archivo Popular* 1837, n.º 28, 215-216).

do Porto tinha perguntado no primeiro número: “Qual é o estado da nossa literatura? – Qual é o trilho que ella hoje deve seguir?” Deplorando que a teoria literária portuguesa durante vinte anos teria sido “quasi nulla”, a resposta que se segue refere-se com algum optimismo à poesia nova e “mais liberal” de Garrett:

Os poemas = *D. Branca*, e = *Camões* = aparecerão um dia nas paginas da nossa historia literaria sem precedentes que os annunciem; um representando a poesia nacional, o romantico; outro a moderna poesia sentimental do Norte, ainda que descobrindo ás vezes o character meridional de seu auctor. (*Repositório* 1834 [15 Outubro], 1: 5)

Esta resposta já leva em consideração a distinção entre as literaturas do norte⁴⁰ e as meridionais, uma divisão que Mme de Staël fez no seu livro marcante para a definição do(s) Romantismo(s) *De l'Allemagne* (1810) e que Sismondi confirmou com a sua história literária *De la Littérature du Midi de L'Europe* (1813).

Uma das obras poéticas mais importantes de Almeida Garrett, *Flores sem Fructo* (1845), inclui um poema épico em versos e estrofes: “Oscar (Imitação de Ossian)”, presumivelmente escrito nos princípios dos anos vinte do século XIX. Enquanto Braga o considera “uma tradução”⁴¹ (Braga, 1880, 153), Machado mantém a designação “imitação de Ossian” (Machado, 1986, 33). O poema é, de facto, baseado num texto originalmente chamado “Fragment VII”⁴² que posteriormente foi incorporado numa nota de rodapé de *Temora* (Cf.: Gaskill 1996: 156-7).

Tal como muitos jovens autores europeus antes (Goethe, Lenz, Hölderlin, Wordsworth, Byron, Chateaubriand, Lamartine) Garrett numa nota admite a sua

⁴⁰ “Indagando a historia da poesia nos diversos tempos e Nações, vê-la-íamos depois da queda da bella literatura greco-latina, surgindo do Norte com um sublime de melancolia e mesmo ferocidade, próprio dos povos que a inventarão ...” (*Repositório* 1834 [15 Outubro], 1: 5)

⁴¹ “... a melancholia romantica facilmente se apossava de Garrett, valetudinario e timido; quando Goëthe, ao escrever o *Werther*, essa concepção de uma forte individualidade, não se pôde eximir á fascinação dos poemas de Ossian, como é que Garrett deixaria de ser impressionado, e para sempre, das aventuras de Fingal e das festas de Selma? Nas *Flôres sem fructo* vem uma tradução de uns trechos do poema *Oscar*, com uma introdução em verso calcado sobre o mesmo estylo.” (Braga, T. (1880), *História do Romantismo em Portugal*, Lisboa: Nova Livraria Internacional, p. 153.)

⁴² Gaskill, Howard (1996) (ed.), *The Poems of Ossian and related Works*, Edinburgh: Edinburgh University Press, pp. 16-17.

fascinação pela poesia “sublime” de Ossian. Tenta justificar e desculpar este entusiasmo com a sua juventude, intimando outras autoridades famosas que tinham expressado o seu encantamento com *Ossian*:

A especie de introdução que chega até estes versos não é de MacPherson, ou de quem quer que foi o verdadeiro auctor das “Poesias de Ossian”: fi-la eu para me exercitar n’um genero que nos meus primeiros annos, me parecia o sublime dos sublimes – como elle ja pareceu a Napoleão e a Cesarotti. O epilogo, que se contém nos ultimos oito versos do poemeto, tambem é da mesma lavra. (Garrett 1845, 226: Nota F.)

Posteriormente, e com o conhecimento do veredicto da história literária, Garrett tenta minimizar a relevância desta imitação, declarando-a um exercício poético num género que parecia sublime, e entalhando o poema com alguma coisa dele próprio. Esta ‘moldura’ pode ter sido acrescentada antes da publicação para justificar o seu gosto ilícito. O poema apresenta Oscar como filho de Caruth, que mata o seu amigo Dermid numa luta pelo amor da filha de Dargo. Com a sua honra perdida, desta forma, Oscar, simula ser ele próprio um inimigo para a adorada o matar. Esta, após ter tomado consciência do seu erro fatal, não hesita em cometer suicídio. Garrett termina o poema com o seguinte comentário irónico, que reduz o mundo ossiânico a uma ilusão comparável aos artefactos feitiços, cujo encanto formava a tentação para muitos heróis nas epopeias de Homero e da Renascença:

Assim cantava o caledonio vate;
 E de seu canto as derradeiras notas
 Ainda em meu ouvido resoavam
 Quando um raio de sol de luz criadora
 No apposento me entrou, e a névoa toda
 D’Escocia dissipou, – libertou-me alma
 De não sei que oppressão, e me devolve
 Aos doces climas da risonha Elysia. (Garrett 1845, 68)

Esta sugerida imunidade à influência ossiânica e às modas literárias não era tão forte quanto o poeta desejava. Na sua relevante obra *A Formação de Almeida Garrett* (1971), Ofélia Paiva Monteiro já tinha apontado que uma versão do excerto

acima citado foi incluído nas “*lições de poesia* contidas no *Lyceu das Damas*” (escrito 1822-1823), nomeadamente na lição 25.^a, para documentar a poesia de Ossian. Após “uma composição onde imita o seu estilo”, esta confissão de “Alceu” a Lília esclarece “a inaptidão do jovem Garrett para as paisagens sombrias, os temas gravemente melancólicos, as imagens agrestes de Macpherson”: “a melancolia que os repassa tem seus encantos, mas fora «mui grande transtorno, se todas as nuvens e cerrações da Escócia e dos seus bardos nos viessem ofuscar os lindos quadros de nossa amável e risonha poesia»” (Monteiro 1971, I: 335).

É preciso recapitular e reavaliar esta relação literária algo semelhante à ‘ambiguidade’⁴³ com que Goethe (cf. *Ossian* / Friederike Brion / *Werther* / distanciamento) e outros autores abordaram o fenómeno.

Só o recurso a um manuscrito do espólio literário de Garrett (cf.: anexo)⁴⁴ que agora está na posse da Biblioteca da Universidade de Coimbra permite esclarecer alguns aspectos da recepção produtiva em geral e da génese do poema no volume *Flores sem Fructos*. (Cf. Monteiro 1971, I: 334-335)

Estas “Poesias de J.-B. L. S. A. Garrett” permitem estabelecer a fase quando a atenção do poeta pelo Bardo foi mais intensa: apresentando uma versão anterior ao poema “Oscar (Imitação de Ossian)”, o manuscrito é datado de 1821. Isto significa que o autor se interessava por *Ossian* muito antes da sua primeira viagem a Inglaterra. Os seus conhecimentos sobre o caso Macpherson eram profundos, como comprovam as suas notas:

Não o prefiro (como Buonaparte fazia) a todos os poetas; não o julgo (como seu traductor Cesaroti) superior a Homero; mas não o desprezo, como

⁴³ Cf. Buescu, Maria Gabriela Carvalhão (2001) *Macpherson e o Ossian em Portugal*, p. 173.

⁴⁴ Na *Revista de Historia*, vol. XIII, 1924, pp. 235-236, H.C.F. Lima afirmou: “Possue o nosso amigo o sr. Delfim Guimarães, illustre director da interessante revista *Arquivo literario*, dois volumes com poesias ineditas de Garrett: No *Livro II* incluem-se duas traduções de Ossian: *A morte de Oscar* e *Caruth*, a pag. 223-230. Ainda neste livro há notas inéditas acerca de Ossian, a pag. 251-254.” Cf.: D.[elfim] G.[uimarães], “Manuscritos de Garrett”, in *Arquivo Literário*, Tomo XVI, Jan. - Jun. 1928, Lisboa: Livraria Editora Guimarães & C.^a 1929, pp. 320-322. Cf. Monteiro 1971, I: XVII, 309, 334, 335, 360 e 401, onde a autora menciona e transcreve parte do manuscrito, confirmando a importância de Ossian: “De entre os bardos, é naturalmente Ossian o autor escolhido, no *Lyceu das Damas*, para mostrar a Lília o teor dessa velha poesia do Norte que Garrett, sem encarecimentos excessivos, considerava todavia elemento imprescindível da poesia moderna.” (Monteiro 1971, I: 360)

Chateaubriand (que o despreza imitando-o), gósto, e francamente confesso, que gósto. Se as poesias, que correm com o nome de Ossian, são, ou não delle com effeito, é para mim de bem pouca monta. Que me faz a mim que Homero seja, ou não o author da Iliada, Virgilio da Eneida? São bons poemas; isso só me importa. Mackpherson, e Ossian são nomes; quer sejam bons, ou antigos, quer não; é a mesmissima cousa: os Dargos, Dermids, Irminsulfs &&&, desses gósto eu, e só desses me importa. O resto são pedantices dignas do século XVII. (Garrett, ms. 1821, II: 253-254)

Nesta altura Garrett estava consciente do debate sobre a autenticidade de Ossian, de juízos de valor do tradutor italiano (na época, uma autoridade de crítica literária reconhecida) e da censurável abordagem ‘ambigua’ de Chateaubriand “que o despreza imitando-o”. Sobretudo confessa francamente o seu gosto pessoal pelos textos ossiânicos, porque “são bons poemas”.

(254) 732

pouca monta. Que me faz a
 mim que Homero seja, ou não
 o author da Iliada, Virgilio
 da Eneida? São bons poemas; if
 so só me importa. Mackpherson,
 e Ossian são nomes; quer sejam
 bons, ou antigos, quer não; é
 a mesmissima cousa: os Dar-
 gos, Dermids, Irminsulfs &&&
 desses gósto eu, e só desses me
 importa. O resto são ^{pedantices} ~~pedantices~~
 dignas do século XVII.

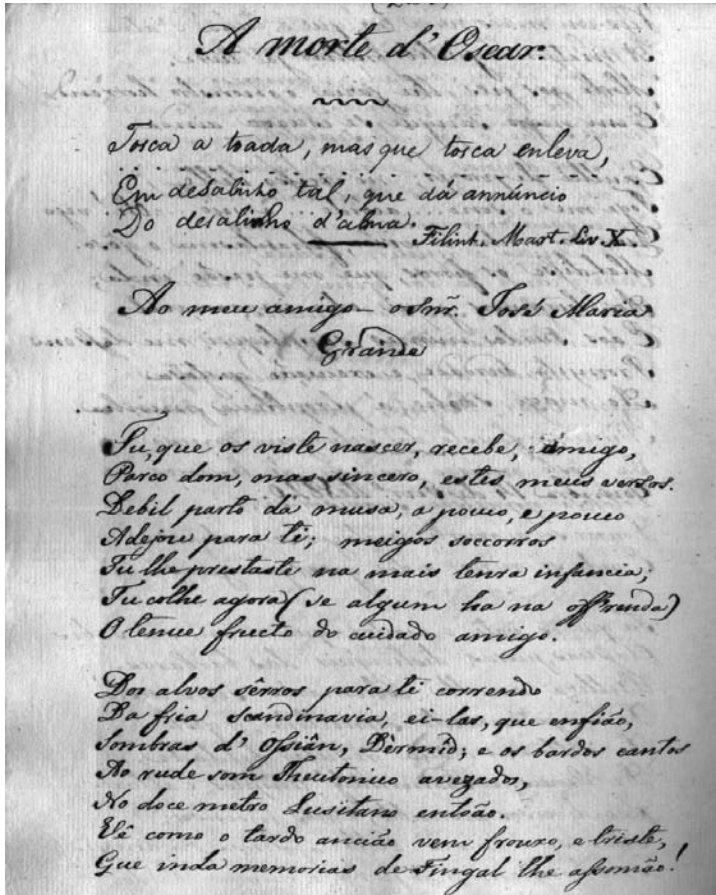
Fim do tomo II.

Contrário à afirmação de Lima as “duas traduções de Ossian” é só uma: “A morte d’Oscar” e Garrett revela tanto a sua fonte como os seus limites linguísticos:

Este poemeto é traduzido de Ossian e com fidelidade, não do Ersa, que não pesco, mas do Francez. É monotono este estylo, mas agrada a sua melancholica sensibilidade. (Garrett, ms. 1821, II: 252-253)

A fonte francesa é certamente a tradução de Letourneur que, na edição de 1810⁴⁵, inclui não só os textos teóricos de Blair e Macpherson, mas também muitas informações actualizadas relativas ao debate sobre a autenticidade dos Cantos. Ao leitor português o tom elegíaco de “A morte d’Oscar” faz lembrar as *Noites Jozephinas* (1790) de Rafael Soyé, obra classicista influenciada pelos *Night Thoughts* (1742) de Edward Young (três traduções portuguesas diferentes em várias edições entre 1783 e 1804). Comparado com o texto do manuscrito, na versão impressa de *Flores sem Fructos* alusões clássicas anacrónicas (“zephyros” / ms, p. 227, “manes” / ms. p. 230) são eliminadas, seguindo o conceito de um romantismo nacional que Garrett iria defender posteriormente.

⁴⁵ *Ossian, Fils de Fingal, Barde du 3e Siècle; Poésies Galliques, Traduites sur L’anglais de Macpherson, Par Letourneur [...] Et précédée d’une Notice sur l’état actuel de la question relative à l’authenticité des poèmes d’Ossian, par M. Ginguené, membre de l’Institut de France, Paris: J.G. Dentu 1810. Vol. II, pp. 180-185: “La Mort D’Oscar, Fils de Caruth, et de Dermid, Fils de Diaran, Poème”. No Espólio Literário de Garrett (Cx. 13, Doc. 120, f.[183-225v]) encontra-se um manuscrito, autógrafo, com o título “Cathalogo de Livros”, no qual não consta nenhuma edição de *Ossian*. A abreviatura ‘Os’ que também aparece com grafia semelhante numa lista de “Dramas portugueses” parece referir-se mais provavelmente a *Osmia* (peça de teatro, 1773) do que a *Ossian*.*



O texto do poema no manuscrito é precedido por uma dedicatória a um amigo de Garrett – José Maria Grande⁴⁶, com quem (e com Manuel da Silva Passos) frequentou uma sociedade maçónica em Coimbra, instituída logo depois da revolução de 1820. Nos primeiros versos o autor reconhece a atenção e o apoio recebidos:

⁴⁶ José Maria Grande foi botânico, médico e figura nacional do Liberalismo. Em 1824 tornou-se médico do hospital militar de infantaria e visitador dos hospitais militares do Alentejo. Durante o governo constitucional desempenhou cargos administrativos e de governador civil.

Tu, que os viste nascer, recebe, amigo,
 Parco dom, mas sincero, estes meus versos.
 Debil parto da musa, a pouco, e pouco
 Adejou para ti, meigos socorros
 Tu lhe prestaste na mais tenra infancia;
 Tu colhe agora (se algum ha na off'renda)
 O tenue fructo do cuidado amigo. (Garrett, ms. 1821, II: 223)

Como tinha frequentemente acontecido na época⁴⁷, Garrett mistura a mitologia de Escandinávia com a céltica e germânica, contrastando a expressão poética do norte com o “doce metro Lusitano”:

Dos alvos serros para ti correndo
 Da fria scandinavia, ei-las, que enfião,
 Sombras d'Ossiân, Dèrmid; e os bardos cantos
 Ao rude som Theutonico avezados,
 No doce metro Lusitano entoão. (Garrett, ms. 1821, II: 223)

Segue a caracterização dos temas ossiânicos e a evocação de Ossian e:

E lê como o tardo ancião vem frouxo, e triste,
 Que inda memorias de Fingal lhe assomão!
 Mas lá no choupo o vento resoando
 Lugubrememente lamentoso n'harpa,
 Inda lhe excita saudade, e amores,
 Inda lhe accende resfriada gloria:
 Derrete-se-lhe o gêlo do sepulchro,
 E os sons divinos d'entre os lábios coão.
 La vai tenteando as cordas desmontadas,
 E os esquecidos, maviosos numeros
 Ei-lo começa a repetir. Escuta;
 Ouve o canto da dor gemer nas cordas,
 Troar a gloria, suspirar amores,

⁴⁷ Cf.: Schmidt, Wolf Gerhard (2003), vol. I, pp. 435-463.

E de entôrno carpir-se a natureza.
 Da amizade, de amor aos doces golpes
 Jazem Oscár, Dèrmid; chorar-lhe os fados; (Garrett, ms. 1821, II: 223-224)

Para Garrett o conceito do sublime e o “joy of grief” são qualidades inerentes desta poesia supostamente “selvagem” que foge das regras clássicas:

Admira o fausto da selvagem musa,
 Ve gôsto amargo resurgir de horrores,
 Dolorosa oppressão suavisar-se,
 Dourar-se a morte, matizar-se o abysmo,
 E, onde só reina a dor, gosar prazeres. (Garrett, ms. 1821, II: 224)

Convida o amigo José Maria Grande para distinguir e apreciar imparcialmente tanto a poesia regular grega e romana, como a “beleza inculta” da presumível expressão bárbara, que, desde Rousseau, recebeu apreço cultural e com *Ossian* também uma valorização estética:

Tu que es vate, e cantor, que as musas sabes
 Classicas, puras distinguir das barbaras,
 Belleza inculta extremarás sem custo
 Do mago encanto symetria, e gosto
 Da Attica, e Lácia regular beldade.
 De Vénus, e Irminsulf templos, e altares
 São diversos no culto, e nos incensos;
 Mas se é mais bella a deusa dos amores,
 Seu imperio não perde o numen bardo.
 Conceito imparcial só forma o sabio,
 Mofa das illusões do vulgo errado,
 Ahi-ve das pretenções dos presumçosos,
 Que as coisas pelos nomes só decidem,
 É que, sem se enfadar co’ amago dellas,
 Nos titulos do auctor julgão as obras.
 O verdadeiro sabio assim não pensa,
 E onde encantos achou, gosou prazeres,
 Folga sem pejo, saborea-os, gosa. (Garrett, ms. 1821, II: 224-225)

Já na sua juventude Garrett teve contactos com “uma família verdadeiramente respeitável e inglesa” do Porto (cf.: Garrett, *Camões*, 4.^a ed., 1854, nota S., p. 225). Porém, em 1820 é notável a recepção produtiva da literatura britânica por parte de Garrett. No espólio literário do poeta e político encontra-se no lote 199 o seguinte: “Oração Universal do Deísta, e Ateísta por Pope. [...] *Tradução de Thompson*; tradução de uns versos ingleses; 4 sonetos (soltos).”⁴⁸

Em Dezembro de 1820 já se tinha referido à melancolia do Bardo cego e à sua nora Malvina no poema “Os Meus Desejos”, mais tarde incluído na *Lírica de João Mínimo* (1853):

E a ti, britano bardo, não bastavam
As trevas e a cegueira?
Tu que da miseranda humanidade
Na harpa de Sião choraste
Primeira perda, tudo enfim perdeste:
Tudo! ... Restou-te a filha,
Sobejou-te a razão: que importa ao sábio
O resto do Universo? (Garrett 1963, I: 1572)

Na opinião de Teófilo Braga, foi precisamente a “melancholia ossianica”, que levou Garrett a passar as fronteiras impostas pela literatura clássica (grega, romana e também a francesa seguindo essa tradição) na sua descoberta de uma identidade colectiva na literatura nacional. Braga vê neste sentimento o ponto de partida do primeiro movimento romântico português. Podemos então imaginar o ‘bardo’ *Camões* com uma aura escocesa porque a sua imagem criada por Garrett teria como antepassado Ossian:

Garrett conservou toda a sua vida essa melancolia ossianica; em todas as suas obras predomina o vago scismar de quem tira o ideal de um passado que não torna. Foi esta melancolia, que precisou empregar-se em uma saudade qualquer, que o levou a sentir o passado e a descobrir assim o sentimento nacional, que

⁴⁸ Lima, Henrique de Campos Ferreira (1948) *Inventário do Espólio Literário de Garrett*, Coimbra: Publicações da Biblioteca Geral da Universidade, p. 89.

devia produzir o nosso primeiro movimento romântico. Se Garrett não saísse de Portugal, não teria em 1824 escripto o poema *Camões ...* (Braga 1880, 154)

Pelo menos durante a segunda década do século XIX o poeta português ocupa-se com o fenómeno escocês. Ainda no poema “A Tempestade” (1828), Garrett adapta tanto a pose bárdica, como a paisagem e a tristeza características de *Ossian*:

Sobre um rochedo
 Que o mar batia,
 Triste gemia
 Um desgraçado,
 Terno amador.
 Já nem lhe caem
 Dos olhos lágrimas;
 Suspiros fervidos
 Apenas contam
 Seu triste amor. (Garrett 1963, II: 1638)

No seu estudo *Almeida Garrett. L'Intime Contrainte* (1966) R. A. Lawton, embora mencionasse brevemente o Bardo escocês no texto (R.A. Lawton 1966, 32), não incluiu nem *Ossian*, nem Macpherson no índice dos principais nomes citados.

Em *Garrett and the English Muse* (1983), Lia Correia Raitt detecta a influência literária de Addison, Byron, Scott, Sterne e Shakespeare no mais famoso de todos os poetas do Romantismo português. Só no final do seu estudo admite a sua admiração passageira por *Ossian*:

Garrett did not escape the vogue for Ossian, and in ‘Oscar (Imitação de Ossian)’ (182 ...?) and in ‘A caverna de Viriato’ (1824), both in *Flores sem fructo*, he attempts to write in the manner of the Nordic bard; yet the last stanza of ‘Oscar’ reveals that Ossian’s nebulous world is not congenial to Garrett, who declares his relief at returning to the sweeter climes of his native Elísia. (Raitt 1983, 124)

Precedido por uma citação de Thomas Moore, “A caverna de Viriato” revela, de facto, a influência ossiânica no tom e na escolha do motivo, como, por exemplo, na descrição do fantasma do herói. No poema “A Lira Do Proscrito”, escrito em

Warwickshire (Novembro, 1823) e incluído na *Lírica de João Mínimo* (1853) a “madama Catalani” evoca imagens de Morven:

... esse génio alvitrajado
 Da névoa das montanhas
 Que me tocou cõa vara misteriosa,
 Me trouxe a harpa dos britanos bardos,
 E as desafeitas mãos me agita e rege
 Pela harmonia estranha.
 Foi teu poder, foi a tua voz divina
 Que os ecos acordou destas florestas
 E os reflecte em meu peito, ó Catalani. (Garrett 1963, I: 1638)

Todavia, o seu encanto pelos Cantos tinha sido gradualmente substituído pela atitude de um autor com pretensões de crítico literário.⁴⁹ Não só na sua fase juvenil de “anti-britanismo radical”⁵⁰, Garrett distinguiu pouco entre as literaturas inglesas e escocesas, alheio das tensões políticas e culturais destas regiões que, obviamente, na altura de Walter Scott eram menos acentuadas que nos tempos de James Macpherson (Culloden, 1746). Embora a sua apreciação do ‘Bardo de Stratford’ oscilasse, durou mais tempo que a admiração por Ossian, acabando “por instituir e consolidar a posição de Shakespeare no cânone literário da cultura oitocentista”.⁵¹

Já antes da partida para Inglaterra, Garrett lamenta que na Europa se preferisse Ossian a Homero e Schiller a Racine. Não concorda com a ruptura com os valores clássicos que o movimento alemão de *Sturm und Drang* tem iniciado e declara que as novas

⁴⁹ Cf.: Monteiro, Ofélia M. C. Paiva (1971), *A Formação de Almeida Garrett. Experiência e Criação*. 2 vols, Coimbra: Centro de Estudos Românicos da FLUC, vol. I, Cap. VI e VII.

⁵⁰ Cf.: Flor, João Almeida (2002), “Para a imagem de Shakespeare em Garrett”, in: *Garrett às Portas do Milénio* (Coord. Comissão Executiva dos “Seminários Garrett”), Lisboa: Edições Colibri 2002, p. 47.

⁵¹ “Com efeito, no decorrer dos anos, a valoração oscilante de Shakespeare por Garrett relaciona-se com o sentido da sua viagem interior, processada em sintonia com o itinerário mental da sua geração e também sobremaneira enriquecida pela dimensão cosmopolita do seu horizonte intelectual europeu e anglófilo.” (Flor, 2002, 46)

tendências são meramente uma moda. Em 1822 Garrett começa a escrever um esboço “no estylo das *Cartas a Emília*, de Demoustier, em prosa e verso”⁵², intencionado para o seu projecto *O Lyceu das damas, lições de poesia a uma joven senhora*. As primeiras lições foram posteriormente publicadas no *Chronista. Semanário de politica, litteratura, sciencias e artes*, n.º 1-26, 2 vols, Lisboa: Imprensa do Portuguez. (1827) (org. Garrett):

Hoje é moda o romantico, é finura,
 E tom achar Ossian melhor que Homero,
 Gabar Shackspear, desdenhar Corneille.
 De Paris os modernos elegantes
 Deixam Racine para lêrem Schiller;
 Chamam vil servilismo ás regras d’arte,
 Antiquario a Boileau, pedante a Horacio.
 Só gostam de Irminsulf e de Teutates,
 Obscuros sonhos do Escocez sombrio.
 (O *Chronista*, 1827, I: 180)

Estes “Obscuros sonhos do Escocez sombrio” deixaram marcas visíveis, embora através de uma recepção indirecta, filtrada, na literatura e cultura portuguesas.

Quando em 1823 chegou a Londres e começou a conviver com uma família inglesa, Garrett constatou que ainda estava em moda a evocação da Idade Média, das ruínas góticas, do folclore. Junto com as obras em moda de Walter Scott, os Cantos de Ossian continuavam a ser editados e lidos.

Contudo, já no quarto canto de *Dona Branca* (Paris, 1826), presumivelmente escrito em 1824⁵³, Garrett tinha ridicularizado e minimizado a importância e a

⁵² Amorim, Francisco Gomes de (1881) *Garrett. Memórias Biographicas*, Lisboa: Imprensa Nacional, vol. I, p. 274. Só em 1839 foi anunciado num prospecto da casa Bertrand este projecto de Garrett: “*Lyceu das Damas* (inedito) no estylo e pela fórma das *Cartas a Emília*, de Demoustier, com o fim de aperfeiçoar a educação litteraria do bello sexo.” O livro nunca chegou a ser publicado, mas no inventário dos papéis de Garrett, encontrava-se uma lista com poetas e assuntos a tratar. *Ossian* já não fazia parte desta selecção, embora fosse traduzido na Alemanha expressamente para senhoras (cf. J. M. R. (1775) “Fingal, ein alt Gedicht von Ossian”, in *Iris*, Düsseldorf).

⁵³ Cf. Amorim 1881, I: 375.

influência literárias do suposto Bardo, revogando, de forma categórica, a sua estimação que tinha confessado no manuscrito de 1821:

Não gósto de Irminsulfs, nem de Theutates,
 Nem das outras theogonicas prosapias
 De runica ascendencia. As alvas barbas
 Do padre Ossian (Macpherson foi seu nome)
 Tam prezadas do douto Cesarotti,
 Tam favoritas do Alexandre corso,
 Não me incantam a mim, não me imbellecam,
 Como aos outros cantores alameda
 Que a nossos doces climas transplantaram
 Esses gelos do norte, esses brilhantes
 Caramellos dos topes das montanhas...
 Do sol do meiodia aos raios vivos
 Parvos! se lhes derretem; a brancura
 Perdem co'a nitidez, e se convertem
 De lucidos christaes, em agua chilra. (Garrett 1850, 60)

Na Nota C, no final de *Dona Branca*, Garrett sentiu a necessidade de explicar aos leitores portugueses o fenómeno dos poemas ossiânicos, “que tantos annos correram mundo” e que “foram de tanta moda aqui ha tempos”. Atribuí-los inteiramente a Macpherson, ironizando a autoridade filológica do “erudito e profundo Cesarotti”, que quase “dá preferencia ao imaginario bardo escocoz sobre o proprio Homero; e elle, que ambos os traduziu, certo que os tinha estudado”. Ridiculariza “a torrente dos trovadores” em França, apoiada por Napoleão Bonaparte que “foi grande prezador de Ossian” e “cuja imaginação gigantesca se apprazia em tudo o que era d'este genero”. Aludindo a uma ode do “elegante Lebrun” que escarnece esta preferência real, Garrett não esconde a sua própria opinião marcada pela luta por uma literatura inconfundivelmente nacional:

Quanto a mim, tenho que as artes filhas da natureza devem andar a par d'ella, e com ella. Essas phantasmagorias druidicas são bellas, são magnificas nas montanhas dos despenhadeiros da alta Escocia, nos gelos e neves das terras polares; mas nos nossos dulcissimos e risonhos climas, não podem ter mais valor do que a impressão extraordinaria do primeiro momento; e repitto que essas bellezas glaciaes

Do sol do meio dia aos raios vividos
 Parvos! – se lhes derretem; a brancura
 Perdem co’a nitidez, e se convertem
 De lucidos christaes, em agua chilra. (Garrett 1850, 254, Nota C./prim. ed.)

Neste caso a distinção entre as literaturas do norte e as meridionais não serve meramente para distinguir, cultivar e preservar a literatura portuguesa. Questionando e ridicularizando a adoção irreflectida e inapropriada de modelos poéticos estrangeiros que estavam na moda, o autor toma uma posição contra *Ossian*, não como possível falsificação, mas contra a imitação do seu estilo em Portugal.

Garrett insere-se e empreende no movimento de renovação e redefinição da cultura nacional, a que não é alheio o gosto romântico do originário, do primitivo, do ingénuo. Mas a orientação artística e literária pelos ideais e regras clássicas foi a prática durante quase todo o século XVIII em quase todos os países europeus. Cansado destes estilos grego e romano, Garrett distancia-se dele na “Advertencia” de *Camões* e com *Dona Branca*⁵⁴, apresentando modelos diferentes no prefácio de *Adosinda* (1828).⁵⁵

Aprecia abertamente “um estilo diferente, outra face de coisas, outro modo de ver, de sentir, de pintar, mais livre, mais excêntrico, mais de fantasia, mais irregular, porém em muitas coisas mais natural. O antiquado agradou por novo, o obsoleto entrou em moda: arte mais fina, gosto mais delicado e de engenhos mais cultos o soube empregar hábilmente, ‘decalcar noutra civilização’.” (Garrett 1963, I: 1748-1749)

⁵⁴ “N’esta composição seguiu-se visivelmente o exemplo de *Wielland* (*sic*) no *Oberon*; todo o seu maravilhoso é tirado das fabulas populares, crenças e preconceitos nacionaes.” (Garrett, 1850: 240, Nota D. / Prim. ed.). Cf.: Garrett sobre o romantismo português: “Este poema (*Camões*), e mais ainda talvez o de *D. Branca* proclamaram e começaram a nossa regeneração litteraria; nacionalisaram e popularisaram a poesia que antes d’elles era, quasi se póde dizer, somente grega, romana, franceza ou italiana, tudo menos portugueza; ...” (Amorim 1881, I: 363)

⁵⁵ “Em geral a poesia da meia idade, singela, romanessa, apaixonada, de uma espécie lírica-romântica que não tem tipo nos poetas antigos, conquanto deixou seu cunho impresso no carácter das línguas e poesias modernas de todo sul e ocidente da Europa, não teve contudo imitadores nem se cultivou e aperfeiçoou nunca mais, quase desde o completo triunfo dos clássicos, senão agora recentemente depois que as baladas de *Bürger*, os romances poéticos de *Sir W. Scott* e alguns outros ensaios ingleses e alemães, mas principalmente os do famoso escocês, introduziram este gosto e o fizeram *da moda*.” (Garrett 1963, I: 1748)

No mesmo prefácio Garrett exige um ressuscitar da “poesia nacional das nações vivas”, que faz lembrar o conceito de Herder, “the key figure in any examination of German Ossianism”⁵⁶. O elogio da poesia primitiva e do sentimento romântico culmina numa definição quase programática dos componentes para a sua composição:

É a mesma selvática, ingénua, caprichosa e aérea virgem das montanhas que se apraz nas solidões incultas, que vai pelos campos alumiados do pálido reflexo da lua, envolta em véus de transparente alvura, folga no vago e na incerteza das cores indistintas que nem oculta nem patenteia o astro da noite; – a mesma beldade misteriosa que frequenta as ruínas do castelo abandonado, da torre deserta, do claustro coberta de hera e musgo, e folga de cantar suas endechas desgarradas à boca de cavernas fadadas – por noite morta e horas aziagas. (Garrett 1963, I: 1749)

Neste inventário de ingredientes românticos distinguem-se facilmente motivos e tópicos introduzidos por *Ossian*.⁵⁷ Tendo conhecimento da herança pré-romântica britânica (Young, Gray, Thomson, Hervey), Garrett atribui o mérito da sua divulgação sobretudo a Walter Scott, embora o impacto da poesia romântica de expressão inglesa (à excepção de Byron) em Portugal no século XIX não tenha sido tão considerável como, por exemplo, na Alemanha⁵⁸:

⁵⁶ Gaskill, Howard, “German Ossianism. A reappraisal?”, *German Life & Letters* 42 (1988-1989), n.º 3, p. 332.

⁵⁷ Cf.: Bär, Gerald (2004), “Ossian in Portugal”, in Gaskill, Howard, (ed.), *The Reception of Ossian in Europe*, London, (The Athlone Critical Traditions Series: The Reception of British Authors in Europe), New York, NY: Thoemmes Continuum, pp. 351-374.

⁵⁸ Cf.: Pires, Maria Laura (1979) *Walter Scott e o Romantismo Português*, Lisboa: Universidade Nova; Flor, João de Almeida (1995), “Byron em Português: para o Estudo Histórico-Cultural da Tradução Literária”, *Dedalus, Revista Portuguesa de Literatura Comparada*, n.º 5, Lisboa: Universidade de Lisboa / Edições Colibri, pp. 175-84. Flor, João de Almeida, “Traduções de Inglaterra”, in: Buescu, Helena Carvalhão (ed.) (1997) *Dicionário do Romantismo Literário Português*, Lisboa: Caminho, pp. 556-7. Silva, P. da, “Romantismo Inglês (Leituras e Contactos)”, in Buescu, Helena Carvalhão (ed.) (1997) *Dicionário do Romantismo Literário Português*, Lisboa: Caminho, p. 509: “Quando tentamos rastrear a projecção do Romantismo anglófono no Portugal oitocentista e, simultaneamente, avaliar a sua recepção criativa e valorativa, tornam-se claras as limitações derivadas do tema.”

Muito antes do nomeado escocês já tinha havido tentativas para nacionalizar a poesia moderna e a libertar do jugo da teogonia de Hesíodo: – mas a própria e verdadeira restauração da poesia dos trovadores e menestrelis, sem questão nem disputa, só W. Scott a fez popular e geral na Europa. – Com ela se restauraram também os metros simples e curtos que mais naturais são ao estilo cantável, essencial às composições daquele género. (Garrett 1963, I: 1749)

Na perspectiva de Augusto França, Garrett “preferia sem dúvida as aventuras imaginárias deste escocês real às “fantasmagorias druídicas” que Ossian-Macpherson propunha, num quadro romântico pouco conveniente aos “dulcíssimos e risonhos climas” de Portugal.”⁵⁹

Mesmo assim, o autor de *Adosinda* emprega conceitos de sublime⁶⁰ e, sobretudo, de “joy of grief” tão característicos de *Ossian*:

Agreste, não feio é o sítio,
Medonho, horrível de ver;
Porém tem a Natureza
Horrores que são beleza,
Tristezas que dão prazer, ... (Garrett 1963, I: 1772)

Na sua recensão de *Frei Luiz de Sousa* (1844), Rebello da Silva põe *Ossian* lado a lado com os *Nibelungs*, mais uma vez como paradigma da poesia nórdica:

... a arte revê mais livre a sua idealidade, fica mais arte e mais poesia, afastada da imitação mediata e quasi sempre servil do que palpamos com os dedos, do que o habito tornou raso e prosaico. Tem-se feito, mas poucas vezes com felicidade. D’esta relação do tempo com a poesia nos dá Homero exemplo:

⁵⁹ França, José-Augusto (1974-75) *O Romantismo em Portugal: Estudo de factos socio-culturais*, Lisboa: Livros Horizonte, vol. I, p. 209.

⁶⁰ Até o conceito do sublime de Schiller foi influenciado por *Ossian*, como Schmidt consegue comprovar no seu capítulo “Naiv, sentimentalisch oder ideal? Zu Präsenz, Funktion und Klassifizierung der *Poems of Ossian* in Schillers Dichtung und Ästhetik”, in Schmidt, Wolf Gerhard (2003), vol. II, pp. 847-872.

o passado nos seus versos reve o presente palpitante e formoso, sem resvalar no commum da copia. – Em Ossian, no Niebelungen, nas tradições poeticas do Norte apparece o mesmo, sempre o mesmo.⁶¹

Rebello da Silva alega que esta “altissima theoria d’arte, filha da meditação alleman”, serviu como fonte de inspiração para a peça de Garrett.

Se Garrett imitou “Percy⁶² no colleccionamento de cantares do povo”, como afirma Luciano Cordeiro no seu primeiro *Livro de Critica* (1869), o leitor atento recordará logo a técnica compiladora de Macpherson, sobretudo quando o crítico admite que se tratava de uma abordagem

... não como um philologo que busca materiaes para a interpretação das civilizações nos alicerces que se lhe perdem na alma popular e no tenebroso do tempo, mas como um verdadeiro artista, estremecido pelos encantos de magnifico panorama, após trivial e monótono viver. (Cordeiro 1869, 184)

A seguinte justificação deste método de recuperar poesia de tradição oral ajuda tanto para explicar a abordagem de Garrett como para defender o trabalho editorial de Macpherson: “Extasia-se, harmonisa, amenisa, corrige, *amaneira*, – perigo constante e quasi constante consequência do *subjectivismo* artistico, ...”. (Cordeiro 1869, 184)

Joaquim Silvestre de Sousa (1803-1872)

Acusado de liberal, Joaquim Silvestre de Sousa foi outra vítima da perseguição política nos tempos pós-revolucionários. Natural de Ponte de Lima, era formado em Latim, Filosofia e Retórica e passou cinco anos e três meses em não menos do que vinte e oito cadeias. Depois da sua libertação em 1834 iniciou uma carreira na administração regional do Minho e começou a escrever poesia. Entre as várias

⁶¹ Silva, L. A. Rebello da, “Fr. Luiz de Sousa”, in: *Obras Completas de Luiz Augusto Rebello da Silva*, Lisboa: Empreza da Historia de Portugal 1909, vol. 32: *Apreciações Literárias*, p. 101 (da Revista Universal Lisbonense, 1843).

⁶² Na sequência do sucesso das publicações de Macpherson Thomas Percy (1729-1811) editou em 1765 *Reliques of ancient English poetry*.

imitações e traduções divulgadas nas suas *Tentativas Poeticas* (1839), que foram anonimamente publicadas e bem recebidas, Sousa incluiu “A espera desgraçada. (Copiada de Ossian)”, escrita em 1827. Esta ‘cópia’ é, de facto, uma versão bastante livre do monólogo lamentoso de Colma tirado dos “Songs of Selma” – o requiem antecipado do jovem Werther. Mesmo se alguns dos temas da poesia patriótica de Silvestre de Sousa pudessem coincidir com assuntos ossiânicos, o *leitmotiv* político prevalece, acompanhado por comparações do constitucionalismo português com exemplos clássicos da história e mitologia gregas e romanas.

Alexandre Herculano de Carvalho Araújo (1810 -1877)

Tendo sido envolvido na rebelião contra D. Miguel em 1831, Alexandre Herculano deixou Portugal num barco inglês e dedicou o seu tempo de exílio na Inglaterra e França a estudos literários. Além de Alcipe foi ele quem divulgou e teorizou o pensamento do Romantismo, especialmente da vertente alemã e inglesa em Portugal (cf. França 1974-75, I: 205-210, 216-218.)

Sem respeito à “autoridade dos antigos”, mostra-se aberto às novas teorias dos românticos considerando a Alemanha como “foco de fermentação” do movimento. Na sua recensão das *Obras* de Garrett (*O Panorama*, III, no. 112, 22/06/1839, pp. 199-200) elogia o escritor, cujas obras teriam iniciado “o período da transição entre a velha literatura da escola, chamada clássica, e a escola, que denominam romântica, e a que nós chamamos ideal, nacional, e verdadeira.” (Herculano 1986, 196)

Reconhece que Garrett “cumpria tomar na literatura pátria, o lugar que Scott, Byron, e Crabe [sic], Goethe, e Schiller e Bürger, Lamartine e Soumet, tinham nas literaturas, inglesa, alemã, e francesa.” (Herculano: 1986, 197) Todavia, distancia-se moralmente de alguns destes poetas conceituados, nomeadamente do ‘mefistofélico’ Byron, com os seus “cantos sinistros”⁶³. Critica a forte influência da literatura francesa em Portugal, que tinha “corrompido a nossa linguagem por tal maneira que já hoje

⁶³ Esta referência deve-se principalmente ao 1.º Canto de *Childe Harold*, no qual Byron dá uma descrição depreciativa dos portugueses: “Com um sorriso espantoso, ele escarneceu de tudo. Religião, moral, afectos humanos, mesmo a liberdade e a esperança foram seu ludíbrio. A leitura dos seus poemas só produz, em geral, descoroçoamento ou antes desesperação. Byron é o Mefistófeles de Goethe lançado na vida real. – Virtude e crime, pudor e imprudência, glória e infâmia, que montam em seus cantos sinistros?” (Herculano 1986, 45)

é impossível desinça-la dos galicismos” deixando os poetas nacionais sem autonomia estética (Herculano 1986, 216).

Herculano compara os *Lusiadas* com epopeias clássicas, sobretudo com a *Odisseia*, considerando a *Iliada*, a *Eneida*, o *Orlando furioso*, os *Lusiadas* e a *Jerusalém libertada* os cinco mais célebres poemas da Europa. Na sua carta a D. Pedro II, Imperador do Brasil sobre *A Confederação dos Tamoyos* (06/12/1856) aconselha-o a procurar a verdadeira expressão de uma literatura Brasileira, recolhendo “as tradições, as relíquias poéticas das tribos índias” (cf. as “Poezias Americanas” de Gonçalves Dias). A carta contém uma definição da epopeia e duas condições inerentes ao poeta épico: “o entusiasmo pelo heroísmo e a crença no sobrenatural.” (Herculano 1986, 213)

Na sua busca da origem da poesia, Herculano não inclui *Ossian* no cânone de “epopeias verdadeiramente originais”:

As epopeias verdadeiramente originais pertencem às ideias heróicas, aos génesis das diversas civilizações. Assim a *Iliada* e a *Odisseia*; assim o *Ramayana* e o *Mahabarata*; assim o *Nibelungen Lied*; assim o *Cid* e a *Divina Comédia*. Mais ou menos bárbaros na forma; mais ou menos imperfeitos no estilo; mais ou menos rudes na sua primitiva singeleza, sentimos ao lê-los como que murmurar uma aura divina; fazer-se uma revelação misteriosa do ideal; surgir ante nós o que seja sobre-humano. (Herculano 1986, 213)

Chega à conclusão de que a sua geração não é épica, porque lhe faltam o grandioso solene e o crer profundo das gerações virgens. Considerando impossível a epopeia humana no meio das nações transformadas, polidas, argumentadoras, voluptuosas, incrédulas da velha Europa e menos possível na América, ainda propõe nacionalizar a poesia brasileira com o pensamento que inspirou os *Natchez* (Chateaubriand, 1827). Neste contexto a exigência de Herculano é de não seguir o exemplo de Macpherson no seu “pseudo-Ossian”:

Há outras cousas que os homens de engenho, os verdadeiros poetas do Brasil, como é o autor dos *Tamoyos*, tinham que fazer para ilustrar o seu país engrandecendo-o com monmentos literários, que emulassem os do mundo antigo. Seria uma delas recolher as tradições, as relíquias poéticas das tribos índias. Não há povo bárbaro e primitivo, talvez, que não tenha a sua poesia, e essa

poesia é por via de regra cheia de vida e singleza. Mas cumpre não a vasar em moldes estranhos; não a fundir com as reminiscências da poesia greco-latina, como fez Macpherson no seu pseudo-Ossian. (Herculano 1986, 215-216)

Esta crítica dirige-se à maneira duvidosa de recolher e “restaurar” poesia da tradição oral num texto escrito, aplicando as regras de epopeias clássicas para possibilitar uma futura comparação e canonização. A imagem do “bom selvagem”⁶⁴ de Rousseau não deve ser falsificado por ornamentos linguísticos para se assemelhar à forma Homérica. Herculano exige uma “fidelidade” que “seria altamente literária”, dando como exemplo um trabalho filológico bem sucedido o *Nibelungen-Lied*.

Contudo, o próprio estilo poético de Herculano não escapou completamente da influência do Bardo. Sobretudo se considerarmos, por exemplo, o cenário e a pose do poeta em “A Voz” ou o motivo da morte prematura em “Mocidade e Morte” na *Harpa do Crente* (1836). Nesta poesia, Cordeiro observa “alguma coisa de selvagem e de épico, que lhe dá cunho oposto á elegante galanteria e refinado lyrismo de Garrett”. E com toda a razão nota “estrophes brônzeas [...] em que a religiosidade magestosa de Klopstock, se allia á melancholia prophetica d’Ossian na velhice”. (Cordeiro 1869, 188).

Segundo Machado a obra poética de Herculano “vale mais em termos relativos, pelas influências estrangeiras que implica, paralelas à difusão de modelos e ideias de pleno romantismo europeu”. (Machado 1986, 46)

Para Herculano, o Romantismo português define-se principalmente pelo amor da pátria, baseado na história e mitologia nacionais e nos valores e tradições do Cristianismo⁶⁵ – características que *Ossian* não tem.

⁶⁴ Como fonte de inspiração Herculano propõe chefes índios, porque “os brasileiros são apenas europeus na América”: “Podem os conquistadores, as raças que foram sobrepor-se às raças primitivas aniquilando-as, herdar-lhes o cúmulo dos seus poucos ou muitos haveres materiais: o que não lhes herdaram, não apropriam a si é o cúmulo das suas tradições, das suas saudades, dos seus afectos colectivos; em suma a sua poesia épica.” (Herculano 1986, 215)

⁶⁵ “... somos românticos, querendo que os portugueses voltem a uma literatura sua, sem contudo deixar de admirar os monumentos da grega e da romana: que amem a pátria mesmo em poesia: que aproveitem os nossos tempos históricos, os quais o Cristianismo com sua doçura, e com seu entusiasmo e o carácter generoso e valente desses homens livres do norte, que esmagaram o vil império de Constantino, tornaram mais belos que os antigos: que desterrarem de seus cantos esses numes dos gregos, agradáveis para eles, mas ridículos para nós e as mais das

Na segunda metade dos anos trinta do século XIX o Romantismo literário foi finalmente aceite, publicado e lido em Portugal. Poetas menores começaram a imitar não apenas Scott, mas também Ossian. Um artigo no semanário *O Panorama* (1838 / ed. Herculano) intitulado “Os Escoceses” e inspirado pelo sucesso de Walter Scott em Portugal, tentou sondar a profundidade do carácter nacional escocês. Neste contexto menciona Ossian como uma importante referência para a história da música antiga:

O systema músico deste povo remonta claramente á infancia da arte, e conserva os defeitos que a arte devia ter na sua origem; dá uma idéa do canto com o qual podemos crer que Ossian e os bardos entoavam os seus poemas. (*O Panorama*, 1838, 2: 354)

No mesmo ano, noutro artigo sobre a ilha de Staffa refere a lenda que “as harpas eólias das sombras de Fingal” produzem “sons de maravilhosa harmonia” no fundo da gruta: “Dizem os moradores, que ligão sempre a idéa de Fingal, pai de Ossian, a tudo que lhes parece sobrenatural.”⁶⁶



(Fingal's Cave, Ilha de Staffa (gravura))

vezes inarmónicos com as nossas ideias morais: que os substituam por nossa mitologia nacional na poesia narrativa; e pela religião, pela filosofia e pela moral na lírica. Isto queremos nós e neste sentido somos românticos; ...” (Herculano 1986, 45)

⁶⁶ “A Ilha de Staffa”, *O Archivo Popular*, Vol. II, n.º 12, Sabbado 24 de Março 1838, p. 89.

Não só a gruta de Fingal, mas também o túmulo de Ossian inspirava a fantasia criativa de autores da época. *O Passatempo, Jornal De Instrucção, e Recreio Para Ambos Os Sexos*, publicou na edição de 15 de Fevereiro de 1838 o conto “A ILUZÃO”. Esta curta narrativa contém todos os ingredientes góticos que se utilizavam desde o século XVIII para compor uma amostra digna deste género:

Era meia noite. O silencio dos mortos habitava no castello, este velho e gotico edificio, cujas torres ao longe se distinguem, como elevados e tristes ciprestes. A lua estava pálida, e quando saia das nuvens, onde de instante a instante s’escondia, emprestava ao lago seu argentado brilho, que nelle se reproduzia, quando o vento fortissimo o agitava. (*O Passatempo*, N.º 3, 2.º Vol. 1838, 28)

O conto, cuja autoria não consta no final das duas páginas que ocupa, introduz o leitor no ambiente de terror popularizado por Ann Radcliffe e Matthew ‘Monk’ Lewis. Todavia, “o medonho da tempestade” é igualmente um elemento recorrente nos textos de Macpherson e quando a protagonista “vê o tumulo d’Ossian, formado de quatro grandes pedras negras, cobertas de uma outra de oito pés de comprido, e cinco de largo”, a fonte de inspiração fica óbvia. Um esclarecimento histórico segue: “Este bardo celebre tinha, assim como o seu pai Fingal, fixado neste lugar, a sua habitação, para vigiar os Romanos. Elle desfez os Imperadores Severo, e Caracalla.” (*O Passatempo*, N.º 3, 2.º Vol. 1838, 29)

O desenrolar da acção representa uma imitação dos destinos trágicos dos heróis escoceses de Morven: Izolina, amante de Thebaldo, imagina que este tem outra amante, embora Bella Agnez seja na realidade a irmã do herói infeliz. A protagonista suicida-se com a espada de Thebaldo, que à maneira ossiânica escolhe o mesmo caminho:

O desgraçado solta gemidos, que enternecem. Chama a sua querida, e jura que a infidelidade não manchou nunca o coração, onde ella impera. Um accesso de furor transluz em seus olhos. Parecia um tigre em raiva, Eu te sigo, diz elle, vou levar ao meu coração o teu sangue, e n’um momento esconde no peito o agudo ferro, quente ainda do sangue de Izolina. (*O Passatempo*, N.º 3, 2.º Vol. 1838, 29)

António Feliciano de Castilho (1800-1875)

Apesar de ter perdido quase toda a sua visão quando tinha apenas seis anos, Castilho conseguiu uma fama considerável como poeta e tradutor. Júlio de Castilho, o seu filho e biógrafo até chega a insinuar: “Se grandísimos cegos, como Homero, Delille, e Ossian, tivessem perdido a vista desde pequeninos, nunca teriam chegado aonde chegaram.” (Castilho, J. 1929, III: 96)

Também observa uma atitude e um tom ossiânicos, neste caso empregue para enfatizar um sentimento nacionalista, na *Epístola ao senhor D. Miguel*, (1834) de Castilho:

“... voltando para o mar, como os bardos de Ossian, o poeta português desafogou em torrentes de inspirada eloquência a dor nacional ...”. (Castilho, J. 1929, III: 13)

Nas primeiras obras de António Feliciano de Castilho a influência de Gessner e Florian é notável; as suas traduções abrangem autores gregos, romanos e clássicos franceses como Molière, mas também Shakespeare e Goethe (baseado em versões francesas). No seu poema “A Sésta”, incluído em *Amor e Melancolia ou A Novíssima Heloisa* (1828), refere duas vezes a figura ossiânica ‘Malvina’ (Castilho, A.F. 1861, 46).

Os seus poemas épicos *A Noute do Castelo* e *Ciúmes do Bardo*, publicados em 1836 são exemplos de medievalismo e revelam por um lado a recepção dos seus compatriotas Garrett e Herculano e por outro lado abarcam reminiscências ossiânicas e góticas no cenário medieval.

Apesar da utilização de terminologia e imagística clássicas (“Phebe”, “Averno”) o tom e o estilo da sua ode “A Um Eclipse Da Lua” evidenciam analogias⁶⁷ com o poema “Darthula” (cf. Gaskill PO, 1996: 140):

Que negro veio de tua face encobre / argêntos raios, luminosa Phebe? / Do negro Averno que vapor te enluta / horrído e negro? / Acaso, acaso desmaiaste ó deusa, / por ver que em nuvem condensada e feia / prezos ficaram teus frisões, nem podem / surgir avante? (Castilho, A.F. 1905, 59).

⁶⁷ Cf.: o poema “A Lua” de Augusto José Gonçalves Lima J.F. Monteiro, 1848: 301-304), a invocação da lua no poema “Hymno Á Lua” de J. S. Da Silva Ferraz, (Braga, 1877: 56-58 (originalmente publicado em *O Novo Trovador*, Coimbra, 1856, p. 163).

Sem dúvida, existem semelhanças no modo de invocar a lua, na sua personificação sentimental e no aspecto do luto. Tal como Garrett, Castilho obteve uma formação literária arcádica e chegou ao Romantismo em tempos da primeira geração. Tendo sido director da influente *Revista Universal Lisbonense*⁶⁸ tornou-se gradualmente mentor⁶⁹ dos autores da segunda geração romântica. Comentando o drama histórico *O pagem de Aljubarrota* de José da Silva Mendes Leal Júnior na *Revista Universal* em Maio de 1843, Castilho elogia a expressão poética e o bom gosto do autor na sua adopção do tema ao género: “... é o mavioso, sentido, e enamorado de Bernardim Ribeiro, o trovador dos amores e das saudades, com leves clarões do ardente, arrebatado, e romanesco do theatro espanhol, e do natural e folgado de Gil Vicente.” (Castilho, A.F. 1906, 42 e 88) Recorre à comparação com os Cantos de Ossian para enquadrar a peça na tradição literária: “Nem é chão e despoetico, que resvale em razo e prosaico, nem tão alto que entre pelas nuvens como o vaporoso de Ossian. A nosso ver, este drama e o seu estylo representam uma nova escola, ...” (Castilho, A.F. 1906, 42 e 89). As imagens escolhidas (“pelas nuvens” / “vaporoso de Ossian”) não escondem uma certa ironia do autor.

Também na sua recensão do romance *Eurico, O Presbytero* (1844) de Herculano, Castilho compara esta obra romântica com raízes na literatura gótica com as poesias ossiânicas:

Os seus desenhos são severos, grandiosos e todos a negro. Foi uma valente mão a que os perfez; só outra valente mão os poderia copiar, e faria mal se o fizesse. São como as poesias de Ossian: maravilham, e largam-se.⁷⁰

⁶⁸ No volume III, 2.^a série, pp. 285-288 desta revista apareceu um artigo assinado por ‘Tacitus’ que explora a relação entre as peças *Frei Luiz de Sousa* de Garrett e *Chatterton* de Alfred de Vigny. O autor descobre no *Bardo* de Castilho o legado de Vigny que, segundo Van Tieghem (1917, II: 329-334), estava influenciado por *Ossian*: “O *Chatterton* é um producto da litteratura moderna, da família dos *Renés* e dos *Obermans*, de que descende em linha recta incontestavelmente o *Bardo* do snr. Castilho.”

⁶⁹ “Castilho funcionava como mandarim prestigiado, a quem os jovens poetas prestavam vassalagem.” (Reis 1990, 30)

⁷⁰ “*Eurico, O Presbytero*”, *Revista Universal*, (Janeiro de 1845), in *Obras Completas de Antonio Feliciano de Castilho*, vol. 14: *Vivos e Mortos VII*, Lisboa: Empresa da Historia de Portugal 1904, p. 24.

Contudo, a referência à autoridade reconhecida do Bardo ainda serve como exemplo paradigmático para todos os géneros literários.

Maria da Felicidade do Couto Browne (1797-1861) e os círculos literários do Porto

Durante a confrontação entre absolutistas (D. Miguel) e constitucionalistas (D. Pedro) a cidade do Porto permaneceu a sede dos liberais apoiados pelos ingleses e é por isso não só um local fulcral para comércio, mas também para ideias e literatura novas. Contrastando o ambiente francófilo de Lisboa, Sampaio Bruno até fala de uma “infiltração do character britannico” (como resultado do Tratado de Methuen) que começava “a operar sobre o portuense, com tanta maior facilidade quanto a não hostilizava uma inicial divergencia entre os elementos de relação”. (Bruno, 1886: 113)

Sendo assim não surpreende que em Outubro de 1838 a *Revista Litteraria* do Porto tenha publicado a tradução de um artigo do periódico *North American Review* no qual se fala dos “falsários” Chatterton (“Rowlei”) [sic], Macpherson (Ossian) e Ireland (Shakespeare):

Porem Macpherson, o mais impudente de todos os três, foi recompensado com titulos honorificos e bens da fortuna. Elle fundou uma escola; enganou homens d’engenho, metamorphoseou um bardo selvagem em imitador de Milton, de Shakespeare, d’Young, e da Biblia; e fez que por mais de meio século loucamente se admirasse uma das misérrimas frioleiras que tem illudido a critica. A habilidade do seu charlatanismo, e a feliz manipulação por elle empregada, abonarão uma voga tão completa ao pseudo Ossian, que um homem espirituoso na Itália, Cesarotti; um génio na Allemanha, Goëthe; um conquistador na França, Bona parte; se prostrarão loucamente perante o idolo. (*Revista Litteraria* 1838, I: 379)

O autor do artigo não nega a existência de Ossian como figura histórica, embora menos sublime, mas alega a intencionalidade malévola de Macpherson (“mui ridícula imitação biblica”, “imperfeita copia d’Homero e dos Skaldas”), que “bem sabia de que se compunhão os fragmentos barbaros do verdadeiro Ossian, fragmentos que depois da sua morte forão encontrados e publicados”. (*Revista Litteraria* 1838, I: 379)

Apesar desta crítica devastadora que ainda dá exemplos de um Ossian bruto e descortês de tradição irlandesa, discutindo com S. Patrício, a fascinação pelos Cantos publicados por Macpherson continuou principalmente, mas não só, nos círculos literários do Porto.

Maria Browne era casada com Manuel Clamouse Browne, um negociante de vinhos cujos antepassados eram de origem irlandesa e residentes do Porto desde a primeira metade do século XVIII. Tornando a sua casa num cenáculo literário, a “Floribela do Romantismo de 1850”⁷¹ (J. Prado Coelho 1965, I: 41) era conhecedora de muitos autores ingleses e franceses, sendo a biblioteca do seu esposo uma das melhores do seu tempo. Entre os poetas que frequentavam o seu círculo literário constam Arnaldo Gama e Faustino Xavier de Novais; havia correspondência com Garrett e Camillo Castello Branco, que patrocinou as suas produções poéticas e com quem manteve ligações sentimentais.

Citações de Young (*Night Thoughts*) e Lamartine revelam algumas das fontes inspiradoras da sua poesia, que tematiza tanto o amor infeliz, como os aspectos fúnebres e nocturnos. Segundo Ferreira de Brito, *Ossian* e as obras de Lamartine constaram entre as leituras mais estimadas nos círculos românticos portuenses, embora tenham sido largamente mal entendidas (*Dicionário*, 1997, 435).

No poema “O Equinocio do Outono”, escrito em 1848, Maria Browne apresenta uma natureza ameaçadora, comparável com aquela que Werther descreve sob a influência de *Ossian* na carta do 12 de Outubro:

Scena d’encantos, não cesses! ...
 Deixa-me em ti saciar! ...
 O terror é meu prazer,
 Minha delicia o chorar! ... (Browne 1854, 21)

O prazer do terror e do sublime; a melancolia e o ‘joy of grief’ são características inconfundivelmente ossiânicas. Sendo inspirada “pelas sombras”, Maria Browne menciona *Macbeth* e *Ossian*, cuja influência não esconde. No seu poema

⁷¹ Segundo Vitorino Nemésio (*Ondas Médias*, Lisboa, s/d (1945), p. 284), Maria Browne era o “melhor poeta romântico” português “depois de Garrett e de Soares de Passos”.

“Maria Stuart” (Browne, 1854, 143)⁷² Browne veste o fantasma da Rainha da Escócia numa nuvem ossiânica, enquanto o génio da poetisa encontra o próprio Bardo nas “românticas soidões” da Caledonia:

Onde o bardo inspirações
 D’Ossian vai procurar.
 Inda quando a harpa dos ventos
 Vem descantar a procella,
 E com pávidos lamentos
 Affugenta toda a estrella,
 Este meteoro apparece;
 Com branda luz esclarece
 Baixel nos lagos sem guia
 Peregrino desgarrado
 Alli é d’angustia brado:
 «Valei-me, nuvem Maria.» (Browne 1854, 144)

A relação inspiradora de Maria Browne com Camillo Castello Branco acabou pouco feliz. Todavia, no seu livro *Scenas da Foz* (1857) o tradutor do *Génio do Cristianismo* também se refere ao “que ha mais bello em Ossian”, evocando Macpherson lado ao lado com Goethe e Klopstock. Nomes sonantes, sobretudo conhecidos “dos catalogos da bibliotheca *Charpentier*”.⁷³

⁷² Trata-se da terceira edição aumentada das poesias, as *Virações da Madrugada* (1854), na qual os nomes da autora e da editora são omitidos. Na primeira edição de Maria Browne, intitulada *Coruja Trowadora*, não havia indicações da editora e da data da publicação (presumivelmente 1848 ou 1849).

⁷³ “Sentei-me defronte desta [natureza] como gruta de fadas, e imaginei o que ha mais bello em Ossian, em Hoffmann, e nos contos orientaes, que eu, com vergonha o confesso, não tinha visto, nem vi depois; mas, nestes ultimos tempos, é preciso ser grande alarve para não saber tudo isto e muitas cousas mais, lendo os folhetins dos meus amigos, sabedores de tudo, conhecedores de todos os nomes distinctos, á excepção do Lobato, e do Madureira; menos euphonicos que Macpherson, Goethe, Klopstock, e outros, que elles conhecem, como eu, dos catalogos da bibliotheca *Charpentier*.” (Branco 1860, 53).

O capítulo xxvi de *Horas de Paz* (1865) é intitulado “O Bardo irlandez (extracto)”, no qual o poeta lamenta a perda da independência da “desgraçada Irlanda”, assumindo o tom inconfundível do bardo conhecido desde as publicações de Macpherson. Não só no § II Castello Branco utiliza estruturas frásicas e imagética tipicamente ossiânicas, evocando assim associações e conotações com a figura do bardo escocês como *topos* literário:

É a voz d’um filho da viçosa Erin, a voz santa do poeta que geme assim no silencio da noite. Como o bardo antigo, assentado sobre rochedos que as vagas escumosas vem cobrir, e comprimindo ao seio a harpa gauleza que outr’ora festejava a Irlanda, conta em vozes melodiosas cousas passadas e miserias presentes da nobre terra, sobre a qual a sombria e fanatica Albião fez germinar a miseria e o captiveiro. Oh! a miseria de tuas ferteis entranhas, nobre mãe de tantos homens bravos! A escravidão para ti, bella e nobre Erin! para ti cuja fronte livre se elevava entre as nações, radiante do sagrado signal da Redempção, e carregada dos louros de cem batalhas! (Branco 1903, 43-44)

Após a leitura de *Visão dos Tempos* (1864) de Teófilo Braga em 1865, Castello Branco reconhece o esgotamento da poesia romântica portuguesa, ‘visionária’ e monótona. Nos seus *Esboços de apreciações litterárias* (1865) aponta para desconcertos históricos nesta obra poética do jovem autor, exemplificando do seu texto, e utilizando o debate sobre *Ossian* como um caso paradigmático para a metodologia da crítica literária:

Na contextura da «Bacante» [cf. *Visão dos Tempos*, 1894, vol. II: 215-293] a crítica não tem direito a assinalar inverosimilhanças. Ninguém se dá à ingloria, senão estólida canseira de malsinar os desconcertos de Macpherson e Hoffmann, nem ainda o maravilhoso das epopeias que mais de perto se acostam à história e à tradição. O sr. Teófilo Braga inventou; dos usos gregos aproveitou as decorações, sem dúvida, que lhas deu. (Branco 1969, 255)

António Augusto Soares de Passos (1826-1860)

Também natural do Porto, onde iria exercer a profissão de advogado, Soares de Passos a partir de 1851 editou o *Novo Trovador* durante os seus estudos em Coimbra

com os poetas portuenses (A. Braga, S. Ferraz, A. Gouvêa), continuando assim uma tradição académica, estabelecida pelo jornal de versos *O Trovador*. Tal como um pouco mais tarde *O Bardo*, este periódico serviu para divulgar não só a sua poesia, mas também a imagem de Soares de Passos como verdadeiro poeta romântico: “aquele que, fundindo sentimento e expressão, consegue, mais do que comunicar, transformar-se a si próprio em matéria comunicável, produzindo o efeito transparência afectiva a que se poderia chamar, nesse âmbito, o sujeito romântico.” (H. Buescu 1997, 409)

Quando acabou com sucesso o seu curso de Direito em Coimbra, Soares de Passos foi recusado para um lugar de segundo bibliotecário na Biblioteca Municipal do Porto. Esta recusa causou-lhe uma depressão tão grande, que raramente saiu do seu quarto durante quatro anos (1854-1858). Famoso pela balada mórbida “O Noivado do Sepulchro” (1852) inspirado por Bürger, o poeta traduziu e publicou também três peças *Ossiânicas* de Macpherson: “Ao Sol”, sendo um fragmento de “Carthon”, “Colma”, um excerto de “The Songs of Selma” e o primeiro canto de *Fingal*. Estas traduções baseiam-se no texto dos *Poems of Ossian* editado em 1773. Em “Colma” o tradutor utiliza uma mistura de onze sílabas e alexandrinos para reproduzir a “queixa solitária” em estilo elevado.

Vários poemas na colectânea *Poesias* (1856) de Soares de Passos são escritos num tom melancólico, que lembra fortemente a ‘joy of grief’ ossiânica.⁷⁴ Uma recensão contemporânea caracteriza o sentimento poético dos últimos românticos:

As suas *Poesias* publicadas em 1856 valeram-lhe os maiores elogios. São bem merecidos. [...] Na poesia d’alma, na paixão que Byron chamava verdadeira poesia, não vejo superior a A. Braga. – E tel-o-ha A. de Passos na d’imaginação, no genero heroico? Fé, entusiasmo, e grandeza, eis a poesia de Soares de Passos:

⁷⁴ Cf. os seus poemas: “Boabdil, último Rei Mouro de Granada” (Soares de Passos 1909, 18-21), “Saudade” (Soares de Passos 1909, 66-68), ou “Á Morte do talentoso jovem Heliodoro Augusto de Sousa” (Soares de Passos 1909, 192-197). T. Braga associa as produções desta “geração dos tristes” directamente ao ‘joy of grief’ de *Ossian*: “... o novo romance subjectivo d’essa geração dos tristes que se chamam *René*, *Werther*, *Jacopo Ortis*, *Obermann*, *Antony*, *Lelia*, *Manfredo*, tem como correspondente o lyrismo melancholico dos Lakistas, dos Novalis, Millevoye e Soares de Passos, que obedeceram a uma tendencia de espiritos, que se compraziam com os pastiches do *Ossian* de Mac Pherson.” (Braga 1892, 202)

paixão, sentimento e saudade, eis a poesia de Alexandre Braga. (*Revista Peninsular*, vol. II, 281)

No seu prefácio na nona edição das *Poesias* (1908) Teófilo Braga nota uma “sentimentalidade depressiva” tão característica para o período do ‘Ultra-Romantismo’. Segundo o crítico a proveniência deste sentimentalismo⁷⁵ indica uma “tendencia geral dos espiritos, que se compraziam na admiração das falsificações litterarias de Mac Pherson” ou então a influência de obras como *Werther* ou *René* etc., nas quais Ossian está presente. (Soares de Passos 1908, X)

Não só nos círculos literários do Porto esta abordagem lírica do sentimentalismo convencional será o modo da expressão predominante para os últimos representantes do Romantismo português. Braga distingue entre os “Ultra-românticos” que perpetuam um “Romantismo religioso, sentimental e ossianesco”⁷⁶ (João de Lemos, Augusto Lima, Correia Caldeira, António de Serpa, Xavier Cordeiro, Pereira da Cunha, Soares de Passos) e os representantes de um “Romantismo liberal”, influenciados por Victor Hugo e Alfred de Musset (Alexandre Braga, Mendes Leal, Palmerim, Bulhão Pato, Camillo Castello Branco, Ernesto Marecos, Tomás Ribeiro, Eduardo Vidal, Júlio Dinis, Ernesto Pinto). Todavia, defende a “poesia sentimentalista” de Soares de Passos como “verdadeiramente pessoal e subjectiva” que descobre na natureza (semelhante à imagística ossiânica) a “expressão moral da melancholia fatídica da alma”. (Soares de Passos 1908, XI)

Famoso pelos seus romances rústicos, o autor Júlio Diniz (1837-1871), nascido do Porto onde estudou Medicina, partilhou o destino de tantos heróis ossiânicos ao sofrer uma morte prematura. No seu poema “A Morte do Poeta (Á Memoria

⁷⁵ “Considerando a crescente divulgação e recepção produtiva internacional das obras literárias a partir do final do século XVIII torna-se difícil distinguir entre romantismos nacionais, como tenta A. M. Machado: “Dans le domaine allemand, on doit signaler surtout, comme pour *O Bardo*, les traductions ou versions des poèmes de Heine faites ici par Soares de Passos et Júlio Dinis, de même que les traductions ou versions de Uhland par Soares de Passos et Nogueira Lima. Le romantisme anglais, à part quelques reflets byroniens, reste très secondaire, les versions de Macpherson-Ossian par Soares de Passos confirmant la persistance au Portugal de l’influence d’un certain préromantisme anglais jusqu’à la deuxième moitié du XIXe siècle.” (A. M. Machado 1986a, 274)

⁷⁶ T. Braga (1892) *As Modernas Ideias na Literatura Portuguesa*, Porto: E. Chardron, Lugan & Genelioux, vol. II, p. 12.

de A. A. Soares de Passos)”, escrito em 1860, utiliza o estilo evocativo de *Ossian*, lutando contra o esquecimento do ‘bardo português’:

O poeta morreu! E o sol e os astros
 Que elle cantou, e a aboboda celeste
 De ltuosas trevas se não veste;
 E tu, ó patria, que elle amava tanto,
 Tu dormes inda esse gelado somno?!
 Não te acorda o seu ultimo gemido? [...]
 Mas não; os homens vêem passar o féretro,
 Vêem do sepulchro alevantar-se a lousa,
 E, olhando a nobre fronte que repousa,
 - Quem é? Perguntam com cruel frieza. (Diniz 1920, 16)

Em “A Ingleza” (1865) Diniz retrata uma jovem inglesa no pano de fundo de um cenário ossiânico romantizado:

Foi da patria de Malvina,
 Foi dentre aquella neblina
 Que ella surgiu. (Diniz 1920, 160)

A descrição da donzela aparentemente triste e inconsolável por natureza (“O olhar distrahido, vago, / O azul do céu como um lago / A reflectir.”) está repleto de atributos de figuras ossiânicas cuja melancolia era quase proverbial:

Vulto de tanta poesia
 Nem de Ossian a phantasia
 Imaginou,
 Quando dos monte na escarpa
 Ao som de inspirada harpa
 Os evocou. (Diniz 1920, 161)

Mas por baixo desta superfície de “aguas serenas, / Que uma briza enruga apenas” o poeta português, cujo ‘Eu lírico’ assume a posição discreta do mero observador, descobre uma face diferente da menina:

Engano! Sob a apparencia
 De uma placida existencia
 Lavra a paixão,
 Como sob verdes prados,
 Sob outeiros enflorados
 Treme um vulcão. (Diniz 1920, 162)

Contudo a tristeza da ‘ingleza’ não é ossiânica no sentido wertheriano, mas vem do “pranto” da prevista partida: a jovem mulher deve deixar a sua família para seguir o homem que escolheu. Esta perda antecipada, a preocupação com o pai idoso, sem forças e sobretudo o tom dos últimos versos fazem lembrar os lamentos de Ossian (juventude e esperanças perdidas) e o seu culto de memória:

E hoje, ai, hoje por onde erra
 Essa filha de Inglaterra?
 Quem sabe lá!
 Quem na memória a conserva?
 Cresce alta no parque a herva
 Ha tanto já! (Diniz 1920, 165)

Contrário a Diniz, Julio Cesar Machado (1835-1890) associa as belezas inglesas que encontrou e adorou no “famoso baile de *Cremorn*” (“*pandemonio esplendido*”) durante a sua visita a Londres no princípio dos anos sessenta do século XIX com figuras ossiânicas. Referindo também as filhas literárias de Samuel Richardson (Pamela e Clarissa), Machado estiliza o sexo feminino britânico como ideal poético:

As inglezas que abrilhantam *Cremorn*, póde e deve dizer-se que são as mais encantadoras visões que um poeta tem sonhado. Imaginem as loiras imagens de Richardson, as figuras brancas e azues que nos quadros ingleses destacam sobre um fundo cinzento, ou as aparições indecisas de Ossian, o *poeta do vago*, como lhe chama Lamartine. (J. C. Machado 1863, 141).

Várias revistas e jornais literários portugueses continuaram a celebrar elementos da cultura bárdica, tal como o Gótico, a poesia fúnebre e o sentimentalismo. A *Lisia*

Poética ou Collecção de Poesias Modernas de Auctores Portuguezes publicada por José Ferreira Monteiro (Rio de Janeiro, 1848) oferece uma amostra significativa desta produção durante os anos quarenta. Principalmente os já mencionados *O Trovador* (1844-8), *O Novo Trovador* (1851-6) e *O Bardo* (1852-4) perpetuaram o tom elegíaco e a moda da ‘joy of grief’ exibidos em obras como *Elegy written in a Country Churchyard*, *Night-Thoughts* e *Ossian*. A “2.ª Collecção” do jornal de poesias portuense *Miscellanea Poetica* (1851-2) traz os poemas “Chatterton” (4-5) de Silva Ferraz e “Um bardo na Germania” (6-8) de E. A. Salgado, uma peça no espírito da literatura bárdica alemã na segunda metade do século XVIII⁷⁷, cujos representantes (Klopstock, Gerstenberg, Denis, J. G. Jacobi, etc.), foram influenciados por *Ossian*:

Cantava assim triste bardo,
 Curvando-se sob o fardo
 De crueis tribulações,
 Suas faces eram lividas,
 E queimadas pelas lagrimas,
 E o seu coração languido
 Matavam-lh’o as paixões. (*Miscellanea Poetica*, 1852, 6-7)

As traduções de Luiz Ribeiro de Sottomayor, de Arnaldo de Sousa da Gama e de João Nepomuceno de Seixas

Seguindo a tradição do *Repositório Literário* (1834-5), *A Peninsula*, outro periódico literário portuense, publicou duas peças ossiânicas em 1852: “A Guerra de Caros. (Traducção livre d’Ossian)” a partir do francês de Luiz Ribeiro de Sottomayor, e “Oina-Morul”, traduzido pelo portuense Arnaldo de Sousa Dantas da Gama. Ambos os poemas apareceram com pequenas introduções e notas.

Sobretudo nos anos cinquenta e sessenta Arnaldo Gama (1828-1869) escreveu romances de actualidade e históricos, apresentando ainda o volume *Poesias*

⁷⁷ Cf. Schmidt, Wolf Gerhard (2003) ‘Homer des Nordens’ und ‘Mutter der Romantik’. *James Macphersons Ossian und seine Rezeption in der deutschsprachigen Literatur*, 2 vols, Berlin: Walter de Gruyter; Bär, Gerald, *Ossian. Der philologische Streit um seine Authentizität und sein Einfluß auf die deutsche Literatur und Geistesgeschichte*. (Diss. M.A. Univ. Freiburg, 1986), n.p.; Tombo, Rudolf (1901) *Ossian in Germany*, (Diss. Columbia University), New York: Columbia Univ. Press.

e *Contos* ao público em 1857. Na apresentação da sua tradução de “Oina-morul” observa que os “immensos epítetos verdadeiramente homericos” nos poemas de Ossian evidenciam “uma imitação do grande poeta grego [Homer]” desmentindo ao mesmo tempo a “pretenção de Macpherson”. Estes epítetos tão característicos do estilo do Bardo⁷⁸ dificultaram a tarefa do tradutor que pretendia ser fiel ao original inglês:

Os meus desejos foram transladar para a nossa língua, o mais fielmente que pudesse, não só os pensamentos, mas até a forma extravagante de expressão que n’estes pões se acha e que constitue um dos pontos mais essenciaes da sua singulariedade. (*A Peninsula*, 1852, vol. I: 395).

No ano da sua publicação da “tradução livre d’Ossian”, Luiz Ribeiro de Sottomaior formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra. De 1853 a 1857 foi redactor do periódico *Portugal* do partido denominado legitimista. Em revistas literárias como o *Bardo*, o *Archivo*, a *Revista Universal* e o *Instituto* publicou poesias e peças de teatro (entre outros *Morte de Wallenstein*. Tragédia em cinco actos, imitada de Schiller).

A tradução “A Guerra de Caros” de Sottomayor é precedida por algumas informações sobre a recepção controversa do *corpus* ossiânico, “tão censurada por uns como gostada por outros”. Assumindo ainda que as poucas linhas de *Fingal* traduzido por Bocage eram as únicas do Bardo em língua portuguesa, este comentário editorial, sem moralizar, defende o interesse desta “originalidade da litteratura ingleza”:

Os poemas de Ossian fazem parte d’essa nebulosa e singular poesia antiga do norte, que envolve em si os cantos dos Nieblunghen e outros poetas de linguagem não menos extravagante. (*A Peninsula*, 1852, vol. I: 354)

Após um breve resumo do debate sobre a autenticidade no Reino Unido, o editor chega à conclusão de que Macpherson é um autor, que, tal como Chatterton, “queria acubertar” a sua produção imitando a linguagem e o estilo dos antigos para proteger os poemas da recepção pouco favorável que as suas prévias obras assumidas tiveram:

⁷⁸ Nas suas notas que tentam explicar o texto de *Fingal*, Macpherson chama atenção para as semelhanças estilísticas com obras de Homero e Virgílio.

Mas seja ou não Ossian uma verdadeira personalidade; [...] o que é certo é que estes poemas fizeram grande arruio no mundo litterario e que tiveram uma verdadeira influencia sobre elle. A sua linguagem singular, as suas formas extravagantes e as suas comparações arrojadas fizeram uma viva impressão em todos os ânimos. A litteratura teve uma nova phase, um novo desvio - a imitação d'Ossian estragou, desmoralizou o romanticismo com que a imaginação brilhante de Shakespeare havia marcado n'ella uma nova época. (*A Peninsula*, 1852, vol. I: 355)

Dez anos mais tarde Sottomayor incluirá a tradução de “The War of Caros” no seu volume de *Poesias* (1862, pp. 65-66) sempre datado de Março de 1851, embora com muitas alterações no texto. Ainda junta “O Rapto D'Oithona. Poema d'Ossian” (“The Rape of Oithona”) previamente publicado na revista *O Instituto* em 1861 (vol. 9: 232-235).

Ambos os poemas são apresentados com um breve sumário do argumento prefixado, mas sem notas. Seguindo o exemplo do tradutor italiano de *Ossian*, Sottomayor toma a liberdade de adaptar os nomes próprios à pronúncia portuguesa.

Entretanto, João Nepomuceno de Seixas (? - 1873), Cavaleiro da Ordem de Cristo e professor de História nas escolas do Conservatório Real, publicou o artigo “Ossian” na revista lisboeta *A Instrucção Publica* (1856). O autor elogia “Maeperson” (*sic*) de “Kingensie” (*sic*) “a quem devemos a aparição d'esses monumentos de poesia, compostos em linguagem erxe, religiosamente conservadas pela tradição e só conhecidos pelos montanhezes da Escossia”. Em palavras apazíveis, e sem duvidar da autenticidade e historicidade deste “poeta gigante”, cujas produções “o celebre Cesarotti julgou ainda superior ao d'Homero”, Seixas tenta perpetuar um mito, que desde sempre foi alvo de contestação:

Lá pois no norte da Europa, n'essa região nublosa das ilhas britannicas, no meio d'um paiz agreste; antigamente habituado pela raça céltica, o genio da inspiração fez ouvir a voz magestoso, sonora e sentida d'um poeta, d'um dos maiores génios que há empunhado a harpa d'ouro dos bardos. Porém esse cantar magestoso, ficara abafado entre rochedos, e durante seculos só fôra ouvido pelos eccos da montanha da Escossia. (Seixas 1856, 100)

Para contrastar as características (“ternura” e “sublimidade”) destes cânticos com a “belleza molle e voluptuosa, descrita pelos poetas do meio dia”, Seixas apresenta três amostras traduzidas: fragmentos de “Carthon” (invocação ao sol), dos célebres “Songs of Selma” (Colma) e de “Carric-thura” (a luta de Fingal com o espírito de Loda).

Em 1868 a *Gazeta Litteraria* de Lisboa publicou sem comentário mais uma peça atribuída ao Bardo: “Colna-dona (De Ossian)”⁷⁹. Esta tradução livre de Jorge Gonçalves Gervásio Lobato (1850-1895) omite tanto o resumo do argumento como as notas de Macpherson. Tal como Seixas e contrariamente aos outros tradutores portugueses que preferiram versos⁸⁰, Gervásio Lobato utiliza a prosa para a sua versão. Embora tenha tido maior impacto no norte do país, a poesia à maneira de Ossian deve ter ganho o seu público ‘ultra-romântico’ no sul. Todavia, coube a uma poetisa nortenha a elaboração da primeira tradução completa de *Fingal* um ano mais cedo.

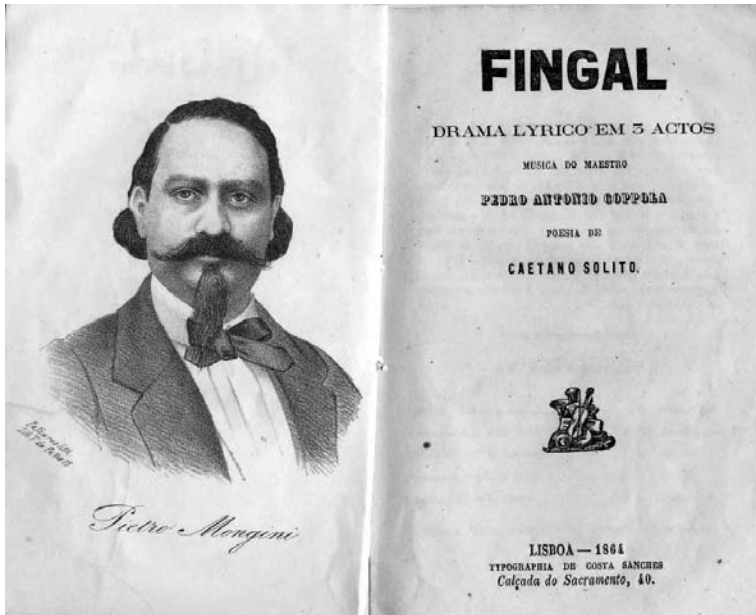
Maria Adelaide Fernandes Prata (1826-1881)

No dia 21 de Abril 1851 estreou *Fingal*, o “drama lyrico em 3 actos” de Coppola, no Real Theatro de São Carlos em Lisboa. O espectáculo foi repetido nove vezes e reposto em 1864 para mais duas apresentações.

A pequena introdução nos libretos bilingues (italiano/português) impressos para estas ocasiões (Lisboa, 1851 e 1864) descreve Fingal como o Rei de Morven, um herói caledónio do século III. Nem Macpherson, nem o debate sobre a autenticidade da matéria são mencionados no breve resumo do argumento da ópera *Fingal*.

⁷⁹ *Gazeta Litteraria, Periodico Artístico e Recreativo*. (Red. P. M. da Silva Costa), 1.º Ano, n.º 18, Sabbado, 15 de Fevereiro de 1868, Lisboa, pp. 2-3.

⁸⁰ Buescu explica este facto com a tentativa dos tradutores (poéticos) captarem as noções e sentimentos (ultra-)romantistas do seu grupo alvo cultural, sempre fiel à convicção que um texto do terceiro século supostamente transmitido por tradição oral devia ser versificado. (M. Buescu 2001, 189-190). Também tradutores de outros países seguiram esta regra no caso de *Ossian* (cf. as trad. de Homero).



Galeria Lyrica, 1864, 3: frontispício com o retrato do primeiro tenor do Real Theatro de S. Carlos, Pietro Mongini, que desempenhou o papel de Fingal quando a ópera foi apresentada novamente em 1864.

Provavelmente, Maria Adelaide Fernandes Prata tinha conhecimento das traduções incompletas que Bocage e Soares de Passos deixaram do poema épico, mas também é possível que a sua própria versão de *Fingal* tivesse sido inspirada por uma das apresentações teatrais ou pelas críticas nos jornais. Logo depois da estreia da ópera *Fingal* em 1851 o semanário lisboeta *A Semana Theatral*, elogiou o seu compositor Coppola que “se vê coroadado de innumeráveis louros e flores, sendo-lhe ao mesmo tempo unanimemente applaudida a sua excellente composição”: “A musica da ópera *Fingal*, em geral, é bastante agradável e primorosamente concertada.” (*A Semana Theatral*, 1851, 49).

A crítica entusiasmou-se também com os actores que receberam “justos e bem merecidos applausos”. Principalmente a famosa Clara Novello (soprano), no papel de Agandeca, “aparece mais uma vez infundindo a admiração e o entusiasmo, com os “maviosos sons, que lhe nascem do coração”, com a “poesia que o seu canto [...] inspira”:

E é por tão superior desempenho que o exímio soprano se vê coroado de mimosas flores, de bem tecidos ramalhetes, de verdes grinaldas, e d'outras muito merecidas ovações, que tanto da platéa como dos camarotes não cessam de prodigalizar-lhe. (*A Semana Theatral*, 1851, 50).

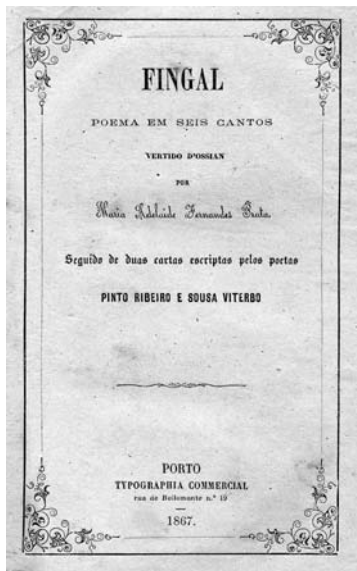


Segundo Innocencio da Silva, que só tinha conhecimento da tradução de Bocage através de uma edição das obras de 1853⁸¹, Adelaide Prata era natural do Porto, mas faleceu em Lisboa, “para onde fora viver algum tempo”.

⁸¹ “O que Bocage tentou, mas não realizou, impedido da morte que apenas lhe deixou verter os primeiros versos [...] conseguiu a sr.^a D. Maria Prata, dando-nos no *Fingal*, em bem contornados endecasyllabos com esmero e acabamento que lhe foi possível.” (I. F. da Silva 1893, XVI: 350)

Vários poemas do seu volume *Poesias* “oferecidas Às Senhoras Portuenses” (1859) antecipam o sentimento e a paisagem ossiânicos que a tradutora iria acentuar na sua versão de *Fingal*. Principalmente os poemas ‘Horas de tristeza’, ‘Na Campa d’uma Amiga’, ‘A Melancolia’ e ‘Alceo a Armina’ desenvolvem os bem conhecidos temas bárdicos e evocam a imagética lânguida do cemitério.

Após *O Filho de Deus* (1863), vida “d’um heróe alto, divino, / Em verso heroico”, Prata publica em 1867 a primeira e única completa tradução portuguesa de *Fingal* (*Fingal. Poema em seis Cantos Vertido D’Ossian por Maria Adelaide Fernandes Prata*) mais do que um século após a primeira edição inglesa de 1761.



Contrariamente à tradução espanhola de Don Pedro Montengón (Madrid, 1800), a versão portuguesa de Prata “em bem contornados endecasyllabos” (Inocência F. da Silva), não parece ter confiado na tradução italiana de Cesarotti, mas na francesa de Le Tourneur.⁸² Prata nem refere os comentários e notas de

⁸² Cf.: p. 29: “Cairbar” (Letourneur 1810: I, p. 3: “Caïrbar”) em vez de “Carbar” (Macpherson) ou p. 30: “Montes Solitários” (Letourneur 1810: I, p. 4: “Monts-Solitaires”).

Macpherson, nem as dissertações de Blair. Embora a publicação possa parecer um anacronismo, é bastante sintomático para uma época de revivalismo, que tenta perpetuar a maneira de pensar, sentir e escrever do Romantismo. As duas cartas posfaciadas dos poetas Pinto Ribeiro e Sousa Viterbo compõem-se tanto de elogios da tradutora como de análises do poema épico.

Utilizando o tom bárdico, Pinto Ribeiro considera *Fingal* “um dos mais bellos poemetos do Homero do Norte” - expressão normalmente atribuída a Mme de Staël. Louva as obras prévias, a “entrega a tão deleitosos e seguros entretenimentos” e a meditação incessante de Prata “na austera reclusão”. Evocando modelos poéticos, como Sappho, Klopstock, Lamartine, Gessner, Virgílio, Van-Hasselt, Camões e Eichendorff, admira o seu empenho de pegar “de novo a lyra ebúrnea para se ir ao paiz dos eternos nevoeiros escutar os lamentos da sudosa Malvina e traslada-los depois para a lingua de frei Francisco de S. Luiz, em versos harmónissimos e estrellejados ...”. (Prata 1867, 7)

Na opinião de Pinto Ribeiro a sua pressuposta ingenuidade feminina aproxima-se da atitude expressa na poesia desafectada e original, que detecta em *Ossian*:

Somente a mulher é que póde produzir verdadeira poesia. Os defeitos de forma resgata-os ella com um gratissimo perfume d’amor e crença, phantasiOSO lyrismo, sensibilidade exquisita e phrases d’ingenua simplicidade a que nunca póde attingir a poesia mascula. (Prata 1867, 8-9)

Analisando esta poesia no pano de fundo de um neoclassicismo ultrapassado, o crítico antecipa um grande futuro para este estilo numa época em que as primeiras obras literárias do Realismo português já estavam a ser lançadas.

Contudo, resta a Sousa Viterbo (1845-1910) examinar em pormenor *Ossian*, o “grande poeta”. Após apreciação da elegância e escolha excelente da tradutora, o poeta entusiasticamente analisa as “estrophes sublimes” de *Fingal*, o “melhor poema d’Ossian”: “Tem a rudeza dos primitivos tempos, mas é rudeza que faz do coração escravo, da intelligencia um admirador convicto.” (Prata 1867, 10).

Segundo Viterbo a literatura moderna “está empenhada n’uma divida augusta para com Mackpherson” [sic], quem foi o primeiro a “desenterrar do obscurantismo” aqueles “poemas sublimes, ainda que selvagens, do bardo por excellencia da Caledonia”.

Longe de ser acusado de fraude, Macpherson é elogiado como “o celebre antiquario da poesia” que com “zelo religioso” salvou este “objecto preciocissimo

tão mal enthesoirdado nas grosseiras bôccas dos montanhezes da Escossia” da destruição:

A estatua d’Apollo deve-lhe um de seus mais gloriosos tropheus, e a cabeça da musa epica uma das mais virentes grinaldas, com que tem enastrado os seus formosos e ebanizados cabellos. (Prata 1867, 11)

No seu comentário lisonjeiro Sousa Viterbo entra em detalhes (pseudo-)históricos sobre a cultura bárdica, imortaliza figuras ossiânicas e ataca poetas modernos, empregando os ideais implícitos nesta poesia.

Evocando “as sombras gloriosas” dos antepassados de Ossian, a expressão dos “hymnos” do “Homero da Escossia” parecem-lhe como “obulo da gratidão traduzido na linguagem pura dos serafins”. Inventava um cenário quase pastoril, captado pela poesia com “o seu dityrambo: de ternura, de melancolia, de suavidade, de delírio e de paixão”. Citando o Bardo inspirado pela natureza, Sousa Viterbo dá exemplos de bom gosto e estilo, de cenas de amor e de batalha. A conclusão da sua análise culmina na tese que *Fingal* seja “talvez mais poema lírico do que épico”:

Em todos os cantos ha um continuado lyrismo, que mais faz pensar no genero romantico, que no estylo classico da antiguidade. Não admira. Ossian sentia o bello despido completamente das regras pedantescas da Rhetorica. O seu Quintiliano era a natureza: Era o seu genio o mestre, que lhe dava as proveitosas licções. (Prata 1867, 16)

Definido como produto híbrido, a poesia em questão constitui um novo género e o seu autor é identificado com o ‘génio original’, numa terminologia já introduzida na época pré-romântica do *Sturm und Drang*.

Relembrando o impacto de *Ossian* na sua própria juventude, “todas essas idealidades subtis, vaporosas, tentadoras”, Sousa Viterbo também expõe os aspectos eróticos implícitos e expressa a sua admiração para o nível moral e ético atingido por um povo pagão e supostamente bárbarico. Para estabelecer comparações históricas relativamente a hábitos e costumes, o autor utiliza a *Odisseia*, o povo da região minhota, e outra fonte ossiânica: *Temora* – “Producto expontaneo de todos os sentimentos grandiosos” que toca “com a sua singeleza as raias do sublime”. (Prata 1867, 22).

Sem mencionar fontes ou nomes, admite finalmente a existência de algumas opiniões críticas que condenam “o abusivo emprego d’imagens muito parentes entre si”. Embora reconhecendo a sua falta de autoridade nesta matéria, tenta defender o Bardo com mais exemplos da sua excelência poética. Também chama atenção para semelhanças com Virgílio em *Fingal*: os sonhos de Aeneas / Crugal com as aparições de Connal / Hector. E em “Lathmon”: as constelações Ossian e Gaul / Nisus e Euryalus. Contudo, a suspeita de um possível plágio permanece tabu, ao contrário, Sousa Viterbo frisa que Ossian não precisa de reear qualquer comparação:

Ao ler alguns trechos dos poemas que nos restam d’Ossian, reparei que tinham nimia similhaça com outros do dulcissimo Virgilio. Um é no poema *Fingal* (Canto 1.º) o sonho de Crugal, muito parecido com o d’Eneas. Ao primeiro aparece a sombra de Connal, ao segundo a de Heitor, ambos predizendo a ruina e a desgraça dos seus. O outro é no poema intitulado *Lathmon*, em que dois amigos (Ossiani e Gaul) imitam exactamente a Nisus e Euryalus. E este episodio, posto que mais mal tratado que na sublime epopeia do mantuano, leva-lhe comtudo, em certos pontos, algumas vantagens. (Prata 1867, 24)⁸³

Provavelmente Sousa Viterbo nunca teve conhecimento ou ignorou completamente o debate contínuo sobre a autenticidade da poesia editada por Macpherson. Todavia, não se esquece de assinalar algumas afinidades entre Ossian e Camões:

... Ossian tem alguma analogia com o nosso muito estimavel Camões. Ambos os poetas tem um fito principal; o de celebrar as acções dos seus compatriotas. *Fingal* é um tecido de biographias historicas; nos *Luziadas*, a descoberta da India é quasi um pretexto para daguerriotypar os excellentes heroes da nossa patria. (Prata 1867, 25)

O poeta termina a sua apreciação louvando mais uma vez a tradutora, que “com mãos artisticas lapidou para a corôa da nossa lingua uma joia d’extranho idioma, [...] daquelle joalheiro, que se chama Ossian”.

⁸³ Cf.: as notas de Macpherson, Gaskill 1996, PO: 425, n. 1; 466, n. 1. O artigo “Poesia Epica” no *Recreio Juvenil* (1858), 29 de Julho, inclui a tradução do comentário de Blair sobre a *Eneida* de Virgílio.

Com a intenção de provar que “a litteratura Portuguesa não é estéril”, Manuel Pinheiro Chagas (1842-1895), autor de *Poema da Mocidade* e *Anjo do Lar* (1865), inclui no seu artigo “Poetas e Prosadores” (1868: 202-3) uma recensão muito favorável sobre *Fingal* traduzido por Adelaide Prata. Obviamente sem a noção da fascinação que o Gótico possui para todos os sexos, o crítico mostra a sua admiração pelo facto de que “um espirito feminil e peninsular se apaixonou pelo sombrio bardo da Caledonia, pelo poeta que se deleita em cantar combates e ruínas, em desenhar na tela alvacenta das brumas escocezas as formas vagas dos espectros...”. Pinheiro Chagas elogia a habilidade da tradutora de se compenetrar “perfeitamente do espirito do original” e a sua capacidade de

... reproduzir com fidelidade e energia aquelles versos estranhos, que vibram ás vezes com o som rouco do *claymore* batendo nos escudos sonoros, e outras vezes suspiram melancolicos e plangentes como a levada que se despenha pelas encostas dos serros highlandezes... (Pinheiro Chagas 1868, 202)

O crítico poético aprecia o conhecimento dos “segredos” da língua portuguesa da tradutora, a sua facilidade de os empregar e sobretudo o seu “dom de metrificar bem” – qualidades indispensáveis para traduzir *Ossian*, devido à “abundancia de epithetos, que caracteriza a poesia dos povos primitivos”. Pinheiro Chagas coloca a arte de Adelaide Prata na tradição de tradutores como Filinto Elycio, Elmano e Castilho:

... o verso solto pois, debaixo dos dedos habeis da traductora d’Ossian, amolda-se a todas as expressões, e deslisa fluentes sem monotonia, harmonioso sem turgidez, natural sem prosaismo. (Pinheiro Chagas 1868, 202)

Também observa o perigo de “habitos da poesia moderna” que interferem com o espirito dos cantos, exigindo cuidado para “não introduzir no poema phrase, geito de expressão que destoasse da poetica rudeza do bardo celedonio [sic]”.

‘Macpherson foi seu nome’, diz Garrett; mas eu, com o respeito devido ao nosso grande poeta, não posso admittir que em pleno século XVIII, ao lado da poesia artificial, de que era Pope a mais completa e mais admirada expressão, n’um tempo em que não se attendia senão à litteratura dos séculos illustrados, houvesse um poeta, e principalmente um poeta mediocre como era Macpherson,

que se compenetrasse tão bem do espirito dos povos primitivos, que podesse fazer brotar da imaginação, completa e armada de ponto em branco, uma poesia tão acomodada como esta é aos habitos, ás predilecções, aos sentimentos d’elles. (Pinheiro Chagas 1868, 202)

Seguindo as opiniões de Gray, Campbell, Cesarotti⁸⁴ e outros que defenderam a autenticidade de Ossian, questionando os talentos da figura do suposto editor/ tradutor, Pinheiro Chagas não admite na sua argumentação que Macpherson tivesse tido as mesmas qualidades poéticas atestadas à tradutora portuguesa. Contudo, absolve Macpherson da acusação de ter introduzido “idéas modernas na teia do poema antiquissimo”. Mas para demonstrar a sua peritagem, expõe uma ideia aparentemente anacrónica que teria invadido a obra de Prata. Comparando-a com a tradução francesa de Auguste Lacaussade em prosa (em vez de utilizar uma versão inglesa), o crítico aponta para a expressão “salles bruyantes” a qual Prata traduziu como “salões doirados”. Com a delicadeza de um cavalheiro Pinheiro Chagas recorre à versão de Lacaussade de novo, mas desta vez para evidenciar a fidelidade da tradução de Prata com um suposto original que nunca é citado.

Com a tradução de *Fingal* por Adelaide Prata, o tardio revivalismo da poesia ossiânica chegou ao seu clímax nas letras portuguesas, infelizmente sem deixar marcas aparentes nas outras artes.

Todavia, alusões e imagística ossiânicas continuam a aparecer por vezes inesperadamente. Por exemplo, na segunda parte do livro do seu *Fim de um Mundo. Satyras Modernas* (1899), intitulada “Mephistopheles no Cemiterio”, Gomes Leal (1848-1921) dedica epitáfios a Lady Macbeth, Bismarck e Richard Wagner (“Cantôr do *Lohengrin*”) entre outros. Encontra-se também o seguinte “Epitaphio de Ossian”:

Tu tens a tua campa em meio de nevoeiros,
Bardo heroico e leal! -
Pois bem. Sonha ao luar nos espectros guerreiros
da raça de Morven! ... leaes e verdadeiros ...
nos filhos de Fingal! (Leal 1899, 341)

⁸⁴ Cf.: Carta de Thomas Gray a Thomas Wharton, Julho de 1760; Campbell, *History of Poetry in Scotland*, 1798; Dissertação de Cesarotti na 3.^a edição revista de *Poesie di Ossian*, 1801.

No poema “Fiel” (1879) de Guerra Junqueiro (1850-1923), o leitor entra num cenário de sentimentos melancólicos, que apesar do uivar do velho cão, pode ser interpretado como premonição ou mesmo como o canto do cisne de pretensões românticas:

E ao ver surgir da lua a palidez ethereal
 O velho cão uiava uma canção funerea,
 Triste como a tristeza ossianica do mar. (Junqueiro 1913, 150)

Conclusões

Embora ainda não esteja disponível nenhuma tradução portuguesa da obra completa atribuída a Ossian por Macpherson, as peças mais aliciantes para o gosto Europeu, (cf. Gaskill 1994, *PO*, 460), foram vertidos no século XIX: *Fingal*, as invocações ao sol em “Carthon” e à lua em “Darthula” e os “Cantos de Selma” imortalizados em *Werther* (1.^a tradução portuguesa em 1821). Apontamos a falta de traduções de poemas provenientes de *Fragments of Ancient Poetry* (1760) e dos importantes textos teóricos de Macpherson e Blair que acompanhavam o *corpus* Ossiânico e foram determinantes para a sua recepção. Tal como noutros países, a maioria dos tradutores portugueses foi captada pela magia do Bardo na juventude. Ocuparam-se sobretudo com o conteúdo de *Fingal* (1762), mas também se encontram peças traduzidas de *Temora* (1763). O epicentro da tardia recepção portuguesa foi o Porto, principalmente no período do ‘Ultra-Romantismo’ nos anos 50 e 60 do século XIX.

Quanto à apreciação da poesia ossiânica, Cesarotti, Goethe e Napoleon são as autoridades (re)conhecidas, enquanto as opiniões de Herder ou o cepticismo do autor do artigo traduzido da *North American Review*, entre muitos outros que questionaram a sua autenticidade, são raramente referenciados ou até totalmente ignorados nas letras portuguesas. Apesar da posição crítica e depreciativa de Garrett e Herculano perante as publicações de Macpherson, muitas opiniões favoráveis relativamente ao problema filológico persistiram, até Teófilo Braga mudou a sua definitivamente em 1903.

A aparente insciência da presença e influência ossiânicas na literatura portuguesa tem várias explicações. Uma delas reside provavelmente no ‘tabu’ moral entre os críticos após a desacreditação de Macpherson e dos poemas atribuídos

a Ossian. Outra é a consequência da sua recepção tardia e por vezes indirecta através da perspectiva de gerações de autores estrangeiros. Alusões ossiânicas em conteúdo, imagística e estilo foram muitas vezes inconscientemente absorvidos durante a leitura de obras populares (maioritariamente francesas), cujos autores já têm sentido a influência do Bardo. Mme de Staël e a Marquesa de Alorna viraram o interesse dos seus compatriotas para a literatura alemã e inglesa, referindo-se a uma nova autoridade poética: o “Homero do Norte”. Para ‘Alcipe’ e ainda para Viterbo este “fictional founder of an alternative, non-classical ‘northern’ literary tradition” (Gaskill 1994, PO, 661) era uma fonte relevante que confirmava a teoria primitivista dos seguidores de Rousseau.

Todavia, em Portugal não teve o grande impacto como a ‘Ossianomania’ alemã, portanto o impulso para preservar a cultura popular não se pode atribuir a uma entusiástica recepção de *Ossian*, mas à leitura de Walter Scott, cujas obras nos anos trinta encontraram um terreno bem preparado. Garrett, geralmente considerado o fundador do Romantismo português, negou a importância de *Ossian* antes de sair do país, embora tenha sido, já naquela altura, influenciado pelos cantos do Bardo, algum tempo antes de apreciar os romances históricos de Scott na Inglaterra.

Durante e depois da Guerra Peninsular a poesia ossiânica foi menos politicamente instrumentalizada em Portugal que em Espanha (cf. Montiel 1974, 107-117). Os seus implícitos valores anárquicos, igualitários e mesmo utópicos (cf. Bär, 2001) passaram despercebidos. Os guerreiros nobres e implacáveis de Morven que serviram como modelos para os retratos dos índios de James Fenimore Cooper e para os representantes do ‘indianismo’ brasileiro não tiveram a mesma importância para a reconstrução poética da identidade dos Lusitanos dos tempos idos. Nem as diferentes qualidades formais e estruturas narrativas que contrastaram com o estilo neoclássico, há muito perpetuado, chamaram grande atenção aos teóricos da literatura portuguesa. Para alguns críticos *Ossian* era um clássico tal como Homero; para os outros uma falsificação que era proibido mencionar no contexto de ‘literatura séria’. Sendo assim, a tensão criativa e o potencial subversivo derivado do debate filológico contínuo que noutros países despertou novas produções literárias, não atingiram Portugal.

Foi mesmo este sentimento melancólico (“joy of grief”) tipicamente ossiânico o elemento mais atraente para os ‘Ultra-Românticos’, embora tendencialmente ‘cristianizado’ com o sentimentalismo proveniente dos *Night Thoughts* de Young.

Nesta paisagem da alma, este “dim, misty, dream-like and literally ghostly environment, characterized by formless obscurity” como Gaskill a descreve, perderam-se em prazeres nostálgicos de “heroic hopelessness, loneliness, despair and alienation”. (Gaskill 1994, PO, 672) Elementos deste ambiente foram obviamente absorvidos pela literatura portuguesa de terror, embora Maria Leonor Machado de Sousa só mencione Ossian brevemente na sua obra essencial *A Literatura “Negra” ou de Terror em Portugal* (1978), sem detectar a sua influência.⁸⁵

Devido a uma francofilia – criticada por Garrett e Herculano – que não só determinava os hábitos de leitura mas também o sentimento e juízo estético português, a imagem de Ossian parece ser filtrada por traduções e comentários franceses. Além dos periódicos literários que apresentaram muitas obras estrangeiras a um público alargado da classe culta, foram também os autores que, após conhecerem os textos originais no seu exílio britânico, espalharam os cantos do Bardo.

A publicação das traduções ossiânicas, das imitações e das informações acerca do debate sobre a autenticidade coincidiu com a recepção dos grandes poetas do Romantismo europeu. Obviamente, esta recepção tardia de textos Pré-Românticos já não podia ter o impacto e repercussões observados em outros países como na Alemanha, França ou Itália. Em Portugal a sua divulgação era fragmentária e dispersa durante um período de tempo relativamente longo. Algumas das publicações de e sobre Ossian só apareceram postumamente. As restantes foram publicadas sem centro editorial e sem a intervenção e o protagonismo de figuras importantes que se verificaram noutros países (Herder, Goethe, Cesarotti, Napoleão, etc.).

Em Portugal, os Cantos de Ossian não parecem ter inspirado peças originais de teatro ou de música, nem quadros ou gravuras (ilustrações de textos). As publicações ossiânicas subsequentes de John Smith (1747-1807)⁸⁶ que foram traduzidas em francês e italiano passaram despercebidas. Mesmo assim, o estudo comparativo-

⁸⁵ ²⁴ Cf. Sousa 1978, 20.

⁸⁶ Smith, John (1780) *GALIC ANTIQUITIES: Consisting of A History of the Druids, Particularly of Those of Caledonia; A Dissertation on the Authenticity of the Poems of Ossian; and A Collection of Ancient Poems, Translated From the Galic of Ullin, Ossian, Orran, &c.* Em 1787 Smith, um perito em gaélico que defendeu a causa de Macpherson, publicou a versão original gaélica destes poemas: *Sean Dana; Le Oisian, Orran, Ulann, &c. Ancient Poems of Ossian, Orran, Ullin, &c. Collected in the Western Highlands and Isles; Being the Originals of the Translations some time ago Published in the Gaelic Antiquities.*

-translatológico de Buescu chega à conclusão de que o número considerável das traduções implica um grande impacto dos poemas ossiânicos em Portugal. Não leva em consideração que nunca existiu suficiente procura para uma edição das obras completas, nem para uma segunda edição do *Fingal* de Adelaide Prata. Estes factos devem-se em grande parte à influência indirecta que o Bardo exerceu através de outras obras inspiradas por ele e à posição ambígua⁸⁷ de Garrett, cuja autoridade foi geralmente reconhecida pelos ‘Ultra-Românticos’.

Todavia, na época em que o texto de *Fingal* finalmente foi traduzido na íntegra, a pose bárdica dos ‘Ultra-Românticos’ com o seu tom elegíaco e melancólico devem muito à poesia ossiânica. Mas naquela altura os últimos suspiros do Romantismo⁸⁸ já começavam a ser ridicularizados pelo realismo literário, cujo representante, Eça de Queirós (1845-1900), dá uma amostra irónica no seu romance *Os Maias* (1888):

Pobre Alencar! O naturalismo: esses livros poderosos e vivazes, tirados a milhares de edições; essas rudes analyses, apoderando-se da Igreja, da Realeza, da Burocracia, da Finança, de todas as cousas santas, dissecando-as brutalmente e mostrando-lhes a lesão, como a cadaveres n’um amphitheatro: esses estylos novos, tão precisos e tão ducteis, apanhando em flagrante a linha, a côr, a pal-pitação mesma da vida; tudo isso (que elle, na sua confusão mental, chamava a *Ideia nova*) cahindo assim de chofre e escangalhando a cathedral romantica, sob a qual tantos annos elle tivera altar e celebrára missa ... (Queiroz 1927, I: 172)

⁸⁷ Buescu sublinha a posição ambígua de Garrett relativamente às epopeias homéricas e aos cantos ossiânicos que, por um lado, fascinam o poeta, mas por outro lado são rejeitados em nome de um Romantismo nacional. (M. Buescu 2001, 174)

⁸⁸ No seu artigo “Tendências novas da poesia contemporânea”, publicado no jornal *A Revolução de Setembro* (1871), Antero Quental condena o ‘Ultra-Romantismo’ português. Perante os problemas sociais e políticos actuais, os poetas da nova geração devem-se livrar “daquele véu fantástico da sentimentalidade de outrora”, que impede a percepção da realidade. Em “Um Génio que era um Santo” (1896), uma homenagem a A. Quental, Eça de Queirós refere-se a Antero como “bardo dos tempos novos”, distanciando-se do conceito do “antiquíssimo século XVIII”, perpetuado pelo ‘Ultra-Romantismo’ português. (Cf. Reis 1991)

Bibliografia

- Aguiar, Ofir Bergemann de (2005) “Iracéma, de Lebesgue, e o “Programa de barbarização estranhante da linguagem” de Alencar”, in *Cadernos de Tradução*, N.º 15 – 2005/1, Florianópolis: PGET Universidade Federal de Santa Catarina
- (1999) *Ossian no Brasil*, Goiânia: Editora da UFG.
- (1996) “Pseudotradução como objeto dos estudos descritivos de tradução: um caso”, in *Anais vol. 2: IV Encontro de Professores de Línguas e Literaturas Estrangeiras*, (ed. Henrique Villibor Flory), UNESP / Câmpus de Assis / Depto. de Letras Modernas, São Paulo: Arte & Ciência, pp. 267-276.
- (1996) “Mediação do Francês em Traduções do Inglês”, *Revista de Letras*, UNESP, N.º 36, São Paulo, pp. 177-188.
- Alencar, José de (1960) *Obra Completa*, 4 vols, Rio de Janeiro: Editora José Aguilar Ltda.
- Alorna, D. Leonor D’Almeida Portugal Lorena e Lencastre Marquês De (‘Alcipe’) (1844) *Obras Poéticas*, 6 vols, Lisboa: Imprensa Nacional.
- (1941a) *Poesias. Selecção, Prefácio e Notas do Prof. Hernâni Cidade*, Lisboa: Sá da Costa.
- (1941b) *Inéditos Cartas e outros Escritos*, ed. Hernâni Cidade, Lisboa: Sá da Costa.
- Amorim, Francisco Gomes de (1881) *Garrett. Memórias Biográficas*, (3 vols.), Lisboa: Imprensa Nacional.
- Arquivo Popular. Leituras de Instrução e Recreio. Semanário Pintoresco* (1837), Lisboa: Typografia de A.J.C. da Cruz, vol. 1.
- Baião, António (1924) *Episódios Dramáticos da Inquisição Portuguesa*, vol. II, (*Homens de Letras e de Ciências por ela condenados – Vária*), Rio de Janeiro: Ed. Anuario do Brasil.
- Bär, Gerald (2004) “Ossian in Portugal”, in Gaskill, Howard, (ed.), *The Reception of Ossian in Europe*, London, New York, NY: Thoemmes Continuum, pp. 351-374
- Bastos, José Timóteo da Silva (1926) *História da Censura Intelectual em Portugal*, Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Bilac, Olavo (1905) *Poesias* (Terceira Edição), Rio de Janeiro, Paris: H. Garnier Livreiro-Editor.
- Bocage, Manuel Maria Barbosa du (1970) *Opera Omnia*, 6 vols. (Direcção de Hernâni Cidade), vol.3, Lisboa: Livraria Bertrand.
- Bonifácio, José (Américo Elísio) (1825) *Poesias avulsas de Américo Elísio*, Bordeaux.
- Bordalo, F.M., “Biographia. José Maria Da Costa e Silva”, in *Revista dos Espectáculos*, (1854), vol. II, n.º 26 (Abril) Lisboa, pp. 201-202.
- Braga, Teófilo (1875) *Manual de História da Literatura Portuguesa desde as suas origens até ao presente*, Porto: Magalhães & Moniz.
- (1877) (org.) *Parnaso Português Moderno*, Lisboa: Guimarães & C.ª
- (1880) *História do Romantismo em Portugal*, Lisboa: Nova Livraria Internacional.
- (1892) *As Modernas Ideias Na Litteratura Portugeza*, 2 vols., Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, Lugan & Genelioux, Successores.
- (1902) *Historia da Litteratura Portuguesa: Bocage*, vol. 22, Porto: Livraria Chardron.
- (1903) *Historia da Litteratura Portuguesa: Garrett e o Romantismo*, vol. 24, Porto: Livraria Chardron.
- Branco, Camillo Castello (1860) *Solemnia Verba. Ultima Palavra da Sciencia. Scenas da Foz por João Junior*, (2.ª edição), Porto: Em Casa de Cruz Coutinho – Editor.
- (1903) *Horas da Paz*, vol. II, 3.ª edição, revista e emendada (*Obras XXI*), Lisboa: Parceria António Maria Pereira Livraria Editora.
- (1969) *Esboços de Apreciações Literárias* (Obras de Camilo Castelo Branco Edição Especial LXXIV, Lisboa: Parceria A.M. Perreira, LDA.
- Browne, Maria da Felicidade do Couto [1854] *Virações da Madrugada*. Publ. anon. s.d.
- Bruno (1886) *A Geração Nova. Ensaios Críticos*, Porto: Magalhães & Moniz.
- Buescu, Maria Gabriela Carvalhão (2001) *Macpherson e o Ossian em Portugal. Estudo comparativo translitológico*, Lisboa: Edições Colibri.
- (2005) “A Poesia Ossiânica em Portugal: Estudo da sua Recepção Translatológica”, in Avelar, Mário, (org.), *Viagens pela Palavra: Livro de Homenagem à Professora Maria Laura Bettencourt Pires*, Lisboa: Universidade Aberta, pp. 227-240.

Candido, Antonio (1959) *Formação da Literatura Brasileira (Momentos Decisivos)*, vol. I, São Paulo: Livraria Martins Editora.

Castilho, António Feliciano de (1861) *Amor e Melancolia ou A Novíssima Heloisa, Nova Edição Correcta e Acrescentada*, Lisboa: Typ. da Sociedade Typografica Franco-Portugueza.

— (1904) *Obras Completas de Antonio Feliciano de Castilho*, vol. 14: *Vivos e Mortos VII*, Lisboa: Empreza Da Historia De Portugal, Sociedade Editora.

— (1905) *Obras Completas*, vol. 27: *Novas Excavações Poeticas*, Lisboa: Empreza Da Historia De Portugal, Sociedade Editora.

— (1909) *Castilho Pintado por Ele Próprio*, 2 vols, Lisboa: Empreza Da Historia De Portugal, Sociedade Editora.

Castilho, Júlio de (1929) *Memorias de Castilho*, 6 vols, 1926-1932, (2.ª edição), Coimbra: Imprensa da Universidade.

Cidade, Hernâni (org.) (1930) *A Obra Poética do Dr. José Anastácio Da Cunha com um Estudo sobre o Anglo-Germanismo nos Proto-Românticos Portugueses por Hernani Cidade*, Coimbra: Imprensa da Universidade.

Claudon, Francis (1986) *Enciclopédia do Romantismo*, [Lisboa]: Verbo, D.L.

Coelho, Jacinto do Prado (1965) *Poetas do Romantismo*, 2 vols, Lisboa: Livraria Clássica Editora.

Cordeiro, Luciano (1869) *Livro de Critica. Arte e Litteratura Portugueza D'Hoje 1868-1869*, Porto: Typographia Lusitana - Editora.

Costa e Silva, José Maria da (1836) *Emilia e Leonido, ou Os Amantes Suevos*, Lisboa: Typografia de A. S. Coelho & Comp.

— (1844) *O Passeio. Poema*, (2.ª ed.), Lisboa: Imprensa de Candido Antonio da Silva Carvalho.

Dias, A. Gonçalves (1857) *Cantos. Collecção de Poezias*, (2.ª ed.), Leipzig: F. A. Brockhaus.

Diccionario Bibliographico Portuguez. Estudos de Innocência Francisco Da Silva Aplicáveis a Portugal e ao Brasil (1858-1958), 23 vols, Coimbra: Biblioteca da Universidade.

Dicionário do Romantismo Literário Português (1997) Coordenação de Helena Carvalhão Buescu, Lisboa: Editorial Caminho.

Diniz, Júlio (1920) *Poesias*, 9.ª edição, Lisboa: J. Rodrigues & Comp.ª.

Espronceda, D. José de (1870), *Obras Poéticas* (ed. J.E. Hartzenbusch), Nueva Edicion, Paris: Baudry, Libreria Europea.

Ferreira, Alberto (1994) *Perspectiva do Romantismo português*, Lisboa/Porto: Litexa Portugal.

Figueiredo, Fidelino de (1921-23) (ed.) *Revista de Historia. Publicação Trimestral*, Anno X, vol. X, N.ºs 37-40, 1921; Anno XI, vol. XI, N.ºs 41-44, 1922, Lisboa: Livraria Classica Editora; Anno XII, vol. XII, N.ºs 45-48, 1923, Lisboa: Livraria Universal e Anno XIII, vol. XIII, N.ºs 49-52, 1924, Lisboa: Empresa Literária Fluminense, Lda.

— (1913) *Historia da Litteratura Romantica Portuguesa (1825-1870)*, Lisboa: Livraria Classica Editora.

— (1924) *Historia da Litteratura Classica. 2.ª Epocha: 1580-1756 (Continuação) 3.ª Epocha: 1756-1825*, (Bibliotheca de Estudos Historicos Nacionaes - VIII), Lisboa: Portugalia.

Flor, João Almeida (2002), “Para a imagem de Shakespeare em Garrett”, in *Garrett às Portas do Milénio* (Coord. Comissão Executiva dos “Seminários Garrett”), Lisboa: Edições Colibri 2002.

França, José-Augusto (1974-75) *O Romantismo em Portugal: Estudo de factos socio-culturais*, Lisboa: Livros Horizonte.

Fridén, Georg, (1949) *James Fenimore Cooper and Ossian*, Upsala: A.-B. Lundequistska Bokhandeln; Cambridge, Mass.: Harvard University Press.

Gama, Arnaldo S. D., “Oina-Morul”, (trans.), (A) *Peninsula. Jornal Literario e Instructivo* (1852), 1.º vol., Porto: Typographia da Revista, pp. 595-596.

Garrett, Almeida (1827) (ed.) *O Chronista. Semanário de politica, litteratura, sciencias e artes*, n.º 1-26, 2 vols, Lisboa: Imprensa do Portuguez.

— (1845) *Flores Sem Fructo*, Lisboa: Imprensa Nacional.

— (1857) *Dona Branca*, 3rd edition, Lisboa: Imprensa Nacional.

— (1869) *Frei Luiz De Sousa*, 4th edition, Lisboa: Imprensa Nacional.

— (1874) *Flores Sem Fructo*, 3rd edition, Lisboa: Imprensa Nacional.

- (1963) *Romanceiro*, ed. F. de Castro Pires de Lima, Lisboa: Gabinete de Etnografia.
- Gaskill, Howard (1991) (ed.) *Ossian Revisited*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- ‘Ossian in Europe’, *Canadian Review of Comparative Literature*, 21: 643-78.
- (1996) (ed.) *The Poems of Ossian and related Works*, Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Gazeta Literaria ou Noticia Exacta Dos Principaes Escriptos, que modernamente se vão publicando na Europa. Conforme a Analysis, que delles fazem os melhores Criticos, e Diaristas das naçõens mais civilizadas (1761-1762)*, ed. Francisco Bernardo De Lima, Porto: Na Officina de Francisco Mendes Lima.
- Gazeta Litteraria. Periodico Artistico e Recreativo* (1868), 1.º Anno, ed. P. M. da Silva Costa, Lisboa.
- (Goethe, Johann Wolfgang), Werther: *Historia Alemã. Escrita pelo Doutor Goëthe [sic], E Traduzida em Portuguez*, Lisboa: Typographia Rollandiana 1821.
- Gomes, Eugênio (1958a) ‘Ossian no Brasil’, *Comeio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29 March, 1.º Caderno.
- (1958b) *Visões e Revisões*, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura (Biblioteca da divulgação cultural, Série A, 19).
- Henriques, Ana Lúcia de Souza (1998) ‘A Recepção da Poesia Ossiânica, de Macpherson: considerações preliminares’, anpoll (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística), 13 Encontro, <http://www.unicamp.br/iel/histlist>.
- Herculano, Alexandre (1886) *Poesias*, Lisboa: Viuva Bertrand & Ca. Successores Carvalho & Ca.
- (1986) *Opúsculos*, vol. 5, Organização, introdução e notas de Jorge Custódio e José Manuel Garcia, Lisboa: Presença.
- Hollanda, Aurélio Buarque de (coord.) (1952) *O Romance Brasileiro (De 1752 a 1930)*, Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro.
- (O) *Investigador Portuguez em Inglaterra ou Jornal Litterario, Politico, &c.* (1811-1819), Londres: T.C. Hansard, Peterborough Court, Fleet Street.
- Jobim, José Luís, ‘Por que é importante pesquisar a biblioteca pessoal de Machado de Assis?’ anpoll (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística), 13 Encontro, *Jornal de Coimbra* (1818) no. 63, 12, Lisboa.
- [Jung, Johann Andreas von] (1778) *Portugiesische Grammatik. Nebst einigen Nachrichten von der portugiesischen Litteratur, und von Büchern, die über Portugall geschrieben sind*, Frankfurt an der Oder: Carl Gottlieb Strauß.
- Junqueiro, Guerra (1913) *A Musa em Férias (Idilos e Satiras)*, 5.ª edição, Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira Livraria Editora.
- Lawton, R.A. (1966) *Almeida Garrett. L'Intime Contrainte*, Paris: Didier.
- Leal, Gomes (1899/1900) *Fim de um Mundo. Satyras Modernas*, Porto: Livraria Chardron De Lello & Irmão editores
- Lobato, Gervasio (1868) (trans.) ‘Colna-Dona (De Ossian)’, *Gazeta Litteraria*, (1: 18, 2-3).
- Macaulay, Rose (1985) *They went to Portugal*, Harmondsworth: Penguin Books Ltd.
- Macedo, José Agostinho de, (1815), *Cartas Filosoficas a Attico*, Lisboa: Impressão Regia.
- (1818) *A Meditação*, (2.ª ed.), Lisboa: Impressão Regia.
- (1854) *O Oriente*, (3.ª ed.), Porto: Typ. De Francisco Pereira de Azevedo.
- (1854) *A Natureza, Poema*, Porto: Typ. De Francisco Pereira de Azevedo.
- (1854) *Newton. Poema*, Porto: Typ. De Francisco Pereira de Azevedo.
- Machado, Álvaro Manuel (1985) *As origens do Romantismo em Portugal*, Lisboa: Inst. de Cultura Portuguesa: Biblioteca Breve.
- (1986a) *Les Romantismes au Portugal. Modèles étrangers et orientations nationales*, Paris: Fondation Calouste Gulbenkian/Centre Culturel Portugais.
- (1986b) *O Romantismo na poesia portuguesa (de Garrett a Antero)*, Lisboa: Biblioteca Breve.
- (1996) *Do Romantismo aos Romantismos em Portugal*, Lisboa: Editorial Presença.
- Machado, Julio Cesar (1863) *Recordações de Paris e Londres*, Lisboa: Ed. José Maria Correa Seabra.
- Monteiro, José Ferreira (ed.) (1848) *Lisia Poetica ou Collecção de Poesias Modernas de Auctores Portuguezes*, Rio de Janeiro: Typographia Commercial.

Monteiro, Ofélia M.C. Paiva (1971) *A Formação de Almeida Garrett. Experiência e Criação*. 2 vols, Coimbra: Centro de Estudos Românicos da FLUC.

— (1999) “Exercícios de Humor: Os Contos e Fábulas em Verso de Garrett”, *Colóquio / Letras*, n.º 153-154 (Julho-Dezembro), 1999, pp. 141-165, Lisboa: Gulbenkian.

Montiel, Isidoro (1974) *Ossian en España*. Barcelona: Editorial Planeta.

— (1969) “Ossian en la literatura argentina, *Revista Interamericana de Bibliografía*”, XIX, Washington D.C., n.º 2, pp. 146-179.

Moreira, Zenóbia Collares (2000) *O Pré-Romantismo Português*, Natal, RN: Central de Cópias-Editora.

Nemésio, Vitorino, “Vida de Bocage” (1949) in *Homenagem Nacional a Bocage no II Centenário do seu Nascimento*, Setúbal: Edição da Junta Distrital de Setúbal.

(O) *Panorama. Semanário De Litteratura E Instrucção* (1837-1868) Lisboa: Typographia Franco-Portuguesa.

(O) *Passatempo, Jornal De Instrucção, e Recreio Para Ambos Os Sexos* (1838) 2.º vol., Lisboa: Typographia de R.D. Costa, pp. 28-29.

(A) *Península. Jornal Literario e Instructivo* (1852) 1.º vol., Porto: Typographia da Revista.

Peers, Allison E. (1925) ‘The influence of Ossian in Spain’, *Philological Quarterly*, 4: 121-38.

Peixoto, Afrânio / Alves, Constância (org.), (1920), *Antologia Brasileira: José Bonifácio (O Velho e o Moço)*, Lisboa: Livraria Bertrand.

— (1921), *Antologia Brasileira: Castro Alves*, 2.ª ed., Paris, Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand.

Pinheiro Chagas, Manuel (1868) ‘Poetas e Prosadores’, *Panorama*, 26: 202-3.

Pires, Maria Laura (1979) *Walter Scott e o Romantismo Português*, Lisboa.

Poetas Românticos Brasileiros (1963) vols. I-III, São Paulo: Livraria do Centro.

Prata, Maria Adelaide Fernandes (1867) *Fingal. Poema em seis cantos. Vertido D’Ossian*, Porto: Typographia Commercial.

— (1859) *Poesias de Maria Adelaide Fernandes Prata Offerecidas A’s Senhoras Portuenses*, Porto: Typographia Commercial.

Queiroz, Eça de (1927) *Os Maias: episodios da vida romantica*, 2 vols, Porto : Livraria Chardron, de Lello & Irmão, Lda.

Raitt, Lia Noemia Rodrigues Correia (1983) *Garrett and the English Muse*, London: Tamesis Books Ltd.

Recreio Juvenil. Semanário de Literatura (1858) vol. 5, Coimbra: Tipogr. de J.T.A. Pacheco.

Reis, Carlos (1990) *Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea*, Lisboa: Universidade Aberta.

— (1991) “Um Bardo dos Tempos Novos: A Imagem Queirosiana de Antero”, *Revista de História das Ideias*, vol. 13, Coimbra: Faculdade de Letras, pp. 179-191.

— (1995) *O Conhecimento da Literatura. Introdução aos Estudos Literários*, Coimbra: Almedina.

Repositório Literário das Sociedades Medicas e de Literatura do Porto (1834).

Rodrigues, A.A. Gonçalves (1990), *A Tradução em Portugal*, 4 vols, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

Rosa, Francisco Otaviano Almeida de, (trans.) (1872) “Os Cantos de Selma”, in *Revista da Academia Brasileira de Letras*, vol. 1, pag. 324-337, Rio de Janeiro: Tipografia da República.

Saraiva, A. J. and Óscar Lopes (1966) *História da Literatura Portuguesa*, Porto: Porto Editora.

Seruya, Teresa e Maria Lin Moniz (org.), (2001) *Histórias Literárias Comparadas. Actas do Colóquio Internacional 11 e 12 de Nov. 1999*. Lisboa: Colibri.

Silva, L. A. Rebello da 1909, *Obras Completas de Luiz Augusto Rebello da Silva*, Lisboa: Empresa da Historia de Portugal, vol. 32: *Apreciações Literárias* (da Revista Universal Lisbonense, 1843).

Soares de Passos, António Augusto (1908) *Poesias*, 9.ª ed., *Revista e Augmentada com Ineditos e Precedida d’um Escorço Biographico por Teophilo Braga*, Porto: Livraria Chardon de Lello & Irmão.

Sottomaior, Luiz Ribeiro de (1852) “A Guerra De Caros”, (trans.), (A) *Península. Jornal Literario e Instructivo* (1852), 1.º vol., Porto: Typographia da Revista, pp. 554-556 e 569-571.

— (1862) *Poesias*, Coimbra: Imprensa da Universidade.

Sousa, Maria Leonor Machado de (1978) *A Literatura “Negra” ou de Terror em Portugal* (1978), Lisboa: Editorial Novaera, Lda.

Sousa, Joaquim Silvestre de (1839) *Tentativas Poeticas contendo odes e outras varias peças originaes ou limitadas*, Braga: Typografia Rua do Anjo.

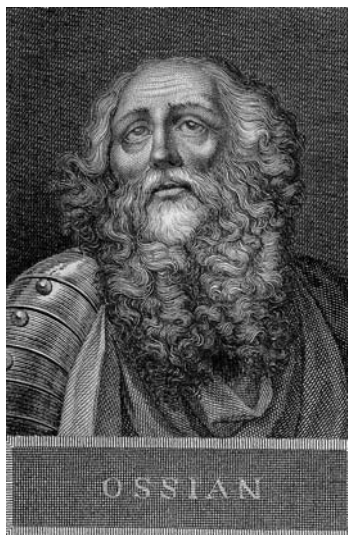
Stafford, Fiona e Gaskill, Howard (org.) (1998) *From Gaelic to Romantic: Ossianic Translations*, Amsterdam: Rodopi.

Tieghem, Paul van (1918) *Ossian en France*, 2 vols, Paris: F. Rieder & Cie.

Valera, Juan (1949-58) *Obras completas, estudio preliminar de Luis Araujo Costa*, Madrid: Aguilar.

Varela, Fagundes (1956) *Poesias Completas*, (ed. F. J. da Silva Ramos), São Paulo: Edição Saraiva.

**III – Antologia da Poesia Ossiânica
Traduzida em Português**



Nuovi Canti di OSSIAN Pubblicati in Inglese da GIOVANNI SMITH e recati in Italiano da Michele Leoni, Terza Edizione riveduta dal Traduttore, vol. I., Venezia: Tipografia di Alvisopoli, 1818.

Os textos aqui apresentados são reproduzidos das publicações originais do século XIX com ocasionais correções e atualizações da ortografia. As ilustrações de edições estrangeiras da poesia Ossianica juntas só podem dar uma impressão incompleta do impacto que o Bardo teve não meramente no campo literário mundial mas também nas outras artes. As notas de rodapé são da autoria dos respectivos tradutores à excepção das anotações assinaladas com G. B. (Gerald Bär).

RESTO DE UMA TRADUÇÃO DE OSSIÃ

Ao pé de alto rochedo alcantilado
No cume da montanha,
Debaixo de um carvalho carcomido,
Ossiã, de Fingal derradeiro filho,
Já velho, sôbre o musgo repousava.
A loira crespa barba
Agitada do vento lhe ondeava;
Sôzinho, pensativo,
Já privado da vista, êle escutava
A voz medonha do tufão do norte.
Negra tristeza então lhe assalta o peito,
E a chorar os mortos seus assim começa:
Eis-te caído, qual um grão carvalho,
Cercado de seus ramos!
Onde, ó rei Fingal, onde estás, ó padre?
Onde estás tu, Obscur, ó filho amado?



Fingal (1804/5), ilustração de Ph. O. Runge encomendada mas não incluída na tradução de Friedrich L. zu Stolberg: Die Gedichte von Ossian dem Sohne Fingals, Hamburg, 1806.

Onde estão os meus todos?
 Ah! Repousam na terra! Embalde os braços
 Estendo, e com mão gelada apalpo
 O tûmulo já frio: só a torrente
 Ouvindo estou, que breme furiosa
 Na pedra sepulcral, que as cinzas cobre!
 Que me queres dizer, negra torrente?
 Lembranças do passado me apresentas.
 Filhos de Fingal nestas margens eram
 Qual mata espessa em chão sucoso e rico:
 Agudos ferros suas lanças eram.

Bem temerário, quem opor-se ousava
 Geral da vida se parasse um pouco
 E uma pausa fizera a natureza!
 Tremenda pausa! de seu fim profética.
 Possa já realizar-se a profecia!
 Fado, ah! por piedade o pano abaixa,
 Pois que para perder, mais nada tenho.

José Bonifácio,
Poesias de Américo Elisio (pseudónimo),
 Bordeaux, 1825¹

Dois Fragmentos de *Fingal* (Canto 1.º)

Bocage, 1812	Soares De Passos, 1856
De Tura junto aos muros assentado E ao fresco abrigo de inquietas folhas, Estava Cuculin. Perto da rocha A lança lhe jazia, ao pé o escudo; Tinha no grão Cairba o pensamento, Cairba, que vencera; eis lhe aparece Explorador do tûmido oceano, Moran, prole de Titi. «Ergue-te (disse), Ergue-te, Cuculin. Branquejam velas De Swaran; o inimigo é numeroso, Mil os heróis do mar.» - «Tu sempre tremes, Prole de Titi (o chef lhe responde), Azul nos olhos, e esplendor de Erina, Com teu medo os contrários multiplicas; O rei será talvez das ermas serras, Que vem trazer-me auxilio.» - «Oh! Não (replica O nûncio do pavor) Qual torre avulta Swaran, ou qual de gelo alta montanha; Eu o vi; quase igual àquela faia, É a lança do herói; nascente lua O seu pavês parece. Em duro escolho Sentado estava, e semelhante em face A coluna de névoa.» - «Ó tu, primeiro Entre os mortais (lhe disse), a que te afoitas? São muitas nossas mãos, e em guerra fortes; Chamam-te com razão possante, invicto; Porém mais de um varão da excelsa Tura Ostanta esforço e glória.» - «Oh! (me responde No tom de onda desfeita em árdua rocha) Quem me semelha? Heróis não me resistem, Meu braço os prostra. Só Fingal, sômente O grão rei de Morwen afrontar pode As forças de Swaran. Lutámos ambos Nos prados de Malmor. Tremeram bosques Ao movimento nosso, e vacilaram Da raiz despegados os rochedos; Rios fugiram do combate horrível, As correntes de medo extraviando: Três dias combatemos, descansámos, Volvemos à peleja. Ao longe os chefes, De olhos fitos em nós, estremeciam.	Assentado de Tura junto aos muros Estava Cuthullin, perto do tronco De folhas rumorosas. Tinha a lança Encostada ao rochedo, e aos pés o escudo. No poderoso Cárbar meditava, Nesse herói que vencera: eis lhe aparece Nóran, filho de Fithil, sentinela Do proceloso oceano. «Ergue-te, disse, «Ergue-te, ó Cuthullin! Eu vi ao largo «Os navios do norte. Numerosos «Os inimigos são; muitos os bravos «Do potente Swáran.» «Sempre tremes, «Sempre, ó filho de Fithil, lhe responde «O belicoso chefe, e assim aumentas «As forças do inimigo. Fingal era, «Fingal, rei dos desertos, que o socorro «Traz a Erin dos ribeiros.» «Vi seu chefe, «Replica Móran, qual rochedo avulta! «Como um pinho sem rama é sua lança! «Assentado na praia semelhante «Nuvem que pouso no calado serro! «Muitos, ó rei dos heróis, muitos, lhe disse, «Nossos guerreiros são. Chamam-te o forte, «Mas os fortes em guerra não têm conta «Junto às muralhas da nebulosa Tura. - «Com estrondoso acento semelhante «Ao da vaga na rocha, ele me brada: «Resistir-me quem ousa? Os mais valentes «Aos meus golpes sucumbem. Só pudera «Fingal, o rei de Selma, ele somente, «Meu impeto arrostar. Já combatemos «Uma vez em Malmor. Com nossas plantas «Volvíamos a terra; as duras rochas «Despegadas caíam; as torrentes «Recuavam de susto murmurando. «Três dias combatemos; os guerreiros «Nos olhavam ao longe e estremeciam.
(Bocage, 1970, III: 320-321)	(Soares de Passos, 1908, 239-240)

¹ Texto transcrito em *Obras de José Bonifácio de Andrada e Silva I: Poesias de Américo Elisio*, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946, pp. 85-86. Baseado no fragmento VIII de *Fragments of Ancient Poetry* (1760). G. B.



Ossian, Barde du Troisième Siecle. Poésies Galliques en vers français ; (4.^a ed.)
Par P. M. L. Baour Lormian, Paris : Louis Janet, s/d

DARTHULA²

POEMA

TRADUZIDO OU IMITADO DE OSSIANO

ARGUMENTO

Usnoth, soberano d'*Etha*, (que é provavelmente aquella porção do Condado d'Argile que fica perto do braço de mar de Lock-Etha), sendo casado com *Slisama*, filha de *Semo*, e irmã do celebrado *Cuchullin*, houve della tres filhos, *Nathos*, *Althos*, e *Ardano*.

Logo que estes sahiram da infancia mandou-os seu pae para Irlanda, a fim de aprenderem a arte militar na companhia de seu tio *Cuchullin*, que a esse tempo se assignalava nas guerras daquelle Reino. Apenas desembarcaram em *Ulster*, ahi tiveram noticia de que seu tio era morto. *Nathos*, ainda que mui joven, assumio o commando do exercito, e accomettendo *Cairbar*, desbaratou-o em varios combates. Tendo porêem o vencido achado o meio de assassinar *Cormac*, legitimo Rei de toda a Irlanda, o exercito de *Nathos* declarou-se pelo usurpador, e o seu joven commandante vio-se obrigado a voltar para *Ulster* com seus irmãos, a fim de passar de novo á Escocia.

Darthula, filha de *Colá*, e amada de *Cairbar*, residia então n'um castello do *Ulster* chamado *Sélama*; e como visse *Nathos*, namorou-se delle, e com elle fugio,

² "Darthula: a Poem", publicado pela primeira vez em *Fingal* (1762). As notas que Alcipe acrescentou (baseadas nas explicações de Macpherson) esclarecem algo sobre o mundo e as figuras Ossianicas. As versões ossianicas dos outros tradutores portugueses omitiram a grande maioria das notas. Tanto os prefácios como as dissertações de Macpherson e Blair que acompanharam as edições inglesas e que tiveram um impacto tão grande na filologia daquele tempo, nunca foram traduzidos em Português. G. B.

embarcando-se no mesmo navio. Infelizmente porêm contrarios ventos os lançaram sobre a costa do paiz onde se achava acampado o exercito de *Cairbar*. Sendo atacados por este, defenderam-se valorosamente os tres irmãos por algum tempo: mas a final tiveram de ceder ao numero, e caíram mortos. A infeliz *Darthula* cravou em si uma frecha, e morreo sobre o cadaver do seu heroico defensor.

DARTHULA.³

Como, ó filha do Ceo, ó Lua, és bella!
 Como teu rosto manso e doce agrada!
 Cercada de attractivos te levantas,
 E o trilho de teus passos desde o Oriente
 As lúcidas estrellas vão seguindo.
 Teu gesto alegra as nuvens; e os teus raios
 Lhes pratêam os frisos tenebrosos.

Filha da Noite placida! Quem pôde
 Igual a ti rodar no firmamento?
 Do teu aspecto os Astros vergonhosos
 Desviam os seus olhos scintillantes.
 Quando as sombras se engrossam sobre a terra,
 Onde escondes em fim tua carreira?
 Nas moradas da noite e da tristeza,
 Como Ossiano afflicto, acaso habitas?
 Cahiram já do Ceo tuas socias bellas?
 As que em coro comtigo se alegravam,

De noite, pelos Ceos, já não existem?...
 Sem duvida cahiram, Luz celeste!
 E só para chorá-las te retiras.
 Mas virá uma noite em que tu caias,
 Em que deixes do Ceo a azul estrada.
 Então essas, que humilha teu semblante,
 Levantarão brilhantes as cabeças,
 Tua queda applaudindo e seu triumpho.

Sae agora, que estás cheia de luzes;
 Do teu palacio sae, e os Ceos enfeita.
 Rompei, Ventos, e nuvem qu' inda encobre
 Essa filha da Noite aos nossos olhos.
 Venha mostrar dos montes a verdura:
 E as ondas verdes do agitado Oceano
 Ao clarão de seus raios se revolvam.

Sobre o abysmo dos mares Nathos⁴ mora:
 Seguem-no seus irmãos Althos⁵ e Ardan⁶.
 Por entre as trevas vão rasgando as ondas

³ Juntamos o início deste poema em inglês; o texto que deve ter servido para a tradução de 'Alcipe' é o de *The Poems of Ossian* e não o da primeira edição de *Fingal*, 1762: "DAUGHTER of heaven, fair art thou! the silence of thy face is pleasant. Thou comest forth in loveliness. The stars attend thy blue course in the east. The clouds rejoice in thy presence, O moon! They brighten their dark-brown sides. Who is like thee in heaven, daughter of the night? The stars are ashamed in thy presence. They turn away their [green, (*Fingal*, 1762)] sparkling eyes. Whither dost thou retire from thy course, when the darkness of thy countenance grows? Hast thou thy hall, like Ossian? Dwellest thou in the shadow of grief! Have thy sisters fallen from heaven? Are they who rejoiced with thee, at night, no more? Yes! they have fallen, fair light! and thou dost often retire to mourn. But thou thyself shalt fail, one night; and leave thy blue path in heaven. The stars will then lift their [green, (*Fingal*, 1762)] heads: they, who were ashamed in thy presence, will rejoice. Thou art now clothed with thy brightness. Look from thy gates in the sky. Burst the cloud, O wind! that the daughter of night may look forth! that the shaggy mountains may brighten, and the ocean roll its blue waves in light." (Texto e paginação segue a edição de 1796, Londres, pp. 319-320)

⁴ *Nathos*, vocabulo da lingua dos antigos Celtas das Gallias, que significa *mancebo*.

Os Celtas, que foram senhores da Europa desde a foz do Oby na Russia até ao cabo Finisterre na Hespanha, são apenas conhecidos na Historia. A sua lingua, que ainda hoje se falla entre nações separadas por territorios immensos, é o unico monumento que nos resta delles; e que attesta ainda a extensão dos seus dominios, posto que nenhuma luz empreste á sua historia.

De todos os povos conhecidos com o nome de Celtas, os mais afamados são aquelles que habitavam as Gallias; e esta celebridade a devem elles sómente aos historiadores das nações contra quem tiveram frequentes guerras. Pelo testemunho dos melhores auctores, a Gran' Bretanha foi o primeiro paiz que povoaram os Celtas das Gallias. A situação respectiva dos lugares torna provavel esta opinião; e a conformidade de linguagem e costumes que no tempo de Cesar existia entre os Gallos e os Bretões, parece não consentir duvida ácerca desta origem. A colonia Gauleza estabeleceu-se primeiramente naquella parte da Gran' Bretanha que está fronteira ás Gallias: pouco a pouco foi-se estendendo para o norte, e povoando gradualmente a ilha inteira. Tacito acredita que os Caledonios, que habitavam as montanhas septentrionaes da Escossia, provinham dos Germanos; mas a unica razão que aponta desta opinião é a cor dos seus cabellos, e a grandeza do seu talhe. A lingua porém, e os usos dos antigos Celtas, sempre conservados naquella parte da Gran' Bretanha, parecem contradizer o sentimento do grande Escripitor Latino.

Seja porém qual for a origem dos Caledonios, parece que ja em tempo de Julio Agricola eram bastante numerosos para resistir aos Romanos, senhores do resto do mundo conhecido; o que suppõe que desde muito se achavam estabelecidos no paiz. O seu governo era uma mistura de Aristocracia e Monarchia, como o era entre os mais povos em que os Druidas se achavam assenhoreados do podêr soberano. Estes homens destros e ambiciosos souberam aproveitar-se tão bem da veneração que inspiravam, que insensivelmente se collocaram á testa de todos os negocios religiosos e civis. Os Chefes vigiavam na execução das leis; mas o podêr legislativo estava nas mãos dos Druidas. Por sua ordem se reuniam as tribus sob o commando de um só chefe, quando a nação era ameaçada por alguma guerra domestica ou estrangeira: eram elles quem nomeava o Magisirado ou *Vergobret*, cuja dignidade só durava, como a dictadura dos Romanos, o tempo que durava o risco.

Os Druidas conservaram por muitos annos esta authoridade extraordinaria entre as nações Celtas que não estavam subordinadas ao imperio dos Romanos. Mas desde o começo do 2º seculo foi declinando o seu podêr entre os Caledonios. As continuas guerras que estes povos tiveram de sustentar impediram a Nobreza de entrar, como d'antes, naquella ordem dos Druidas: o numero destes foi diminuindo; e os preceitos da sua religião foram sendo menosprezados e esquecidos no tumulto das campanhas. Não mais trattaram de nomear *Vergobret*; ou, para melhor dizer, foi este eleito e conservado sem sua participação delles.

Os Caledonios eram no principio divididos em Tribus ou *Clans*. Cada Clan tinha o seu Chefe, e cada um dos Chefes era livre e independente. Como estavam sempre em guerra contra o *Rei do mundo*, (emphatico nome que os Poetas desse tempo davam aos Imperadores Romanos) o perigo commum reunia todas as tribus; mas como nenhum dos Chefes queria obedecer ao seu igual, como todos queriam commandar, foram as guerras mal dirigidas, e por consequente desastradas. Trenmor, bisavo do celebre Fingal, foi o primeiro que representou aos Chefes quanto eram funestas as consequencias de uma tal desunião: propoz-lhes que commandassem cada um por seu turno; e com effeito foi adoptada esta sua proposição. Mas todos elles foram vencidos. Então assumio Trenmor o commando do exercito, e desbaratou completamente os inimigos. As tribus victoriosas o proclamaram *Vergobret* d'uma voz unanime. Os Druidas então quizeram reclamar os privilegios da sua ordem: deputaram *Garmal*, filho de *Tamo*, para ir dizer a Trenmor que se demittisse da sua dignidade. Este porém recusou; e esta recusa deo motivo a uma guerra civil, que veio por fins a terminar na destruição total dos Druidas. Os que escaparam da mortandade foram occultar-se nas florestas e nas cavernas, que n'outro tempo lhes serviam de retiro para meditar.

Os tres filhos de Usnoth: fogem de noite,
Para escapar de Cairbár⁷ ás furias.

Mas qual é, junto delles, esse objecto
Cuja belleza graça e mocidade
De um veo lugubre envolve a noite densa?...
Levanta-lhe o cabelo o vento irado;
E as longas pregas de um vestido airoso
Na escuridão fluctuam levemente.
Como um vapor que dos Ceos descendo,
Phantastica beldade nos parece...
É Darthula⁸ gentil, de Erin⁹ a filha,
Que o fero amor de Cairbár evita,
E de Nathos a audacia e fuga segue.

Mas os ventos, ó Darthula, te enganam!
Ao teu navio a praia desejada.
A praia d’Etha, ingratos te recusam.
Essas montanhas, Nathos, que hoje avistas,
As que buscas não são, não são as tuas:
As ondas bramidoras de teus mares
Não são essas que atroam teus ouvidos.

De Cairbar aos paços te avisinhas:
Do teu rival os muros sumptuosos,
Alli perto, a teus olhos se agigantam;
Alli reside ufano quem detestas.
Esse outeiro que vês, que a frente verde
Levanta para o mar, é de Ullin¹⁰ terra:
Na bahia de Tura¹¹ desembarcas.

Á extinção do Sacerdocio seguio-se um desprezo geral á crença religiosa. A authority que o *Vergobret* recebia por eleição, e por tempo determinado, tornou-se perpetua e hereditaria; e o nome de *Vergobret* foi mudado no de Rei.

A authority real, excepto em tempo de guerra, era muito circumscripita: cada um dos Chefes continuou a ser soberano em sua tribu; mas ali o seu poder não era illimitado. Quando a gloria ou a segurança de uma tribu era ameaçada, as ordens do chefe eram sagradas, e obedecidas sem restricção; mas se um particular se sentia opprimido na sua tribu, passava para outra, e achava nesse asylo as vantagens que a sua pátria lhe havia recusado: o receio porém desta deserção tornava os Chefes mui circumspectos no exercicio da sua authority. Como o grão do seu poder dependia do numero dos seus subditos, tinham muito cuidado em evitar quanto pudesse diminui-lo.

O que mais contribuiu para firmar a authority dos Chefes nas suas tribus, e o poder dos Reis sobre os Chefes, foram os canticos dos Bardos. Estes eram Druidas d’uma classe inferior, cujo emprego era cantar os feitos dos Heroes, e os Deoses. Escapados das ruinas da sua ordem, foram acolhidos pelo Vencedor que desejo de immortalisar seu nome, trattou com benignidade os dispensadores da gloria. Mostraram-lhe elles o seu reconhecimento, pintando-o nas suas cantigas como um heroe dotado de todas as virtudes. O vulgo, que não podia examinar de perto o character do Rei, ficou deslumbrado pelas brilhantes qualidades que os Bardos lhe attribuiam. Estes, discipulos dos Druidas, formaram a idea de um heroe completo, e deram a seu Rei o character que existia apenas na sua imaginação. Os Chefes tomaram este heroe ideal para seu modelo, e os esforços que fizeram para o imitar, crearam em suas almas os sentimentos heroicos que se encontram nas poesias daquelles tempos remotos. O Principe, excitado pelos louvores e pela rivalidade de seus Chefes, quiz distinguir-se pelas suas virtudes, como já o era pela sua dignidade. Esta emulação formou por fim o character geral de toda a nação, feliz ajuntamento do valor ativo de um povo sylvestre, e das mais bellas virtudes de uma gente civilisada. A este respeito podem ver-se as Dissertações Inglezas de Macpherson.

⁵ *Althos* quer dizer *belleza perfeita*.

⁶ *Arduno* significa *orgulho*.

⁷ *Cairbar*, *homem forte*.

⁸ *Darthula*, *mulher d’olhos bellos*.

⁹ *Erin*, antigo nome da Irlanda, composto de duas palavras: *ear*, oeste, e *in*, ilha; *ilha d’oeste*.

¹⁰ *Ullin*, antigo nome da Ultonia ou do Ulster, parte da Irlanda.

¹¹ *Tura*, fortaleza do Ulster.

Ventos meridionaes, onde dormieis
 Quando objectos tão caros se enganavam?...
 Brincaveis na planície, perseguindo
 Do cardo a fêlpa, ou sacudindo as flores?...
 Por que não ieis empolar as velas
 De Nathos, impelli-lo, té que ás nuvens
 As alturas do Etha deleitosas
 Á vista do seu Rei se levantassem?...

Já dura muito, ó Nathos, essa ausencia:
 Passou o prazo: o dia assignalado¹²
 Em que havias voltar, fugio... não torna...

Como os olhos de Darthula encantaste,
 Quando vistes, Heroe, a terra estranha!...
 Teu rosto amavel tinha o doce agrado
 Que teem da Aurora os raios primitivos:
 A cor das aguias tinham teus cabelos:
 Tua alma era serena como as horas
 Em que desaparece o Sol nas ondas:
 Dos regatos de Lora¹³ o murmurio,
 O sussurro do Zephyro entre as canas
 Menos doce é que o som da lua falla:
 Mas, qual mar agitado, uma borrasca
 No furor dos combates parecias,
 Das armas tuas sendo a bulha horrivel:
 Teu inimigo audaz se assusta e pára
 Se a marcha te apercebe estrepitosa...
 Tal Darthula te vio: assim do alto
 Te vio das torres do paterno paço.
 Então á tua vista sentio logo
 O coração no peito palpitar-lhe.

«Como és amavel, estrangeiro! (disse)
 Amigo de Cormac¹⁴ o desgraçado
 Como és bello na furia dos combates!...
 Por que assim te abandonas sem piedade:
 Ao fervoroso ardor que a gloria alcança?...
 Mancebo; os teus guerreiros não são muitos

Para atacar um Rei de forças tantas.
 Ah! se eu pudesse ao menos libertar-me
 Desse importuno amor com que me afflige!
 Só pudera alegrar-me o teu semblante.
 Quão ditosos sereis, rochedos d'Etha,
 Se haveis de ouvir do meu amante os passos!
 Se virdes o seu peito de alabastro,
 Quando os ventos travessos levantarem
 As sombrias madeixas que traz soltas!»

Tuas vozes, ó Darthula, taes foram
 Lá nas torres musgosas que habitavas.
 Agora só te cerca a noite espessa:
 E os ventos tuas velas enganaram.
 Darthula bella! os ventos te atraçoam!
 Cessa, ó vento do norte, cessa um pouco:
 Da filha de Colá deixa que escute
 A doce voz que tanto me recréa...
 Por entre o estrondo, com que sopra o vento,
 Amo tua voz, ó Darthula serena...

Darthula.

«Serão de Nathos estas rochas toscas?
 Esta bulha será dos seus regatos?
 Do palácio de Usnoth vem estas luzes
 Que mal rompem as trevas que me cercam?...
 Mas a luz que esclarece hoje a minha alma
 Ráia do gesto do valente Nathos.
 Nobre filho de Usnoth, dize o que sentes;
 Declara por que os ais assim supprimes:
 Acaso em terra estranha nos achamos?»

«Não são estes, ó cara, os meus rochedos
 (Nathos lhe diz) differe muito deste
 O estrondo dos meus rios e torrentes.
 O meu palácio d'Etha fica longe,
 Não vencem delle as luzes tal distancia.
 Terra estranha pisamos, terra ingrata,

¹² O dia assignalado pelo Destino. O Destino é a unica Divindade de que falla Ossiano em seus poemas.

¹³ Lora quer dizer *murmurante*: era um pequeno rio que banhava os contornos de Selma, palacio de Fingal, Rei de Morven, antigo nome da parte da Escossia que está visinha ao mar da banda do noroeste.

¹⁴ Cormac, o Soberano d'Irlanda, assassinado por Cairbar.

Que o feroz Cairbar profana e rege.
Darthula, os ventos todos nos trahiram
Este é paiz de Ullin, onde os outeiros
Té ás nuvens se elevam, verdejando.

«Para o norte marchai, Althos e Ardano
Costeai esses sitios, pois receio
As surpresas nocturnas do inimigo:
Temo se apague aqui toda a esperança
De tornar a ver d'Etha os caros muros.
Essa torre musgosa que avistamos
Irei examinar; desse palacio,
De que partem as luzes, saber quero
Qual gente o habita, e quanto risco encerra.
E tu, Darthula bella, sobre a arêa
Descança em paz um pouco; toma alento,
Pois que a espada de Nathos le protege.»

Parte; e Darthula so na praia espera.
Senta-se; escuta o surdo som das ondas:¹⁵
Cercam-lhe grossas lagrimas os olhos;
E quando principia a tardar Nathos,
Alonga a vista, e busca em vão o amante.
Qualquer sopro do vento a alma lhe abala:
Passos pre-sente; cuida são do amante...
Presta ouvidos, até que a illusão cessa;
E d'angustia opprimida, assim prorompe:

«Em torno a mim resoa aspero vento;
Redobra a Noite os véos em que m'envolve:
Porêem Nathos não chega! ... Onde te escondes,
Do meu amor emprego, meu conforto?
Quem te demora, amavel Chef' d'Etha?
Surpr'enderam-te acaso os inimigos? ... »

Nathos chega; mas traz pesado o rosto,
Que obscurece a tristeza. A sombra cara
Do amigo Cuchullin¹⁶ tinha avistado,
Qu'ia de Tura os muros procurando.

Este Heroe mil suspiros exhalava;
E seus olhos, que a morte tinha extinctos,
Inda lançavam fogos formidaveis.
Era de nevoa a lança alta columna,
E as estrellas por entre o corpo aereo
Com frouxa luz ao longe reluziam.

Sua voz, semelhante ao vento surdo
Que murmura no fundo das cavernas,
Desgraças co' as palavras predizia.

Nathos triste, opprimido, em dor immerso,
Trazia a frente baça, como é baço
O Sol quando mergulha em nevoa densa.
« Tu, de Darthula o mais constante apoio
(Lhe diz ella) que tens? por que estás triste?
Só em ver-te consiste o meu deleite;
Já não tenho ninguem, tu só me animas:
Meu pae dorme, no tumulto descança;
Nathos, unico amigo, só me resta:
Reina o silencio em Sélama¹⁷, domina
O luto a minha patria; os meus amigos
De Ullin na guerra bravos pereceram;
Com Cormac infeliz cahiram todos.»

Darthula conta a morte de Collá seu pae.

«Escuro já fazia na planicie:
Ante meus olhos ía-se apagando
O azulado reflexo das torrentes:
Perto dos muros paternaes, tranquilla,
Me achava ao pé de uma arvore copada;
E dos bosques de Sélama frondosos
Alternos sopros vagarosos vinham.
Truthil, meu caro irmão, Truthil vagando
Ante minha alma então julguei que via;
Bem que ausente, seguindo as hostes feras
Que contra Cairbar tinham partido.

¹⁵ Verso imitativo.

¹⁶ *Cuchullin*, quer dizer *Voz de Ullin*.

¹⁷ *Sélama* significa bella-vista, vista extensa. Naquelle tempo edificavam-se as casas nas alturas, para dominar sobre o paiz, e precaver as surpresas do inimigo; e por isso muitos castellos se chamavam então *Sélama*. Dahi procede tambem o nome do famoso palacio de *Selma*, residencia de Fingal, e dos mais Reis da Escocia.

«Visão, presentimento desgraçado!
 Era meu pae quem vinha taciturno,
 O canuto Collá, com triste aspecto
 Encostado na lança; pensativo
 O serio rosto para a terra inclina,
 E vê-se que o pesar a alma lhe parte.
 Traz ao lado pendente a heroica espada,
 E o casco de seus paes sobre a cabeça.
 O peito anheia, e lutas só respira:
 Uma lagrima so lhe aponta aos olhos,
 Que se esforça a esconder, porém não póde
 Suspirando me diz:—Darthula! filha!
 Da raça de Collá quanto possuo!
 Truthil morreo na força do combate;
 Ja de Sélama o Rei¹⁸ finou seus dias.
 Co'as suas multidões Cairbar marcha,
 Vem feroz atacar os nossos muros:
 Collá castigará tanta suberba,
 E ha de vingar o sangue de seu filho.
 Mas tu, Dartthula cara, a qual asylo
 Poderei confiar essa belleza?
 Que sitio ha de prestar-te segurança?

«Morreo! (exclamo então, soltando um grito)
 Entre os combates já luzir não póde
 De Thrutil generoso o valor nobre!...
 Mas este arco me basta: nada temas.
 Aprendi a ferir a montez cabra:
 Matar bem poderei, como outras feras,
 Cairbar, que a Truthil privou da vida.

«Na face de Collá o prazer brilha
 Com taes palavras; lagrimas se apinham
 Em seus olhos, e correm sobre o rosto:
 Um subito tremor lhe agita os labios;
 Treme ao sopro do vento a branca barba.

«Tu de Truthil (exclama) és irmã digna!
 O fogo de sua alma abraza a tua.
 Toma esta lança, Dartthula, esta lança,
 Este broquel de bronze, e casco d'aço,
 Despojos de um irmão guerreiro illustre,
 Morto na flor dos annos mais viçosos¹⁹.
 Sobre Sélama apenas o sol raie
 Iremos encontrar Cairbar fero.
 Do braço de teu pae não te separe:
 Do meu broquel á sombra fica, ó filha!
 Em outro tempo, Dartthula, pudéra
 Defender-te teu pae: hoje já pesam
 Sobre suas mãos tremulas os annos:
 Foge a força de seu braço cançado,
 E a dor toda sua alma hoje escurece.

«A noite na tristeza assim passámos.
 Rompeo o dia; e no guerreiro armúrio
 Brilhei ante meu pae que me seguia.
 Em torno ao seu broquel os seus guerreiros,
 Todos canutos velhos, se juntaram,
 Em numero pequeno, na planicie.
 Os mancebos heroes tinham cahido
 Com meu irmão no campo, combatendo
 Por Cormac infeliz, e pela gloria.

«Não era assim, guerreiros, que me vistes
 Já debaixo das armas n'outro tempo:
 (Lhes diz Collá) illustres companheiros
 Das emprezas da minha mocidade!
 Quando a meus golpes Confadano heroico
 Cedeo a vida e gloria, assim não era
 Que aos combates intrepido marchava.
 De annos e dores vamos carregados;
 A sombria velhice nos opprime;
 Meu broquel está gasto pelo tempo,
 E a minha espada aos muros pendurada²⁰.

¹⁸ Já de Sélama o Rei, etc. Ossiano dá o titulo de Rei a todos os guerreiros distinctos por seo valor.

¹⁹ O Poeta, para fazer a historia de Dartthula verosimil, tem cuidado de dizer que o seu armúrio era o de um guerreiro mui joven.

²⁰ Quando um guerreiro envelhecia, ou se tornava incapaz de combater, suspendia as armas na sala onde toda a familia se reunia nos dias de festa; não apparecia mais nos combates; e o periodo da vida que desde então decorria chamava-se o tempo de suspender as armas.

Sempre julguei que a noite de meus annos
 Tranquilla fosse, e que meu fim seria
 O de uma luz que pouco a pouco morre.
 Mas voltou furiosa a tempestade,
 E assim me abate, qual antiga faia,
 Que açoitada dos ventos, se desfolha.
 Já declino, vacillo... Onde estás, filho,
 Co' as sombras dos heroes teus companheiros?...
 Do turbilhão que habitas não respondes.
 A dor abate o animo paterno...
 Mas cedo ha de acabar esta tristeza,
 Cairbar ou Collá acabar devem.
 Já sinto restaurar no braço a força;
 Salta meu coração, apenas sente
 O lethal alarido da batalha.

«Empunha a espada; então o ferro brilha
 Nas mãos de seus guerreiros; marcham todos
 Para a planície: o vento irado agita
 Na calva testa os raros séus cabellos.

«Na campina de Lona²¹ solitaria
 Sentado Cairbar preside altivo
 A um pomposo festim, quando em distancia
 Apercebe os heroes; e sem demora
 Ordena aos chefes que ao combate corram.
 Já... Mas que digo a Nathos? que descrevo?²²
 Eu não te vi no centro da batalha,
 Qual raio que no Ceo serpêa irado,
 Romper sempre por entre os inimigos?
 Seu vestigio inflammado quanto é bello!
 Derrubando os mortaes, quanto é terrivel!

«A lança de Collá dirige a morte
 Por toda a parte; e os juvenis combates
 Inda recorda, com vigor extremo.
 Mas ai! parte uma frecha; o heroe derriba;

Fere-lhe o lado: o susto, a dor abrange
 Toda minha alma, e quero em vão salvá-lo
 Cae sobre o seu broquel... o meu estendo
 Sobre elle, descobrindo o proprio peito:
 Enrista a lança Cairbar, correndo;
 Mas a filha de Sélama conhece.
 Brilha o prazer no seu sombrio rosto,
 E o ferro affasta que ia dar-me a morte.
 Um tumulto a meu pae, comtudo, erige,
 E a Sélama me leva, envolta em pranto.
 Quer com phrases de amor calmar-me as penas
 Mas eu só dor escuto, só dor sinto.
 Os paternos broqueis vejo quebrados,
 De meus amigos mortos vejo as armas;
 Do meu caro Truthil conheco a espada,
 E as lagrimas meu rosto afflicto inundam.

«Chegas, Nathos, então; Cairbar foge,
 Como foge uma sombra no deserto
 Ante os raios do Sol que vem nascendo
 Contra ti o seu braço era mui fraco,
 E a tropa sua tinha-se affastado.

«Mas dize, ó Nathos, dize, essa tristeza²³
 Donde te vem agora ? de que nascem
 Essas sombras que envolvem teu semblante?»
 Pergunta sem cessar Darthula afflicta.

«Eu desde a infancia vi sempre combates.
 (Nathos responde a Darthula) Meu braço
 Podia apenas sustentar a lança,
 Quando o perigo pela vez primeira
 Se me off'receo, ó cara. Mas a guerra
 Era para minha alma tão brilhante
 Como o Sol, quando entorna as luzes n'agua,
 Nos verdes valles, antes que lhe esconda
 O seu disco inflammado a trovoad.

²¹ Lona, planície pantanosa, onde Cairbar dava, segundo o costume, uma festa ao seu exercito, para celebrar a derrota de Truthil, e do resto do partido de Cormac, quando Collá veio atacá-lo.

²² Aqui o Poeta evita com destreza a descripção do combate de Lona, que seria impropria na bocca de uma mulher, e nada teria de novo depois das numerosas descripções deste genero que se encontram nos seus poemas; e ao mesmo tempo depara occasião a Darthula para dizer uma fineza ao seu amante.

²³ Ossiano costumava repetir no fim de um episodio a phrase com que o começara, talvez para melhor reconduzir a memoria do leitor ao assumpto principal.

Foi meu valor nos riscos celebrado
 Antes de ver-te, ó bella; era soldado
 Muito antes que meus olhos te observassem
 Qual estrella que brilha sobre o outeiro,
 E rasga as trevas de uma noite densa...
 Mas uma nuvem vagarosa chega,
 E dessa estrella a luz clara ameaça.
 Em terra ingrata estamos: falso vento
 Nos enganou, servindo os inimigos.
 Das montanhas do Etha longe estamos.

«Ó Darthula! que asylo dar-te posso?
 São os irmãos de Nathos valorosos:
 Minha lança em batalhas tem brilhado:
 Mas que podem de Usnoth os filhos hoje,
 Contra exercitos taes, que oppoem tal força?»

«Oscar²⁴, chefe d'heroes, por qual decreto
 Os ventos estas praias te não mostram?
 Por Cormac infeliz tu prometteste
 Vir combater tambem, e então seria
 Meu braço a fouce da implacavel morte:
 Em seu palacio Cairbar tremera,
 E a paz em torno a Darthula reinara.
 Mas por que desalentas, ó minha alma?
 De Usnoth os filhos triumphar bem podem.

Darthula.

«Sim, hão de triumphar, Nathos! (exclama
 De Sélama a belleza transportada.)
 Darlhula jámais hade (Amor r' o jura)
 Habitar com desdouro, aprisionada,
 Do taciturno Cairbar os paços.
 Dá-me essas bronzas armas que me mostra
 A exhalação que passa, e que apercebo
 No fundo desse teu navio; dá-mas;
 Eu quero combater... Sombra magnanima
 De Collá, de meu pae, sombra adorada!...
 Mas que objecto sombrio te acompanha?»

É Truthil generoso!... E eu ver pudéra
 Os palacios do monstro que deo morte
 Ao Chefe, ao Rei de Sélama brioso?
 Nunca, ó sombras queridas, tal desdouro.»

Sobre a face de Nathos brilha o gosto
 Que lhe inspira esta phrase; e diz-lhe: «Ó filha
 De Sélama ditosa, tu desparges
 O sereno descanço na minha alma:
 Em mim se dobra a força: vir já podes,
 Ó Cairbar, com todos teus guerreiros.
 Lá onde anheles gloria á raça tua,
 Usnoth venerando! não receies
 Ouvir dizer que o filho teu rugisse.
 Inda me soam n'alma essas palavras
 Que sobre a praia d'Etha me disseste,
 Quando já minhas velas se empolvavam,
 E em demanda de Tura a costa largam.
 Nathos! (disse meu pae) tu te diriges
 A encontrar Cuchullin, prole de Sêmo,
 Esse heroi, que jámais fugio do risco
 Seja teu braço forte, como o delle,
 No dia da batalha; não fraquejes;
 Nunca te lembre a fuga; com receio
 Que heroe, que teu sangue accusar possa
 De cobardia ou susto os filhos d'Etha.
 Cá virão ter taes vozes ultrajantes,
 E a dor, que hei de sentir, ha de esmagar-me
 No solitario paço em que resido.

«Assim meu pae fallou; e o pranto em gottas
 Sobre as faces augustas lhe descia.
 Deo-me esta espada luzidia e Forte.
 Fui a Tura; o silencio alli reinava,
 E em vão buscavam meus olhos um guerreiro
 Que do Chefe de Dunsca²⁵ me dê novas.

«Á sala fui das festas, onde as armas
 De seus avós se suspendiam d'antes:
 Não estavam já lá; porem sentado

²⁴ Oscar tinha resolvido desde muito tempo fazer descida á Irlanda para hostilizar Cairbar, que tinha morto o seu amigo Cathol, do partido de Cormac.

²⁵ O *Chefe de Dunscares*, era o mesmo Cuchullin.

Vi o velho Lamor banhado em pranto.
 «D'onde vem essas armas? (disse o velho)
 Ha muito (levantando-se, accrescenta)
 Que nos muros de Tura taciturnos
 Não brilha escudo ou lança de guerreiro.
 Vindes vós das planicies do Oceano,
 Ou do triste palacio de Temóra?²⁶
 – Nós rompemos as plagas do Oceano;
 Do palacio de Usnoth chegamos hoje.
 Slisama²⁷ é nossa mãe, a filha bella
 Do illustre Sêmo; e Cuchullin buscâmos.
 Mas que vejo? De lagrimas banhado
 Teu rosto venerando!.. É morto acaso
 Aquelle heroe?... Responde, solitario
 Habitante de Tura; explica o caso;
 É Nathos quem afflicto te conjura.

– «Cuchullin não caio (Lamor responde)
 Como cae sem ruido alguma estrella
 Que a noite rompe, brilha, e logo cessa;
 Mas sim como um terrivel meteoro
 Que em paizes distantes arrebenta,
 E a morte arrasta em seu igneo caminho;
 Cometa que produz guerras cruentas.
 Sobre as praias do Lego²⁸ afflicção mora;
 E lugubre e queixoso o murmurio
 Da torrente de Lara estrepitosa.
 Nas margens della o heroe findou a vida.
 Dignos filhos de Usnoth, chorai comigo!»
 – «No combate morreo!... Brado, suspiro
 Por elle, cujo braço era terrivel,
 Cujos furor tremendo nos combates;
 E a morte lhe seguia sempre a espada.»

«Para as margens do Lego desoladas
 Marchámos logo, e o tumulo encontrámos.
 Com lugubre aparato o redeavam

Os nobres companheiros de seus feitos,
 E os Bardos inspirados, que cantaram
 Suas grandes victorias tantas vezes.
 Tres dias sobre o heroe aqui chorámos:
 E no quarto bati com furia ingente
 Sobre o broquel de Cairbar, sem susto.
 De Cuchullin os bravos me cercaram,
 Alegremente as lanças agitando.

«Á frente de um exercito tremendo,
 Corlath, de Cairbar amigo, estava:
 De noite, pelas sombras, o atacámos,
 E todos seus guerreiros pereceram.
 Do valle os habitantes, acordando
 Com os raios da Aurora, distinguiram
 A terra avermelhada com seu sangue.

«Aos paços de Cormac depois marchámos,
 Para o Rei defender, para salvá-lo.
 Inutilmente as lanças levantámos:
 De Témora o palacio era deserto;
 Cormac tinha acabado em tenros annos;
 D'Erin o infeliz Rei não existia.

«Com passo lento os filhos de Ullin partem,
 E da tristeza o véo todos envolve:
 Partem sombrios, como as nuvens densas
 Que vão detraz de outeiros esconder-se,
 Depois de ter mostrado largas horas
 Ameaços e aspecto de borrasca.

«Em dor immersos vão de Usnoth os filhos
 Á bahia de Tura, e consternados
 Por Sélama passámos: foge logo
 Cairbar ante nós, bem como fogem
 Ante os ventos irados do deserto
 As nevoas que do Lano torvo expulsam.

²⁶ *Temora* ou *Ti-mor-nath*, *casa de felicidade*, era o nome do palacio dos antigos Reis d'Irlanda. Ossiano chama-lhe triste, por causa da morte de Cormac, a quem Cairbar assassinara para lhe usurpar o throno.

²⁷ *Slisama*, nome composto de duas palavras, *slis*, macio, e *seamha*, seio.

²⁸ *Lego*, *lago das doenças*, era o antigo nome de um lago do Connaught, onde desaguava a ribeira de Lara.

«Então é que eu te vi, donzella amavel,
Tão bella como a luz que o Sol espalha.
— Que raio juvenill raio brilhante! —
Exclamei; e os suspiros apinhados
Pareciam romper-me o peito estreito.
O triste Chefe d’Etha então seguiste...
Mas os ventos crueis nos enganaram,
Ó Darthula! estás perto do inimigo.»

«Sim, perto está de nós; (Althos responde)²⁹
Ouço o estrondo, o tinnir da marcha e armas...
Vi fluctuar o lugubre estandarte,
E a voz de Cairbar³⁰ distinguir pude.
Antes que a Noite os mares abafasse
Nosso navio apercebeo de longe:
Na planicie de Lena vigiando
Os seus guerreiros mil espadas alçam.»

«Que alcem dez mil espadas: (Nathos grita)
Á vista do perigo jámais tremem
Do valoroso Usnoth os dignos filhos.
Ó mar de Ullin, por que motivo rólas
Com tanta bulha as ondas espumantes?
Tempestades do Ceo atroadoras,
Por que as azas assim abris ruidosas?
Crês, borrasca, prender Nathos á praia?
Não: seu valor é só quem o demora,
Filhos da Noite! em vão convocais medos.
Traze-me, Althos, de meus avós as armas:
Ao clarão das estrellas alli brilham;
No fundo está da não de Sêmo a lança.³¹»

Althos as armas traz, e n’um instante
Seus membros d’ aço duro Nathos veste.
Seu gosto é nobre, altivo, o passo firme;
Ameaço e prazer luz em seus olhos;
Arde em desejos de que chegue a luta.
Darthula muda e quêda junto delle,
C’os olhos fixos sobre o terno amante,
S’esforça em suffocar crebros suspiros
Que em seu peito subleva a dor e o susto;
E mal disfarça o pranto que obscurece
A luz que amor accende nos seus olhos.

«Neste rochedo vejo uma caverna,
(diz o Rei d’Etha) abrigo da belleza:
Althos caro, teu braço armipotente
Deposite alli Darthula, e a defenda.
Ardano e eu marchemos ao in’migo;
Cairbar ao combate provoquemos.
Ah! se o sombrio Cairbar pudesse
Vir coberto das armas estrondosas
Para atacar de Usnoth valente o filho!...

«Darthula, se escapares do perigo,
Não te importe o odeos ultimo e triste:
Foge; não te dilate uma esperança
De tornar a ver Nathos desditoso:
Larga as velas, e as praias d’Etha ganha.
Althos, dize a meu pae que é morto Nathos;
Mas coberto de gloria; e que não soube
Sua espada eviter nunca os combates:
Que caíio sobre montes d’inimigos,
Para que a dor com gosto se misture.

²⁹ Althos voltava da costa de Lona, aonde Nathos o tinha mandado para descobrir campo.

³⁰ Cairbar tinha acampado o seu exercito na costa do Ulster, a fim de oppor-se ao desembarque de Fingal, que projectava restabelecer no throno a familia de Cormac. A bahia de Tura, para onde o navio de Nathos foi arrojado pela tormenta, achava-se entre as duas alas do exercito de Cairbar, e por isso os filhos de Usnoth não podiam escapar a seus inimigos.

³¹ Sêmo era avô de Nathos pela parte materna; e a lança de que se falla neste lugar já tinha sido dada a Usnoth quando casou: era uso dar o sogro as suas armas a seu genro.

«Tu, Darthula querida, no palacio
Convoca as filhas d'Etha, e todas juntas,
Quando voltar o Outono taciturno,
Cantando confiai de sacros hymnos
Os louvores de Nathos e as saudades.
Se o Cantor de Colná³² a minha gloria
Sobre as cordas celestes celebrasse,
A minha mesma sombra se alegrara
Entre os ventos ferozes das montanhas.»

– Minha voz cantará os teus louvores:
Ossiano to jura: a tua gloria
Em meus cantos será de Usnoth conforto.
Ah! se em Lena eu lutasse na batalha,
Minha espada teus dias defendera,
Ou a vida Ossiano perderia.

À festa de Fingal naquella noite
Com pompa em Selma todos assistimos,
Mas de agouros e sustos penetrados.
Os ventos contra as arvores bramavam;
Dos phantasmas do monte³³ os ais se ouviam:

N'isto, do vento um turbilhão enfia
A sala toda, e na minha harpa freme:
Um som, qual canto lugubre, resoa.
Fingal ouve-o primeiro, e no seu peito
Os frequentes suspiros o angustiam.
«Algum dos meus heroes de certo é morto!
(Diz o Rei de Morven) Os sons da morte
Na harpa escuto d'Ossiano. Amado filho,
Fere essa corda, fere, que resoa:
Faz-me ouvir teus lugubres accordes,
Para que as sombras desses meus tão caros
Em paz e com prazer neste momento
Para os outeiros de Morven revoem.»
Eu feri ante o Rei as cordas da harpa;
Mas os sons eram lugubres, queixosos.

Inclinaí-vos do seio dessas nuvens,
Sombras de meus maiores; lançaí fóra
Os fogos e o terror que vos rodêam,
E recebei o heroe que expira agora.
Preparai-lhe de nevoa a lethal roupa,
Com a lança de nuvem; como espada

³² Ossiano é muitas vezes chamado, nas antigas Poesias dos Bardos, o Cantor, a voz, e a doce voz de Colná. Este Bardo celebre vivia antes do estabelecimento da Religião Christã na Escossia, isto é, nos fins do 3.º ou principios do 4.º seculo. Foi no anno de 303 que a perseguição de Diocleciano fez passar alguns christãos para a Bretanha. A brandura e tolerancia de Constancio Chloro, que então alli commandava, attrahio em breve tempo grande numero de sectarios da religião perseguida. Alguns delles, por temor, ou zelo da propagação da Fé, deixaram o paiz sujeito aos Romanos, e estabelecer-se no dos Caledonios, cujos povos acharam tanto mais dispostos a receber a nova doutrina, quanto mais esquecidos estavam da religião dos Druidas. Estes primeiros Missionarios Christãos viviam nas cavernas, e no centro dos bosques, o que deo motivo a serem chamados pelos Caledonios *Solitarios*. Com um destes *Solitarios* disputou Ossiano acerca da Religião Christã; naqual disputa, que a tradição conservara, mostrou Ossiano uma ignorancia tal dos dogmas do Christianismo, que se não pôde suppor que estivesse já introduzido na Escossia. Ossiano descendia daquelle famoso *Trenmor* que destruiu a ordem dos Druidas, e foi proclamado Rei por todas as Tribus. Era filho de Fingal, neto de Trenmor; e acompanhou seu pae nas mais arriscadas das suas expedições, de que foi theatro a Irlanda. O restabelecimento de Ferard-Artho ao throno deste paiz foi a ultima obra de Fingal, que depois disso entregou solemnemente a sua lança a Ossiano, que fez della um uso digno para defeza do fraco e do opprimido; até que a idade lh'a fez cair das mãos. Vendo-se então privado de seu pae e de seu filho Oscar, a quem Cairbar o usurpador tinha assassinado por traição, e achando-se cego e enfermo, procurou distrahir a sua magoa e os seus males, cantando as proezas dos seus amigos. Arrastava-se muitas vezes para o pé do tumulo de seu pae; e ahi se consolava, como elle proprio diz, tocando-o com suas mãos tremulas. *Malvina*, a esposa do seu querido Oscar, não o abandonou jamais. A esta é que elle dirige a maior parte dos seus canticos, principalmente aquelles em que o valente Oscar desempenha o primeiro papel. *Malvina* aprendia de cór os Poemas d'Ossiano, á medida que elle

Cingi-lhe meio extinto algum meteoro:
Que se nos mostre em trajas agradaveis,
A fim que o vê-lo alegre seus amigos.
Inclinai-vos do seio dessas nuvens,
Sombras de meus maiores, inclinai-vos. –

Taes d'Ossiano em Selma os cantos foram,
Acompanhados da harpa condoida.

Pelas trevas da noite rodeado,
Nathos porêr, na costa de Ullin, firme,
Escutava em silencio sobre as armas;
E ouviu a voz pungente do inimigo,
Que excedia o rumor das ondas bravas.

A manhã levantou-se radiante;
E viram-se de Erin os bronzeos filhos
Quaes ao longo da costa se veem rochas
Que antigos troncos verdenegros vestem.
Cairbar logo á vista do inimigo
Sorriu com ar feroz para os seus socios.

Nathos parte: mas Darthula, inquieta,
Longe do seu amante não socega.
Acompanhada pelos seus guerreiros,
Voa após elle, de uma lança armada.

– Quem são estes heroes, de armas cobertos,
Na flor da mocidade?... Quem são elles?...

São os filhos de Usnoth, Althos e Ardano.
«Vem, (disse Nathos) Chefe de Temóra!
Pela mais bella das donzellas hoje
Afoutos sobre a praia combatamos.
Nathos não tem comsigo os seus guerreiros;
Moram alem do mar tempestuoso.
Cobarde Cairbar, cercado d'hostes,
Como vens atacar o Chefe d'Etha?...
Delle fugiste em tempo mais propicio³⁴,
Quando os amigos seus o rodeavam.»

«Contra ti, moço audaz e presumido,
Crês que o Chefe d'Erin combater possa?...
(Replicou Cairbar) Os teus maiores
Não os conto entre os celebres guerreiros;
Nem na lista dos Reis foram contados.
Teem nos seus lares do inimigo as armas?...
Teem os broqueis de seus antepassados?...
Cairbar reina em Témora com gloria;
E não se mede com vulgar guerreiro.»

Nathos freme de colera, em silencio:
Uma lagrima os olhos lhe humedece:
Olha para os irmãos; e a um tempo as settas
Voam e prostram tres heroes por terra:
Logo nas mãos fusilam as espadas.
Como cede um montão de nuvens negras
Do vento impetuoso ao sopro irado,
D'Erin os batalhões se desvanecem.

os compunha; e cantava os ao som da harpa. Depois da morte d'Ossiano, os Bardos os aprenderam de Malvina; e os recitavam com preferencia ás suas proprias composições. As particularidades historicas que contem, e assim como a belleza da sua poesia, os tornavam agradaveis a todos os Caledonios (*Vejam-se as Dissertações de Macpherson.*)

³³ Pelos ais dos phantasmas do monte, entende Ossiano o ruído surdo que precede a tempestade, e que é bem conhecido dos que habitam nas montanhas. Os Caledonios attribuíam geralmente aos espiritos a maior parte dos effeitos naturaes. Se o echo dos rocheios vinha ferir seus ouvidos, era o espirito da montanha, que gostava de repetir os sons que ouvia. Se o vento fazia resoar as harpas dos Bardos, era este som produzido pelo toque das sombras, que assim prognosticavam a morte de uma illustre personagem; e raras vezes um Rei perdia a vida, sem que as harpas dos Bardos adherentes a sua familia vibrassem aquelle som prophético. Se um infeliz expirava pelo excesso da sua magoa, eram as sombras dos seus maiores, que vendo-o desamparado, e a lutar sem esperanza contra o infortunio, tinham levado a sua alma, para o libertarem da vida. Estas idéas eram mui poeticas sem duvida; mas lançam um colorido melancolico em todas as compozições d'Ossiano, que principalmente se recria em descrever as scenas da noite, demorando-se com prazer nos objectos sombrios e magestosos que apresenta.

³⁴ Allude á fuga de Cairbar, quando Nathos veio a Sélama.

Cairbar seu exercito convoca:
 Mil arcos tendem, crebras frechas voam;
 E caem de Usnoth os filhos, como caem
 Tres altivos carvalhos sobre o monte,
 Onde, com vasta rama, sós florecem.
 Pasmava o passageiro ao ver chegados
 Seus troncos, sem abrigo, a tanta altura:
 Mal do sul veio á noite o rijo vento,
 E por terra prostrou-lhe as verdes comas.
 Voltando na seguinte madrugada,
 Achou seccas as arvores suberbas;
 E o monte despojado de verdura.

Darthula vê cair heroes tão caros.
 Immoavel pela dor, não verte pranto:
 Seus olhos se enchem de um pezar severo,
 A pallidez lhe murcha as faces bellas:
 Palavras syncopadas articulam
 Apenas os seus labios, tremulando:
 E das negras madeixas sem alinho
 Lhe açoita a face revoltoso o vento.

Cairbar, sem piedade, exulta, e chega,
 Perguntando: «Onde existe o caro objecto
 Do teu amor, ó Dartthula?... Procura
 D'Ethá o Dominador, que tanto amavas.
 Viste os paços de Usnoth?... De Fingal viste
 Os sombrios outeiros que domina?...
 Se os ventos irritados não te houvessem,
 Ó Dartthula, arrojado a estas praias,
 Eu fôra trovejar co'a guerra em Morven:
 Fingal mesmo a meus golpes cederia;
 Estrago e morte reinaria em Selma.»
 Deixa Dartthula debil de seu braço
 Escapar o broquel, e o peito mostra;
 O seio de alabastro ensanguentado,
 Que uma frecha cruel tinha ferido.
 Sobre o seu doce Nathos cae, bem como
 Da região das nuvens desce a neve.
 Co'as madeixas o rosto amado encobre,
 E o sangue de um e d'outro a terra bebe.
 Os Bardos o seu fado assim deploram:

Cantico dos Bardos.

Apagou-se a luz das selvas:
 Dartthula é morta, é morta!...
 Na florente Primavera
 Assim uma flor se corta.

Dc Collá a illustre filha
 A Cairbar não pertence:
 Amor e a Morte venceram;
 E Nathos morto é que vence.

De Truthil a estirpe extincta,
 De Selma a praia deserta
 Envolve um silencio austero,
 Que aos mortos é digna offertá.

Quando voltarás ao mundo;
 D'Erin a melhor das bellas?...
 Muito dormirás na tumba
 Antes que tornes a vê-las.

Inda está longe a manhã
 Em que tu has de acordar:
 O Sol não virá tão cêdo
 O teu leito allumiar

Não virá dizer-te - Acorda,
 Vem calmar crueis pezares;
 O bafo da Primavera
 Começa a aquentar os ares.

Das mulheres a mais linda!
 Desperta, que as flores nascem:
 Já balançam na campina:
 Ah! desperta antes que passem.

Darthula dorme. Não venhas,
 Não venhas, Sol, despertá-la:
 A filha de Collá dorme,
 E ninguém póde acordá-la.

Nunca mais na manhã cêdo,
 Radiante de belleza,
 Virá contemplar nas selvas
 A pompa da Natureza.

Nunca mais no prado, airoso,
Ha de mostrar-se, correndo;
Vencendo na caça as feras,
Ou corações surpr'endendo.

Em quanto alli compunham compassivos
De Darthula o sombrio monumento,
Os Bardos junto delle assim cantavam.
Á a voz levantar, chorar com elles
A sorte da infeliz; quando chegava
Fingal a Ullin, a combater brioso
Cairbar, fatal causa destes prantos.

Obras Poeticas de D. Leonor D'Almeida Portugal Lorena e Lencastre Marqueza D'Alorna, Conhecida entre os Poetas Portuguezes pelo nome de Alcipe, Tomo III, Lisboa: Imprensa Nacional 1844, pp. 203-229 (notas: pp. 281-289).



Fingal. An Ancient Epic Poem, in six books; together with several other Poems, composed by Ossian, the son of Fingal; translated from the Galic language by James Macpherson, London: T. Becket and P. A. De Hondt, 1762

FINGAL³⁵

CANTO I

Por debaixo da trémula folhagem
D'uma arvore frondosa, descansava
Cuchullin recostado n'um rochedo

Alcatifado d'urzes mil floridas,
E alli scisma de Tura junto aos muros.
Ao lado seu, na relva, o escudo e lanca
Pousados elle tinha, imaginando
Em seu silencio vêr esse guerreiro,
Cairbar, que no campo da batalha
Outr'ora assassinara entre combates.

³⁵ “Fingal: An Ancient Epic Poem”, publicado pela primeira vez em *Fingal* (1762). G. B.

Eis que Moran, tremendo, lhe aparece,
 Moran, de vigiar encarregado pelo vasto Oceano.
 “Ergue-te, ó chefe, Ergue-te, Cuchullin, lhe diz o joven;
 De Swaran avistam-se os navios,
 Immensa, ó Cuchullin, é sua frota !
 Que multidão d’heróes, o mar sombrio
 Arroja sobre as vagas n’esta costa!

– Pois que, filho de Fithil! Diz-lhe o chefe
 Dos olhos cor do céu; mancebo tímido,
 Os teus receios vão tem augmentado
 Nossos contrarios. Sabes tu se é Fingal,
 Fingal o rei dos Montes Solitarios,
 Que ás planícies d’Ullin traz o socorro?

– Seu chefe, sim, eu vi, responde Moran,
 De vulto agigantado e a fronte altiva,
 Forte, ameaçador qual uma rocha
 De gelo; sua lança semelhava
 Um tronco colossal d’antigo lenho,
 Seu escudo era largo como a lua,
 Quando no céu a face ostenta cheia.
 Sentado n’um rochedo junto à praia,
 Suas tropas volverem-se já via,
 Qual nuvem de procella à volta d’elle.

“Ó chefe dos guerreiros, eu lhe disse,
 “Tu que alcançado tens trophéos e gloria,
 “Entre os homens um nome illustre, grande,
 “Tu que fazes tremer heróes potentes,
 “Sabe pois que de Tura nas muralhas
 “Te desafia exercito terrivel!”

“Semelhante ao ruído d’uma vaga
 “Que se quebra nas rochas furiosa,
 “A voz de Swaran, assim me brada:
 “Ah! Quem ousa atacar-me n’estes plainos?
 “Os guerreiros succumbem a meus golpes!
 “Só o rei das Collinas Tormentosas,
 “Só Fingal affrontar pôde meu impeto.
 “Outr’ora, de Malmor sobre a montanha,
 “Com a furia da lucta revolvemos
 “O solo da floresta; desabaram
 “Os rochedos fendidos com estrepito,
 “Vacillaram no leito as mil torrentes.
 “Tres dias combatemos; nossos bravos

“Immoveis nos olhavam, assustados.
 “Ao quarto dia, Fingal exclamava:
 “Eis do Oceano o rei cahido! Nunca,
 “Diz Swaran; ei-lo de pé! Vae Moran
 “E dize a Cuchullin que ao heróe ceda,
 “Que se renda ao guerreiro que em seu trilhó,
 “Tudo assola, destroe qual tespedade!”

– “Jamais, diz Cuchullin, jamais a um homem,
 Eu cederei! Ó vae, filho de Fithil,
 Vae, ó Moran, e leva a minha lança,
 Para de Cairbar bater no escudo,
 Que nas portas de Tura está suspenso.
 Que seu bellico som harmonioso
 Chame á lucta os guerreiros, Ao ouvi-lo
 Descerão das montanhas.”

Moran parte,
 Vibrar já fez o escudo: a corça treme
 Na selva espavorida; ao longe os montes
 Retumbaram. Curach já vem descendo
 De rocha em rocha. Connal o acompanha,
 Sua lança brandindo sanguinaria.
 De Crugal elegante o largo peito
 Oscilla e o coração forte lhe pulsa.
 Já da negra montanha o cume deixa,
 O filho de Favi descendo á pressa.

“E’ o escudo da guerra! Clama Rónnar;
 Com a lança tocado, Lugar brada,
 Do grande Cuchullin victorioso !

“Calmar; filho do mar, as armas toma
 E veste d’ aço a cota rutilante!
 Ergue-te, ó Puno, com teu braço forte!
 Desce tu, Cairbar, desce de Cromla!
 Eth mimoso, vem; ás planícies desce
 Das torrentes de Lena! Os alvos membros
 Mostra, ó Caolt, como do mar a espuma
 Que ás rochas de Cuthon arroja a vaga;
 Teus ferreos musculos desenvolve, ó joven,
 Calca as hervas do monte com teus passos.”

Eis das tribus os chefes reunidos,
 Orgulhosos de seus primeiros feitos;
 Suas almas s’inflamam co’a lembrança
 Das glorias do passado; flammejantes

Os seus olhos buscavam o inimigo.
 Já co'as possantes mãos o punho estreitam
 Das espadas e descem das montanhas
 Deslumbrantes co' o brilho d'armadura.
 Fulgentes, magestosos vão marchando
 Os chefes das batalhas; os guerreiros
 Em silencio sombrios os seguiam,
 Como seguem as nuvens pluviosas,
 Ligeiros metéoros pelo espaço.
 Eccôa o retinir d'armas ao longe
 E dos mastins os uivos. Já mil vozes
 Soltam seus hymnos de guerreira musica
 Repetindo-os ao longe eccos de Cromla.
 Postadas sobre o Lena, suas hostes
 S'estendem pelas urzes; tal do outomno
 A nevoa movediça, quando junta
 Seus flocos espalhados sobre o plaino
 E p'ros ceos ergue a frente vagarosa.

Salve, diz Cuchullin filhos dos valles,
 E vós, dos grandes bosques caçadores,
 Para mais altas lides apromptai-vos;
 Perto está o inimigo e nos invade
 Qual onda que desbasta as nossas praias.
 Combateremos nós, filhos da guerra,
 Ou ao rei de Loclin os ferteis plainos
 D'Inisfail ceder, fracos iremos ?
 Falla, ó Connal, dos bravos o primeiro
 Tu que o terror espalha nos combates,
 Que escudos mil na guerra teus quebrado,
 Aos filhos de Loclin levando a morte:
 De novo empunhar queres tu a lança
 Que intrepido teu pae brandiu na guerra?

- Chefe, responde Connal, minha lança
 Jamais soube negar-se á Patria sua!
 No campo da batalha préza a gloria,
 Ama de larga f'rida vêr o sangue
 Roxeado jorrar dos inimigos;
 Mas, ah! que se meu braço a guerra aneicia,
 O coração a paz, só paz deseja!

Vem chefe de Cormac, vem vêr a frota
 Do altivo Swaran! Imensos mastros
 Se elevam no Oceano, como vimes
 Em o lago de Lego; seus navios
 Semelham as florestas vaporosas,

Que ao sopro do tufão vergam seus troncos.
 Innumeraveis são os seus guerreiros,
 Como estrellas do céu e urzes do outeiro!
 Connal anhela a paz. O mesmo Fingal,
 Dos mortaes o primeiro, evitaria
 De Swaran o braço; elle o mais forte,
 Que dispersa os heroes, como a procella
 As boninas dispersa, e como os ventos
 De Cona os sons espalham, quando a noite
 Com seu manto de nevoas cobro os montes.

- Fraco amigo da paz, lhe torna Calmar,
 Retira-te ao silencio das collinas,
 Onde cantos da guerra não resoam,
 Onde do vencedor tropheos não brilham;
 Vai no Cromla o veado perseguindo,
 Com teus dardos no Lena fére a corça;
 Mas tu, ó Cuchullin, filho de Semo,
 Arbitro dos combates, vem conosco
 Abater de Loclin largas fileiras.
 Marchemos! E atravez de mil cadaveres,
 A audacia supplantemos! Nunca, nunca,
 Das regiões da Neve; algum navio
 Ouse galgar as ondas d'Inistore!
 Soprae ventos d'Erin tempestuosos,
 Erguei-vos turbilhões d'entre as borrascas;
 Que seja eu no meio da tormenta
 Arrebatado ás nuvens pelas sombras
 Dos mortos irritadas, se da caça
 O prazer me desvia das batalhas!

- Quando, responde Connal, quando ó Calmar,
 Me viste pois fugir ? Sempre aos combates
 Corri, volvendo á frente dos guerreiros;
 Porém obscuros são meu nome e gloria;
 Comtudo ouve-me heroe, filho de Semo,
 E de Cormac te lembre o antigo sólio!
 Dá teu ouro, palacios, de teu reino,
 Se tanto fôr preciso cede parte,
 Para alcançar a paz, em quanto Fingal
 Desembarcar não vem em nossas praias:
 E' esta a minha ideia; mas se a guerra
 Só desejas; as armas com denodo
 Empunharei; achando só prazeres
 No meio dos combates! E meu animo
 Brillará no mais forte da refrega!"

- A mim, diz Cuchullin, me regosija
 O estrepito das armas, e me agrada
 Como a voz do trovão, antes do orvalho
 Doce da primavera. Minhas tropas
 Reuni; os guerreiros todos quero
 Juntos vêr a meu lado, que me sigam
 Após á morte, ou glória, e que marchem
 Brilhantes como a luz d'ethereo raio,
 Que o vendaval precede, antes que os ventos
 Occidentaes dispersem densas nuvens
 E que façam gemer, curvar a coma
 Aos carvalhos de Morven seculares.

Mas, ah! Onde é que estão meus companheiros?
 Os amigos fieis na hora do p'rigor?
 Onde estás Cairbar, ó chefe impavido
 E tu, ó Ducomar, raio da guerra ?
 Fergus, abandonar-me tambem queres
 No dia da tormenta ? Tu que outr'ora
 Eras em nossas festas o primeiro!
 Filho de Rosa, ó tu, braço da morte,
 Vens correndo qual gamo das collinas
 De Malmor ?... Salve, ó tu filho de Rosa!
 Mas donde vem a dôr que te conturba
 A frente varonil, a alma da guerra ?

- Quatro pedras, diz Fergus, sobre a campa
 De Cairbar se elevam; sepultado
 Tambem jaz Ducomar. Filho de Torman,
 Brilhaste qual um astro sobre o outeiro;
 E tu, ó Ducomar ! eras terrivel,
 Como no outomno o vaporar continuo
 Dos pantanos de Lena, que n'um giro
 Entre as povoações conduz a morte
 Ó Morna, tu tambem formosa virgem,
 Tambem o somno eterno tu já dormes
 No concavo da rocha ! Tu cahiste
 Entre as sombras da campa, como a estrella
 Que se offusca no espaço e que na terra
 Deixa triste e sem norte o caminhante.

- Ah ! Diz a Cuchullin, diz como os chefes
 Pereceram d'Erin; se foi na guerra,
 Combatendo os heroes? Ou qual destino
 De Cromla os chefes arrojou á campa?
 - Foi morto Cairbar, lhe torna Fergus,

Ás mãos de Ducomar, junto a um carvalho,
 Á borda da torrente. Triumphante,
 Foi após Ducomar de Tura á gruta,
 E d'est'arte fallou á bella Morna:
 "Ó Morna, a mais formosa das mulheres,
 Por que assim triste e só sobre os rochedos
 Te assentas a scismar ? Sibila o vento,
 O ribeiro murmura suas queixas,
 Ao sopro do tufão a arvore géme,
 Agita-se do lago a lympha pura,
 E já nuvem sombria tolda o espaço;
 Mas tu és como a neve das collinas,
 E teu cabelo ondula quae vapores
 Que vêem c'roar do Cromla a fronte escura,
 Quando os flocos suspensos nos rochedos
 Se doiram com os raios do poente.
 Teu seio d'alabastro se assemelha
 Ás espheras de marmore que cercam
 As cascatas de Branno; são teus bracos
 Alvos como as columnas que sustentam
 De Fingal o palacio Morna afflictica,
 Diz para Ducomar: d'onde assim turbo
 Vens tu, homem sinistro? São tão negras
 As tuas sobranceiras, qual a noite
 Da tormenta e teus olhos vertem fogo!
 Aportou Swaran a nossos mares?
 Ou que má nova trazes do inimigo?

- "Venho ó Morna, da serra dos veados,
 Tres feri com meus dardos, e meus dogues
 Outros tantos mataram; o mais bello
 Reservei para tí; aceita-o virgem;
 Tinha formosa a fronte como arvore
 C'roada por mil ramos e ligeiros
 Qual vento, os pés movia. Amo-te ó joven,
 Ó filha de Cormac encantadora!

- "Eu não te posso amar, feroz guerreiro!
 "Teu coração é duro como a rocha,
 "E o teu olhar sinistro faz-me, susto!..
 "Mas tu, ó Cairbar, filho de Torman,
 "Tu és o amor de Morna; és a su'alma,
 "Como os raios do sol secando ao lyrio
 "A chuva que a procella lhe deixára.
 "Não viste a Cairbar, o bello joven?
 "Na collina dos gamos não o viste?

“A filha de Cormac, aqui a volta
 “Do seu querido espera” – “Largo tempo
 “O esperarás ó Morna! elle lhe disse,
 “Por que seu sangue em minha espada corre;
 “Sim, Morna o esperará por largo tempo,
 “Que elle cahiu de Branno junto á margem;
 “Eu erguei seu tumulto no Cromla.
 “A Ducomar; agora ama tu virgem,
 “Ama-o, seu braço é forte qual tormenta!

– “Que! O filho de Torman já não vive!
 Exclama a joven mergulhada em pranto,
 “Ai, o filho de Torman não existe!..
 “Cahido agora jaz sobre a collina,
 “O mais bello guerreiro, o que excedia
 “Os caçadores mais dextros da montanha
 “O terror d’inimigos do Oceano!
 “Ó Ducomar, tu és feroz, sombrio,
 “Matou teu duro braço o amor de Morna!
 “Cruel; dá-me essa espada; eu amo o sangue
 “Do joven Cairbar!” E com seu pranto
 Elle se commoveu e entrega a espada,
 Qual a virgem lhe embebeu no seio irosa.
 Qual rochedo que o raio desprendesse
 Do cume da montanha, elle assim tomba,
 Um derradeiro olhar volvendo á joven.

– “A morte assim me deste, ó cruel Morna,
 “A espada sinto fria no meu seio:
 “Entrega á bella Morna o meu cadaver,
 “De seu candido amor eu era o sonho;
 “Ella erguerá meu tumulto chorosa,
 “E o caçador, passando junto á pedra
 “Saudoso guardará memorias minhas;
 “Mas por piedade, ó Morna, arranca o ferro
 “Que atravessa meu seio; ah! sinto a morte! ..”

“Banhada em pranto a virgem se aproxima
 E lhe arranca do peito a lisa espada:
 Eis com trémula mão elle a segura;
 E o seio virginal, alvo lhe fére.
 Desmaiada ella cahe; o sangue jorra
 E vae tingir-lhe o corpo alabastrino;
 Seus cabellos se rojam pela terra
 Onde a joven convulsa se revolve ,
 Após, de Tura a gruta repetia
 Seus ultimos gemidos.

– “Paz eterna
 “As almas dos heroes, Cuchullin disse,
 “Que ante o p’rigo fugir jámais se viram
 “Errae em torno a mim sombras amigas,
 “Volvei cheias de gloria em vossas nuvens;
 “Minha alma sentirá com vosso aspecto,
 “Mais valor e meu braço mais seguro,
 “Raios de morte, espalhará na guerra! . .
 “Mas tu, Morna, a meus olhos apparece
 “Embalada na luz da argentea lua,
 “Vem afagar na solidão meu somno,
 “Quando em paz esquecer lides da guerra.

“As tribus reunamos e marchemos
 “Amigos ao combate. Eia, meu carro
 “De batalha segui; bellicos hymnos
 “Confundam seu rodar tempestuoso.
 “Tres lanças collocar vinde a meu lado;
 “Segui os meus cavallos espumantes,
 “Que possa de meus bravos a coragem
 “Est’alma inebriar, quando a refrega
 “Já afrouxe debaixo de meu braço,
 “Cansado de ferir.”

Como a torrente
 Dos pinaros de Cromla se despenha
 Ao rolar do trovão estrepitosas,
 Com impeto maior d’Erin os filhos
 Se arrojam em fileiras numerosas.

Seu chefe ia na frente, semelhando
 A baleia, que seguem no Oceano
 As ondas empoladas, ou regatos
 Que na praia inundada vão juntar-se.
 As tropas de Loclin ouvem, ao longe,
 Da sua marcha o estrepito medonho.
 Erguido Swaran bate no escudo
 E chama o filho d’Arno. “Que ruido,
 Lhe diz, vem das collinas, e semelha
 Esse surdo zumbido dos insectos,
 Que esvoaçam á tarde? São as tropas
 D’Inisfail que descem, ou os ventos
 Que murmuram ao longe entre a floresta?
 Dir-se-ia de Gormal forte ruido,
 Quando agitadas vão depor-lhe as ondas
 Sobre seus pés as fronte alvejantes.
 Sóbe á collina, sóbe filho d’Arno
 E alonga a vista pelos negros plainos.”

Arno partiu e volta espavorido:
Os olhos espantados, a voz trémula,
E o seio palpitante; só a custo
As frases proferia vagarosas.

“Ergue-te, ergue-te, ó filho do Oceano,
“Eu vi o genio forte dos combates
“Da montanha descer, largas fileiras
“Vi dos filhos d’Erin! E do seu chefe
“O carro de batalha vi voando,
“Qual turbilhão que vae deixando a morte.
“Corria como vaga em liso plaino,
“Ou como nuvem d’ouro sobre os montes.
“Lusentes pedras forram este carro,
“Que brilha, como em alta noite brilham
“As ondas prateadas pela lua
“Á volta dos navios fluctuantes.

“É o timão de teixo bem polido,
“E de puro marfim o branco assento.
“Feixes de lanças brilkam a seu lado,
“Como em torno do heroe resplende tudo.

“Á dextra do timão pula um ginete,
“O mais forte, ligeiro da collina;
“No galope estrondoso atoa os plainos:
“Suas crinas aos ventos fluctuavam
“Qual vapor da manhã sobre os outeiros;
“Tem as formas esbeltas revestidas
“De lusidio pello; é o seu nome
“Sifádda. Vem d’outro lado á esquerda,
“Um não menos feroso, agil ginete
“Filho dos montes, alazão valente,
“Sacode com orgulho as negras crinas:
“Chamam-lhe Durosna da guerra os filhos.
“Suspenso vem o carro em mil garupas;
“Dos corceis offegantes vê-se os freios
“Relusindo da espuma. As redeas brilham,
“Engastadas de pedras, sobre o collo
“Dos alazões soberbos, e lhes sustam
“Na carreira seu impeto. São fortes
“Qual aguia sobre a preza e são ligeiros
“Qual gamo na corrida. Quando passam,
“Como os ventos do inverno sobre as neves
“Do aspero Gormal, todo o ar geme.

“Cuchullin vem erguido no seu carro,
“O nobre filho do valente Sêmo.
“Sua face crestada é semelhante
“Á côr d’este arco: os olhos lançam fogo.
“Se curva a fronte sua e move a lança,
“Os cabellos lhe cahem sobre os hombros,
“Como ondas de fogo. Ó rei do Oceano,
“Foge, fuge, que chega a tempestade
“Estrondeando nos sonoros valles.

– Quando é que fraco trepidar me viste
Em frente do guerreiro mais terrível?
Quando fugir me viste, ó filho d’Arno?
Mancebo sem coragem? Arrostando
Já tenho de Gormal negras borrascas;
Por debaixo d’um céu tempestuoso
A voragem das vagas! Crês agora
Que ante um guerreiro eu fuja! Não! Nem Fingal
Me fizera tremer! Eia, meus bravos!
Ao combate segui-me; com as armas
Fazei me um circ’lo d’ aço! Ficae firmes
A meu lado, qual rocha que a tormenta
Arrosta inabalavel e que aos ventos
Seu manto já oppõe de mil florestas.”

As tropas se aproximam. Tal no outomno,
Prenhes de raios duas nuvens luctam
Oppostas na carreira, ou quaes torrentes,
Que se encontram, murmuram e debatem,
Irmanando-se após do val ao fundo.
Assim os dous exercitos se juntam,
E ruidosos se batem peito a peito;
Para brigar o chefe busca o chefe,
Cada guerreiro ataca outro guerreiro;
Batem os ferros n’outros lisos ferros,
Os elmos pelo ar voam partidos,
A jorros corre o sangue fumegante,
Vibram as cordas nos polidos arcos;
Crusam-se as flexas mais que ás mil no espaço,
E das lanças partidas o reflexo
Illumina da noite o negro manto.

No campo da batalha só s’escutam
De morte os ais plangentes. Semelhavam
O ruido confuso do Oceano
Quando o âmago a tormenta lhe revolve,
Ou do trovão os eccos derradeiros.

Quando os cem bardos de Cormac tivessem
Unido todos sua voz suave,
Para cantar; inda seriam poucos,
Os nomes dos heroes que pereceram
N'essa horrivel batalha. Uns após outros
Cahiam os guerreiros, quaes na ceifa
As trémulas searas: enchurrava
O sangue dos heroes como a torrente.

Chorae de Sithallin, bardos, a morte!
Que de Fiona os ais se repercutam
Na habitação de seu Ardan querido!
Cahiram ambos, como cahem gamos
As mãos de Swaran pelo deserto.

De Starno o filho brame entre seus bravos,
Como o espirito forte da tormenta,
Quando sobre o Gormal paira nas nuvens,
Olhando com prazer entre a voragem
O nauta que fenece. Não, ocioso,
Não foi, ó Cuchullin, teu braço fórte!
Chefe da ilha das Nevoas! Tua espada
Quantos heroes ceifou! Era na guerra
Como o fogo do céu, que a um sopro mata
Os filhos das florestas, incendiando
As urzes da collina. Relinchava
No campo Dusronal entre os cadaveres
E Sifadda tingia os pés no sangue.
Debaixo de seus passos assolado
Foi o campo da guerra, como o Cromla,
Logo que o furacão passa guiado
Dos medonhos espiritos da noite,
Torcendo os bosques, fulminando as urzes.

Sobre tua collina, triste chóra,
Ó filha d'Inistore! Tu mais bella
Que o genio das montanhas quando desce
Em um raio do sol ao pôr da tarde,
E de Mórven transpõe os ermos plainos:
Inclina ás vagas tua fronte bella;
Teu amante cahiu! Cahiu aos golpes
De Cuchullin terrivel! Jamais n'elle,
De valorosos reis póde a coragem
Os heroes assombrar! O teu querido
Trenar é morto, ó filha d'Inistore!
Seus dogues no int'rior das salas uivam,

Ao verem divagar do heroe a sombra.
Desarmado seu arco está na gruta,
Suspira alli a briza, o bosque geme,
Silencio sepulchral só a rodeia.

De Swaran as tropas, qual as vagas,
Com impeto se arrojam; porém firme,

Como um rochedo lhe sustem o chéque
D'Inisfail o numeroso exercito.

De toda a parte eccôa a voz da morte,
Que ao retinir das armas vae juntar se.
Era alli cada heroe uma columna
Sombria, tenebrosa; sua espada

Como um raio de fogo lhe brilhava,
Gemia o plaino, como gême o ferro
Na vermelha bigorna onde rebrame
O som de cem martellos. Quem são esses
Guerreiros indomaveis sobre o Lena?
Quem são que duas nuvens assemelham,
Terriveis raios espargindo em torno?
É sem duvida o filho do Oceano
E o rei d'Erin; Immoveis, inquietos
Vigiam-se incessante os dous exercitos;
Mas nas sombras a noite envolve os chefes
E por em quanto a lucta lhes suspende.

Já na encosta de Cromla apresentára
Um soberbo veado o joven Dorglas,
Dos guerreiros a matinal conquista
Em antes de marcharem ao combate.
Mais de cem bravos juntam ramos d'urze,
Mais dez heroes accendem a fogueira,
Já trezentos escolhem lisas pedras;
Sobe ligeiro o fumo, e vae ao longe
O festim divulgar dos caçadores.

Cuchullin recostado á sua lança,
Concentra o grande espirito e medita,
Dirige-se em seguida ao bardo annoso,
A Carril venerando, o vate illustre
Das façanhas d'outr'ora. "Ha-de esta festa,
Esta festa d'heroes, só pertencer-me ?
Ha-de o rei de Loclin, triste, isolado

Sobre as praias d'Ullin ficar scismando,
 Longe da Patria, dos salões dourados ?
 Vae, ó Carril, a Swaran e diz-lhe,
 Que um banquete hoje dou a meus guerreiros,
 Que ouvir venha o murmúrio da meus bosques,
 E junto da fogueira crepitante;
 Esta noite assentar-se; pois que é frio
 O vento que sibila em suas plagas;
 Que venha dar louvor a nossos bardos
 Ouvindo dos heroes cantar as glórias.”

Parte o velho Carril; com voz suave
 Vae o rei convidar do negro escudo.

“Desperta, ó Swaran, rei das florestas
 “D’entre a macia pel da tua caça:
 “Dá Cuchullin o seu festim da guerra,
 “A elle te convida, vem honral-o.”

Semelhante ao ruído que no Cromla
 Precede a tempestade, assim responde
 O altivo Swaran com voz sinistra:

“Quando, o Inisfail as tuas virgens,

“Seus braços me estendessem d’alabastro,
 “E descobrindo os seios palpíntes
 “Me volvessem os olhos amorosos,
 “Mesmo assim Swaran não se movera;
 “Firme n’este lugar; qual firme rocha
 “Da montanha de Loclin, elle ficara
 “Até que a rosea aurora illuminar-me
 “Venha co’ a meiga luz, para que a morte
 “A Cuchullin meu braço levar possa.
 “Apraz me; de Loclin ouvir os ventos
 “Quando murmuram entre minhas vagas,
 “Empavezando as velas e da patria
 “As florestas me trazem á memoria,
 “Florestas de Gormal, de quem os eccos
 “Repetiam mil vezes seus rugidos,
 “Quando volvendo á caça eu derrubava
 “O féro javali. Vae, parte, ó bardo,
 “E diz a Cuchullin que o antigo throno
 “Me ceda de Cormac; se não quer breve
 “Que as torrentes d’Erin corram de sangue.”

Carril voltou e diz: “Como sinistras
 Do turbo Swaran são as palavras! ..

– “Sinistras lhe serão; mas só a elle,
 Responde Cuchullin. Carril eleva
 A tua voz sonora e do passado
 Os feitos nos reconta. As lentas horas
 Da noite nos encurta com teus cantos
 Enleia-nos o espirito; saudoso,
 De suave tristeza. Oh! quantos bravos,
 Quantas virgens areantes tem ceifado
 Em nossa Inisfail a crua morte!
 Como é doce escutar sentidos cantos
 Nas rochas d’Albion repercutidos,
 Quando o rumor da caça já é findo
 É que á voz d’Ossian brandos murmurios
 Dos ribeiros de Cona então respondem.”

O bardo a voz soltando assim começa:

“Em tempos que passaram, bravos filhos
 “A Inisfail vieram do Oceano,
 “Mil navios, galgando as verdes ondas,
 “Abordavam d’Ullin aos ferteis plainos.
 “Os guerreiros d’Erin armam-se em guerra,
 “Ao encontro marchando do inimigo.
 “Cairbar dos mortaes que era o primeiro,
 “E Grudar denodado; bello joven,
 “Longo tempo luctaram pela posse
 “Do mais famoso touro que mugia.
 “Na collina de Gólbán. Ambos elles
 “De possui-o a gloria disputavam,
 “Por vezes vendo a morte nos seus ferros.
 “Os dous heroes agora reunidos,
 “Os filhos do Oceano põem em fuga.
 “Quem foi d’Inisfail mais bravo, illustre?
 “Quem mais que Cairbar, Grúdar valente?
 “Mas, ah! Eis na montanha o touro avistam,
 “Na montanha de Gólbán muge e salta,
 “Tão alvo como a neve o fatal touro;
 “Ao verem-n’o, o furor surge de novo,
 “E de Lubar na margem combateram.
 “O bello joven Grúdar cahe sem vida,
 “E o féro Cairbar ao bosque desce,
 “Onde Brassolis sua irmã formosa
 “Saudosos cantos entoava triste:

“Cantava os feitos do seu bem-amado
 “Co’o fogo puro d’um coração virgem;
 “Ella temia lá no campo em guerra
 “Que seu valor o esposasse ao perigo;
 “Mas não perdera sua esperança ainda
 “De o vêr na volta da batalha finda.
 “O véo de gaze transparente, fino,
 “Deixa o nevado seio contemplár-lhe,
 “Tão alvo como a lua quando surge
 “Por entre as brancas nuvens do crepusculo.
 “Quando ella exprime a dôr, é mais suave
 “O som da sua voz que as harmonias
 “Das harpas sonoras. Occupava
 “Só Grúdar sua alma; via-o sempre
 “Em seus sonhos d’amor. – Quando ó guerreiro
 “Triumphante virás com todo o brilho
 “Que laurêa a vitoria? Quando, ó joven,
 “Que escolhi para amar? ..” ella dizia.

Cairbar se aproxima e assim lhe falla:
 – “Brassolis, este escudo ensanguentado
 É do meu inimigo; vae guardal-o
 De meus salões suspenso nas paredes. . .

Ao escutal-o, alvirgem treme e chora,
 E forte o coração lhe pulsa afflicto;
 Eis que pallida corre espavorida
 Ao campo da batalha; alli sem vida,
 Co’o amante deparou envolto em sangue,
 E espirante cahir vae junto d’elle
 Nas planicies de Cromla sobre os fétos.
 Aqui, ó Cuchullin, elles repousam,
 Vê como em sua campá estes dous cedros
 Tão fastosos s’elevam, procurando
 Seus ramos enlaçar. Era Brassolis
 A belleza dos bosques e era Grúdar
 O montanhez mais bello. No futuro
 Hão-de seus nomes reviver ufanos
 No cantico dos bardos. “É sonora
 Tua voz; ó Carril lhe diz o chefe,
 Apraz-me ouvir os contos do passado,
 Como da primavera o doce orvalho,
 Quando o sol nas campinas resplandece
 E que a nuvem se esvae subindo aos montes.
 Tua harpa faz vibrar de novo, ó bardo,
 Celebra o meu amor, a linda estrella

Solitaria de Dunsçar, as virtudes
 Repete de Bragéla, que saudosa
 Na ilha das Nevoas eu deixei chorando.
 Ó tu de Cuchullin formosa esposa,
 Tu attenta procuras sobre as rochas,
 Ao longe descobrir os meus navios:
 Do mar que nos separa a branca espuma
 Nas vagas illudir irá teus olhos,
 Cuidando ser de meus baixéis as vélas.
 Retira-te, querida, a noite é fria,
 A viração do mar, ó flor mimosa,
 Póde gelar teus membros delicados.
 Volta de meu palacio ás doidas festas
 E lembra-te dos dias que passaram,
 Que em meus braços cingir-te inda não posso,
 Em quanto não cessar da guerra o fogo.

Ó Connal; vem em gloria, em combates
 Só fallar-me; esquecer-me quero d’ella,
 D’ella que me é tão cara a linda joven
 Do seio alabastrino e negras tranças! ..

– Dos filhos do Oceano te acautela,
 Responde o circumspecto e grave Connal;
 Manda guardas nocturnas que vigiem
 Do exercito inimigo os movimentos.
 Aconselho-te, ó chefe, que ao combate
 Não voltemos em quanto o bravo Fingal;
 Dos homens o primeiro, com seus bravos,
 Não vem em nosso campo de batalha
 Seu pendão hastear de mil victórias. . .

Cuchullin já no escudo bate e alarma
 Os guerreiros que estavam de atalaia.
 O restante do exercito dormia
 Entre o escuro da noite, pelos montes,
 Ao murmúrio dos ventos que rugiam.

Dos ultimos heroes funéreas sombras
 Diante d’elles passavam entre as nuvens,
 E pela solidão do vasto Lena,
 De longe se ouvem gemebundas vozes
 Dos tetricos phantasmas carpídores.

CANTO II

D'um annoso carvalho á meiga sombra,
Adormecera Connal, ao murmúrio
Da correllte de Lena crystallina.
Eis no manto da noite espectros descem
D'heroes que já não são, e em torno d'elle
Suas lugubres vozes ouvir fazem.

Connal estava só, longe do exercito;
Bravo filho da guerra não temia,
Alta noite, surpresas do inimigo.
Em sonhos vê o heroe, Crugal, descendo
Do cimo da montanha sobre um igneo
Meteor; era o bravo morto ha pouco
Ás mãos de Swaran entre os combates.
É como a lua pallido seu rosto,
E cobre-o da collina o véo de nevoas,
Seus olhos já sem brilho como as luzes
Que bruxuleiam frouxas e s'extinguem:

N o peito nú, profunda e larga f'rida
Inda Connal divisa. “És tu, ó Crugal,
És tu de Degal filho, elle lhe disse,
O caçador ligeiro das montanhas?
Mas, ah! Porque vens tu pallido, triste?
Tu outr'ora o mais forte nos combates,
A quem jamais o p'rgo assustar pôde,
Porque temes ó filho dos desertos,
Porque temes agora, heroe famoso?”

O phantasma lhe estende a mão gelada
E com plangente voz como a dos ventos
Que a tarde vão gemer sobre os regatos
Do Lego, assim o espectro a Connal falla:

“A minha sombra, heroe, erra nos montes
“Que me viram nascer; porém meu corpo!
“Lá nas praias d'Ullin jaz insepulto.
“Tu não verás jamais Crugal valente,
“Jamais d'esse guerreiro entre as florestas
“Has-de encontrar o rasto de seus passos! ..
“Como os ventos do Cromla eu sou ligeiro,
“Um vapor fugitivo, fluctuante.
“Filho de Crugal; ah! Eu vejo o espectro
“Esqualido da morte! Eis que elle volve,

“Eis que pára nos campos lá de Lena!
“E os filhos cahirão d'Erin mimosa!..
“Foge d'este lugar, onde os phantasmas
“Da noite só vagueiam suspirando.”

Disse e desaparece num instante
N'um rijo pé de vento, como alua,
Que entre as nuvens s'eclipsa de repente.

“Detem-te, ó sombra amiga, exclama Connal,
Em ten raio celeste a mim regressa,
Vens dizer-me a collina onde repousas?
Não ouvirei mais tua voz sonora
Por entre o estrondear da tempestade?
No murmúrio das fontes, no sussurro
Do mar, quando os espectros sobre as nuvens
Os desertos do mundo vao transpondo?”

Connal, ergue-se e as armas lhe retinem;
Vae junto a Cuchullin, bate no escudo,
E o chefe já desperta e erguido diz-lhe :

“Porque vens perturbar meu somno, ó Connal?
Meu braço pelas trevas enganado,
Ao acaso ferir-te poderia,
Tendo após lamentar a tua morte!
Falla, filho de Colgar, eu te escuto:
Os conselhos prudentes d'um guerreiro
Illuminam os chefes dos combates,
Como illumina o sol a natureza.”

- Eu vi, responde Connal, vi em sonhos,
De Crugal o phantasma e, á luz tremente
Das estrellas, seu vulto illuminado;
Sua voz semelhava-se ao murmúrio
Do ribeiro que ao longe manso corre.

Crugal, é pois da morte o mensageiro!...
Sua voz é um ecco lá do tumulo! ...

Filho de Sémo, a paz, a paz ordena,
Se atravez das campinas de teu Lena,
Retirar-te vencido não desejas!”

- “Dizes tu que de Crugal o phantasma
Te viera fallar? Eram os ventos

Ao longe nas cavernas que sopravam;
 Mas se acaso de Crugal viste a sombra,
 Porque motivo a mim a não guiaste?
 Não indagaste d'ella o seu asylo,
 D'esse filho do espaço onde repousa?
 Sim; breve a minha espada irá buscal-o,
 Forçando sua voz a predizer-nos,
 O futuro dos reis entre as batalhas;
 Se inda hontem entre nós ledo volvia?
 Que tempo teve então do heroe a sombra
 Para transpor d'Erin vastas collinas?
 Quem pois lhe revelou nossa derrota
 Na proxima batalha?"

“Sobre as nuvens
 Os espiritos correm, lhe diz Connal,
 Na aza do vento voam; muitas vezes
 Elles nas suas grutas se reúnem
 E tratam o destino dos homanos.”

- “Que dos mortos se occupem à vontade,
 Mas que d'Erin o chefe não perturbem,
 Que em paz o deixem nas cavernas suas.
 Nunca o filho de Sémo irá cobarde
 Fugir ante o guerreiro do Oceano.
 Se devo succumbir, a minha campa
 Ao mundo não dirá que tombei fraco;
 E o caçador alli, parando triste,
 Na lousa espargirá saudoso pranto,
 E da linda Bragéla o domicilio
 Se cubrirá de crepes luctuosos!
 Nunca a morte temi; porém só temo
 No campo da batalha ser vencido!
 Victorioso, Fingal, me viu sempre!
 Tu sinistro phantasma da collina,
 Em teu raio de luz desce e a meus olhos
 Te mostra radiante; co'a mão gélida
 Diz-me aonde está a morte, sem que vejas
 Cuchullin recuar; ó fraco filho
 De vãs sombras ligeiras, vaporosas!
 Vae pois de Cairbar bater o escudo,
 Vae, ó Connal; suspenso entre mil lanças
 Elle está, que desperte meus guerreiros
 Que as armas tomarão sobresaltados,
 Ao combate marchando altivos, fortes.
 Se Fingal nos tardar, sós venceremos,
 Ou no campo d'heroes ledos morramos!”

Ao longe já resoa som do escudo,
 Erguendo-se de toda a parte as hostes
 E de pé assemelham-se aos carvalhos
 Que debaixo dos ramos se conservam
 Firmes sempre, sujeitos ao capricho
 Do vendaval que a fronde lhes balouça.

Já do cimo do Cromla o manto escuro
 Começa a dissipar-se, dando entrada
 A meiga luz d'aurora, que, tremente,
 Esparge no Oceano os tibios raios.

Logo após pelo espaço se derrama
 Uma azulada nevoa, que os guerreiros
 D'Inisfail á nossa vista occulta.

Eis Swaran de pé bradando ás tropas:

- “Ás armas, ó meus bravos! Persigamos
 Esses filhos, d'Erin que fracos fogem
 Ao verem os guerreiros do Oceano;
 Nas campinas de Lena os derrotemos!
 Tu, Moria, de Cormac aos paços vóa
 Que a Swaran s'entregue vae propor-lhe,
 Se elle em breve não quer ver derrotado
 No campo da batalha seu exercito!
 E o silencio da morte derramar-se
 Nas collinas d'Ullin horrorizando-as!”

Ouvindo-o, seus heroes se precipitam,
 Qual das aves do mar espessa nuvem,
 À voragem fugindo espavoridas.
 Semelhavam a queda das torrentes
 Que se cruzam no Cona e vão nos valles
 Com ruido cahir após a noite
 Do vendaval terrível, misturando
 Á frouxa luz d'aurora turbas ondas,
 Como as do mar espumeas, agitadas.

Assim como se vê no outomno a sombra
 Ligeira dilatar-se pelos montes
 E passar aavez dos ermos bosques,
 Mais turbas e sombrias as fileiras
 De Loclin atravessam as planicies.
 Na frente, Swaran marchava altivo,
 Qual veado de Mórven nas florestas;

Brilha a seu lado o escudo, como á noite
Os vivos pyrilampos que vagueiam,
Fazendo estremecer o caminhante
Que imagina só vêr medonho espectro.

Levanta-se do mar um vento frio,
Que no dorso das vagas vae d'um sopro
Seu alvejante véo erguer de nevoas.

D'Inisfail as hostes pela praia;
Semelham larga cinta de rochedos.

“Morla, diz Swaran, eu te encarrego
D'ir a paz off'recer a meus contrarios;
Porém co'as condições que aos reis impômos,
Quando os povos nos curvam o joelho,
Quando os bravos no campo da batalha
Sem vida aqui e alli jazem cahidos,
E quando no arraial as virgens moças
Chorando vão amigos e parentes.”

O gigantesco Morla parte logo
E com ligeiros passos se apresenta
Ante o chefe d'Erin e audaz, soberbo,
D'est'arte vae fallar-lhe, estando elle
Rodeado de seus fortes guerreiros:

“Acceita, ó Cuchullin, de meu monarcha
“A proposta de paz que te offerece;
“Mas como nos reis a dá, quando vencidos,
“Perante elle se curvam humilhados.
“Vem ceder-nos d'Ullin os ferteis campos;
“Entrega a Swaran a bella esposa,
“E teu mastim fiel tambem lhe entrega.
“Cede pois, Cuchullin, teu braço é fraco!
“Vem ao nosso poder avassallar-te!”

- “Vae, diz a Swaran, ao rei altivo,
Ao coração soberbo, ambicioso,
Que ceder-lhe jamais de seus outeiros
Irá de Sémo o filho uma só urze ...
Que lhe cedo essas vagas do Oceano,
Que nos campos d'Erin a seus guerreiros
Um tumulto darei entre meus bravos! ...
Da formosa Bragêla um estrangeiro
Jamais será senhor! E nunca o gamo,
Por sobre as serras de Loclin fragosas,

De meu dogue Luath irá fugindo.”

- Tu que pomposo carro fragil guias,
Meu rei vae combater? Responde Morla,
Não vês os seus navios numerosos,
Que podem entre as ondas a ilha tua
N'um momento arrastar, submergindo-a?
Quão pequenas d'Ullin são as collinas
Ante o poder do rei que as ameaça!

- Em contenda de phrases cedo, ó Morla,
Mas a vencer affeita a minha espada,
Sem jámais fraquear entre combates;
Nunca a mortal algum render-se pôde!
Em quanto eu respirar e o bravo Connal
Erin só a Cormac terá por chefe! ...
Ó Connal, o melhor de meus guerreiros,
As palavras de Morla não ouviste?
Acaso tu a paz inda aconselhas?

“Heroe que já não és; sombra de Crúgal,
Porque vens com a morte ameaçar-nos?
Sim, se á campa eu baixar será cercado
Da aureola brilhante dos triumphos!...
Filhos d'Inisfail, eia, apromptai-vos!
Affiae vossas lanças e dos arcos
As cordas estendei; ao inimigo
Hide o terror levar, o estrago, a morte!”

Disse; e dos batalhões inumeraveis
As fileiras immensas se moviam,
Marchando com estrépito medonho,
Estendendo-se qual nuvem que arrebenta
No rneio da procella sobre os plainos.
Na frente marcha o chefe magestoso,
Todo coberto d'armas rutilantes;
Assemelha um phantasma rodeado
D'horriveis meteoros que no espaço
Deixam sinistro rasto ensanguentado,
Na dextra erguendo o facho do exterminio!

Já da guerra o clarim, Carril emboca
E os hymnos das batalhas entoava,
Incitando os heroes a nobres feitos.

“Onde estás, inspirado canta o bardo,
Onde jazes, ó Crúgal, esquecido?
Só silencio rodeia a tua camp! ...
E a esposa em teu palacio estranha ainda;
Tão joven, inda noiva e já coberta
Com as funéreas vestes de viuva!

Quem é essa belleza que fugindo
D’entre inimigas hostes vem á pressa?
É Degrena, de Crúgal a alva esposa,
Co’ a madeixa doirada em desalinho,
Aos ventos fluctuando sobre o collo;
Os olhos inflammados de seu choro
E a voz já quasi extincta, o peito arfando!
Infeliz! O teu Crúgal não existe!
Não é mais que uma sombra vaporosa
Que adeja em torno a ti quando tu dormes,
Soltando a teus ouvidos o murmurio
Da sua débil voz, triste, queixosa,
Qual d’abelha o zumbido na montanha;
Mas Degrena a formosa s’extinguira,
Como s’extingue a nuvem matutina:
D’um filho de Loclin a mão perversa
Lhe vae cravar no seio crystallino
O mortífero ferro! Eil-a cahida!
Cairbar, triste pae! Eil-a já morta! ...
A que da tua vida era as delicias!”

Cairbar escutára o canto lugubre
E para a filha corre em sobresalto;
Eis que elle a encontra pallida, sem vida
E desvairado frême, brada, arroja-se
Por entre os inimigos furioso;
A mil guerreiros fére a sua lança,
A mil heroes derruba, dando a morte!
O combate se trava em toda a parte
E os vastos batalhões com surdo estrépito,
Derrotados cahiam sobre o campo!
De Loclin semelhavam as florestas
Cahidas por terrível tempestade,
Ou pelo fogo todas consumidas.

O bravo Cuchullin derrota, abate
Os filhos do Oceano, como abate
As boninas do campo e urzes do outeiro.

Assola Swaran Erin fecunda;
Debaixo de seus golpes dous guerreiros
Cahiram, Curách, Cairbar, que em balde
No escudo seu abrigo procuráram.
Morglan tombou; Caolt baqueia e morre!
Banhado em sangue está do heroe o seio
E seus louros cabellos já se rojam
Pela terra natal em pó envoltos.
Quantas vezes alli, onde repousa,
Almos festejos deu e da sua harpa
Os sons escutar fez, em redor vendo,
Prazenteiros saltarem os seus dogues
Ao escutarem suas harmonias
E seus jovens amigos prepararem
Para a caçada os arcsos, flechas, dardos.

Avança Swaran como a torrente
Que parte do deserto, e no seu curso
Os rochedos abala e já os rola
De montanha em montanha com o estrépito
Atroante, medonho da procella!
Cuchullin fica immovel qual a rocha
Que desafia altiva, inabalavel
O furacão, os raios da tormenta!
Inda que os ventos soprem furiosos
Que a chuva de granizo bata a pedra,
Resiste em sua base a tudo o monte
E á sombra sua abriga extensos valles.
Assim d’Erin o chefe mil guerreiros,
De su’égide á sombra protegia;
Já magestoso erguendo a fronte altiva
No meio das fileiras de seus bravos.

D’expirantes heroes o rouxo sangue
Enchurrava no solo á volta d’elle
Como a corrente forte da montanha!
Mas, ah! De toda a parte suas hostes
Desappar’cendo vão tal como a neve
Com os raios do sol desaparece.

“Filhos d’Inisfail, exclama Grumal,
“Loclin venceu! No campo da batalha
“Vae hastear soberbo a sua lança!
“Porque ousaes resistir, ó débeis ramos,
“Do vendaval á furia! Dor, estragos,
“Aqui só nos esperam com a morte! ...
“Para a serra fujámos dos veados!”

E tímido já foge, como em Mórven
 Foge o gamo ferido pelo dardo;
 Sua lança lampeja e marca o rasto
 Dos passos fugitivos na floresta.
 Seguem poucos guerreiros seu exemplo,
 Entre as urzes de Lena valorosos
 A morte elles preferem combatendo.

Erguido no seu carro e deslumbrante,
 Cuchullin com esforço batalhava,
 E seu braço derruba na refrega,
 Dos bravos de Loclin inda o mais forte;
 Após, a Connal falla por est'arte:

“Ó Connal, o primeiro d'entre os homens
 Que na guerra meu braço com denodo
 Ensinaste a ser forte, a dar a morte,
 Já que os filhos d'Erin fracos retiram,
 Deixar-me só aqui brigando queres?”

“Veneravel Carril, de meus amigos
 O restante conduz sobre a collina:
 E nós, Connal, aqui, aos meus guerreiros
 Iremos proteger a retirada!”

Sobre o carro galgou Connal d'um salto,
 Ambos oppõem seus rutilos escudos
 Suas massas, da lua o disco imitam
 Quando as nuvens a face lhe escurecem.
 Espumando Dusronal e Sifádda,
 Arquejantes a encosta ambos subiam;
 Logo em ondas as tropas inimigas,
 Apressadas seu trilho vão seguindo.

Sobre o Cromla, d'Erin se posta o exercito
 E os guerreiros turbados vão contando
 As fileiras sem ordem, desbastadas
 Como os fortes carvalhos da floresta
 Que o raio fez cahir, incendiando-os.

Cuchullin recostado a um tronco annoso,
 Triste e em silencio, os tristes olhos volve,
 Parecendo escutar ruidosos ventos
 Que os doirados cabellos lhe agitavam.
 Quando Mórán despona que subindo
 Da praia do Oceano vem á pressa.

“Eis alli os navios, elle exclama,
 “Os navios da ilha Solitaria!
 “Eis Fingal, dos heroes o mais valente!
 “O mais bravo dos chefes! Nas batalhas,
 “O flagello d'escudos inimigos!
 “Erguem-se espumeas vagas crystallinas
 “De seus baixeis á roda empavesados,
 “E os mastros onde ondulam brancas vélas
 “Off'recem-nos á vista um arvoredado
 “Nos espaços tocando o firmamento.”

- Soprae, diz Cuchullin, soprae ó ventos,
 Que unidos protegeis Erin viçosa!
 Vem, ó Fingal! Com teu braço de ferro,
 Vem dar a morte, vem, a meus contrarios!
 Regosijam meus olhos tuas vélas,
 Como a luz do crepusc'lo após um sonho
 Terrivel d'afflicção! E tua vinda
 É para mim qual astro radiante
 Que nas trevas meus passos encaminha.

“Ancião respeitavel! Grave Connal!
 Que a chegada de nossos alliados,
 Novas forças nos dê, valor e brios;
 Mas sobre nós a noite desenrola
 O seu manto de sombras tenebroso,
 Offuscando de Fingal os navios!
 Como longas serão da noite as horas!
 Que hoje surja mais cedo a nossos votos
 Com sua meiga luz a argentea lua! ...”

O sibilo dos ventos curva as arvores,
 De rochedo em rochedo se despenham
 Agitadas torrentes; já no Cromla
 A chuva estrepitosa forma um lago,
 E atravez de mil nuvens carregadas
 A estrella scintillar vem fugitiva,
 Quando o vapor se quebra e n'um céu puro
 A face rutilante lhe descobre.
 Pensativo, saudoso estava o chefe
 D'Erin sentado á beira d'um regato,
 Que augmentava o murmuro prepassando
 D'um antigo carvalho a cavidade,
 Que ramoso se erguia na corrente.
 Junto de Cuchullin, Carril e Connal,
 Como elle, ambos scismando, alli se viam.

“Ó quanto é infeliz, diz o guerreiro,
A mão de Cuchullin! Que desditoso
É o chefe d’Erin, depois que a morte
A seu amigo deu!... E pôde, ó Férda,
D’aquelle que te amava a mão ferir-te?!
– Oh! como pereceu, indaga Connal,
O valente mancebo? Eu me recordo
Do filho de Daman: sua estatura
Era a mais gigantesca e magestosa,
Tão bello como um iris sobre o outeiro!

– D’Albion, diz o chefe, veio Férda
E de Muri na escolha entrou comigo
Para aprender das armas o manejo;
Nossa amizade alli teve principio:
Caçar todos os días juntos iamos
E á noite sobre as urzes repousavamos,
Felizes um ao lado sempre d’outro.

Era de Cairbar Deugala a esposa,
Das planicies d’Ullin elle era o chefe:
A consorte formosa radiava
Com todo o brillantismo da belleza;
Porém seu coração era orgulhoso:
De Daman ella amava o joven filho.

“Cairbar, para o esposo disse um dia,
“Eu quero dos teus bens me dês metade,
“Separar-me de ti anhele em breve.

– “Que seja Cuchullin, diz o consorte,
Que a partilha que exiges fazer venha,
É sua alma a balança da justiça.
Parte, formosa estrella, parte ó bella! ...

Á collina subi e dos rebanhos
Metade dividi; porém entre elles
Alva novilha havia como a neve,
A qual a Cairbar eu dei sorrindo.
Com esta preferencia, enraivecida
Deugala me votou um odio eterno
E d’este modo a Férda vae queixar-se:

“Cuchullin me ultrajou vae dar-lhe a morte,
Ou de Lubar em breve ás frias ondas
Me verás arrojor, pôr termo á vida!

E minha sombra pallida, queixosa
Teus passos seguirá por toda a parte,
Se minha offensa impune tu deixares!
De Cuchullin o sangue, eia, derrama,
Ou immolar-lhe vae a tua amante!

– “Ao melhor dos amigos, ao mais caro,
Como posso, Deugala, ir dar a morte?
Elle que é da minha alma o confidente,
Em quem só meus segredos deposito! ...
Terno amigo da infancia, ah! como hei-de
A minha espada erguer para feril-o?!

“Tres dias ella chora e lhe repetem
Os seus formosos labios cruel supplica;
Ao quarto, eis que venceu e nos seus olhos
A peçonha da alma resplandece.

“Ah! Deugala, bater-me irei co’amigo!
“E possa aos golpes seus cahir vencido!
“A morte, antes a morte do que o tumulo
“De Cuchullin eu ver sobre a montanha
“Que meus olhos fital-o não soffriam! ...”

“Na collina de Muri nos batemos:
“Nossos ferros os golpes evitavam,
“Resvalando ligeiros pelos elmos,
“Ou de leve tocando nos escudos.
“Deugala estava ao lado e riso ironico
“Aos purpurinos labios lhe assomára.

“Férda, com gesto altivo ella lhe disse,
“A idade juvenil te nega a força,
“Que teu braço inda debil carecia
“P’ra armas manejar com mais denodo!
“Cede ao chefe d’Erin esta victoria;
“Por emquanto encetar só poderias
“Co’as rochas de Malmor uma batalha.”

Ao ouvi-la, o mancebo se perturba,
Inundando-lhe o pranto os bellos olhos,
E com trémula voz, em ais me disse:
“Cobre-te, ó Cuchullin, com teu escudo,
“Defende-te da mão do teu amigo!
“Trasborda-me no peito a dor, saudade!
“Quer o fatal destino que meu braço

“Faça cahir dos homens o primeiro! ...
 Contristado o fitei e da minh'alma,
 Mil suspiros profundos s'exhalaram.
 Era forçoso então! Ergui a espada,
 Elle cahe! e na terra se rojava
 O mais caro, o melhor de meus amigos! ...

- “Tocante e triste, ó chefe, é tua historia,
 Lhe diz Carril, o bardo sonoro.
 “Volvendo a idéa aos tempos que passaram,
 Lembra-me d'um heroe chamado Connal,
 Que teve como tu a infausta sorte
 D'um amigo matar o mais querido:
 Como a ti a victoria o protegia,
 Fazendo recuar seus inimigos.

D'Albion era Connal, o guerreiro
 Que dominava as tribus das collinas;
 Tinha immensos carneiros, muitos dogues
 Que as montanhas cobriam e de longe
 Eccoavam das rochas seus latidos.
 Da mocidade as graças no seu rosto
 Sobresahiam bellas, e seu braço
 Na guerra era o terror d'heroes valentes.
 Eis que linda mulher lhe accende n'alma
 O intenso fogo d'um amor ardente:
 Era a filha gentil do nobre Comlo,
 Entre as virgens Formosas a mais bella,
 Como a lua no meio das estrellas.
 Tinha a negra madeixa solta ao vento
 Tão negra como é negra a aza do corvo.

Na caça habituada, ella sabia
 A flecha disparar com mão certa
 E nos montes seus dogues a seguiam.
 Fôra Connal de seu amor a escolha,
 Ambos caçavam juntos muitas vezes:
 Seus olhos amorosos se encontravam,
 Sem que de seu amor fallar ousassem;
 Porém, o feroz Grumal inimigo
 Era do caçador desventurado
 E, qual sombra, do amante segue os passos.

Um dia pela caça fatigados
 A encosta vão descendo, sem que vejam
 Os amigos occultos pela nevoa.
 Connal, Galvina então s'encaminharam

Para a gruta de Ronan e ahi descansam;
 N'ella passava Connal muitos dias,
 Era aquelle o seu grato domicilio:
 Viam-se alli suspensas muitas armas,
 Todas de seus avós; ao lado escudos
 E os elmos rutilantes, arcos, fléchas.

“Galvina, meu amor, aqui descança,
 Aqui espera, diz Connal, minha volta;
 um famoso veado sobre o monte,
 Eu descobri agora, vou ferir-o ...
 Breve serei comtigo ó minha bella.

- Eu temo, ella lhe torna, temo Grumal
 Zeloso d'este amor que te consagro,
 E ás vezes n'esta gruta busca abrigo.
 Vou entre tuas armas esperar-te;
 Mas não tardes, guerreiro, a quem só amo!

“Em quanto segue Connal o veado,
 Galvina exp'rimentar quer seu amante:
 Vestindo a cota sua, toma as armas
 E qual heroe ousado sahe da gruta.
 De longe a avista Connal e só cuida
 Seu inimigo vêr; eis, que se irrita;
 Furioso, turbado, a cor já perde,
 Negra nuvem a vista lhe escurece
 E o coração pulsava-lhe ancioso;
 Prepara então seu arco; a setta vò
 E Galvina no solo cahe sem vida!
 Connal, volta apressado, entra na gruta
 E em vão chama Galvina! Só os eccos
 Longe, ao longe repetem os seus brados!

“Onde estás minha amada?... elle dizia.

Presentimento horrivel o desvaira
 E a passos largos a montanha vò;
 O disfarce fatal em fim descobre.

“És tu, Galvina! Aquella que eu amava?!
 Foi a ti que o meu braço deu a morte?! ..
 E pallido, tremente, junta ao seio
 Da agonisante virgem cahe sem tino.

Já na volta da caça os companheiros,
 Ao desmaiado Connal dão auxilio.

Depois, saudoso e triste os dias todos,
Errante na collina divagava,
Aguardando das trevas o silencio
Para evocar da amante a sombra cara,
Mitigando-lhe a dôr tão doce engano.

Um dia frota estranha d'inimigos
Aporta sobre a costa do Oceano.
Connal, combate com febril denodo,
Como quem só da vida o termo anhela:
Os mais fortes guerreiros aterrados
Fogem ante seu braço destemido!
Entre a peleja a morte só procura;
Porém quem ousa dar-lh'a se invencíveis
Torna seu desespero suas armas?
A morte, a morte aneia; o escudo larga,
Sem defesa combate. Eis desgarrada,
O peito lhe atravessa aguda flecha.

Sepultado elle jaz junto a Galvina,
E o ruído ads vagas, que na praia
Deserta vão quebrar-se dos amantes
O somno eterno embala; e lá de longe
No tumulto isolado o marinheiro,
Sobre a collina o musgo lhe descobre,
Quando no mar do Norte já navega
Por debaixo d'um céu sereno e puro.

CANTO III

“Dos bardos, diz o chefe, eu amo os cantos,
Aprez-me ouvir as lendas do passado;
São ellas para mim, como o socego
Da manha, como o orvalho que humedece
As montanhas á hora em que o sol verte
Sobre seu declive os frouxos raios,
Quando o lago tranquillo, azul, sereno,
Dorme ao fundo do val triste e sombrio.
Solta, Carril a voz e os bellos cantos
De Tura me repete, almos, festivos,
Cantos que em meu palacio resoavam
Quando n'elle assistia ás minhas festas
O valoroso Fingal, que, enflammado,
Cheio d'enthusiasmo, alli eu via
Quando de seus avós cantavam glorias.
- Salve! canta Carril, salve tu, Fingal!

Ó chefe glorioso! Teus triumphos
Assignalaram tua adolescencia.
A soberba Loclin foi consumida
Pelo fogo da tua raiva, ó Fingal!
Quando tua belleza em verdes annos
Disputava a das virgens mais formosas,
Que sorriam ao vêr desabrocharem
As seductoras graças do guerreiro;
Porém da sua mão surgia a morte,
Era o guerreiro audaz, terrivel, forte,
Quaes torrentes de Lóra caudaloso.
Os amigos da infancia o acompanham
E de Loclin o rei Starno venceram;
Indo após generosos conduzil-o
A seus vastos navios; mas o orgulho,
Seu coração lhe turba despeitado
E só do vencedor pensa na morte;
Jamais outro guerreiro, a não ser Fingal
Póde vencer o valoroso Starno.

Eis ás suas florestas já chegado
O chefe de Loclin; em seu palacio,
Na sala dos festejos vae sentar-se
E logo o bardo annoso, Suivan, chama,
O de brancos cabellos, que de Loda
Em derredor do circulo cantava
Outr'ora alegres hymnos bellicos.
Ao som da sua voz se commovia
A pedra do poder, mudando a sorte
Dos guerrieiros no campo da batalha.

“Vae pois, ó ancião, lhe disse Starno,
“Sobre as rochas d'Arven que o mar rodeia,
“E diz da minha parte ao grande Fingal,
“Ao monarcha indomavel dos desertos,
“Ao mais bello guerreiro, que lhe cedo
“A minha gentil filha; a mais formosa
“Das virgens do meu reino! Sua alvura
“Offusca a branca neve, offusca a espuma
“Da crystallina vaga; bella filha;
“Seu casto seio é docil, generoso.
“Que venha sem demora, acompanhado
“Dos chefes mais illustres das batalhas,
“Para se unir á joven, que em meus paços
“Eduquei cuidadoso no retiro
“De meus vastos jardins, sombrios bosques.”

“D’Albion ás collinas Snivan chega:
Fingal, ébrio d’amor parte com elle
E já de seus baixéis apressa o vôo
Que sobre o mar do Norte as ondas sulcam.
“Ó sejas tu bem vindo, lhe diz Starno,
“Rei dos montes de Mórven, sê bem vindo!
“E a vós salve também heroes valentes,
“Que seguís aos combates vosso chefe!
“Filhos gentis da Solitaria ilha!
“Ó jovens d’Albion! Eml meu palacio,
“Tres dias vos darei pomposas festas;
“Após, mais tres na caça volveremos,
“O javali nas mattas perseguindo,
“P’ra que vossas proesas vão ligeiras
“Resoar d’Agandecca em seu retiro.”

“Offrecendo-lhe as festas do noivado,
Medita sua morte o falso Starno;
Porém do rei sinistro o turbo aspecto
Desconfiança inspira ao bravo Fingal,
Que em seu banquete se apresenta armado,
Fazendo já tremer os assassinos
Que não podem soffrer do heroe a vista;
Entretanto animadas vão as festas,
Vibram os sons das harpas sonoras,
E um por cada vez os bardos cantam
As glorias dos combates e das virgens
Os encantos divinos, os amores.

Ulln, bardo de Fingal, o poeta
Mimoso das collinas la de Cóna,
Alli a sua voz solta inspirado,
E da filha de Starno a formosura
Em suaves endechas almo canta,
Canta do heroe de Mórven as façanhas.
Da sua voz sonora as harmonias,
Agandecca escutára commovida,
E deixando o retiro onde occultava
Saudosa seus suspiros, eis que surge
De celeste belleza deslumbrante;
Rodeada d’encantos ella brilha
Qual estrella no céu de luz cercada,
Como em nuvem doirada brilha a lua.
O ruido de seus ligeiros passos
Era grato ao ouvido e deleitava.
Eis que fixa o guerreiro, áma-o e sente

O mais ardente amor no casto seio,
E os olhos côr do céu volvendo em torno
Os deixa sobre o heroe cahir a furto;
Seu terno coração, ao céu faz votos
Para que feliz seja o rei de Mórven.

“Já entre as selvas, que o javardo habita,
Lançava o seu fulgor terceiro dia.
A traição Starno occulta e volve á caça,
Com elle parte Fingal. Inda em meio
Estava o dia e o bravo rei de Mórven
Proezas na caçada já mostrava:
Co’a lança ensanguentada a muitas féras
Tinha seu braço forte dado a morte.
Eis que a filha de Starno o busca afflictica
E levada do amor em desespero,
Estas phrases chorosa lhe dirige:

“Tu, ó Fingal, d’illustre raça a próle,
“Do coração de Starno te acautela! ...
“Estes bosques occultam assassinos!
“Á sua sombra, heroe, te espera a morte! ..
“Mas tem de mim piedade, ó estrangeiro,
“Agandecca defende, ó rei de Mórven,
“Do furor de meu pae salva me, ó Fingal!”

“Não se perturba o heroe que ousado busca
Co’os amigos fieis os assassinos:
Eis que os vê; ergue a espada e já no solo
Cahidos os cobardes se rojavam;
Eccoam de Gormal entre as florestas;
Seus brados estridentes de vingança.

“Defronte do palacio do rei Starno
Os jovens caçadores vão reunir-se
E por baixo d’espessas sobranceiras
Move Starno seus olhos irritados.

“Conduzam, elle exclama, a filha minha
“A seu noivo gentil, o rei de Mórven;
“Baldados seus discursos não lhe foram,
“Não foram! Que elle as mãos banhou no sangue
“Dos filhos de seu reino, seus vassallos!
“Mil graças, parabens lhe sejam dados! ..
“À bella que trahiou a Patria sua!

“Já ella chega em lagrimas banhada,
Com seu negro cabello em desalinho,
E o seio nú d’alvura deslumbrante,
Tumido de suspiros lhe anhelava.

Ao vê-la, se enfurece o cruel Starno,
Co’a espada em punho á miseranda corre;
O golpe descarrega e a nivea fronte
Degolada a seus pés cahiu sem vida!
Cahida como a neve em alvos flocos,
Que das rochas de Ronan se desprende
Em meio do silencio d’esses dias
Sombrios, taciturnos lá do inverno.

“Desesperado Fingal, seus guerreiros
Ao combate chamou; eis que retinem
As armas qual o dobre de finados!...
Uma horrivel peleja se travara:
Os filhos de Loclin são derrotados,
Outros fogem á morte espavoridos!
Transporta e deposita o heroe de Mórven
Os restos d’Agandecca em seu navio.
D’Arven sobre a collina hoje se eleva
Seu tumulto que o mar cerca gemendo.

- Paz eterna á su’alma, diz o chefe,
E tu, cantor, bem hajas que da noite
As horas nos encurtas com teus cantos!
Que terrivel não era o grande Fingal
No verdor de seus annos! Que terrivel
Inda hoje é seu braço na velhice!
Loclin succumbirá de novo aos golpes
Do assignalado heroe, o rei do Mórven!

“Ó lua! Sobre a franja argentea mostra
Da tua nuvem bella a face pura;
Com tua meiga luz, as brancas vélas
Dos navios descobre sobre as ondas.
E se entre o véo da noite algum espirito
Bemfazejo se volve nos espaços,
Que desça para a terra, e, dominando
As fúrias da procella, ponha a salvo
Os navios que as trevas ameçam.”

Assim junto á torrente da montanha
Fallava Cuchullin; quando de Matha

O filho dospontava já na encosta:
Vem do campo da guerra envolto em sangue,
Recostado na lança e mal ferido.
Fraqueavam do heroe os lassos hombros
Mas conserva a su’alma o brio e força.

“Sê tu Cálmar bem vindo, lhe diz Connal,
Sê bem vindo, guerreiro, entre os amigos! ...
Mas, ah! Porque um suspiro de teu seio,
Suffocado sahio que nunca outr’ora
Conheceu fracos sustos? – “E que nunca
“Conhecerá jámais, valente Connal!
“Entre os p’rigos minh’alma s’engrandece;
“Ama o surdo rumor dos combatentes,
“Exulta de prazer entre as batalhas!
“De famosos heroes progenie illustre,
“Guerreiro eu sou. Foi Cálmar o primeiro
“De meus avós preclaros; era aquelle
“Que sorria no meio das tormentas!
“Cujo lenho tão fragil provocava
“Em furia o mar, as iras da procella.
“Terrivel uma noite, turbo espirito
“Desprende os féros ventos, solta o raio;
“Ateia a tempestade e os elementos
“Transtorna enraivecido; erguem-se as vagas,
“A montanha se abala e o vento impelle
“Diante de si a nuvem carregada!
“Pela primeira vez tremera Cálmar;
“Em terra salta á pressa; porém logo
“De seus receios vãs se envergonhara
“E já no irado mar se arroja impavido,
“Ameaçando o espirito dos ventos.
“Em quanto os marinheiros vão guiando
“O trémulo baixel, Cálmar erguido
“Empunha a espada nua e quando a nuvem
“Junto d’elle se abaixa, os negros flocos
“Lhe prende enraivecido e em seus vapores
“Tenebrosos enterra o lizo ferro.
“Já da tormenta o espirito se afasta
“E de novo nos céos surgira a lua
“Entre milhões d’estrellas rutilantes.

“Tal era a intrepidez da minha raça,
A qual meu braço forte não deslustra.
O perigo recua ante o esforçado,
E a fortuna se apraz c’roando a audacia!

“Mas vós, filhos d’Erin, d’essas planícies
 De Lena retirai-vos! Tudo é sangue! ..
 Tudo é morte! .. Alli só dôr, estragos! ..
 Reuni o restante dos guerreiros
 E correi á batalha junto a Fingal.
 Swaran marcha altivo de seus feitos,
 E das vossas campinas se apodera.
 Cálmar quiz só ficar e só bater-se
 Co’os indomaveis filhos do Oceano!
 A minha voz retumbará no espaço
 Como os brados de mil guerreiros juntos!
 Mas, ah! Filho de Sémo, eu sinto a morte
 N’este seio tocar a mão gelada ...
 Lembra-te pois de mim, ó chefe illustre,
 Dá, Cuchullin, as honras derradeiras
 A meus restos mortaes depois que Fingal
 Derrotado tiver os inimigos;
 Sepulta-me, ó guerreiro, e n’uma pedra
 Sobre a campa esculpir manda meu nome,
 Que os vindouros conheçam os meus feitos
 E a fama das victorias que hei ganhado.
 Faze que a pranto enxugue a mãe de Cálmar,
 Vendo a campa que atesta a minha gloria!

- Oh! Não; filho de Matha, eu não te deixo,
 Responde Cuchullin, pois regosija-me,
 Com forças desiguaes ir á peleja,
 Entre os p’rigos meu braço é mais valente.

Veneravel Carril, e tu, ó Connal,
 Conduzi ao combate os turvos filhos
 D’Erin quando elle finde, procurai-nos
 Á sombra do carvalho pela encosta,
 Alli a vossa vinda aguardaremos.
 No meio da refrega, corre, ó Móran,
 Sobre as urzes de Lena; dize a Fingal
 Que Erin cahiu escrava! Insta-o, mancebo,
 Para que a marcha apresse de seus passos.”

D’aurora os tibios raios sobre o Cromla,
 Seu matutino alvor meigos espalham;
 Eis que de Swaran hostes immensas,
 Temerarias a serra vem trepando.
 Cálmar, espera-as firme, e na su’alma
 Irritada se accende ignea coragem.
 Seu rosto impallidece, ss pés lhe faltam,

Sobre a lança do pae busca um apoio,
 Sobre a lança, que, afoito, das paredes,
 Nos luzidos salões tirou de Lára,
 Em presença da mãe banhada em pranto.
 Dos olhos do guerreiro a luz já foge,
 Pouco a pouco seu sangue todo perde,
 Sem forças cahe exausto como arvore
 Nas planícies de Cóna cahe sem seiva.

O triste Cuchullin immovel fica
 Qual um rochedo sobre a praia assente
 Que ao impeto do mar inabalavel
 Repelle a espumea vaga e queda firme.

Eis que ao longe já surgem d’entre as nevoas
 Mil alvejantes vélas no horisonte;
 São dos baixeis immensos que trouxera
 Co’a mais luzida tropa o excelso Fingal;
 Dir-se-ia que as florestas desraigadas
 Se moviam n’um solo naufragante.

A vista-os Swaran do alto do monte;
 O combate abandona; eil-o já corre
 Para o novo inimigo mais terrivel.
 Tal do Norte o Ocoano suas ondas
 Vae na enchente arrojor sobre as cem ilhas
 Soberbas d’Inistore; assim se arrojam
 Os filhos de Loclin já contra Fingal.

Tetrico Cuchullin, co’a fronte baixa
 E os olhos lacrimosos caminhava
 A passos vagarosos, arrastando
 Atraz de si a longa, liza lança;
 Aos bosques se encaminha, alli se embrenha,
 E, triste, dos amigos chora a morte;
 A presença de Fingal teme agora,
 De Fingal que no meio das victorias
 Outr’ora o vira sempre laureado.

“Quantos de meus heroes, elle dizia,
 Quantos d’Inisfail chefes valentes,
 Que em meio dos festins almos sorriam,
 Nossas festas tornando mais alegres,
 São agora cahidos inseputos
 No campo derrotado da batalha! ..
 Nunca mais os verei correndo os valles,

Nunca mais lhe ouvirei a voz na caça!
 Silenciosos, pallidos repousam,
 Envolto em seu sangue, os meus amigos! ..
 Os meus bravos guerreiros! Vinde ó sombras,
 Ó sombras dos heroes que eu tanto amava,
 Vinde na solidão a visita-me,
 Vinde sobre esses ventos que a folhagem
 Entre as grutas de Tura gemer fazem,
 Comigo conversar ó sombras vinde;
 É allí que dos homens afastado
 Quero findar meus dias derradeiros!
 E nenhum bardo ahí a voz erguendo
 Irá levar me um canto, memorando
 Minhas glorias passadas, meus triumphos!
 Ninguém levantará sobre o meu tumulo
 Uma singela pedra, que aos vindouros
 Diga de Cuchullin suas façanhas! ..
 Chora-me tu, Bragéla! Teu esposo
 Entre os mortos se esconde! Sua fama
 S'estinguirá para sempre! .. Elle esta morto! ..”

Assim d'Erin o chefe suas queixas
 Para os ventos em vão, triste, soltava,
 Nos desertos de Cromla divagando.

“O espirito da guerra, Fingal disse,
 Em seu campo espargiu prodigo a morte!
 Por toda a parte o sangue dos amigos
 Em torrentes eu vejo derramado! ..
 Cobre as povoações de Lena o lucto,
 As planícies de Cromla estão desertas!
 Ellas viram cahir seus caçadores
 Na aurora da existencia, n'essa idade
 Em que força e valor n'alma trasbordam.
 Ah! E o chefe d'Erin já não existe! ..

Fillan, Ryno, meus filhos fazei longe
 Meu clarim eccoar; subi á serra,
 E de pé sobre o tumulo de Lámdarg,
 Arrogantes chamae os inimigos;
 Que vossa voz os batalhões domine
 Como a de vosso pae quando ao combate
 Principio dá, valente, e desenvolve
 As gigantescas forças com denodo.
 Aqui o turbo rei na costa espero,
 Aqui espero a Swaran terrível!
 Que, após elle, seu povo venha todo,

Verá como a vingança dá coragem
 Ao braço dos heroes que vingar querem
 Os amigos dos mortos! ..” Partiu Ryno,
 Voou como o relapago; já Fillan,
 Com mais tardio passo o vae seguindo,
 Seu olhar é sombrio como as nevoas
 D'esses dias sem sol do outomno triste.
 Sua voz pelo Lena além resoa:
 De Swaran as tropas conheceram
 O sonoro clarim do rei de Mórven.
 As vagas, impellidas pelos ventos,
 Não se arrojam ás praias com mais impeto,
 Nem com maior ruído que o dos filhos
 Do Oceano descendo das collinas!
 Swaran marcha altivo á frente d'elles
 Co'a ameaça no labio e na alma o odio;
 Seus olhos inflammados vão lançando
 Em seu trilho mortíferas faiscas!

Fingal de Starno o filho conhecerá,
 E da bella Agandecca se recorda.
 Chorára Swaran da irmã formosa,
 Por largo tempo a infausta, dura morte.
 Fingal, do amor primeiro inda lembrado,
 Em honra d'Agandecca o bardo envia,
 O bardo Ullin, a Swaran; convida-o
 Para a festa da guerra; está su'alma
 Saudosa com a ideia do passado.

Vagaroso, curvado pelos annos,
 Para o filho de Starno Ullin caminha,
 E em tom grave, pausado assim lhe falla:

“Ó tu, que muito além de nós habitas;
 Vem, ó rei de Loclin; a nossas festas,
 Vem; a ellas te convida o heroe de Mórven
 Este dia consagra á paz, ao jubilo!
 Amanhã Swaran, co'a espada em punho
 No campo da batalha brigaremos,
 Os escudos partindo no combate!

O altivo Swaran, assim responde:
 “- Amanhã não; Ullin, será já hoje!
 “Já hoje sim, partir quero os escudos!
 “Vae a Fingal dizer que minhas festas
 “Serão manhã, no solo, onde o cadaver
 “Do rei de Mórven com meus pés eu calque!”

Ullin voltou e a Fingal logo narra,
Do chefe do Oceano a audaz resposta.

“Oh! suas festas, diz o heroe sorrindo,
Elle quer amanhã dar prazenteiro!
Hoje, ó meus bravos; hoje mesmo á lucta!
Vem, Ossian, colloca-te a meu lado,
Gaul desembainha a tua espada,
Teu arco, agil Fergus; já prepara,
E tu, Fillan, brandir vem tua lança.
Eia, os largos escudos tomem todos,
Que d’esses vossos elmos nas cimeiras
Os cabellos da morte elles contemplem.
Para a gloria marchemos, ó guerreiros,
E quando venha a noite surprehender-nos,
Que vos guie o clarão das minhas armas!”

A procella estalando sobre Mórven,
Duas nuvens chocando-se no espaço,
E as vagas do Oceano com estrépito
Nos rochedos partindo-se irritadas,
São bem menos terríveis do que a lucta
Dos dous povos agora sobre o Lena.
Ao longe nas montanhas eccoavam
Os doloridos ais dos moribundos,
Como os de mil phantasmas carpidores,
Levados pelos ventos n’essas noites
Em que brame o trovão, scintilla o raio.

Fingal se arroja, furioso abrindo
A mais grossa columna do inimigo;
Os rochedos desabam ao marcharem
Por cima os batalhões innumeraveis.

Das mãos lhe corre, espadanando, o sangue
E os antigos combates lhe aviventa
Quando, mancebo ainda, triumphava,
Destroçando terrível no seu trilho
Quanto via no campo da batalha.

Ryno o segue qual um pilar de fogo;
Fillan, Fergus, Gaul, amiudam golpes.
Eu marchava do heroe, ufano, á dextra;
De cada vez que a minha espada erguia,
No lampejo sinistro, annunciava
A morte d’um guerreiro e fumegante
Mais outro, cem, já mil ella derruba!

N’esse tempo não tinham, não, os annos
Ainda embranquecido os meus cabellos,
Nem estas mãos tremer inda faziam;
Como hoje, então meus olhos não cobria
Eterna escuridão e não dobravam
Minhas pernas na rapida carreira.

Quem podéra contar todos os mortos,
As acções dos heroes n’aquelle dia.
Memorando, em que Fingal triumphante,
Os filhos de Loclin poz em fugida?
De monte em monte os ais se repercutem
Até que em sombras tudo a noite envolve.

Pallidos os guerreiros, regelados,
Tiritavam com frio, qual rebanho
De timidias ovelhas em desordem,
As tropas de Loclin fogem p’ra serra.

Contentes vãa sentar-se os vencedores
Á beira do pacifico regato,
Que de Lubar os campos fertiliza.
Alli, dos vates seus ao som das harpas,
Ouvem cantar de Fingal as victorias,
O qual triste as escuta, pensativo,
Ao passado feliz volvendo a idéa.

É bella sua frente e magestosa,
Coberta d’alvas cans que o vento agita.
Oscar, meu filho caro, em sua lança,
Ao lado do guerreiro se recosta
E contempla assombrado o rei de Mórven;
Admira-o, exalta-se a su’alma
Ouvindo a narração de seus triumphos.

“Ó filho de meu filho, o chefe exclama,
Honra da mocidade, Oscar valente,
Tua espada brilhar e distinguir-se
Vi gostoso no meio da victoria,
Vi que de teus avós segues o trilho
Que imitas a Trenmor heroe illustre
Que igualas já Trathal pae dos guerreiros.
Ambos estes varões se assignalaram
Na idade juvenil, entre os combates;
Seus nomes inda a fama hoje apregoa,
E seus feitos os bardos não esquecem!
Aprende d’elles, Oscar, como aos fortes,

Indomaveis guerreiros sujeitaram,
 Poupando sempre o fraco já vencido;
 Mas sem piedade immola o inimigo
 Quando não cede ao vencedor as armas.
 E no fim da victoria ao que implora
 Humilde teu perdão, jamais lh'o negues.

Taes viveram Trathal, Trenmor e Fingal...
 Meu braço foi do triste sempre o amparo,
 No meu escudo o fraco achou abrigo.

“Oscar! Ah! Como tu, eu era joven,
 Quando vi a formosa Fainas-Ollis,
 Do rei de Craca a encantadora filha.

“Das montanhas de Cóna regressava
 Seguido por alguns de meus guerreiros,
 Quando um fragil baixel sulcando as ondas,
 Longe, longe no mar nós avistamos;
 Era qual negra nuvem agitada
 Por vento impetuoso da procella.
 Logo após se aproxima e nos off'rece
 Aos olhos uma joven, bella, afflictiva;
 Pallidas tinha as faces e coberto
 De lagrimas o colo alabastrino.
 “Porque choras ó filha da belleza,
 Com brandura lhe disse commovido,
 Posso eu, virgem do mar, posso valer-te? ..
 Posso em tua defesa erguer meu braço!
 Ao choque dos escudos inimigos
 Posso despedaçar a minha espada,
 Porém meu coração não tem um émulo!

“- Eis-me no teu poder chefe, dos bravos,
 Suspirando ella diz, vem proteger-me,
 Guerreiro generoso, ó grande Fingal!
 Eu era de meu pae, rei de Craca,
 A vergontea brilhante, que elle via
 Ufano florescer na próle sua.
 Quantas vezes os eccos solitarios
 De Cromla repetiram os suspiros
 Que eram a Fainas-Ollis enviados
 Sobre as azas d'amor! O rei de Sóra
 Ao vêr-me logo fica enamorado;
 Bórbar, este monarcha, um nome illustre
 Alcançado já tem entre as victorias;

Porém dos olhos seus o brilho assusta,
 Lançam sinistro fogo e na su'alma
 Habitam as tormentas da soberba!
 D'elle foi que fugi transpondo os mares,
 É elle que me segue perseguindo-me!

“- Socega, ó bella joven, eu lhe disse,
 A Bórbar odioso mais não temas;
 Tu o verás fugir diante de Fingal,
 Se meu braço egualar o fogo da alma!
 Poderei, ó donzella, ir esconder-te,
 Qaul mimoso thesouro em minhas grutas;
 Onde o p'rigo ameaça jamais Fingal
 Hade fugir cobarde. Fainas-Ollis,
 Vem da minha égide abrigar-te á sombra,
 E confiança tem na minha espada.”

“Eu vi então as lagrimas correrem
 Por sobre as niveas faces da princesa.
 Como assim era bella! Semelhava
 A aurora despontando lacrimosa!

“De repente, meus olhos penetrantes
 O navio de Bórbar descobriram,
 A todo o pano pelo mar vagando;
 As ondas branqueavam e partiam-se
 Á porfia nos flancos do navio.

“Deixa, lhe digo, ó rei, deixa a Oceano
 E volve a descansar em meu palacio,
 Tomando parte, ó chefe, em minhas festas;
 Meus paços são asylo d'estrageiros.”

“A meu lado tremia Fainas-Ollis,
 Quando uma flecha disparando Bórbar
 Veia embeber-se no virgineo seio:
 Ella exhala um gemido, e cahe e morre!

“Certeira é tua mão; porém traidora;
 Não es mais que um cobarde, ó fraco Bórbar!

Com furor nossa lucta começamos
 Sem que o valor de Bórbar o escudasse
 De meus terriveis golpes! Cahe e expira.

Erigimos dous tumulos que encerram
A bella infortunada e o duro amante.

“Tal fui na mocidade; mas tu, Oscar,
De Fingal a velhice imita agora:
Não busques o combate; mas fugir-lhe
Quando elle se off’recer jamais tu deves.

“Fillan, Oscar, parti, voae quaes ventos,
Observae de Loclin no plaino os filhos.
D’aqui ouço o rumor tumultuoso
Da desordem, na qual o susto os lança,
Ide, que á minha espada não escapem,
Nem mesmo sobre as vagas lá do Norte:
Quantos bravos d’Erin aqui repousam,
Quantos aqui já dormem sem vingança!”

Os dous heroes partiram quaes phantasmas
Mensageiros da morte. Eis que apparece
Gaul, filho de Morni, manejando
Em bellica attitude a sua lança.

“Fingal! Exclama o heroe, diz a teus bardos
Que chamem com seus cantos maviosos
O somno dos guerreiros fatigados;
Tu, embainha a espada sanguinaria,
Tua espada homicida; nossas tribus,
Deixa amanhã, ó chefe, guerrearem.
Aqui sem gloria nos afrouxa o animo;
Vendo só combater, so triumphante
Nosso valente rei! Quando o crepusculo
Branquear nossos montes, o combate
Observa então de longe; que os guerreiros
De Swaran medir venham meu ferro,
E que os vates cantar possam meu nome ...
Tal foi outr’ora, Fingal a conducta
De teus antepassados; assim hoje
Tambem a tua seja, heroe famoso!

- Filho de Morni, lhe responde Fingal,
Eu prézo teu valor; quero ao combate
Tu vás; mas minha lança irá de perto
Seguir-te e proteger tua coragem,
Teu valor temerario... Cantae bardos,
Uni as vossas vozes inspiradas,
Fazei que em torno a mim o somno adeje;

Fingal vae repousar acalentado
Pelos ventos da noite que murmuram.
E tu, ó Agandecca, se a tua alma
Sensível vem errar n’estes lugares,
Entre os filhos da tua patria cara,
Ou se divagas, graciosa sombra,
Por entre as vélas de Loclin na costa,
Vem nos meus sonhos visitar-me, ó bella,
Virgem amada que me foste cara,
Tua belleza minha ideia encante.

Mil harpas, vozes mil os sons uniram
Para cantar de Fingal as victorias
E dos avós illustres nobres feitos.
O nome d’Ossian de quando em quando
Juntar-se ouvia aos hymnos bellicosos.

Ah! Em lucto Ossian submerso é hoje!
Vencedor muitas vezes combatia
Entre as guerras d’Erin; agora cego,
Eu, me vou arrastando confundido
Por entre a multidão d’homens vulgares!

Fingal! Não te verei jamais cercado
Dos guerreiros da tua raça illustre!
Ah! Na campa do grande rei de Mórven,
Só as feras se vêem hoje pastando!
Paz eterna, ó heroe, á tua sombra,
Á tua sombra paz, ó rei das lanças!
Brilhante estrella das soidões de Cóna!



*FINGAL, in ZES
ZANGEN naar
OSSIAN Gevolgd
door Mr. WILLEM
BILDERDIJK,
Amsterdam:
Johannes Allard,
1805*

CANTO IV

Quem é aquella que desce da montanha,
Trazendo, n'um sorriso, ao labio o canto?
Tão pura como o iris que illumina
Os cerros sempre floridos de Lena?
É de Toscar a filha alva e formosa,
A virgem cuja voz amor inspira.

Ó tu que tantas vezes escutaste
Attenta os hymnos meus banhada em pranto,
Vens pois presenciar nossos combates,
Ou vens d'Oscar ouvir narrar os feitos?
Quando de suspirar junto aos ribeiros
De Cóna deixarei eu solitario?
Passou-se minha vida entre as batalhas;
Mas hoje, ah! da velhice a dôr se acêrca!
Então não era eu cego, não, Malvina,
Nem mágoas me oppimiam, quando eu era
Amado por Evir-Allin, a virgem
Das negras tranças, perfumado seio
Como o lyrio do valle. Mil guerreiros
Lhe offreciam seus votos; mas a todos
Negava o seu amor: já resentidos
Estes bravos heroes se retiravam.
Sómente Ossian por ella foi amado.
Para obter sua mão ás negras ondas
Eu partira de Lego, acompanhado
Por doze valorosos companheiros
Da minha patria cara e todos filhos
Das planicies de Mórven. Eis chegámos
Ao palacio de Branno hospitaleiro.

Elle nos diz: “Guerreiros, d'onde vindes,
“D'onde vem essas armas estrangeiras?
“Servos-ha bem difficil a conquista
“Da belleza que sempre ha recusado
“Bravos heroes d'Erin; mas sê ditoso,
“Ó tu filho de Fingal: venturosa,
“Quão feliz a mulher que te fôr dada!
“Se doze filhas bellas eu tivêra,
“Á tua escolha, heroe, as offrecêra,
“Filho illustre da fama altisonante!”

Após, a Evir-Allin nos apresenta:
Ó como eram celestes seus encantos!
Ao vê-la os corações forte pulsaram;
Sem podel-os conter um peito d'aço:
Então de Branno á filha nós fizemos
Todos ardentes votos. De repente
No cume da montanha se descobre
Do soberbo Cormac luzida tropa.
Mil guerreiros o seguem, e a planície
Co' o lampejo das armas resplandece.

Entre elles, Duna e Colla se divisam,
De honrosas cicatrizes vêem cobertos.
Segue-os após o valoroso Tóscar;
Depois Tago e Frestal victoriosos,
Logo Dairo o feliz entre os combates
E Dála o baluarte dos guerreiros.

Eis na mão de Cormac rutila o ferro;
Seus olhos scintillavam. Dos guerreiros,
Oito chama Ossian: Ullin o bravo,
O generoso Mullo, Oglan altivo,
Scelacha jovial, Cerdal feroso,
Dumariccam feroz. E por que, ó Ógar,
Te nomeei então por derradeiro
Das montanhas d'Arven, ó tu, valente?
Ógar ataca Dála; sabre as urzes
Com denodo se batem. Vezes nove
Ógar crava o punhal no seu contrario;
Mas logo do combate a sorte muda;
Tres vezes eu toquei com minha lança
O escudo de Cormac; elle tres vezes
Sua lança partiu cruzando a minha.
Já vencedor, a frente lhe degollo,
E com a dextra a agito cinco vezes
Pelos cabellos gotejando sangue!
Tomáram logo a fuga, intimidados,
Do valente Cormac os companheiros.

N'esse tempo, ó Malvina, quem ousára,
A mim dizer que um dia cego, enfermo,
As noites passaria n'um deserto
A suspirar saudoso e solitario!
Sim, esse carecia uma cotta
Bem forte, como d'invencível braço!

Ninguém na escuridão do vasto Lena
 Já ouviu o som das harpas, voz dos bardos.
 Sibilar só da noite os ventos fortes,
 Os annosos carvalhos baluçando,
 Que as suas débeis, trémulas folhinhas
 Agitavam por sobre a fronte minha.

Evir-Allin a idéa me occupava,
 Quando com todo o brilho da belleza,
 E banhando de pranto o azul celeste
 De seus formosos olhos, n'uma nuvem,
 Me apparece, e com voz débil, me disse:

“Ergue-te, ergue-te, ó Ossian, vae meu filho,
 “O meu Óscar salvar. Junto ao carvalho
 “Da margem de Lubar, elle se bate
 “Co’os filhos de Loclin.” Assim fallando,
 A meus olhos s’esconde em sua nuvem.

Das armas lanço mão e minha lança
 Protege-me a carreira e precipita-a;
 Minhas armas retinem; repetindo,
 Como era meu costume entre os perigos,
 Em meia voz eu ia as canções bellicas
 De famosos heroes. Ao longe o estrépito
 Ouvem de minhas armas os guerreiros
 Do bravo Swaran tomando fuga;
 Mas Óscar os persegue. “Volta, ó filho,
 Lhe digo, mais não sigas os cobardes,
 Inimigos! ..” E logo obedecendo,
 A seu pezar voltou, sentindo d’alma
 Que o paterno poder lhe contivesse
 A varonil coragem. “Ah! Diz elle,
 “Porque deténs meu braço, antes que a morte
 “Ceifado tenha os inimigos nossos?
 “Não sabes que ferozes e terríveis
 “A Fillan e teu filho accometteram?
 “Em nocturnos rebates sempre attentos,
 “Não sabes nos vigiam? Nossas armas
 “A alguns tem destruido; mas quaes ondas
 “Por furacão terrível impellidas
 “Contra a praia de Mora, assim os filhos
 “De Loclin sobre o Lena se arrojavam.
 “Os phantasmas da noite os ais sinistros
 “Tétricos repetiam, e os meteoros
 “Igneos eu vi, da morte precursores,

“Deixa-me despertar-te, ó rei de Mórven,
 “A ti a quem os p’rigos não assustam,
 “De quem o olhar em torno o medo espalha,
 “Cujo braço fulmina como o raio!”

Arreatado, Fingal despertára
 D’um sonho, e de Trenmor vae já no escudo
 Scismando recostar-se; esta armadura
 Famosa seus avós lh’a transmitiram
 Para que d’ella usasse a prole sua
 Quando fossem ás guerras. D’Agandecca
 Em sonhos viu o heroe chorosa a sombra.

Surgira do Oceano e a passos lentos
 Caminhava de Lena pelos plainos:
 Pallido tinha o rosto e banhadas
 As faces com seu pranto. Muitas vezes
 D’entre o seu véo de nevoas ella tira
 A mão livida, fria, e para Fingal,
 Silenciosa a estende, desviando
 Agora d’elle os olhos. “Porque choras,
 Ó tu, filha de Starno? Lhe diz Fingal,
 Porque essa, pallidez no teu semblante? ...

Do vento ao seio se acolhêra a sombra,
 Deixando Fingal sepultado em trévas.
 Da sua patria lamentar viêra
 Bravos guerreiros a quem deu a morte
 O braço forte do terrível Fingal.

O heroe se levantou; mas sua idéa
 Vê inda d’Agandecca a imagem cara.
 Após, d’Oscar os passos escutára,
 Descobrimdo de seu escudo o brilho
 Porque já da manhã nascente raio
 Vinha transpôr d’Ullin ceruleos mares.

“Que faz nosso inimigo? Acaso o medo,
 Fugitivo o levou para o Oceano?
 Lhe disse o rei de Mórven, ou espera
 Inda novo combate? Porventura
 Taes perguntas careço eu de fazer-te,
 Se me traz da manhã a fresca brisa
 Das suas vozes repetidos eccos?
 Oscar, vae, faze um giro além nos plainos
 E desperta os guerreiros ao combate.”

Postado de Lubar junto ao rochedo,
Tres vezes Fingal solta horrivel brado,
Tres vezes eccoo e estremecêra
O timido veado sobre o Cromla;
Oscillaram as rochas da collina!

Tal como densas nuvens agglomeram
Terriveis tempestades, offuscando
A côr azul dos céos; á voz do chefe
Assim correm as tribus dos desertos:
Já em torno do heroe tremem seus bravos,
Sentindo-se animados da alegria
Mortífera que inspiram as batalhas,
Esperando uma vez mais do inimigo
Os despojos que o chefe lhes cedia.

“Vinde guerreiros meus, trazei a morte;
Fingal, vos seguirei e ao lado vosso
Ver-vos-ha combater. Quando meu braço,
A minha espada erguer n’esta montanha,
Será p’ra vós signal do ajuntamento;
Oxalá que mister não tenhaes d’ella;
Em quanto vae de Morni o filho ousado
Em meu lugar bater-se; a elle cumpre
Guiar-vos na batalha; sua gloria
Quero se torne grande em nossos cantos.

“Ó vós sombras d’heroes ja fallecidos,
Ó vós ligeiros hospedes das nuvens,
Descei e de meus bravos ide à frente,
D’aquelles que morrer vão no combate!
Fazei que ao lado vosso elles repousem,
No asylo solitario das collinas!
Que elles possam um dia sobre os ventos,
Transpondo a terra, a vastidão dos mares,
Ir no silencio visitar meu somno,
Alliviando um pouco as minhas mágoas.

“Fillan, Oscar e tu ó Ryno agitem
Dos elmos os penachos; nobre audacia
Vos anime a seguir de Morni o filho,
Sejam rivaes da sua as vossas armas.
Os meus amigos protegei, ó filhos,
E jámais olvideis os grandes feitos
Dos guerreiros d’outr’ora! Ah! se cahirdes
N’estas urzes d’Erin; ver-vos-hei ainda

E logo, logo nossas sombras pallidas
Ir-se-hão encontrar nas altas nuvens,
E juntas transporão de Cóna os montes.”
Tal como nuvem grossa da porcella,
Pejada de relampagos ethereos,
Assim a passos lentos se afastava
O bravo rei de Mórven. Sua dextra
Tinha armada com duas azagaias
E do elmo lhe sahia luz sinistra ...
Abandonados à mercê dos ventos
Fluctuavam seus cabellos brancos:
Muitas vezes se volta e estende os olhos
Pelo campo da guerra. As ordens suas
Tres bardos o seguiam promptos sempre
A levar seus discursos aos guerreiros.

No pincaro de Cromla eil-o sentado,
E da brilhante lança os movimentos
A marcha dos guerreiros já regula.

Brilha a alegria no semblante d’Oscar:
As suas faces córam e dos olhos
Deslisam-se-lhe lagrimas ardentes;
Na dextra a espada nua lhe lampeja
E volvendo a Ossian diz-lhe sorrindo:

“Ó chefe dos combates, meu pae, ouve
Do filho teu a supplica: retira-te
D’aqui e vae juntar-te ao rei de Mórven;
Tua gloria me céde. Se na guerra,
Eu succumbir, meu pae, d’aquella virgem,
Da filha de Toscar que eu tanto adoro,
Te lembra, ó Ossian, vae consolala!
Sim, eu a vejo triste e debruçada
À beira do regato; as bellas faces
Afogueadas mostra; seus cabellos
Sobre o seio espalhados; da montanha
Em torno volve os olhos e por Oscar
Ella chama e suspira. Quando eu morra
Diz-lhe, ó chefe, que fui para a collina
Juntar-me co’os heroes e que minh’alma
Embalada nas nuvens a contra-la
Voando na amplidão irá depressa.

– Eleva, Oscar, eleva antes meu tumulo:
 O combate ceder-te hoje não quero;
 Mas quero ao lado teu erguer meu braço,
 Derrubar inimigos, ensinando-te
 A vencer os briosos. Mas, ó filho,
 Se meus dias findarem, eu te peço
 Que em minha campa arvóres esta espada,
 A ponta de veado e este meu arco,
 E, depois, com singela pedra escura,
 Meu sombrio jazigo triste marca.
 Nenhum ente me resta a confiar-te!
 E vir-Allin perdi! A terna filha
 De Branno generoso para sempre
 De mim é separada!” Assim fallavamos
 Quando a voz de Gaul de longe veio
 Ferir nossos ouvidos: no ar a espada
 Do pae brandia o heroe e já se arroja
 Furioso atravez do estrago e morte!

Atacam-se os exercitos, combatem
 Guerreiro com guerreiro, arma com arma
 Os escudos se tocam e as espadas
 Ouvem-se retinir. Os homens cahem
 Qual turbilhão d’Arven, Gaul avança
 E a destruição marca seus golpes;
 Swaran é terrível qual incendio
 De Gormal ateadado em seccas urzes.

Ah! Como recordar posso em meus cantos
 Tantos nomes d’heroes que já, não vivem?
 Ossian se distinguiu n’esse combate;
 Porém, tu, ó meu Oscar, de meus filhos
 Foste sempre o melhor, grande e terrível!
 Exultava minh’alma d’alegria
 Ao vêr a tua espada formidavel
 Derrubar inimigos como feixes
 De ondulantes searas. Em desordem
 Elles fogem de Lena pelos plainos
 E nós os perseguimos derrotando-os.

Como de rocha em rocha rola a pedra,
 Como fere e retine no arvoredo
 O machado cortando com estrondo,
 E assim como o trovão de monte em monte
 Eccoa com estrépito medonho,
 Tal da mão d’Ossian e de seu Oscar
 Os golpes armiudados já cahiam
 Espalhando o terror; prantos e morte!

Qual circulo de vagas irritadas,
 Sitia Swaran de Morni o filho.
 Ao vêr-os, meio erguido Fingal move
 Sua comprida lança. “Vae, meu bardo,
 Meu velho e caro Ullin, vae dar conforto
 Ao mancebo Gaul que já fraqueia;
 Recordalhe os combates e façanhas
 De seus avós illustres. Com teus cantos
 Ergue sua coragem quasi extincta;
 Os cantos reanimam os guerreiros.”

O vagaroso passo Ullin apressa
 E dirige o Gaul bellicos hymnos:

“Ó filho d’esses climas onde nascem
 Briosos alazões, ó rei das lanças,
 Cujo braço não treme entre o perigo,
 A quem jámais fraqueia a audaz coragem,
 Tu diriges os golpes d’exterminio,
 Feres, lanças por terra os inimigos!
 Oh! nunca, nunca algum de seus navios
 Possa voltar á costa d’Inistore.
 Seja, ó joven, teu braço como o raio,
 Qual relâmpago sejam os teus olhos,
 Seja teu coração como um rochedo.
 Levanta o escudo teu; embebe a espada
 Uma vez após outra bem no peito
 Dos filhos de Loclin.” Ao escutal-o,
 Gaul s’inflamma e o coração lhe pulsa;
 Mas Swaran redobra seus esforços;
 Esmaga, furioso, d’um só golpe
 O broquel de Gaul e logo a fuga
 Os guerreiros d’Erin tomam tremendo.

Então Fingal s’ergueu e por três vezes
 Fez ouvir sua voz. De Cromla os eccos
 Ao longe a repetiram e já param
 Os fugitivos abaixando a frente,
 Na presença do chefe confundidos.

Já terrível avança o rei de Mórven
 Como uma tempestade em calmos dias
 Do estio abrasador. Swaran, vendo-o,
 Firme o espera. Feroz, sombrio, volve
 Os olhos scintillantes; recostado
 Na robusta azagaia estava erguido,
 Silencioso, audaz e semelhando
 Das margens de Lubar carvalho antigo,

Do qual a fronte pende sobre o rio,
 Cujo tronco ramoso foi outr'ora
 Fendido pelo raio. Eis que elle marcha
 E a passos vagarosos se retira
 Para os plainos. A flor de seus guerreiros
 Em torno o segue e a nuvem da batalha
 Sóbe ao cume do monte. Fingal brilha
 No meio de seus bravos e os anima
 Com a voz e com gestos: "Eia, diz-lhes,
 "Desenrolae, amigos, as bandeiras,
 "Fazei-as fluctuar de Lena aos ventos,
 "Qual vapor matisado que desprende,
 "Das collinas o dia: ao combate
 "Nos excite seu frémito nos ares.
 "Marchae, filhos d'Erin, vinde juntar-vos
 "De vosso rei ao lado; ás ordens suas
 "Sede attentos. Gaul, braço de morte,
 "E tu, filho da guerra, joven Oscar,
 "Valente Connal, Dérmí, o da madeixa
 "Formosa, côr da noite, e tu, ó bardo,
 "Tu, Ossian, o rei dos hymnos, vinde,
 "Vinde, vós descansar ao doce abrigo,
 "Que de Fingal o escudo vos off'rece! .."

Ergue-se o soliflamme; glorioso
 Estandarte de Mórven: dos guerreiros
 O coração exulta d'alegria
 Ao verem o signal de mil victorias.
 Semeado era d'oiro o soliflamme
 Como nocturno véo que se desprende
 Co'as estrellas da abobada celeste.
 Cada heroe possuía um estandarte,
 Ao qual segue uma nuvem de guerreiros.

"Vêde, lhe diz o grande chefe, vêde
 "Como por entre os plainos se divide
 "A gente de Loclin; vêde simelha
 Uma vasta floresta de carvalhos,
 Pelo incendio já meia desbastada,
 Logo que luminosa deixa a espaços .
 Ver o céo e da noite os meteoros.
 Escolha cada chefe aquelle grupo,
 Que pretende atacar. Ai! de quem poupa
 O sangue aos inimigos! Que em desforço
 De sua fronte altiva, nenhum d'elles
 Possa voltar jámais a seus navios!"

- Quanto a mim, diz Gaul, dos sete chefes
 Que vieram de Lano, eu me encarrego."

- Que d'Inistore o turbo rei, clama Oscar
 Á minha espada possa ser entregue.

- Deixae-o para mim! Arrebatado
 Diz Connal, peito d'aço."

- Ou eu, ou Dérmid,
 Mudan exclama, iremos sem sentidos
 Esta noite dormir á fria terra!"

Ah! E eu que sou agora cego e fraco
 Fiz escolha no bravo rei de Térman;
 Prometti não voltar sem seu escudo.

"Regressae meus heroes victoriosos,
 Triumphantae voltae; lhes disse Fingal,
 Com gesto animador e prasenteiro;
 Quanto a mim bater-me-hei com o terrível
 Swaran! Minha espada irá feril-o."

Logo como mil ventos furiosos
 Que se vão desprender nos largos plainos,
 Taes nossos batalhões já se dividem,
 Cahindo com furor sobre o inimigo;
 Da sua lucta repercutem longe
 De Cromla os eccos entre seus outeiros.

E como hoje narrar as memoraveis
 Acções, que assignalaram nossas armas
 N'esta terrível guerra? Sim, Malvina,
 Ensanguentadas nossas mãos nós tínhamos;
 Essas fileiras de Loclin soberbas
 Cahiam umas sobre outras qual a argila
 Esboroadá cae do ingreme Cóna.
 A victoria nos segue e nenhum chefe
 Deixára de cumprir sua promessa.

Mais d'uma vez, Malvina, te assentaste,
 Dos ribeiros de Branno junto á borda;
 Teu seio virginal s'entumecia;
 Como as pennas do cysne em verde lago,
 Quando o zephyro as azas lh'empaveza.
 Alli viste encoberto muitas vezes
 O sol com nevoa d'oiro vir descendo,
 Vagaroso, atavez de transparentes,

Avermelhadas nuvens; viste a noite
 Em torno da montanha agglomerando
 Suas pallidas sombras; quando o vento
 Em redemoinho passa, muge, atrôa,
 Ferindo os eccos do profundo valle
 Cahe o forte graniso, o trovão róla
 E o raio fende as rochas; das montanhas,
 Desastrosas torrentes se despenham
 Em agitadas ondas. Os espiritos
 Sobre raios de fogo vão subindo.
 Assim, filha de Toscar, atroava
 O espirito da guerra n'esse dia!

Virgem da minha patria, porque choras?
 Ah! Deixa aos filhos de Loclin as lagrimas
 Esses guerreiros de longiqua terra
 Cahiam aos milhares! E o sangue
 Já dos nossos heroes tingia as armas.
 Mas, ah! não serei mais o companheiro
 D'esses bravos guerreiros! Velho e cego
 Agora eu sou; já trémulo, sem forças!
 Ó deixa para mim, deixa, Malvina,
 Todas as tuas lagrimas; ó deixa-as
 P'ra mim que estou cercado pelos tumulos
 De meus bravos amigos!

Pezaroso cahir sob os seus golpes
 Desconhecido heroe. Envolto em sangue,
 Os cabellos se rojam do guerreiro,
 Grisalhos entre o pó, erguendo os olhos
 Moribundos ao rei. "Ah! Clama Fingal,
 Assim que o conhecera, és tu o amigo,
 O dedicado amigo d'Agandecca!
 E foi meu braço que te deu a morte!
 Por essa virgem que eu amei na terra,
 Teu pranto correr vi sob as abobadas
 Do sanguinario Starno. Sim; tu foste
 Inimigo terrivel d'inimigos
 Da minha bella amante, e minha espada
 Foi que te derrubou! Ullin; eleva
 Ao valoroso heroe, filho de Mathon,
 Um tumulo soberbo e nos teus cantos
 Seu nome junta ao nome d'Agandecca,
 D'essa virgem que eu choro as noites todas!"

Do fundo das cavernas lá de Cromla
 Ouvia Cuchullin dos combatentes
 O sinistro fragor, o bravo Connal
 Elle chama e o ancião Carril. Ouvindo-o,
 Tomam logo os heroes d'alvos cabellos
 Suas luzentes lanças, e marchando
 Viram de longe o sangue da batalha
 Ondear como vaga em tempestade,
 Quando os ventos do mar cospem á praia
 Diante de si a espuma. Co' esta vista
 S'inflamma Cuchullin, a espada toma,
 A sobrelleira franze, os olhos vertem
 Relampagos de morte ao inimigo.
 Tres vezes quer volver para o combate,
 Tres vezes seu ardor lhe retém Connal.
 "Chefe, lhe diz, das ilhas nevoentas,
 "Fingal, o heroe, triumpho! Tu não queiras
 "Roubar-lhe uma porção da sua gloria;
 "Elle fere, destroe qual tempestade!

- Ah! Carril, Cuchullin lhe torna, parte,
 E vae felicitar o rei de Mórven.
 Quando de Swaran o bravo exercito
 Fôr todo dissipado, quaes torrentes
 Após a chuva, e logo que o silencio
 Só domine no campo da batalha,
 Vae pois ... que tua voz melodiosa
 Vá resoar de Fingal aos ouvidos,
 E cante seus louvores. De meu mando
 Lhe entrega, ó bardo, de Caithbát a espada:
 Pois que o filho de Sémo jámais digno
 Será d'erguer de seus avós as armas! ..

"Ó sombras solitarias do meu Cromla,
 Espiritos d'heroes que feneceram
 Ah! sêde d'hoje ávante os companheiros
 Do triste Cuchullin: dar-lhe consolo
 Ide de quando emquando a sua gruta,
 Onde vae esconder dôr e saudade.
 Celebrado jámais será meu nome
 Entre os bravos guerreiros! Hei brilhado
 Como um raio de luz; mas, ah! como elle
 Tão rapido passei, desapar'cendo
 Quaes vapores, que os ventos dissipando
 Vão na hora em que a manhã doira as colinas.
 Ó Connal, não me falles mais em armas,

Não me falles em guerras: minha gloria,
 Ah! morreu para sempre! Adeus! Eu longe
 Irei gemer, em quanto de meus passos
 Não se extinga no mundo o debil rasto ...
 E tu, bella Bragéla, de meu nome,
 Saudosa a perda chora; jámais ver-te
 Tentarei, ó esposa ... Ah! fui vencido! ..”

CANTO V

Connal, erguido no fragosa Cromla,
 A falla a Cuchullin, grave dirige:

“Filho de Sêmo, porque estás tão triste?
 “Os amigos triumpham; mas teu nome,
 “Ó guerreiro, é assaz famoso e célebre,
 “P’ra que estejas zeloso d’um combate
 “Onde teu braço não levou a morte.
 “Quantas vezes Bragéla, a tua esposa,
 “Ao encontro do seu heroe partia,
 “Quando victorioso regressava,
 “Coberto dos despojos conquistados.
 “Então teus inimigos repousavam
 “Silenciosos já por sob o tumulo,
 “E os bardos deleitavam teus ouvidos,
 “Cantando ao som das harpas tuas glorias.

- Vê tu o rei de Mórven: eil-o avança;
 As torrentes, incendios, tempestades,
 São a imagem de seu valor e força.
 Feliz teu povo, ó Fingal! O teu braço
 Combaterá por elle. És, nas batalhas,
 Dos heroes o primeiro; e és o mais sabio
 D’entre os reis na paz. Fallas e os guerreiros
 Immensos te obedecem, tuas armas
 Retinem e o inimigo treme e foge.
 Feliz teu povo, ó Fingal! .. Mas aquelle
 Quem é, que avulta armado. Que gigante
 Guerreiro, que, em seu trilho, em cada passo,
 Um cadaver calca? - “E que outro ousára
 Se não de Starno o filho ao rei de Mórven
 Vir a frente tomar-lhe? Ah! Dos dous chefes
 O combate contempla. No Oceano,
 Assim das tempestades dous espiritos
 Furiosos disputam o imperio.

O caçador, no topo da collina,
 Ouve de seus esforços o ruido
 E vê crescer as vagas e subirem
 Pelas praias d’Arven.

Assim fallava
 Connal, quando os heroes ambos se juntam
 No meio de seus bravos, que tombando
 De toda a parte vão. Das suas armas
 O choque apavorava ao longe os plainos.
 Terrivel foi a lucta dos dous chefes;
 Brillavam qual relâmpago seus olhos;
 Partidos os escudos, já dos elmos
 Voava pelos ares o aço em lascas,
 E das armas os restos fóra arrojam
 Para o corpo agarrar de seu contrario;
 Em nó se estreitam já, já se balouçam
 Para a direita e esquerda; os seus musculos
 N’esse aperto sangrento se dobravam,
 Ora estender se viam; porém quando
 A raiva impaciente desenvolve
 Seus ultimos esforços, a collina
 Abalada tremeu a cada uma
 De taes oscilações. Emfim s’esgota
 De Swaran a força; ei-lo cahido,
 Eis de Loclin o rei encadeado.

Taes os vi sobre o Cóna, sobre o Cóna,
 Que nunca mais verão estes meus olhos!
 Assim vi dous rochedos desabarem
 Co’o esforço da torrente impetuosa;
 Suas massas voltadas uma á outra
 Se aproximam; a coma do arvoredos
 Já nos ares se toca: logo juntos ,
 Rapidos cáem, rolam confundidos
 Com arvores, rochedos; as ribeiras
 Perdem o alveo seu; suas ruinas
 Co’a terra desabada das montanhas
 Avermelhadas ficam e de longe
 A vista vão ferir ao caminhante.

“Filhos do rei de Mórven, lhes diz Fingal,
 De Loclin respeitae o rei; tem elle
 A força de mil vagas irritadas!
 É seu braço fatal qual o da morte,
 E já todo o valor da sua raça
 Lhe vem os membros animar de ferro!

Bravo Gaul, tu, Ossian valente,
Acompanhar ide de Starno o filho,
Da formosa Agandecca o irmão illustre,
Fazei que a paz e o jubilo revivam
Na sua alma turbada. E vós, ó Fillan,
Oscar, Ryno, ide os restos perseguindo
Dos filhos de Loclin, que seus navios
Jámais a insultar voltem nossos mares.”

Partiram e voaram qual relampago.
Fingal os segue a passos vagarosos
E marcha como nuvem que desprende
O raio n'esses plainos devorados
Pela estação calmosa. Sua espada
Ao lado the brilhava; quando encontra
Um chefe de Loclin e assim lhe falla:

“Quem é esse que vejo recostado
Ao immobil rochedo? Elle não pôde
A torrente vencer; porém seu garbo
Annuncia um heroe; o largo escudo
Tem a seu lado, e a lança como arvore
Se eleva do deserto. Quem és, joven,
Serás dos inimigos tu, de Fingal?

- Eu sou, clama o guerreiro, sou um filho
De Loclin, e meu braço derrotado
Muitos bravos já tem de teus amigos;
A esposa minha em lagrimas banhada
Me espera em meu palacio; mas, ah! Orla
Jámais lá tornará! - Queres bater-te,
Ou depôr tuas armas? lhe diz Fingal.
Diante do rei de Mórven não triumpham
Seus inimigos nunca; mas amigos
Com prazer os recebo nos meus paços.
Segue-me, ó estrangeiro, e vem comigo
Partilhar minhas festas; vem meus gamos
Perseguir nos desertos de meus bosques.

- Não, diz o heroe, ao fraco eu dou auxilio,
Prestarei meu valor ao que succumbe.
Inda equal não achou a minha espada,
Quero sim arrostar o rei de Mórven.

- Jámais, Orla jámais, Fingal cedêra
A algum mortal. A tua espada

Desembainha, e escolhe entre meus bravos,
Entre centos d'heroes, teu inimigo.

- Que! Seu chefe o combate não acceita?
Orla lhe torna. É Fingal só o digno,
Só elle, entre a familia, de ser d'Orla
Competente rival; mas, rei de Mórven,
Se acaso eu succumbir, pois que é forçoso
Um dia perecer todo o guerreiro,
Eleva então meu tumulo no Lena,
Que fique sobranceiro aos outros todos.
Envia a espada d'Orla além dos mares
Á consorte fiel; que um dia - os olhos
De lagrimas banhados - vá mostral-a
A seus filhos queridos e accender-lhes
No peito o amor da guerra. - “Infeliz joven,
Clama Fingal, porque, com teus discursos,
Avivas minha dôr? Virá um dia
Em que os bravos feneçam, em que as armas
Carcomidas verão seus filhos caros,
Suspensas, nas paredes; mas teus votos
Serão, Orla, cumpridos. O teu tumulo
Levantado será, e tua esposa
Sobre tua armadura ira chorar-te.”

Ambos elles combatem na planicie;
Porém, o braço d'Orla enfraquecêra.
Fingal abaixa a espada e em dous partira
O broquel do mancebo. As lascas voam
E brillam já na terra como a lua
Nas ondas do regato.” Rei de Mórven,
Exclama o heroe, levanta a tua espada,
E crava-a no meu seio. No combate,
Ferido ficarei, só, dos amigos
Aqui abandonado; bem depressa
Minha triste aventura, irá correndo
Té ás praias de Lóda, já chegando
Ao asylo da minha bemamada,
Ao solitário asylo, onde ella vive
Só da minha lembrança. - “Não, diz Fingal,
Ás minhas mãos não cahirás, ó Orla,
Quero que tua esposa inda te veja
Lá nas praias de Lóda, e, perservado
Das tormentas da guerra, teu pae, quero,
Que torne a ver-te; pôde ser que os annos
Já da vista o privassem; que ouça ao menos

O som da tua voz na estancia sua ...
 Elle então se erguerá cheio de jubilo,
 Co'as mãos errantes procurando o filho.

- Nunca mais o achará, ó grande Fingal:
 Sim, nos campos de Lena, ah! é forçoso
 Que eu morra, ó chefe, e os bardos estrangeiros
 Meu nome cantarão. Meu talabarte
 Já sinto que me occulta mortal f'rida;
 Vê que de sobre o seio o arrojo ao vento! ..”
 Logo do peito o sangue negro jórra
 Em grossos borbotões; Emfim, exangue,
 Empallidece e cahe; enternecido,
 Junto ao bravo expirante, chora Fingal
 E seus jovens guerreiros elle chama:

“Oscar, Fillan, meus filhos, d’Orla o tumulto
 Erguei, que n’este plaino o heroe repouse,
 Longe de Lóda e da infeliz esposa.
 Verão um dia os filhos dos guerreiros
 O seu arco suspenso nas paredes,
 Tentando em vão dobral-o, e saudosos
 Seus dogues uivarão pelas collinas;
 As féras, que nas selvas perseguia,
 Agora folgarão da sua morte.
 P’ra sempre está seu braço desarmado,
 Esse braço terrivel, que na guerra
 Tantos centos d’heroes ceifou ousado!

“Erguei a voz, filhos do rei de Mórven,
 Embocae seu clarim; vamos de novo
 Junto de Swaran, passando a noite
 No prazer da victoria. Fillan, Óscar,
 Ryno; voae sobre a planicie. Ryno,
 Onde é que estás, onde, filho da gloria?
 Tu que á voz de teu pae, o derradeiro
 A responder não eras. - Ryno, disse
 O bardo Ullin, primeiro d’entre os vates,
 Ryno de seus avós juntou-se ás sombras,
 Ás sombras de Trathal, do bravo Trénmor.
 Ó joven Ryno, oh dôr! já não existe!
 Seu corpo inanimado jaz no Lena.

- “Ó sorte infausta, exclama o triste Fingal,
 Que! Aquelle mais agil de meus filhos
 Na carreira veloz, o que seu arco

Com mais presteza armava? .. Ó joven filho,
 A quem de conhecer mal tive tempo!
 Ah! porque assim tão moço foi preciso
 Que entre os golpes da guerra tu cahisses?
 Descança em paz, descança sob as urzes
 Que tapetam o Lena; Fingal breve
 Hade tornar a vêr-te! Sim, depressa
 Minha voz deixará de ser ouvida;
 Breve ninguem, ninguem verá na terra
 O rasto de meus passos! Os poetas
 Hão-de cantar de Fingal o seu nome
 E as pedras fallarão da sua gloria;
 Mas tu, ó joven Ryno, tu cahiste
 Sem que os vates cantassem tua fama.
 Ullin, tua harpa toma, e canta Ryno,
 Dize ao mundo que heroe elle tem sido! ..
 “Adeus, tu que o primeiro eu sempre via
 No campo da batalha; tua flecha
 Por teu pae nunca mais será guiada:
 Tu que eras o mais bello de meus filhos,
 Nunca mais te verei: adeus! ..” As lagrimas
 Pelas faces de Fingal se deslizam;
 Chora a perda do filho, inda tão joven,
 E tão terrivel já entre os combates!

“Mas quem é o guerreiro que esse tumulto
 Encerra, e cuja gloria lhe consagra?
 Lhe torna o generoso rei de Mórven.
 Alli vejo de musgo revestidas
 Quatro pedras marcarem a morada
 Solitaria da morte. Que meu filho
 A seu lado descance, que repouse
 Junto a um bravo guerreiro. Talvez jaza
 Aqui algum heroe, famoso, illustre,
 Que acompanhe meu filho em branca nuvem.
 Canta, ó Ullin, e traz-nos á memoria
 Os tristes habitantes dos sepulchros.
 Se elles nunca do campo da batalha
 Recuáram trementes; possa ao menos
 Meu joven Ryno, dos amigos longe,
 Dormir junto d’heroes.” Aqui repousam,
 Canta o bardo, aqui dormem os primeiros,
 Os mais bravos guerreiros! Lamdarg forte,
 O terrivel Ullin, silenciosos,
 Jazem debaixo d’esta negra campã!”

Mas quem é aquella que me ostenta o riso
Do alto de sua nuvem, e a meus olhos
Mostra o meigo semblante? É teu espirito,
Filha de Tuathal, a mais formosa
D'entre as virgens de Cromla? Mas, Gelchossa,
Porque essa pallidez? Acaso dormes
Na habitação das sombras, junto aos bravos,
Que inimigos tornou tua belleza?
Tu foste o amor de mil fortes guerreiros;
Mas só por ti amado fôra Lamdarg.

Um dia, eis que elle vem de Sélma as torres
E batendo no escudo assim profere:

“Onde está, onde está Gelchossa bella,
“Essa virgem que eu amo? A loira filha
“Do nobre Tuathal? Eu a deixára
“No palacio de Sélma, quando Ulfadda
“Feroz fui combater. .. - Depressa volta
Ó Lamdarg; lhe dizia, aqui saudosa
Te espero, meu amor.” Seu bello seio
Ancioso suspira; as lindas faces
Tem banhadas de pranto; mas do amante
Ao encontro não vem para cingir-lhe
A c'roa da victoria. Já silencio
Reinava na morada onde só véla
Agora a anciedade. A voz dos bardos
Já não resoa alli. “Não vejo Brano
Esse dogue fiel vir sacudindo
As cadeias á porta e d'alegria
Junto a Lamdarg saltar na sua volta.
Onde está meu amor, Gelchossa bella?
Onde de Tuathal é pois a filha?”

Assim se lamentava o heroe afflicto.

“Lamdarg, Ferchios lhe diz, talvez Gelchossa
Já pelo Cromla volva perseguindo,
Co'as amigas a corça fugitiva.

- Ferchios, torna o guerreiro, a meus ouvidos
Não resoa no monte algum ruído,
Nem dos bosques de Lena fugir vejo
Algum gamo acochado pelos dogues,
Ah! Não vejo Gelchossa a minha amada. ..
Vae, Ferchios, procura em seu rochedo

O venerando Allad: seu domicilio
É um circ'lo de pedras; elle sabe
Dizer-nos o destino do Gelchossa.”

Ferchios, o filho d'Aidon, logo parte
E junto ao ancião falla ao ouvido.

“Allad, elle lhe diz, tu, que o rochedo
Habitas solitario, velho annoso,
Falla; que tem teus olhos visto, dize?

- Eu vi, responde Allad, eu vi o filho
De Cairbar, Ullin; veio qual nuvem,
Quaes as nuvens de Cromla, e murmurava
Um canto tão sinistro qual mugido
Dos ventos nas florestas já despidas
Das folhas verdejantes; após entra
Pelas salas de Sélma. “Sae, brada elle
“Sae, invencivel Lamdarg; vem, combate
“A Ullin, ou cede-lhe Gelchossa bella.

- “Aqui Lamdarg não é, responde a virgem,
“Co'o terrivel Ulfadda foi bater-se;
“Mas sabe, heroe, que, Lamdarg jámais céde,
“Irá bater de Cairbar o filho.

- “Tu és amavel, bella, Ullin lhe torna,
“Filha de Tuathal, á minha estancia
“Eu te conduzirei; será Gelchossa
“O preço da coragem. Sobre o Cromla
“Eu ficarei tres dias esperando
“A volta do guerreiro; mas ao quarto
“Será minha Gelchossa, se o combate
“Evitar meu rival.” - Basta, diz Lamdarg,
Basta, ó Allad, que a paz sempre teus sonhos
Acompanhe ancião na tua gruta.

“Ferchios, emboca a trompa, que Ullin ouça
“No Cromla o agudo som.” Já furioso
Elle sóbe a collina, murmurando
Os cantos bellicosos. Chega ao cimo,
Pára, qual nuvem rara, a quem os ventos
Depressa mudam, variando as fórmas.
Do pincaro do monte, enorme pedra
Com estrépito arroja: era da guerra
O signal entre os bravos. Escutára

Na sua habitação Ullin a quéda,
 E co'a chegada do inimigo exulta;
 Toma a lança do pae. Almo sorriso
 O rosto carregado lhe illumina,
 No momento em que cinge a espada liza.
 Brilha o punhal na sua dextra e marcha
 Assobiando altivo. Viu Gelchossa,
 Assustada, o guerreiro, que transpunha
 Em sombrio silencio o duro monte.
 Ella fere seu seio palpitante;
 Silenciosa e mergulhada em pranto,
 Treme por Lamdarg. - "Cairbar, diz ella
 Ao pae d'Ullin, eu quero sobre o Cromla
 O meu arco ir armar, la vejo a corça."

Eis que vóa á collina; mas em balde
 Que os dous guerreiros já ás mãos luctavam.
 P'ra que contarei eu ao rei de Mórven
 De seu combate a historia? Foi vencido
 O arrogante Ullin; Lamdarg volta, pallido,
 Ensanguentado, de Gelchossa á beira.

"De quem é este sangue; exclama a virgem,
 Este sangue que o meu heroe envolve?"

- É O sangue d'Ullin, torna o guerreiro.
 Ó Gelchossa! Consente que um momento
 A teu lado repouse ..." O bravo Lamdarg
 Impallidece, cambaleia e morre.
 Já no somno da morte adormecido?
 Já, ó chefe de Cromla! A joven virgem
 Junto ao seu amor tres dias chora;
 Os caçadores a encontraram morta;
 Esse tumulo erguido foi por elles,
 O qual encerra os tres desventurados.
 Consola-te pois, ó Fingal, teu filho
 Aqui vae repousar junto dos bravos! ..

"Sim, diz o heroe de Mórven; sua fama
 Eccoado já tem a meus ouvidos.
 Fillan, Férgus, trazei do joven Orla
 Aqui o seu cadaver, seja Ryno
 Co'um rival sepultado digno d'elle.
 Chora; filhas de Mórven, e de Lóda
 Chora; tambem ó filhas! Ambos elles
 Entre nossas collinas produziram,

Como produzem dous noveis carvalhos,
 Os quaes assim cahiram, já deitados
 Sobre a larga torrente e se murcharam
 Aos ventos das montanhas." Oscar, chefe
 D'esses jovens guerreiros, vê tu como
 Pereceram valentes: deixa um nome
 Assim igual ao seu no mundo inteiro;
 Como elles, sejas tu de nossos bardos
 Assumpto de seus hymnos. No combate
 Tinham seus rostos furibundo aspecto;
 Mas Ryno era na paz, docil, tranquillo:
 Tão gracioso e bello como um iris,
 Que de longe se vê sobre o ribeiro,
 Quando atravez de Móra o sol s'esconde,
 E o silencio só reina pelos montes.
 Dorme, socega em paz, tu, de meus filhos
 O mais joven e bello Ó caro Ryno!
 Repousa em paz, de Lena sobre os plainos.
 Como tu, nós um dia cahiremos
 Que é forçoso que ceda o bravo á morte! .."

Taes eram teus lamentos, nobre Fingal,
 Junto ao corpo de Ryno. Qual devia
 D'Ossian ser a dôr, depois que a morte
 Te ceifou, ó meu pae? Jamais teu filho
 Ouvirá tua voz; jamais seus olhos
 Podem tornar a ver-te; muitas vezes
 Pezada e melancolica tristeza
 Com vagar me conduz ao teu sepulchro,
 E co'as trémulas mãos me aprez tocá-lo;
 Ás vezes tua voz ouvir eu penso;
 Mas são ventos que gemem nos desertos.
 P'ra sempre adormeceste, ó grande Fingal!
 Ó arbitro supremo dos combates!

Nas verdes margens de Lubar floridas,
 Ossian e Gaul foram sentar-se
 De Swaran ao lado. Tomando a harpa,
 Os sons lhe fiz vibrar para a tristeza
 Do monarcha banir; mas sua fronte
 Não perdia a tristeza que a banhava.
 Muitas vezes os olhos melancolicos
 Á planicie estendia: o heroe chorava,
 De seus bravos guerreiros a derrota.

A montanha de Cromla erguendo a vista,
Do generoso Sémo o filho eu vejo,
Que, triste, a passos lentos se retira
De Tura para a gruta solitaria.
A Fingal elle vira triumphante,
E á sua dôr o jubilio se junta.
Sobre sua armadura o sol brilhava
E Connal o seguia vagaroso.
Eis que elles descem, já desappar'cendo
Nos flancos da montanha, como duas
Igneas columnas, que da noite os ventos
Arremessam aos serros e que deixam
As urzes inflammadas na passagem.

Junto da veia de sombria espuma
Se abre nos flancos d'um rochedo a gruta;
Frondosos ramos de pendida arvore
Com sua sombra a cobrem; geme o vento
Nos eccos que a rodeiam. Alli fôra
De Sémo o filho retirar-se triste.
Só na batalha sua, a idéa emprega,
Na batalha perdida, então o pranto
Aos olhos lhe assomava. Incessante,
Lastíma a perda de tamanha gloria.
Ó Bragela, se tu meiga alli fôras,
Ah! com tuas caricias adoçaras
O fel da sua dôr! Possa elle ao menos
A tua imagem vêr dentro em sua alma,
Que possam repousar seus pensamentos
Sobre a tua lembrança! Ó fida esposa!

Quem é este ancião d'alvos cabellos
Que se dirige a mim? É o poeta,
O cantor dos heroes. "Eu te saúdo,
Veneravel Carril! Harmoniosa
É tua voz, qual harpa das muralhas
De Tura suspendida. Teus discursos
São para mim tão doces como o orvalho
Que banha os campos ao raiar do dia
Queimados pelo sol. Porque deixaste,
Porque, Carril, de Sémo o nobre filho?

- Ossian, torna o bardo, és o primeiro.
D'entre os vates mimosos e de ha muito
Conheço tua fama; pois teus cantos
Exaltam a coragem dos guerreiros!

Á bella Evir-Allin por muitas vezes
Minha harpa desferi; nas régias salas
Do palacio deBranno acompanhava
A minha tua voz nos almos dias
De ruidosas festas; tua esposa,
De quando em quando, ás nossas harmonias,
Seus accentos suaves juntar vinha.
Um dia, de Cormac contava a quêda,
D'esse joven guerreiro que morrera
Por ella victima d'amor. Seu pranto
Correr vi a teu lado e tuas lagrimas
Eu vi tambem, ó chefe dos valentes!
D'aquelle desgraçado ella chorava
A triste, infausta sorte, inda que sempre
O coração lhe repelliu seus votos.
Como era bella assim de Branno a filha!
E como seus encantos offuscavam
A belleza de suas companheiras! ..

- Não m'a recordes, ó Carril, lhe digo,
Não perturbes o lucto que já cóbre
Sua memoria cára. Sim, eu sinto
Meu coração de dôr despedaçar-se
Quando me lembro d'ella e de meus olhos
O pranto se desliza. Ah! e já dorme,
Deitada em fria terra, a mais formosa,
A mais docil mulher e a mais amavel!

Vem n'estas urzes assentar-te, ó bardo,
Vem, ó bardo inspirado, e ouvir-nos deixa
Os teus cantos suaves: eu os amo
Como ao zefiro brando que bafeja
Em torno ao caçador na primavera,
Quando em sonho feliz elle desperta
E pensa ouvir ainda a voz longiqua
D'espiritos que adejam na montanha."

CANTO VI

A vespertina sombra envolve o Cromla
Na sua longa tunica. Do norte
As estrellas se ateam e scintillam
Sobre as ondas d'Ullin, como igneos olhos
No espaço entre vapores fugitivos.
Muge ao fundo do bosque um vento gélido;

É modo e negro o mortuario campo.
 A harpa sonora de Carril fazia
 Seus sons inda vibrar a meus ouvidos;
 Com voz melodiosa elle cantava
 Da nossa mocidade os companheiros
 E os bellos dias dos primeiros annos,
 Logo que do festim rodar a taça
 Pelas margens de Lego nós faziamos.
 De Cromla os eccos sua voz levavam
 De lugar em lugar transpndo os valles.
 As almas que o poeta memorava
 Ante nós desfilavam vagarosas
 E vinham, debruçando-se nas nuvens,
 D'um ar alegre ouvir os seus louvores.

Feliz seja, ó Carril, a tua sombra
 Dos turbilhões no seio! Que ella venha,
 Nas horas do silencio, visitar-me
 Á minha solidão de quando em quando.
 Não é ella que passa, ó meu amigo,
 Que passa junto a mim? Ás vezes ouço
 Tremer minha harpa em tuas mãos ligeiras;
 Suspensa na muralha, lá de longe
 Me chega o debil som qual uma queixa.
 Porque em minha tristeza me não fallas?
 Porque não vens dizer-me quando eu heide
 Tornar a vêr os meus amigos caros?
 Calas-te, e em tua nuvem já te escondes,
 E o vento que arrebatá só murmura
 E faz tremer os meus cabellos brancos.

Entretanto os guerreiros lá no Móra
 Para o festim se juntam. Cem carvalhos
 Antigos se derrubam e s'inflamam
 Do vento ao sôpro. A taça da alegria
 Trásborda circulando á roda. Brilha
 O jubilo no rosto dos guerreiros:
 Só o rei de Loclin guarda silencio.
 A dôr, resentimento se pintavam
 Em seus olhos ardentes. Muitas vezes
 Sua vista alongava sobre os plainos
 Verdejantes de Lena e suspirava
 Ao pensar na derrota. Estava Fingal
 De pé e recostado ao seu escudo,
 Que fôra dos avós. Os seus cabellos
 Docemente agitados pela brisa

Ao clarão das estrellas reluziam.
 Fingal, de Swaran vira a tristeza
 E ao seu primeiro bardo, se dirige:

“Entoa, Ullin, da paz o hymno entoas:
 Suavisa minha alma após a lucta,
 Que esqueça um pouco o estrépito das armas,
 Que inda surdo murmura a meus ouvidos.
 Que cem harpas se afinem e consolem
 O chefe de Loclin. Eu não desejo
 Que meu hospede deixe as nossas praias
 Sem que em seu coração entre a alegria:
 Jamais alguém de Fingal se despede
 Co'a alma contristada. Sim, fulmina
 Minha espada os guerreiros nos combates;
 Mas quando elles me cedem a victoria,
 Então deponho as armas e aos vencidos
 Prompto offereço a taça hospitaleira.”

Eis o que canta Ullin: – “Trenmor vivera
 Em epochas antigas: companheiro
 Das medonhas borrascas: certo dia
 Sobre as vagas do Norte navegava,
 Quando a seus olhos de Loclin s'ergueram
 As pontas dos rochedos perigosas
 E as moutas das florestas bramidoras.
 Logo de seu baixel abate as vélas
 E se arremeça á praia, perseguindo
 Enorme javali, que destruía
 Os bosques de Gormal: muitos guerreiros
 Arrostar não poderam o horrivel monstro;
 Mas de Trenmor a lança o fére e mata.
 Tres chefes seu triumpho presenceiam,
 E gábam do estrangeiro animo e força.
 Em honra sua, o rei de Loclin prepara
 A mais luzida festa, que devia
 Tres dias prolongar-se. No combate
 Que lhe havia pôr termo, o joven Trenmor
 Teve a escolha das armas e não houve
 Na terra de Loclin um de seus bravos
 Que vencido não fosse. Já a taça,
 Da alegria s'esgota. andando á roda,
 E ao rei de Mórven todos dão louvores.

Trenmor, ao despontar do quarto dia,
De seu baixel ás vélas solta aos ventos.
Na longa praia passeando, espera
Que a viração que sopra além nos bosques
Venha fazer do mar cessar a calma.
Eis que das selvas de Gormal um joven
Coberto d'armas aparece ovante.
Sua linda madeixa realçava
O brilho das córadas, lizas faces,
Seus braços eram alvos como a neve,
Como a neve de Mórven. Um sorriso
Lhe anima os bellos olhos. Para Trenmor
Elle correu e diz-lhe: "Espera, espera,
Ó tu, heroe illustre: não venceste
Inda ao filho de Lónval. Minha espada
Tem partido os broqueis de mil guerreiros
E o homem prudente, de meu arco evita
Suas certeiras flechas. – Bello joven,
Não luctarei comtigo; lhe diz Trenmor,
É fraco ainda teu braço; vae, retira-te.
Oh! vae nas mattas perseguir a corça.

– Eu me retiro, lhe responde o joven,
Eu me retirarei quando de Trenmor,
A espada lampear em minha dextra,
E a ruidosa fama de meu nome
Fizer de meus avós pular as sombras:
As jovens virgens sorrirão cercando
O vencedor de Trenmor, mil suspiros
Deixarão escapar do seio amante
E espantadas verão da tua espada
O comprimento enorme, quando altivo
A brandir junto d'ellas, já fazendo
Ao reflexo do sol brilhar seu ferro.

– Antes que leves minha espada, ou lança,
Exclama o rei de Mórven irritado,
Tua mãe encontrar-te hade primeiro
Na praia de Gormal, pallido, exangue;
Após erguendo os olhos lacrimosos
Sobre a extensão das ondas, verá longe
Afastar-se o navio do guerreiro,
Que seu filho matou. Luctar não quero,
Heroe, comtigo á lança, diz o filho
Dos bosques de Gormal; os poucos annos
Inda a força não deram a meu braço;

Mas meu dardo aprendido tem de longo
A ferrir inimigos. D'essas armas
Despoja-te, guerreiro; tu de ferro
Coberto todo estás: vou dar-te o exemplo;
Eis as-minhas em terra... arroja agora
Tua forte azagaya, ó rei de Mórven."

Ao escutál-o, Trenmor contempla
Uma formosar joven; era a virgem
Irmã do nobre rei de Loclin; visto
Ella tinha o estrangeiro em seu palacio
E o coração d'amor se lh'inflamára.
A arma homicida cahe das mãos de Trenmor;
Corada a face para a terra inclina
Os olhos deslumbrantes; por que a joven
Era bella qual luz que fere a vista
Aos filhos das cavernas logo que elles
O seu retiro deixam n'essas horas
Onde o sol abraçar vae o horizonte,
E que ao seu resplendor só entreabertos
Podem trazer os olhos. "Rei de Mórven,
Diz-lhe a virgem, permite que eu encontre
Em teu lenho um asylo bem distante
Do meu perseguidor Corlo terrível:
Seu amor faz-me susto; elle é sombrio
Qual uma tempestade; este guerreiro
Commanda dez mil lanças." – Tranquillisa-te,
Lhe diz o bravo Trenmor; sob o escudo
De meus avós vem acolher-te, ó bella;
Não me assustam de Corlo as dez mil lanças,
Não me verás fugir ao seu aspecto."

Tres dias sobre a costa o heroe espera:
Seu clarim retumbar fez nas collinas
O signal para a guerra; porém Corlo
Não appar'ceu jamais; então descendo
Já o rei de Loclin vem junto á praia
E Trenmor convidou para uma festa,
Inibacca lhe dando em casamento.

"Swaran, Fingal diz, teu nobre sangue
Do inimigo teu corre nas veias.
Sob a mesma bandeira, combatido
Nossas familias tem por muitas vezes;
O amor da gloria fez nascer entre ellas
Suas rivalidades; porém inda

Mais vezes mutuas festas se tem dado,
 A taça coroando da amisade
 N'almos dias de paz. .. Vamos; que um raio
 D'alegria illumine teu semblante:
 Presta ouvidos sensíveis aos accordes
 Das harpas maviosas; tu brilhaste
 Na carnifica luca como brilha
 A ethérea luz do raio á flor dos mares.
 Tua voz retumbava com o brado
 De mil guerreiros na hora do combate.
 Queres tu amanhã em teus navios,
 D'aqui partir, ó rei, irmão illustre
 Da formosa Agandecca? A liberdade
 Te offereço em memoria d'essa virgem,
 D'essa virgem tão bella que eu amára.
 Vi que juntaste as lagrimas ao sangue
 D'aquella infortunada; minha espada
 Para a vingar verteu rios de sangue,
 Só a ti respeitei. Acaso queres,
 Inda, heroe, o combate? A ti a escolha
 Off'reço, como a Trenmor a off'receram
 Teus valorosos paes: d'aqui, ó chefe,
 Desejo te retires radiante
 De gloria, qual o sol em seu occaso.

- Não, rei de Mórven, Swaran bater-se
 Contra ti jamais quer. Eguaes em annos,
 Ambos jovens, nos vimos no palacio
 Do poderoso Starno. "Ao contemplar-te,
 Eu dizia comigo, "quando, ó quando,
 "Manejar poderei a minha lança
 "Co'a mesma força d'esse nobre Fingal?
 Combatemos depois do declive
 Das rochas de Malmor. Depois as vagas
 A teu paiz levaram meus navios
 E tu me deste a festa hospitaleiria.
 Foi terrível a luca e memorável,
 A luca de Malmor! E nossos vates
 Levarão aos vindouros em seus cantos
 Do vencedor o nome. Escuta, ó Fingal;
 Muitos navios de Loclin perderam
 Seus valentes guerreiros; a offerta d'elles
 Aceita-a, ó rei, aceita-a sim e torna-te
 De Swaran o amigo, e quando ás torres
 Antigas de Gormal venham teus filhos,
 Lhes farei preparar pomposas festas,

Combates simulados, ostentando
 A flor de meus guerreiros. - "Nunca Fingal
 Aceitará os teus baixéis, nem terras,
 Lhe torna o rei de Mórven; meus estados,
 Ó Swaran me bastam e minhas longas,
 Ruidosas florestas. Volta aos mares,
 Nobre irmão d'Agandecca; entrega aos ventos
 As tuas brancas vélas, e que a aurora,
 Ao despontar, te veja navegando
 Caminho de Gormal. - Ó rei das festas,
 Responde Swaran, heroe preclaro!
 Paz, ventura á tua alma generosa!
 Recebe minha mão, como uma prova
 Da mais forte amisade; deixa, ó Fingal,
 Que teus bardos tambem chorem meus bravos,
 Que aos filhos de Loclin Erin eleve
 Um tumulo, e que as pedras n'elle erguidas
 Attestem sua fama; a fim que um dia
 Já possam conhecer do norte os filhos
 Os sitios onde os paes se combateram;
 E quando sobre a relva dos sepulchros
 O caçador parar, dirá saudoso:
 "Aqui brigaram Swaran e Fingal,
 "Heroes d'eras passadas." É d'est'arte
 Que de nós fallará, e nossos nomes
 Illustres transporão futuros seculos.

- Swaran, diz o rei de Mórven, hoje,
 Não encontra rival a nossa gloria;
 Mas, ah!, nós passaremos como um sonho!
 Breve o silencio reinará nos plainos,
 Onde nós combatemos; nossas campas
 Occultas ficarão por sob as urzes,
 E sem que o caçador ao menos saiba
 Onde nós repousamos. Nossos nomes
 Vida terão nos cantos dos poetas;
 Porém de nosso braço extincta a força
 No tumulo será! .. "Bardos queridos
 D'espiritos dos montes, vós que a historia
 D'heroes sabeis que já não são; os feitos
 Celebrae, Ossian, Carril e o annoso
 Ullin, sim, memoriae nobres façanhas
 Dos tempos que passaram, e torna-nos
 Aprasíveis da noite as longas horas
 E que a proxima aurora nos encontre
 Inda entregues ao jubilo." Assim Fingal

Magestoso fallava; e obedecendo
Doceis á sua voz, logo cantamos
Nossos hymnos ao som d'harpas, sonoras.

De Swaran o rosto melancolico
Se anima e alegre: assim a lua fulge
Quando as nuvens, seus véos despedaçando,
No firmamento a deixam socegada
E bella de seu brilho argenteo, puro.

“Carril, diz de repente o nobre Fingal,
Onde está Cuchullin? O bravo filho
Do valoroso Sémo retirou-se
Ás cavernas de Tura para sempre?

– Sim, respondeu Carril, d'Erin o chefe
Nos antros encerrado está de Tura;
Da mão toda ensopada em sangue ardente
Resvalou sua espada formidável:
Seu pensamento geme co'a lembrança
Da batalha perdida. Dôr e lucto
Devóram do guerreiro a alma turbada.
Elle te envia a espada tantas vezes
Em o sangue tingida d'inimigos;
Sim, a Fingal a off'rece como herança
De seus altos triumphos; ei-la, ó Fingal!

Acceita-a, rei de Mórven, restitui-lhe
A gloria esvaecida, qual ligeiro,
Diaphano vapor que muda em nevoas
As rajadas de vento do Oceano.

– Jamais, de Cuchullin recebo a espada.
Diz-lhe, ó bardo, que eu honro seu denodo,
Diz-lhe que sua famanão fenece,
Que a mil heroes vencidos temos visto
Erguer novos tropheus em novas pugnas.

“Extingue, ó Swaran, essa tristeza!
A gloria póde, ó rei, a uma derrota
Ainda sobreviver. Ai! quantas vezes,
Ao meio dia, entre as doiradas nuvens
Esconde o sol a face? Porém logo
Novamente derrama todo o brilho
Sobre o relvoso manto das collinas.

“Grumal valente chefe era de Cóna;
Ia em busca da guerra a toda a parte,
Sem tremer das batalhas. Excitava
O sangue dos combates seu denodo,
E o estrépito das armas encantava-o :
Um dia com seus bravos desembarca
Junto á praia de Cráca. Sahi logo
O rei d'este paiz d'entre as florestas,
Vindo d'offerecer seus sacros votos
Á Pedra-do-Poder dentro do circulo
Symbolico de Brunco. Furiosos,
Estes heroes se batem pela posse
D'uma formosa virgem. Era a fama

D'esta joven belleza, tão subida
Que gozal-a ou morrer Grumal jurára.
Tres dias, dos guerreiros dura a lucta;
Porém, Grumal ao quarto foi vencido.

“O vencedor, longe de seus amigos
O manda transportar encadeado
Para o medonho circulo de Brunco,
Onde dizem que os horridos phantasmas
Exhalam sem cessar ais pavorosos,
Da Pedra-do-Poder andando em torno,
Em torno da terrivel divindade;
Mas logo o encanto quebra e com mais gloria
Eil-o torna a appar'cer. Seus inimigos
Debaixo de seus golpes todos cahem,
Como cahem os fructos na colheita;
E mais que nunca se tornou illustre.

“Cantores do passado, os elogios
Dos heroes retumbar fazei no espaço.
Tranquillisae minh'alma com a historia
De seus feitos heroicos, desterrando
Do grande Swaran dôr e tristeza!”

Fingal e Swaran ambos se encostam
Na montanha de Móra, passa o vento,
Gemendo á volta d'elles. Já cem vezes
A um tempo se elevam, já cem harpas
Resoam em louvor d'heroes passados!

Quando ouvirei de novo hymnos dos bardos?
 Quando meu coração hade com jubilo
 Outra vez palpitar co'a narrativa
 Das glorias de meus paes? Jamais em Selma
 Ecoarão nos bosques sons das harpas,
 A montanha de Cóna, como outr'ora,
 Os accents dos bardos não repete;
 Ah! elles dormem co'os heroes na campa,
 E sua fama emmudeceu em Mórven.

Já da manhã nascente a luz s'erguia
 D'entre o rouxo oriente, e começava
 A branquear de Cromla a fronte parda.

De Swaran eccoa pelo Lena
 O sonoro clarim; logo os guerreiros
 Juntam-se em volta d'elle e mudos saltam,
 Com a mágoa no peito, aos seus navios.
 D'Ullin os ventos suas velas incham,
 E eil-os no verde mar sulcando as vagas.

"Fillan, Ryno; chamae, dizia Fillgal,
 Meus dogues inquietos, Luath, Branno;
 Mas, ah! Ryno é já morto! Já repousa
 No funerario leito! Fillan, Férgus
 Embocae o clarim do rei de Mórven
 Que marchem logo, ouvindo-o, os caçadores,
 E que á beira do lago a corça trema!"

Resôa o clarim longe nos bosques;
 Os guerreiros de Fingal partem logo,
 Mil ligeiros mastins lhes vão na frente.
 Cada rafeiro attento espera um gamo
 E de Branno já tres foram a preza.

Este dogue fiel, para a saudade
 Banir do seio de seu amo triste,
 A seus pés os depunha inda arquejantes;
 Mas, ah! um d'elles vae por desventura
 Sobre a campa morrer do joven Ryno.

Então revive a dôr do nobre Fingal;
 Elle contempla a pedra fria e muda,
 Por debaixo da qual repousa o bravo
 Que sempre á frente nas caçadas ia.

"Tu não te erguerás mais, ó filho caro!
 Para das nossas festas partilhares.
 Bem depressa das urzes a espessura
 Occultará teu tumulo! quando passe
 Por sobre elle um poltrão, talvez ignore
 Que um guerreiro aqui jaz. Ossian, Fillan,
 Meus filhos, tu, Gaul, guerreiro intrépido,
 Á caverna de Tura, eia, partámos,
 Buscar a Cuchullin o heroe valente.
 O palacio de Tura é pois aquelle?
 Que vasta solidão! O rei das festas
 Submerso está na dôr, estão desertos
 Seus doirados salões: consolar vamos
 O triste Cuchullin e transmittámos
 O jubilo á sua alma; mas, ó Fillan,
 Será elle que avista na collina,
 Ou um pilar de fumo? Sopra o vento
 De Cromla nos meus olhos, sem que deixe
 O amigo destiguir. - Fingal, diz Fillan,
 É o filho de Sémo; elle caminha
 Triste e sombrio, com a mão na espada.

Honra ao filho da guerra, honra ao guerreiro
 Que destroe os escudos! "Honra a Fillan,
 Responde Cuchullin, sim, honra a todos
 Os guerreiros de Mórven! Grande Fingal,
 Tua presença me enche d'alegria;
 O caçador errante sobre o Cromla
 Vê com menos prazer por entre as nuvens
 Surgir o astro que lhe expulsa as trevas.
 Teus filhos são estrellas radiantés,
 Que seguem tua marcha, e que fulguram
 Em noite de combates. Assim, Fingal,
 Não foi que tu me viste no regresso
 Da guerra do deserto, quando veio
 Contra mim o monarcha do universo,
 E eu trouxe a paz comigo aos nossos montes.

- Cuchullin, disse Connal, o guerreiro
 Sem valor e sem gloria, tu nos gabas
 Sem cessar tua audácia: quaes os feitos
 Que honraram tuas armas? Porque os plainos
 Transpozémos do mar em teu soccorro?
 Retira-te ás cavernas, occultando
 Alli a tua dôr; em quanto Connan
 Combate em teu lugar. Deixa essas armas,
 Ó fraco heroe d'Erin, e a mim as céde.

- Nunca, diz Cuchullin, nunca tentáram
Os mais bravos heroes despir as armas
Do grande Sémo ao filho, e s'emp'rendessem
Mil guerreiros tomar-lh'as, seus esforços
Todos em vão seriam. Não escondo,
Ó mancebo vaidoso, numa gruta
A dôr, em quanto os meus guerreiros vencem.

- Calla-te, ó joven louco, lhe diz Fingal;
Cuchullin é terrível nas batalhas,
E de Mórven famoso nos desertos.

Sim, ó chefe d'Erin, por muitas vezes,
Teus triumphos narrar ouvido eu tenho.
Desprende aos ventos tuas brancas vélas,
E á ilha Nevoenta voga alegre,
Onde a consorte tua volta espera.

Bragéla, recostada n'um rochedo,
Triste, por ti suspira lacrimosa;
Com seus longos cabellos brinca a briza
E lhe descobre o seio crystallino.
Quantas vezes attenta escuta os ventos
No silencio da noite, a vêr se pôde
De teus nautas ouvir os almos hymnos
Da tua harpa escutar o som mavioso,
Ferindo as solidões do mar ignotas.

- Sua esperança é vã: jamais de Dunscair
Tornará Cuchullin a vêr a terra!
E como heide tornar junto a Bragéla
E levar á sua alma esta saudade?
Tu outr'ora me viste, ó grande Fingal,
Sempre victorioso! - E sel-o-has ainda,
Lhe torna o rei de Mórven; tua gloria
S'estenderá quaes ramos vigorosos
Das arvores de Cromla. .. Outros combates,
Ó Cuchullin, te esperam e teu braço,

Funesto inda será ao inimigo...
Oscar, traze o veado e a festa ordena.
Dêmo-nós ao prazer após a lucta,
Que os amigos partilhem nosso jubilo!"

Eis que ao festim do heroe nos assentamos,
Da paz cantando os hymnos. Já se anima
Do nobre Cuchullin a alma abatida.
Seu braço emfim retoma a antiga força
E renasce a alegria no seu rosto.

Ullin cantou; Carril os doces eccos
Com sua voz encheu; a minha ás vezes
Se juutou á dos bardos venerandos,
Cantando essas batalhas onde outr'ora
Affeito eu combatia. .. Mas, ah! hoje
Ociosa descança a minha espada;
De meus primeiros feitos extinguiu-se
A gloria radiante; abandonado,
Agora vou sentar-me solitario
Sobre as sombrias campas dos amigos.

Assim rapida a noite decorrera
Entre os contos da guerra e na alegria
Nos achou a manhã. Fingal, erguido,
Sua lança brandia scintillante.
Ás planicies de Lena eis que já desce
Seguido dos guerreiros. "Soltae, disse,
Soltae de meus baixeis as brancas vélas,
Aproveitando favoraveis ventos."

Aos navios cantando nós subimos,
E com os remos recortando as ondas,
Pelo mar triumphantes navegamos,
Buscando as praias da querida patria!

FINGAL. POEMA EM SEIS CANTOS VERTIDO D'OSSIAN POR MARIA ADELAIDE FERNANDES PRATA. Seguido de duas cartas escriptas pelos poetas Pinto Ribeiro e Sousa Viterbo, Porto: Typographia Commercial 1867, pp. 29-152.

Colmal

Paráfrase Ossiânica³⁶

Como é sentido o canto que murmuras,
Ó gênio dos rochedos solitários!
Assemelha-se à queixa dos Arroios
Entre a relva macia e vigorosa
Dos vales florecidos. Muitas vêzes
No silêncio da noite hei despertado
Procurando nas sombras, como outrora
Da mocidade nos risonhos dias,
Minha lança esquecida; e no entanto
Sinto meu braço recair sem força,
E choro amargamente a sós comigo.
Recusarás acaso, ó grato gênio,
Prestar ouvido aos cânticos de Ossian?
A inspiração rebenta-me na fronte
À lembrança das glórias do passado;
Minh'alma se ilumina, e mais formosos
Brotam os sonhos da primeira idade,
Como as flores do campo à luz d'aurora
Quando foge a tormenta, e a noite escura
Corre aos raios do sol que o espaço inundam!

Não vês suspenso à cabeceira de Óssian
Aquêlo antigo escudo? seus relevos
Estão gastos à fôrça de combates,
Seu brilho está perdido, e no entanto
É o escudo do célebre Duntalmo.
Ó gênio dos rochedos solitários!
Escuta a voz profética dos tempos!
Era Ramor de Clutha ilustre chefe.
Em seu palácio o fraco descansava
Sem receio dos fortes; o estrangeiro
Jamais achou fechada a vasta porta
Dessa morada hospitaleira e rica.
Um dia apareceu Duntalmo o fero
E convidou Ramor para o combate;
O guerreiro aceitou, porém na luta
Duntalmo foi vencido. Dominado
Por um ódio fatal, passados tempos
Voltou Duntalmo, e colocado à frente
De numerosa tropa, às horas mortas
Assassinou Ramor em seu palácio.

Filhos do morto, na mais tenra idade,
Colmar e Cathon descuidosos entram
Na triste habitação, e contemplando
Sobre a terra atirado, envolto em sangue,
O cadáver paterno, as fronte unem,
E seus prantos confundem abraçados.

Às lágrimas doridas que derramam,
Aos suspiros sentidos que desprendem,
O coração cruento de Duntalmo
Abranda-se e comove-se; de pronto
Manda levar as míseras crianças
A seu palácio esplêndido de Alteutha.

Sob o teto opulento do inimigo
Os filhos de Ramor foram crescendo;
Já na presença do feroz guerreiro
Entesavam seus arcos; junto dêle
Já combatiam destemidos, fortes.

Viram cobertos de espinhosas plantas
Da morada paterna os altos muros;
E junto da lareira o verde limo,
Sob as asas de fúnebre silêncio,
Estender-se e ganhar os aposentados;
E choraram sôzinhos nas montanhas,
E o pesar que sentiam transudava
Das faces juvenis. Duntalmo em breve
Percebeu-lhes a dor, e receando
Que eles a morte de seu pai vingassem,
Os prendeu em dous antros pavorosos
Do Teutha escuro nas desertas margens.

Jamais a luz do sol transposto havia
Destas cavernas úmidas as bordas,
Jamais da lua os sonolentos raios
Tinham beijado os fúnebres recantos
Destas negras prisões onde os mancebos
Entre sombras espêssas soluçavam.

A filha de Duntalmo, airosa e linda,
Virgem de olhos azuis, louros cabelos,
Chorava no silêncio a desventura
De Calthon que prendera-lhe a vontade

³⁶ Esta "Paráfrase Ossiânica" baseia-se no poema "Calthon and Colmal" de *Fingal*. G. B.

Do ardente amor nos laços feiticeiros.
 Uma noite ela ergueu-se resoluta,
 A formosa Colmal, reveste de aço
 Seu corpo sedutor, agarra a espada
 Que a defunto guerreiro pertencera,
 E, transpondo a prisão do desditoso,
 Quebra-lhe os ferros, mostra-lhe a passagem.

- Oh! Filho de Ramor, a noite é negra,
 Levanta-te e caminha! O rei de Selma
 Asilo nos dará; meu pai outrora
 Na casa de teu pai asilo achara.
 Vem pois comigo, de Langal sou filho.

E Calthon diz a mêdo: - Oh! voz suave,
 Donde vens tu? Do cimo dos outeiros,
 Ou do seio das nuvens encantadas?
 Muitas vêzes sonhando enxergo as sombras
 Queridas de meus pais entre as profundas
 Trevas espessas que meu corpo envolvem!
 Serás o filho de Langal? Outrora
 No palácio de Clutha eu vi sentado
 Êsse ilustre guerreiro!... Tu me chamas,
 Meu irmão infeliz, seria infame!
 Dá-me uma lança, voarei de pronto,
 Partirei seus grilhões e iremos juntos.

- Guerreiros mil, responde-lhe a donzela,
 Guardam Colmar. Que poderás sôzinho
 Contra força tão grande? Vem, fujamos,
 Corramos a Morvém, seu rei piedoso
 De teus males ouvindo a triste história
 Virá salvar Colmar. Da noite as sombras
 Aos poucos vão fugindo, e na planície
 Verá Duntalmo de teus pés os traços,
 E morrerás na flor da juventude.
 Vem, não receies, inda é tempo. - O moço
 Suspirando levanta-se; à lembrança
 Do irmão infeliz, rios de pranto
 Escapam-lhe dos olhos. O caminho
 Que vai dar a Morvém ligeiros trilham.
 O capacet escuro a face oculta
 Da formosa Colmal; seu branco seio
 O ar da noite a longos tragos bebe
 Sob a lisa armadura que o comprime.

No palácio de Selma, entrando à volta
 Da caça turbulenta, ou dous mancebos
 Fingal encontra; as desventuras ouve
 Que o filho de Ramor lhe conta, e volve
 Seus olhares à tropa que o circunda.
 Mil guerreiros levantam-se e reclamam
 A honra de levar a guerra a Teutha.

E também eu parti. Sôbre a planície
 Nossos bravos marchavam semelhantes
 Às vagas do Oceano: os dous mancebos
 Iam perto de mim. Logo Duntalmo
 Nossa chegada prevenido ajunta
 No tôpo da colina os seus guerreiros.

A torrente de Teutha bravejava
 Orgulhosa a seus pés. Um bardo envio
 A convidar Duntalmo para a luta
 No meio da planície: um rir de mofa
 Foi a resposta do soberbo chefe.
 O turbilhão de seus guerreiros move-se
 No tôpo da colina, semelhante
 À nuvem negra que o tufão sacode
 E desdobra no céu. Duntalmo ordena
 Que o mísero Colmar trazido seja
 À margem da torrente, e enfurecido
 Embebe-lhe no seio a férrea lança.
 O desditoso cai, rola por terra
 Torcendo-se no sangue. Alucinando
 Calthon se arroja da torrente ao meio;
 Eu vibro a minha espada, e ao lado oposto
 Atiro-me das águas. O inimigo
 De mais a mais fraqueia a nossos golpes,
 Mas a noite destende sôbre a terra
 Seu manto tenebroso e nos separa.

Duntalmo se retira para o centro
 De uma antiga floresta, aceso em raiva
 Contra o mancebo cujo ardor guerreiro
 Não pudera extinguir. Calthon sentado
 À sombra de um pinheiro pranteava
 Seu irmão infeliz tão cedo morto.
 Vai alta noite, as sombras e o silêncio
 Estendem-se no plaino; os combatentes
 Mal resistem ao sono; mas ainda
 Aos ouvidos de Calthon rumoreja

A torrente de Teutha, e a triste sombra
Do mísero Colmar ante seus olhos
Levanta-se funérea, ensangüentada,
E com sinistra voz assim lhe fala:
“Ergue-te, Calthon, antes que a alvorada
Apareça no céu, vinga a desgraça
De teu pobre Colmar! Duntalmo o fero
Irá seus restos insultar nas trevas!”

Assim dizendo a sombra se esvaece.

A tais palavras Calthon se levanta
E parte como um raio; ignota chama
Incende-lhe os olhos; a tormenta
Convulsa-lhe no seio. Os inimigos
Estremecem de horror, porém passados
Os primeiros instantes, se condensam,
Apertam-se ao redor do combatente,
Prendem-no em breve e levam-no à presença
Do cruento Duntalmo. Alegres brados
Elevam-se nos ares, as colinas
Repetem-nos da noite no silêncio.

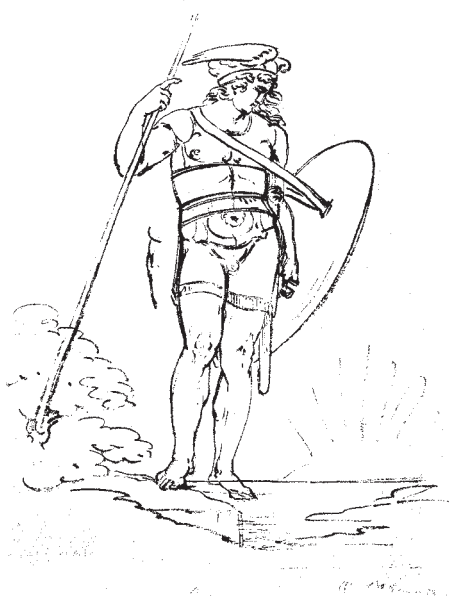
Despertei assustado a tais rumores.
Tomo da lança que a meu lado estava,
Chamo os guerreiros. Mais funesto e horrível
Que a própria morte, meu valor se torna!
Não era assim que outrora se batiam,
Oh! filhos de Morvém, nossos maiores!
Quando de volta Fingal divisar-nos
Sem ter vencido os feros inimigos,
Que lhe diremos nós? Eia, guerreiros!
Preparei vossas armas e segui-me!
Sôbre as ondas do Teutha a madrugada
Começava a lançar seus brados lumes.
Colmal acompanhava-nos chorando,
Das mãos imbeles lhe escapou três vezes
A lança que levava. Esta fraqueza
Incitou minha cólera: “Mancebo
Covarde e pusilânime, lhe eu disse,
Por acaso os guerreiros desta terra
Combatem soluçando? Segue as corças,
E os rebanhos que pascem junto ao Teutha,
E deixa as armas, deixa-as aos valentes!”

Assim dizendo arranco-lhe do corpo
A lustrosa armadura, e um branco seio,
Um seio de mulher alvo e formoso,
Descoberto aparece! A minha lança
Escapa-me das mãos, abaixo a frente,
E desprendo um suspiro amargurado.

Tudo entendi! O grito do combate
Soltei de novo!... Ó gênio dos rochedos,
Ó gênio dos rochedos solitários!
Porque do velho bardo a voz já rouca
Treme de relatar como morreram
Os guerreiros de Teutha? Hoje repousam
Em seus próprios países olvidados,
E o viajante buscaria em balde
Seus túmulos nas sarças escondidos!
Apenas o lugar onde Duntalmo
Caiu aos golpes de Óssian, e o jazigo
Onde o sono sem fim há muito dorme,
Aos fulgores da lua inda branqueiam!
Tudo mais a tormenta há dissipado!

Prêso ao tronco rugoso de um carvalho
Calthon achei, cortei-lhe as duras cordas
E da bela Colmal nos lindos braços
Atirou-se feliz. Junto de Teutha
Uma rica morada levantaram,
E Óssian, radiante da vitória,
Às terras de Morvém voltou de novo.

Fagundes Varela, *Cantos e Fantasias*, Paris,
São Paulo: Garraux, Lailhacar & Cia., 1865.



Oskar (1804/5), ilustração de Ph. O. Runge encomendada mas não incluída na tradução de Friedrich L. zu Stolberg: *Die Gedichte von Ossian dem Sohne Fingals*, Hamburg, 1806.

Oskar³⁷

(IMITAÇÃO DE OSSIAN)

I

Arida emtôrno a mim a natureza
 So descalvadas penedias brancas,
 So cresco, alvo regêlo me descobre:
 Dorme a vegetação nos troncos seccos,
 Morre no leito congelado o rio. . .
 Toda repousa em lugubre silencio
 A vida do universo,- em frio espasmo
 Da existencia parou cansada a máchina.

Desabrida estação! quanto a minha alma
 Se imbebe na mudez de teus horrores!
 Todo o vigor se me acolheu, do corpo,
 Ao coração no peito:- a alma compressa
 Resalta e pula ás regiões ethereas.

II

Veloz imaginar, nas azas tuas
 Eis me librado! pelos ares vago
 E espaços vingo de alongados Máres,
 Deço na terra e poiso . . . Oh ! qual me cérea
 Invezada cerração confusa!
 É mundo isto que vejo, e terra ainda
 Ésta que piso? . . . Não descobrem olhos
 Mais que nuvens e horror, trevas e cahos...
 Lá se adelgaça um poueo a névoa grossa:
 Vejo ouriçar-se ponteagudas penhas
 Hirtas de abrolhos a alvejar co'a neve...
 Lá cai de chofre em catadupa, e soa
 Horrendamente, com fragor tremendo
 Torrente immensa na soidão do valle;
 Ei-la sombria se devolve e espraia
 Pela extenção d'um lago...

³⁷ O poema é baseado num texto originalmente chamado "Fragment VII" que foi incorporado numa nota de rodapé de *Temora* (1763). G. B.

III

... D'além vejo
 Arir pelos topos dos fronteiros montes
 Grave e pausado silencioso velho
 Em vagaroso passo caminhando.
 Longa dos hombros ao tallar lhe desce
 Alva, comprida tunica; na dextra
 Traz uma hastea de lança farpeada,
 E pendente da esquerda uma harpa antiga
 Onde o vento ressoa em oucos echos.

IV

Gemou de os escutar o ancião dos tempos,
 E de profunda magoa lhe soluça
 O peito descarnado. Ei-lo que a toma
 Nas mãos trementes, e lhe apalpa as cordas
 Esbameadas do vento, e desmontadas
 Do longo correr de annos. Ja se affina,
 Ja troa altivos sons em modo lugubre
 Mas desusado e novo. Oh, que de Thura
 É este o vate, Ossian este é porcerto.

V

Não me inganei; era de Ossian a sombra,
 E assim cantou:
 - Oscar, Dermid são mortos:
 No florecer de esperançosos annos,
 Ceifou amor cruel tam caras vidas.
 Caruth é pae d'Oscar, Caruth os chora,
 E a morte dos mancebos infelizes
 Conta ao filho de Alpin.—Porque, diz elle,
 Porque abrir-me de novo a fonte ao pranto,
 Porque outra vez o peito me laceras?
 Filho de Alpin, porque a pedir-me volves
 A triste narração d'aquella morte?
 Oscar, Oscar, meu filho ! . . . Ai, d'estes olhos
 Ja se affogou a luz no mar de lagrymas:
 So a memoria das desgraças minhas
 Dentro no coração inda não morrel
 Como heide eu outra vez voltar minha alma
 Aquella historia funebre. . . a essa morte
 Do maior dos heroes ? - Chefe dos bravos,
 Nunca mais te verei, Oscar, meu filho?

VI

Ah, desapareceu de sôbre a terra,
 Qual no meio de horrenda tempestade
 O astro da noite, como o sol brilhante
 Quando pejada cerração de nuvens,
 Que das águas se elevam, se condensa,
 E as crespas, fuscas rochas d'Ardaníder
 C'o negro manto pallida rebuça.
 E eu triste, eu so no solitario alvergue
 Definho, a pouco e pouco, em mágoa, e secco.
 Qual orme antigo da escabrosa Mórven
 Que arido vento despojou dos ramos,
 E que, ao mais leve sussurrar do norte,
 Quasi vacilla e cai.—Chefe dos bravos,
 Nunca mais te verei, Oscar, meu filho?

VII

Não cai, filho d'Alpin, no campo o bravo
 Como a herva do campo; a sua espada
 Fumma, primciro, do inimigo sangue;
 Antes de succumbir, tremendo rompe
 Co'a morte ao lado, os batalhões cerrados
 Das hostes orgulhosas. Mas, ó filho,
 Mas tu, meu caro Oscar, mas tu morreste
 Sem que inimigo algum fosse, a teus golpes,
 Na região da morte annunciar-te.
 Tincta no sangue a tua lança, oh triste!
 Do teu amigo foi...

Um so nos peitos
 Oscar, Dermid um coração so tinham:
 Junctos iam ceifar da guerra aos campos,
 E sua estreita amizade era mais forte
 Que o aço da armadna que os vestia.
 Entre ambos, sempre unidos nas batalhas,
 Marchava a morte sempre, junctos ambos
 Cahiam de rondão sôbre o inimigo,
 Quaes dois rochedos que dos topos d'Árven
 Se despegam e caem na terra e jazem.
 Suas espadas fumegavam sempre
 Do sangue dos mais fortes gottejando;
 E so de ouvir seus nomes, inflavam
 De pallido terror bravos guerreiros.
 E quem, senão Dermid, a Oscar semelha,
 E quem, senão Oscar, Dermid eguala?

VIII

Dargo, o valente Dargo, a quem na guerra
 Ninguém nunca jamais não viu as costas,
 Dargo a seus golpes succumbiu tremendos.
 Como o dia ao nascer, mais bella ainda,
 Era do morto heroe a bella filha,
 Doce como o brilhar da branca lua.
 Tinham seus olhos o luzir d'estrellas
 Que atravez de chuvosa nuvem fulgem;
 Na primavera o suspirar da brisa
 Mais suave não é que o seu bafejo;
 Recem-geada nas manhans a neve,
 Que se ondea alvejando nas estevas,
 De seu candido seio e froixa imagem.
 Viram-n'a os dous heroes, e ambos a amaram;
 Adorava-a cadaum como a sua glória,
 Possui-la ou morrer ambos queriam.
 Porém da bella o coração rendido
 A Oscar ficou, a Oscar toda se intrega:
 Ja cega beija a mão que o pae matára
 E não vê n'essa mão de Dargo o sangue.

IX

E Dermid disse a Oscar: - 'Ouve-me; eu amo,
 Ó filho de Caruth, amo essa bella.
 Sei que o seu coração por ti so bate,
 Mas a minha paixão nem isso a apaga:
 Oscar, rasga esse peito, o meu amigo,
 Seja a tua espada que me livre d'ella.'
 - 'Quê! tingir no teu sangue a minha espada!
 - 'E quem, se Oscar não for, hade atrever-se,
 E quem é digno de tirar-me a vida?
 Morrendo por tua mão, morro com glória,
 E eu quero a morte, amigo, mas honrada.'
 - 'Pois bem, cruel Dermid, impunha o ferro,
 E as mãos de seu amigo Oscar expire.'

X

De Branno juncto ás margens combateram,
 Tingiu-lhe o sangue as ondas fugitivas,
 E sangue a relva que lh'as borda emtôrno.
 Dermid cahiu... n'um último sorriso
 De morte, o doce amigo saudando.
 - 'Filho de Diaran' - Oscar bradava:

'Fui eu que te matei, Dermid, eu, impio !
 Tu que no mais ferido das pejeas
 Não succumbiste nunca, agora, amigo,
 Heide-te eu ver assim morrer sem gloria! ...'

XI

Disse, e a mágoa quebrou-lhe a voz no peito:
 Vagaroso se affasta, e ao triste objecto
 Vai de seu triste amor. Ella no rosto
 Lhe leu a intensa dor que o atormenta,
 E disse: - 'Oscar, que nuvem tam pesada
 Escurece a tua alma?'
 - 'A minha fama
 Perdi-a hoje, apagou-se a minha glória.
 Sabes, filha de Dargo, a nomeada
 Que eu tinha entre os archeiros: ouve agora.
 De erguido tronco suspendido o escudo
 Estava de Gondur, Gondur o bravo
 Que n'um combate minha mão prostrára.
 Tentei de o traspassar com minhas frechas,
 E em vãos esforços se me foi o dia.
 - 'Pois bem! tentá-lo-hei eu?' lhe volveu ella
 'Sabem as minhas mãos tambem vibrá-lo
 Esse arco destruidor da tua glória.
 Muitas vezes meu pae folgou de ver-me
 Sempre certas cravar as frechas no alvo.'

XII

Partem. Trás do broquel Oscar se occulta.
 Rápida a setta sibilando voa
 Das mãos da bella para o seio amante.
 - 'Arco ditoso!' moribundo exclama
 Ja todo em sangue o campeão dos montes:
 'Oh adorada mão! eu te agradeço.
 Quem fora digno de inviar-me ás sombras,
 Ao filho de Caruth quem se atrevêra
 Senão a filha do valente Dargo?
 Ah! seja inteiro este favor, querida!
 Leva-me aope do meu amigo e deixa-me,
 Que morrerei em paz.' - 'Oscar,' responde
 A donzella : 'e eu não sou Filha de Dargo ?
 Eu sei tambem morrer como tu.' - Disse,
 E o bello seio atravessou n'um ferro:
 Corre o sangue. . . ella treme e cahiu morta.

HYMNO AO SOL³⁸

Rei do Mundo, e do Dia, ó tu Guerreiro,
 De cuja frente pendem trancas de ouro,
 Quem, teu corpo cobrindo de inflammadas,
 De bellicosas véstes, a teu vôo
 Arrebatado abandonou o espaço,
 Traçando-te na azul esphêra o trilho,
 Que costumas seguir ? Algum luzeiro
 Junto de ti fronte rival não ergue;
 Filhas da Noite aos lumes teus descórão;
 Com passo desigual fugindo a Lua
 Adiante de ti, seus dúbios raios
 Se-mergulhão nas ondas. O reunido
 Podêr da Idade, e fortes ventos, prostra
 Do erguido Abêto a desgrenhada frente;
 O monte pelo tempo accommettido
 Das ruinas co' o pêzo esmaga os valles;
 Porem tua belleza os invejosos
 Seculos poupão: Primavera eterna
 Te-aformosea a verde Juventude;
 Indômito Monarcha te-apoderas
 Da celeste mansão; de amor os votos
 Sem cessar te-acompanhão. Quando rugue,
 E nos ares estala a tempestade,
 Quando fazem rolar os rijos ventos
 No meio dos relampagos o carro
 Conductor do trovão, tu appareces,
 E te-sorris, consolador do Mundo.
 Ah ! Desde longo tempo, que teus raios
 Gloriosos não vem bater nas débeis
 Pálpebras minhas ! Nunca mais, ó Nume,
 Te-verei, ou no eiro teu espraies
 Nas planicies de fogos o Oceano,
 Ou para o Occaso o séquito das sombras
 Teus passos siga, ou denigradas vagas
 D'humido gôlfo na prisão te-encerrem!
 Porém talvez, ó Sol, que não possuas
 Mais que uma quadra só; talvez dos tempos
 Ao fado succumbindo um dia subas
 Nosso commum destino; a voz da Aurora
 Insensível serás; talvez, ó Phébo,
 Que no meio das nuvens adormeças.

BAOUR-LORMIAN.—Poesias d'Ossian.
Jornal de Coimbra, Vol.12, 1818,
 Num. LXIII, Parte II, pp. 83-84.

AO SOL

(Fragmento Do Poema De «Carthon»³⁹)

Ó tu que rolas n'esse campo ethereo,
 Semelhante ao broquel dos meus passados,
 D'onde vem os teus raios, sol brilhante?
 D'onde recebes tua luz eterna?
 Tu despontas solemne e magestoso;
 As estrellas se escondem quando passas,
 A lua fria e pallida mergulha
 Nas vagas do occidente; e tu caminhas
 Solitário nos céos. Quem na carreira
 Te pôde acompanhar? Os altos robles
 Baqueiam das montanhas, e ellas mesmas
 Sob o peso dos annos se arruinam;
 O oceano ora se eleva, ora se abaixa;
 A propria lua na amplidão fenece:
 Só tu caminhas sempre, e sempre o mesmo,
 E de tanto fulgor te vanglorias!
 Quando a borrasca entenebrece o mundo,
 Quando rolam trovões, e ajeja o raio,
 Tu olhas d'entre as nuvens sobranceiro
 E sorris da tormenta! Mas debalde
 Olhando Ossian procuras, que os teus raios
 Ossian não mais verá, quer teus cabellos
 Em nuvens orientaes flammejem soltos,
 Quer descendo os espaços estremeças
 Ás portas do occidente. Sol, um dia
 Talvez como eu serás; talvez, quem sabe?
 Dos annos teus acabarás o gyro,
 E insensível á voz da madrugada,
 Em tuas nuvens ficarás dormindo.
 Mas folga, folga entanto magestoso
 No verdor de teus annos: a velhice
 É solitaria e triste; é semelhante
 Ao clarão melancolico da lua
 Quando brilha entre nuvens, quando o norte
 Revêa na planicie, e o caminhante
 Pára convulso e de pavor transido.

António Augusto Soares de Passos, *Poesias* (1856),
 9.ª edição (1908), pp. 233-234.

³⁸ Adaptado do final de "Carthon: a Poem". G. B.

³⁹ "Carthon: a Poem" publicado pela primeira vez em *Fingal* (1762). G. B.

**‘A espera desgraçada.
(Copiada de Ossian)’⁴⁰
1827**

É noite ja, e eu so ao desamparo
Estou dos temporaes sobre a collina:
No alto da montanha assopra o vento,
A torrente na base d’esta rocha
La sussurra: nenhuma choça abrigo
Contra a chuva me off rece;
Ai que desamparada,
Estou dos temporaes sobre a collina!

Ergue-te, ó Lua, e o seio ás nuvens rasga!
Brilhae, astros da noite!
Nenhuma luz me guiará ao sitio,
Em que do affan da caça fatigado
Meu amante repousa,
Tendo junto de si o arco affrouxado,
E arquejando-lhe em torno os cães cançados...

Parar é força aqui, so, n’esta fraga
Que o musgo veste e que orla este ribeiro.
Dos ventos e das ondas
Escuto o murmurio,
Mas, não escuto a voz de meu amante!

Oh meu Shalgar, por que razão não chegas?
Por que tarda em cumprir sua promessa
O filho da collina? eis aqui a arvore,
O rochedo e o ribeiro sussurrante ...
Antesque a noite viesse tu me havias
Promettido de estar aqui... – Para onde
Tu foste, oh meu Shalgar? deixei a casa,
So por ti, de meu pai: fugir com tigo
Eu queria. Inimigos largo tempo
Forão nossas familias,
Mas eu e o meu Shalgar jamais o fomos.

Vento! por um instante cessa. Ó rio,
Teu murmurar retem por um momento!
Ouça-se minha voz sobre estes brejos,
E va tremer no ouvido
Do caçador que aguardo.
Shalgar, Shalgar! eu sou a que te chamo:
Eis aqui o rochedo, eis aqui a arvore...

Shalgar, ó meu amante!
Eis-me aqui: porque tardas em mostrar-te?
Desgraçada de mim! ninguem me falla..!

Finalmente apparece a Lua, e as auas
Brilhão no valle: da collina as rochas
Em sua face pardas se divisão,
Mas eu o não enxergo sobre o cimo;
Precedendo-o seus cães não me annuncião
Sua doce presença;
Ficarei porventura
Aqui desamparada e solitaria?

Mas que objectos distingo ante meus olhos,
Sobre a urze estendidos?...
O amante e meu irmão serão acaso?...
Oh fallae, meus amigos....
Ai de mim, que elles nada me respondem!
O frio medo meu coração gela...
Ai que mortos estão! touxeando sangue
Suas espadas.... Meu irmão querido,
Ao meu caro Shalgar porque matas-te?
Porque Shalgar amado,
Mataste meu irmão?
Ambos me ereis tam caros!
Que endechas cantarei por celebrar-vos
A memoria immortal? – sobre a collina
Dos sccios teus na turba eras formoso:
Terrivel no combate
Elle era ... minha voz ouvi, fallae-me,
Filhos de meu amor ... mas ah! que mudos
Para sempre se calão,
E nos seus corações o gelo habita!

Oh vós! Sombras dos mortos,
Do alto d’este pinhasco, ou la do píncaro
Da montanha dos ventos, troae vozes,
Fallae, que em mim não entrará o espanto...
Onde fostes pousar? em que caverna
Da collina vos acharei? – o vento
Resposta não me traz! eu não distingo,
Do outeiro entre as borrascas,
Os baixos, deveis sons da voz dos mortos.

⁴⁰ Fragmento de “The Songs of Selma”, publicado pela primeira vez em *Fingal* (1762). G. B.

Vou-me sentar aqui envolta em dôres,
 Aguardarei em lagrimas banhada,
 O alvorecer da aurora.
 Um tumulto erigi, ó vòs, que amigos
 Sois dos mortos, mas antes que la chegue,
 Não lhe cerreis a campa.
 Escapar-se-me a vida,
 Bem como um sonho, eu sinto.
 Por que hei ficar superste a meus amigos?
 É melhor que eu repouse sobre as margens
 D'este rio, com elles. Quando a noite
 Seu manto desdobrar sobre a collina,
 Quando o vento zunir entre estes brejos,
 Minha sombra, sentada sobre as nuvens,
 A morte chorará de meus amigos.
 Dentro de sua choça ha-de escutar-me
 O caçador: - a minha voz temida
 Lhe ha-de ser, porem elle tem de ama-la,
 Porque por meus amigos será meiga;
 Por que a meu coração me erão mui caros.

Joaquim Silvestre de Sousa,
Tentativas Poeticas (1839), pp. 34-38

COLMA

(Fragmento dos Cantos de Selma⁴¹)

Era em Selma e nas festas. Começava
 Dos bardos o cantar: eis se adianta
 D'olhos fitos no chão, banhada em pranto,
 A doce, a amavel Minona. Os cabellos
 Lhe ondeavam soltos ao soprar da briza
 Que vinha das montanhas.
 As almas dos heroes se enterneceram
 Mal que as primeiras notas
 De seu canto dulcissimo soaram.
 Muitas vezes o tumulto de Sálgar,
 E o tumulto de Colma tinham visto,
 Da triste Colma abandonada ás queixas,
 Na collina deserta. Um dia Sálgar
 Promettera de vir e não viera:
 Em torno d'ella já descia a noite:
 Ouvi da triste Colma
 A queixa solitaria:

«É noite! Sósinha no monte elevado
 «Dos ventos ruidosos escuto o bramir...
 «Sombria a torrente sussurra a meu lado...
 «Em triste abandono me é doce carpir.
 «Descobre-te, ó lua, refulge brilhante!
 «Estrellas formosas, mostrae-vos tambem!
 «Guiae os meus passos ao sitio distante,
 «Onde ora cansado repousa o meu bem!

«Ó Sálgar, ó chefe dos montes valente,
 «Quebraste a promessa que em balde te ouvi...
 «O tronco, os rochedos, a voz da torrente
 «São estes, ó Sálgar, mas faltas aqui...
 «Deixei por seguir-te na dôr abysmados
 «O irmão que estremeço, meu pae que olvidei:
 «São velhos os odios dos nossos passados,
 «Mas eu, ó meu Sálgar, jámais te odiei.

«A lua calada fulgura na selva,
 «Nas aguas, nas rochas, com doce clarão...
 «Quem jaz em distancia dormindo na selva,
 «És tu, ó meu Sálgar? És tu, meu irmão?
 «Fallae, meus amigos: immoveis, deitados,
 «Porque inda em silencio me não respondeis?
 «Ai mortos! ai mortos! em sangue banhados!
 «E tintos de sangue seus ferros crueis!

«Mataste, ó meu Sálgar, o irmão da minha alma!
 «E tu, doce amigo, tu jazes tambem!
 «Perdi-vos; só resta chorar-vos sem calma...
 «Como eu vos amava não ama ninguém.
 «Tu eras formoso nas tuas collinas:
 «Elle era terrível das luctas no ardor.
 «Quem vossas espadas guiou assassinas?
 «Quem pôde inspirar-vos da morte o furor!

«Mas, ai! já não ouvem meus longos gemidos...
 «Na terra gelada gelados estão...
 «Fallae d'entre as nuvens, phantasmas queridos,
 «Que as vossas palavras medonhas não são!
 «No monte sombrio que além se divisa,
 «Dizei-me a caverna que triste habitaes!...
 «Calados! calados! nem sôpro da briza,
 «Nem voz de tormonta me traz os seus ais!
 «Sentada no monte, c'os olhos absortos,

⁴¹ "The Songs of Selma", publicado pela primeira vez em *Fingal* (1762). G. B.

«Espero chorando do dia o raiar.
 «Erguei-lhes as tumbas, amigos dos mortos,
 «E n'ellas a Colma guardae um lugar!
 «Passou de meus dias o sonho tão ledado,
 «Passou para sempre! não mais viverei...
 «Ao pé da torrente que banha o rochedo,
 «Oh! dae-me o repouso d'aquelles que amei!

«De noite, na serra batida dos ventos,
 «Meu triste phantasma de pé surgirá;
 «E ao som da rajada soltando lamentos,
 «No meio das nuvens gemendo errará.
 «Ao longe o viandante nos bosques perdido
 «Ouvindo-lhe as queixas terá compaixão;
 «As queixas, o pranto de Colma sentido
 «Chorando os amigos que mortos já são».

Tal foi, tal foi, ó Minona, o teu canto,
 Doce filha de Tórman. Tristes eram
 Nossas almas por Colma, e em nossas faces
 Deslizavam as lagrimas em fio.

António Augusto Soares de Passos, *Poesias* (1856),
 9.ª edição (1908), pp. 235-238.

OS CANTOS DE SELMA

I

Alva estrela, diamante luminoso,
 Do crepusculo á fronte irradiando,
 Porque teu puro olhar fitas no vale?
 O estrépito do dia
 Cessou; os ventos de dormir começam:
 Ouve-se apenas da torrente o eco:
 As vagas beijam límpidas a rocha:
 E o turbulento inseto,
 Da flor em derredor, colhe perfumes
 E borbórinha no ar silenciozo.

Que vês no vale, estrela cintilante?
 Mas lá descambas do horizonte á marjem;
 Para acolher-te abrem o seio as ondas,
 E do céu te deslizas,
 Nas aguas mergulhando a arjenta côma.

II

Astro silenciozo, que desmaias,
 Adeus! O bardo agora se ilumina
 Do imaginozo enjenho á chama ardente.
 Eil-a! Derrete da velhice os gelos
 E aclara as sombras dos herois antigos
 Em torno de seu chefe, o nobre Fingal.
 Aí vejo erguer-se os meus rivais, os bardos,
 O majestozo Ryno, Ullin sagrado,
 Alpino harmoniozo
 E a terna, a melancólica Minnôna.

Oh! já não voltam mais, ó lei do tempo,
 Dias que foram, dias em que o zéfiro
 Da primavera semelhar soubemos,
 Quando doces murmuram na colina
 Meneando com mimo a flor que nasce.
 Então do Selma nos festins saudosos
 Do canto disputávamos o premio.
 Foi nessas festas que a gentil Minnôna,
 Os olhos baixos, humidos de prantos,
 Que á memoria brotavam do passado,
 Com voz melodioza
 Fez palpitar os chefes que a escutavam.
 Em triste endeixa nos contou a historia
 Dos amores de Sálgar e de Colma,
 Que sob a terra jazem
 O ultimo dormir dormindo juntos.

Sálgar, em vão, promessa lhe fizera
 De volver a seu lado antes da noite.
 Mas a noite deceu: sobre a colina
 Colma, dezamparada, se lamenta.

III

O LAMENTO DE COLMA (Cantico de Minnôna)

“Que negra noite! neste escuro outeiro
 Eis-me só, confranjida pelo susto.
 Cobrem o céu as nuvens da procela,
 Mujem os ventos da montanha em roda.
 Ouço o escorrer das aguas pela rocha.
 Sozinha, abandonada,
 Nada rastreio que me dê abrigo.

“Antes da noite, ó lua, ergue-te ao menos,
Deixa do monte o verdeneiro seio.
Entretecei o céu, alvas estrelas.
Benefico luar me leve ao pouzo
Solitário, em que o amante fatigado
Por ventura descanse,
Arco no chão, rafeiros seus ao lado.

“Ai! mesquinha de mim! dezamparada,
Aqui a noite passarei; reboam
Mais forte ainda os ventos e os regatos.
Oh! porque tardas, Sálgar? a torrente,
O alcantil, a arvore, te acuzam:
Eis-me aqui: onde estás? responde, amigo.
Em vão! que me não ouves,
Ou não posso te ouvir se me respondes.

“O irmão, o pai, deixei por ti, fuji-os:
A guerra dezuniu nossas famílias,
Mas nossos corações, embora, se unem.
Cessai, torrentes, serenai, ó ventos,
Deixei que o amado minha voz escute.
Sálgar? eu, que te chamo,
Eu, tua Colma que te espera: oh! corre.
“Consoladora lua, emfim, despontas!
Brilha no vale a onda: descerrados,
Cinzentos, das montanhas vejo os topes:
Mas onde estás, que te não vejo, Sálgar?
Onde teus cães, das sarças escozidos?
Ai de mim, desgraçada!
De companhia não terei o amante.

“Oh! céu! que hei visto! nas estivas proximas
Sangue ... dois corpos ... meu irmão ... meu Sálgar!
Mortos! seus ferros rozeados inda ...
Cruel irmão, porque lhe deste a morte?
Sálgar, porque ao irmão a luz roubaste?
Fios da minha vida,
Porque, um ao outro, vos cortastes, ímpios?

“Meus cânticos, voai por estes bosques.
Era Sálgar – do outeiro o mais formoso;
E meu irmão a dextra sanguinoza
Da morte em campo meio de batalha.
Falai, amigos, respondi-me ás vozes.
Em vão! que para sempre
A lingua é muda, o coração gelado.
“Sombras queridas, do alto dos rochedos

(Assaz hei destemor por escutar-vos)
Dizei-me a gruta onde pouzais agora.
São mudos! nem sequer ouço um suspiro
Delles, no meio do estrupir dos ventos!
De vez em vez apenas
Meus ais sentidos me devolve o éco.

“Eis-me aqui, pois, a sós com minha magua!
A nova aurora me achará penando.
Vinde, dos mortos levantar o tumulo,
Fieis amigos; mas deixai que o entre,
Primeiro que o fecheis, a infeliz Colma:
Breve sonho, desfêz-se-me a existencia;
Quero dormir com elles
Ao som do arroio que da serra cõa.

“Quando o outeiro, alta noite, em véus se oculte,
Envolvida em vapor na aza dos ventos,
Aqui virei chorar de ambos a morte:
O caçador, pouzado na cabana,
Silenciozo escutará meu canto,
E enternecido e triste
Verterá sobre os dois piedosa lágrima.

IV

Assim cantou Minnõna. Ás faces belas
O virjineo rubor subira a espaços.
Almas em dor e palpebras em pranto,
Colma choramos todos.
Então ergue-se Ullin; na harpa sonõra,
Despertou melodias
De Alpino, o feiticeiro, nas toadas,
De Ryno, todo ardores,
O tumulo de há muito as recebera
E a real Selma lhes perdera as vozes.

Ullin um dia, ao regresso da caça,
Ouvira os dois carpindo
De um bravo heroi a prematura morte.
Esse bravo – de Fingal tinha os brios,
De Oscar o braço temerozo e hardido.
Era Morar ... Do irmão ouvindo o nome,
Minnõna levantou-se,
E como a lua, que á tormenta foje,
E da nuvem no seio esconde o rosto,
Dezappareceu dali ... A harpa feriu-se
E começou a nenia.

V

A NENIA DO HOMEM FORTE

(Cantico de Ullin)

Ryno

“Em meio vai o dia; a chuva e o vento
 Chegaram a findar:
 As nuvens dezunidas se dispersam
 E voam pelo ar:
 A luz do sol percorre os verdes tópes
 No eterno vaguear:
 Vão no pedrento vale aguas do monte,
 Côr de sangue, rolar.

“Quanto me apraz o trepidar do arroio!
 Porém me agrada mais a voz de Alpino,
 O velho bardo que pranteia os mortos.
 Porque vens só, ó filho da harmonia,
 Com tão mago gemer?
 Porque suspiras, qual suspira o vento
 Na floresta a correr,
 Ou como a vaga em solitaria praia
 Nas Lapas a bater?

Alpino

“São meus prantos, ó Ryno, pelos mortos:
 Saúdo os habitantes do sepulcro.
 Hoje garbozo tu te ostentas, moço,
 E inveja cauzas da planicie aos filhos:
 Mas amanhã quem sabe se o estrangeiro
 Não chorará piedozo
 Sobre o tumulo teu? então no outeiro
 Não se verá vestijio de teus passos,
 E livremente correrá nas matas
 O cervo que te ha medo!

Oh! Morar! semelhavas na carreira
 O gamo da colina;
 E mais terrivel do que tu não era
 O meteóro inflamado.
 Nem a colera tua a tempestade
 Nos funestos feitos
 Vencer podia, e do combate em meio
 Mais luzia o teu ferro
 Do que o raio lampeja pela varzea.

Era tua voz qual engrossado arroio,
 Que estrepitozo corre
 Depois da chuva, ou qual o surdo ronco
 Do furacão que inda ameaça ao lonje.
 Quantos herois nas guerras imolaste!
 Mas no regresso, tão sereno e calmo,
 Eras o sol depois de uma procela,
 Plácida como a lua tua alma,
 Quando os ventos nos ares emudecem.

E hoje dormes no azilo mortuario!
 Bastam trez passos a medir o espaço
 Que encerra quem há pouco era tão grande.
 Quatro pedras de musgo tapeçadas
 Formam o só moimento que dos homens
 Te encomenda á memoria. Sobranceira,
 Uma arvore, já seca, desfolhada
 – Unica! – aponta ao caçador o túmulo
 De Morar o temido!

“Nem amante, nem mãe, sequer deixaste
 Para carpir-te ... Mas que velho é este?
 Bastão, que o apoia, roça-lhe os cabelos
 Embranquecidos pela idade; os olhos
 Roxos estão de pranto que verteram:
 Vem caminhando a passos vacilantes.

“Oh! Morar! é teu pai: não possuía
 Outro filho varão: ouvira anciozo
 Falar dos teus triunfos no combate
 E dos contrarios em derrota feitos.
 Oh! porque ignorou teu fado iníquo?
 Chora, pai infeliz! em balde choras:
 Dorme teu filho bem profundo sono
 Em leito entrado pela terra abaixo:
 Não há mais despertal-o
 Nem por milagre do clamor paterno

“Quando virá um matutino raio
 As sombras dissipar, findar-te o sono?
 Adeus, mancebo intrépido, valente
 Como os herois antigos:
 Não ver-te-á mais o campo de batalha,
 E a sombra da floresta
 Não te refletirá o elmo luzido.
 Filhos, que perpetuem os teus feitos,
 Não os tens, mas nos canticos de Alpino
 Teu nome e gloria transporão os tempos.

Esta canção de morte confranjeu-nos.
Do coração, – mais longo,
Mais sentido que os nossos, um suspiro
Ouviu-se ao nobre Armino,
Reminiscências de seu caro filho
Em flor colhido na manhã da vida!
Cármor, que cerca do ancião se achava,
“Armino (diz-lhe), porque assim suspiras?
“Entristeceu-te por ventura a lenda
“Do feiticeiro bardo?
“Nossas almas são cordas que respondem
“Da melodia ás vibrações: semelham
“O vapor que do lago ao céu se eleva
“E no vale se espelha
“Humedecendo as flores e a campina;
“Mas apenas desponta o sol nascente,
“O lijeiro vapor se desvanece.
“Deixa, pois, a tristeza,
“Ilustre chefe dos ilhéus de Gorma.”

VII

O PAI EM ORFANDADE (Cantico de Armino)

Armino

“Ouve, Cármor; assaz no peito hei magoas;
Tu és feliz, que os filhos não perdeste,
O bravo Cólgar e a gentil Anyra
São de teus olhos o enxergar continuo;
Teus ramos reverdecem,
E eu! – vivo só! – de minha raça o último!

Oh! quando ao terno pai que por ti chama,
“Bem sombrio é teu leito, ó minha Daura,
E bem profundo o sono que lá dormes.
Despertando rizonha,
Farás ouvir o doce de teus cantos?
Os murmurios do outono
Reboem pela selva solitaria;
Jorre do monte furiozo o arroio,
E as procelas do norte
Estalem, verguem o carvalho anozo.
Ó lua, pouza um pouco sobre o vale
Teu olhar melancolico; á minh’alma
Recorda a noite horrivel

Em que foi morto o meu valente Arindal,
Em que a donoza Daura,
Como uma estrela que nos céus desmaia,
Soltou do peito o extremo adeus á vida.

“Ó minha filha! tão serena e linda
Como o astro da noite na colina,
Excedias a neve na brancura,
E o respirar do zéfiro
Da voz suave na expressão tão meiga!
Quem há que ao meu Arindal igualasse?
No despedir da flecha nos combates?
Vapor sombrio sobre o mar pairando
Era o seu varonil volver dos olhos,
E no escudo brilhante,
Qual a nuvem no raio, tinha a morte.

“Armar, guerreiro celebre, por Daura
De amores entranhado, requestou-m’a
E alegres o festim aparelhámos.
Mas, por desgraça, outr’ora em luta franca
Caira um filho de Odegal ferido
De minha filha pelo bravo noivo.
Urdui atroz vingança o irmão do morto:
Toma o traje de velho marinheiro,
Simula sizudez, á praia abica
Em pescareja barca,
E á minha Daura sosegado fala:
“– Filha do nobre Armino, oh! dentre as virjens
“A mais perfeita e bela!
“Não avistas além, do mar em meio,
“Aquella rocha, a um lado sombreada
“Por arvore frondoza
“Que ajoujam belos e vermelhos pomos?
“Armar te espera lá; mandou-me á pressa.
“A mal aconselhada o segue. Chegam.
Chama o seu Armar; só responde o éco.
“– Meu Armar, meu espozo,
Oh! porque assim me deixas solitaria,
Expirando de medo?
Ecuta, escuta, é Daura que te chama.”
Entanto o vil traidor dali regressa
E em terra salt com sorriso infame.
Ouvia-se o gritar de minha filha:
“– Ó Armino! ó Arindal!
Ai! mesquinha de mim, que me abandonam!”

“Lá dece Arindal da colina oposta,
 Fatigado da caça. Ao lado as flechas
 Tinem: de sua dextra pende o arco:
 Cinco librêos de companhia o seguem.
 Eil-o que dá com os olhos no embusteiro,
 Corre apoz, já o alcança, a um robe o amarra,
 Quebra-lhe os ossos no apertar dos laços
 E o deixa no estertor e nos ronquidos.
 Então entra o batel e as ondas corta:
 Vai dar á irmã soccorro.

“Mas, oh! crime da sorte! Armar que chega,
 Não sabedor do cazo,
 Acuza Arindal, transportando em raiva,
 E a flecha que despede
 Vai do meu filho descozer o peito.
 Cai-lhe da mão o remo: a dura rocha
 Recebe-lhe o cadaver.
 A mizerrima Daura inda houve lagrimas
 Para chorar seu piedozo amigo.

“Das ondas no embater lá vai-se o esquife
 Desfeito e roto em fujidias taboas
 Armar delira; a nado se arremessa,
 Quer com Daura morrer; o mar se encrespa,
 E no enroscar das vagas
 Some-se envolto o nadador vencido.

“Só, sobre a rocha, já votada á morte,
 Minha filha gemia. Horrivel transe!
 Eu tinha ouvidos para ouvir-lhe as vozes,
 Falido em forças para dar-lhe auxilio!
 Em pé, na praia, a noite toda estive;
 Vi-a por vezes ao clarão da lua,
 E seus tristes lamentos,
 Voz de fantasmas, me coavam n’alma.

“Zunia o vento, a chuva redobrava!
 Antes da aurora clarear os montes,
 Sua voz foi morrendo,
 E por extremo se extinguiu nos ares,
 Como o da briza murmurar saudozo
 Que entre a folhajem volteando expira.
 Eis-me aqui só, sem filhos!
 De um o valor perdi, do outro as graças,
 De ambos o orgulho nos meus velhos anos.
 “Desde essa noite horrivel e medonha,
 Sempre que a tempestade os montes dece,

Sempre que o norte as ondas encapela,
 Vou na praia sentar-me
 E ao lonje enxergo o funebre rochedo.
 Ás vezes, quando a lua ao recolher-se
 Bruxoleia no palido crepusculo,
 Eu vejo além as sombras dos meus filhos
 Que conversam conversa de finados.
 Sim, ó Cármor, assaz no peito hei maguas,
 Pois vivo só, de minha raça o ultimo!”

VIII

EPILOGO

Assim os bardos, renovando as lendas,
 Enfeitiçavam da velhice os dias
 Ao nobre Fingal: das colinas lonjes
 Vinham os bravos escutar seus cantos
 E em derredor de Ossian,
 O chefe trovador, batiam palmas.

Mas agora o torpor da velha idade
 A voz me enrouqueceu, gelou-me o sangue.
 Ás vezes diante mim nos ares vagam
 As sombras dos cantores;
 Escuto seus fantásticos poemas,
 Mas a memoria foje-me traidora,
 E os anjos me sussuram tristemente:
 “A lira dependura dos salgueiros,
 Cantos do velho tempo;
 Em breve dormirás o eterno sono
 Em teu leito de vermes;
 E quem sabe se um bardo no futuro
 Memorará teu nome com saudade?”
 Além, além, passai, anos tristonhos:
 E já que sois os écos do sepulcro,
 Elle deve estar perto, vinde abril-o,
 Vinde abril-o e levai-me.

Eu sou demais na geração prezente;
 Os meus irmãos, os filhos da harmonia,
 Repozam todos na mansão dos mortos.
 Apoz elles, – só eu na terra existo, –
 Como um sussurro na cavada rocha
 Em meiga noite, quando os ventos calam,
 Enquanto o nauta, mar em fora, ao lonje
 Enxerga ainda as arvores da pátria
 E a pátria mesmo que se vai sumindo.

Composto do original de F. Octaviano. Revisto por Salvador de Mendonça. Editado por Luiz Barbosa. Impresso por Henrique Brown a 11 de Janeiro de MDCCCLXXII.

(Re-edição na Revista da Academia Brasileira de Letras (Publicação Trimestral), Ano I, N. 1, Vol. 1, Julho de 1910, Rio de Janeiro: J. Ribeiro dos Santos, pp. 324-337)



Ossian, Fils de Fingal, Barde du 3e Siècle; Poésies Galliques, Traduites sur L'Anglais de Macpherson, Par Letourneur. Nouvelle Édition, vol. II, Paris: J.G. Dentu, 1810.

O RAPTO D'OITHONA⁴²

Poema d'Ossian

(Ajustára-se a união entre Gaul, filho de Morni; e Oithona, filha de Nuath, e irman de Larmon; mas antes de ella se contrahir, Nuath, Larmon e Gaul tiveram de partir para a guerra. Drumal, soberano da ilha d'Uthal, provavelmente uma das Orcades, aproveitando a ausencia dos guerreiros, accommetteu o palacio de Dunlarmon, e roubou Oithona, que foi esconder na ilha deserta de Tromathon. O poema começa, quando Gaul, voltando a Dunlarmon, não encontra lá sua amante).

De Danlarmon⁴³ o paço abandonado
Nas trevas jaz; meia escondida em nuvens
Das montanhas além se inclina a lua:

Dissereis que p'ra longe afasta os olhos,
Como preveno as máguas, a tristeza
Que 'n esses muros choverão em breve.
É sem astros a noite, e a hora é esta
Em que vigia o crime, e occulta os brados
Das victimas no horror d'altas torrentes.

Na planicie Gaul ligeiro corre;
Mas como a habitação da terna amante
Jaz em fundo silencio, e tudo e ermo!

- «Bella Oithona, onde estas? Larmon partira
Para á lucta voar, mas tu juráras
De viver de teu pae no alto castello,
E de olhos longos aguardar ao longe
Do filho de Morni a anceada vinda:
Quando eu saí as lagrimas banharam
Tuas formosas, delicadas faces,
O teu seio estuar eu vi de angustia;
Mas hoje, oh diz! porque nao vens correndo
A encontrar o amado, alegres cantos

Unindo aos sons melodosos d'harpa?» -

C'os olhos em Dunlarmon caminhando
Assim Gaul tristissimo gemia.
As portas par em par abertas eram,
Nem uma luz lá dentro scintillava,
E pelas amplas, solitarias salas
Perpassava a rugir lugubre o vento;
Orphans de folha as arvores se mostram;
A terra muda jaz; silencio é tudo,
E só da noite os mil rumores se ouvem.

'N um rochedo Gaul então se assenta.
Cuidoso e triste o coração lhe augura
Um desastre fatal; su'alma inquieta
Prescruta a sorte da gentil amante,
Mas por mais que imagine a sorte d'ella
Permanece na dúvida; nem sabe
Par'onde vá; no emtanto ao longe Morlo,
Que com elle viera, lá se assenta,
E á vista de tal dor profunda, amarga
Ao amigo infeliz fallar nem ousa.

Por fim o somno aos dois heroes descende,
E com elle as visões proprias da noite.
Eila Oithona, eis se mostra á mente alheada

⁴² "Oithona: a Poem", publicado pela primeira vez em *Fingal* (1762). G. B.

⁴³ Seguindo o exemplo do traductor italiano de Ossian, julguei-me com o direito de dar aos nomes proprios empregados n'este poema uma construcção e desinencia mais conforme á indole das linguas de origem latina: assim de *Dunlathmon* fiz *Dunlarmon*, de *Lathmon* fiz *Larmon*, de *Duromat* fiz *Drumal*.

Do filho de Morni. Preto o cabelo
Em desordem fluctua-lhe, e dos olhos,
De seus olhos formosos mana o pranto;
Do niveo braço rubro sangue estilla,
E nas pregas da tunica mal cobre
Cruel ferida do mimoso seio.

- «Ai! dorme aquelle que meus olhos viam
Com tão profundo amor! Gaul descança
Longe da triste, abandonada virgem;
Um amplo mar circumda em crespas ondas
De Tromathon a ilha, e eu, desgraçada!
Em profunda caverna eu choro, eu gemo,
E não 'stou só: que horror! Drumal odioso
A meu lado, a meus pés eu veijo sempre;
Abominoso affecto me offerece,
Insta, ameaça, e seu furor se augmenta;
E por fim que barreira a tal fezeza
Ai! pôde oppôr a desditosa Oithona?»

Mas eis que o vento sussurrando em furia
Prostra a cima dos robles annosos,
E a pallida visão se desvanece.
Sobresaltado então Gaul accorda;
Ergue-se, e, a lença arrebatando irado;
Para oriente amiude os olhos volve,
E sem cessar maldiz de tarda aurora.

Em fim rompe a manhan; incham-se as velas,
Sopra vento da terra, e sôbre as ondas
Do mar o seu navio vae saltando.
Pelo terceiro dia entre o oceano
Eis lhe apparece, e pouco a pouco eis surge
De Tromathon a ilha, qual das vagas
Se erguesse amplo e azul broquel guerreiro.

Fitos osolhos na extensão dos mares
Sôbre a praia chorava a triste Oithona.
Ao ver Gaul disposto a vindical-a
De pudor toda estremeceu, e os olhos
Ao longe desviou; p'ra terra pendelhe
Triste o semblante; subitaneo peijo
Suas pallidas faces afogueia,
E c'os braços gentis procura embalde
O seio resguardar turgido e bello.
Tres vezes tenta de fugir da praia,
E tres vezes os tremulos joelhos
A tal desejo obedecer se esquivam.

- «Oithona, o filho de Morni lhe brada:
Porque longe de mim fugir intentas?
Caso nos olhos meus lampeija a morte,
Ou no meu coração se asylla o odio?
Doce raio d'aurora, oh! vem guiar-me
'N este inhospito chão, nem mais tristeza
Teu coração ternissimo lacere.
Onde e teu roubador? Sede pungente
Tenho de vel-o já, e a espada ao lado
Treme impaciente de punir o infame:
Responde, ó filha de Nuath; que eu ouça
Tua sonora voz; vê como turvos
De lagrimas e amor estão meus olhos.» -

- «Illustre heroe, a virgem lhe suspira;
Porque entre os escarceus d'um mar irado
Vens procurar a desditosa Oithona?
Pobre de mim que não me coube a vida
Ignorada passar 'n um ermo agreste,
E expiar lá qual simplicie florinha,
Só vista pelo ceu, ignota ao mundo
Sôbre a rocha natal desponta e morre!
E eu morro, ai triste! na manhan da vida,
Sem traz de mim deixar uma lembrança
A dizer que eu vivi; breve o meu nome
De todo esquecera qual echo inutil,
E os poucos que esse nome recordarem,
Esses só magua sentirão com elle,
E meu pae verterá baldado pranto.
E tu tambem, moço gentil, de Oithona
A perda chorarás, mas ella inerte
Na campa dormirá, e a voz e as queixas
Não ha de ouvir d'aquelle, que adorava.
A que vens pois a est'ilha desgraçada?» -

- «Venho buscar o teu cruel imigo,
E libertar-te ou perecer... Se a sorte
Hoje infausta me fôr, manda o meu tumulo
Erguer 'n este rochedo, e, quando vires,
Um navio fender azues as vagas,
Chama bradando os filhos do oceano;
Entrega-lhes depois a minha espada,
E dize-lhes que a Morni illustre a levem,
P'ra que não mais o velho venerando
Os olhos em redor volva inquietos,
Cuidando ver o vulto de seu filho.»

- «E acaso crês que Oithona um só momento
 Poderia viver depois que a morte
 Lhe roubasse Gaul?! A natureza
 Meu pobre coração não fez de gêlo,
 Nem insensível pôde ser minh'alma
 Como o mar, que levanta as mesmas aguas
 Ou durma em placidez ou ferva irado.
 O mesmo golpe, que te extinga a vida,
 Ha de tombar-me enregelada e morta:
 Junctos assim, expiraremos junctos.
 Já me tarda o morrer, pesa-me a vida,

Todo o meu coração se despedaça;
 E sinto só que a unica alegria
 Fôra p'ra mim dormir a paz das campas
 Bem juncto de Gaul. Ilha funesta,
 Oh! nunca me verás deixar-te as praias!

Para a guerra Larmon partido havia,
 E ao lado de meu pae, sobre os rochedos
 Do asperrimo Dutormo, o imigo instava.
 Baixára a noite; e solitaria e triste
 Era eu no meu palacio, e me sentára
 Em tórno ao lar, onde um carvalho ingente
 Em lavaredas rubidas ardia.
 Lá fôra impetuoso em furia insana
 Bramia o vento, e as torres abalava,
 Gemidos agudissimos soltando,
 Quaes phantasmas pairando no arvoredos.
 Mas eis que á porta armas guerreiras soam:
 Toda 'stremeço e o coração de alegre
 Me lateija: - a deshoras taes quem fôra
 Se não Gaul de Morven regressando?
 Ai! mas triste de mim eu me enganava!
 Era o feroz Drumal: entra; seus olhos
 Dizem furor; em punho a espada brilha-lhe
 Gotejando de sangue; e os meus amigos,
 Que tentaram salvar a pobre Oithona,
 Todos lá fôra exanimes jaziam,

Que podia eu fazer? Fraco era o braço
 Para me oppôr ao barbaro inhumano,
 Que surdo aos ais, que surdo a meus gemidos
 Ao navio traidor me arrasta em pranto.
 O coração tremia-lhe de medo;
 E a vingança do irmão da triste Oithona
 Lhe bradava partir: mas... vê, no oceano.
 E elle, é nosso imigo; eil-o fendendo

As ondas vem cercado de valentes:
 Agora onde irás tu?» -

- «Vou ao combate!
 Brada o heroe tirando a dura espada:
 Nunca fugi; e conhecer o medo
 Começaria ao ver ante meus olhos
 O teu perseguidor! 'Sconde-te, Oithona;
 Vae, que esta gruta asylo te offerece.
 Tu, Morlo, dá-me de meus paes as armas;
 E, em quanto aqui os nossos tres guerreiros
 Ao infecto esquadrão as setas vibram,
 Vamos nós ambos combater co'a lança.
 E que rondão, que exército! Partamos!
 Não pôde o número intibiar os fortes:
 Partamos!»

Na caverna a pobre Oithona
 Agora está: vislumbre de esperança
 Em seu turbado espirito atravessa,
 Qual relampago fende escura nuvem;
 E no íntimo d'alma um nobre empenho
 Acaba de formar: seccam-se as lagrimas,
 E os olhos inspirados lhe fulguram.

Drumal no emtanto acerca-se: - pausado,
 E seu passo; o desdem se estampa frio
 Pela face impassivel, temerosa ;
 Aspero insulto lhe sorri nos labios;
 E debaixo das torvas sobrancelhas
 Despede um duro olhar prenhe de raiva.

- «Estrangeiros, quem sois? irado exclama:
 Cuspiu-vos 'n esta praia a tempestade
 Feia do mar, ou vindes dominados
 Pel'ancia de roubar-me a bella Oithona?
 Ai do mesquinho, que se expoem á ira,
 E ao braço de Drumal! A nenhum poupo,
 E até acho prazer de em rubras ondas
 Ir-me banhar de sangue d'estrangeiros.
 Oithona é para mim astro formoso
 Que brilha no meu ceu: d'ella os encantos
 Sou eu senhor, e quem turbar-me a posse
 Pretenderia audaz? Se é este o intento
 Corn que aqui vens, ó pallido guerreiro,
 Podes perder a placida esperança
 De voltar de teus paes ao nobre alcaçar.» -

- «O filho de Morni já não conheces?
Gaul responde sacudindo as armas:
Ja deslembra-te o dia em que fugias
Diante de mim cobarde e temeroso;
Quando o meu gladio o exército de Larmon
De Morven pelos pinaros ceifava?
Drumal, tens hoje o arrôjo d'insolencia,
E fallas com desdem porque mui perto
Sentes de ti bom número de guerreiros;
Mas olha que o meu ânimo não sente ,
Pavor co'a multidão, nem no meu sangue
Gira gotta de raça de cobardes.» -

Assim dizendo, rapido qual raio,
Contra o imigo investe: em vão procura
Drumal por entre os seus achar guarida,
Que a lança de Gaul mais presto vòa,
E por um lado as carnes lhe atravessa:
Depois, tomando da valente espada,
Alli lhe corta a languida cabeça;
Aonde o torvo olhar baço co'a morte
Inda o contrario ameaçar pertende.
Por tres vezes Gaul nas mãos levanta

Pela incondita grenha, e no ar sacode
Esse tropheu sanguento. Espavoridos
Os socios de Drumal do campo fogem;
Mas ai d'elles que as settas inimigas
Chovem por derredor estrago e morte;
E os tristes cáem pelo chão quaes gamos
Do caçador ao ferro; os mais, que restam,
Saltam nas naus, e pelo mar se evadem.

Livre do p' rigo, alegre co'a victoria
Gaul á gruta lança-se, que ha pouco
A Oithona infeliz refugio dera.
Entra; - encostado a funebre rochedo
Um moço esta co'a frente ao chão pendida,
E a frecha, que no peito lhe atravessa,
Cruor estila, e murcha-lhe o donaire
Aos olhos formosissimos: piedade
O filho de Morni sente no peito;
E chegando-se ao languido guerreiro
Estas palavras diz do fundo d'alma:

- «Pobre menino! Ai! se pudesse acaso
O filho de Morni curar-te as f'ridas !...
Sei distinguir as plantas da montanha,
Eilas colher á beira das torrentes:
Bem vezes minha mão já sanou golpes
A famosos heroes, e o sentimento
De sua gratidão me ha bençoado.
Confia em mim!... e dize-me em que terra
Viviam teus avós? por certo illustres
Deviam ser; e agora que amargura
Não vaes causar, ó moço desditoso,
Se pereces assim na flor dos annos!» -

- «Sim, volve o joven, os meus paes são nobres;
Ai! mas ninguém me chorará na morte,
Porque a gloria, o meu nome se esvaíram;
Qual vapor da manhan. Por sôbre as margens
De Duvrana um palacio se levanta,
Cujas torres de musgo revestidas
Se vão mirar nas aguas da torrente.
Sobranceiro ao alçar um rochedo
Vae pelo ar mostrando o verde tope
D'altos abetos, que o viajante ao longe
Póde bem distinguir: é lá que habita,
Meu irmao, que tem nome entre valentes,
Sinto que vou morrer; da vida o lume
Já não é para mim, e em breve instante
Meu coração não arfará no peito.
Mas antes de expirar tenho uma prece
De te dizer; é o derradeiro anhele
De quem breve abandona o mundo, a vida.
Ó filho de, Morni, larga estas margens,
Segue o norte do lapido Duvrana;
Entra de meus avós no alto castello,
Falla ao triste Nuath, e dá-lhe est'elmo,
E diz-lhe que e penhor de que na morte
Busquei lavar o opprobrio; que sentia.» -

D'entre as maos de Gaul o capacete
Ao ver Oithona cáe. Na gruta as armas
D'um mancebo guerreiro revestira
A donzella infeliz, e a morte fôra
Buscar no meio do feroz combate.
Sem vigor, sem alento os tardos olhos
Levanta a custo, e gotta a gotta o sangue
Inda mana do golpe.

- «A minha campã
 Ó filho de Morni, murmura a triste,
 Minha campã dispoem: da morte o somno
 Est'alma entorpecida assenhoreia,
 E já de nevua os olhos se me enturvam.
 Porque não fiquei eu nas crespas ribas
 De Duvrana! Sem mancha a minha gloria
 Seria então; os dias meus, ditosos
 Se escoariam n'alegria e riso,
 E as candidas donzellas 'spalhariam
 Sôbre meus passos amorosa benção;
 Mas não era p'ra mim essa ventura;
 E eu morro aqui no viço de meus annos,
 E meu pae no palacio solitario
 Ha de corar lembrando a triste filha,
 Que torpe roubador levou nos braços.» -

A voz se extingue, o alento lhe fallece;
 E juncto d'um rochedo a triste virgem
 Pallida cae. A fria sepultura

O seu pobre amator alli lhe cava:
 E apóz, nas naus entrando, á patria volta:
 Mas ai d'elle! da amante a doce imagem
 Por toda a parte o segue, e no imo d'alma
 Sente um pezar, que a vida lhe tortura,
 E a quem o vê o coração magôa.

Tomei então minh'harpa desprezada,
 E os louvores cantei da bella Oithona.
 Á minha voz no pallido semblante
 De Gaul se mostrou meiga alegria;
 Mas breve se esvaía; e ora risonha,
 Ora mui triste a face se mostrava.
 Assim quando findou rude tormenta,
 Apesar de caçado o vento ás vezes
 Vae revolver a solidão dos ares.

Luiz Ribeiro de Sottomaior, *Poesias* (1862),
 pp. 92-106. Publicado pela primeira vez
 na revista *O Instituto*, vol. IX, n.º 15, Coimbra, 1861.



Ossian, Fils de Fingal, Barde du 3e Siècle; Poésies Galliques, Traduites sur L'Anglais de Macpherson, Par Letourneur. Nouvelle Édition, vol. II, Paris: J. G. Dentu 1810.

A GUERRA DE CAROS⁴⁴

(Traducção livre d'Ossian)

(Caros é provavelmente o bem conhecido usurpador Carausio, que usurpou a purpura imperial no anno de 284, e, apoderando-se da Britania, desbaratou o imperador Maximiniano Heraclio em diferentes batalhas navaes, o que lhe torna proprio o nome que 'n este poema se lhe dá de *rei das naus*. Para pôr um freio ás invasoens dos Caledonios, mandou reparar a muralha de Agricola; e parece que, durante o tempo de tal obra, é que foi atacado por Oscar , filho de Ossian. Esta batalha é o assumpto do presente poema, que é dirigido a Malvina, filha de Toscar, e, no tempo em que elle foi composto, já viuva de Oscar).

Ó filha de Toscar, traze-me a harpa,
Que a alma d'Ossian fervida já sente
A luz da inspiração! E qual o plaino
Se as collinas em torno a sombra empana
E pouco a pouco vem 'stender-se a nuvem
Pelos campos do sol, tal é minh'alma!
Sim, nem terra, nem mar já vê'm meus olhos,
Nem do mundo as paixoens; - um fogo ardente
Meu sangue frio e entorpecido escalda
E entusiasmo nobre me arrepeça
Longe, longe! É realidade ou sonho?
Onde vou, onde corro, onde me elevo?
Em que soes pairas tu, minh'alma alheáda?...
Luz dos cantos! Por ti outro me sinto!...
Es tu, és tu!... E as nevoas do passado
Se rasgam já: que vejo? Ei-lo o meu Oscar!
Fingal, Ryno, Lamor! - sombras augustas!...
Ei-lo, Malvina, o filho, ei-lo eminente
De Crona ao alcantil! Quanto me aprazes,
Nuvem, que os mortos meus vens retratar-me!...
Não m'a rasgueis, passae, rabidos ventos,
Vós que aballaes os alicerces d'Arden!

E eu vou cantar! - Sabei, filhos de Morven,
Antiga narração; e tu, Malvina
Vem junto a mim sentar-te e ouve meus cantos!

Em potentes baixeis o mar fendendo
Ladeado dos seus, soberbo e altivo
Caros lá vejo vir de longes terras,
Dos heroes abicar á patria illustre.
Brilham-lhe as hostes de armaduras d'aço,
Nas bandeiras a aguia lhe fulgura
E pojando na praia se dirige
O muro a reparar. Insta o perigo,
As sombras dos avós guerra apregoam,
E Oscar ambicioso de renome
Os seus ajunta e o velho Ryno envia
O numero a saber dos estrangeiros.

Quem murmurando canticos se acerca
De meu filho? Os cabellos lhe fluctuam
Raros es brancos ao soprar da brisa,
Traz valente um bordão e alegre o rosto,
E a Caros amiude os olhos volve.
É Ryno o harmonioso, que aballara
Os passos vigiar da gente imiga.

- Que faz, ó bardo dos antigos tempos,
Esse Caros, o rei de vellas cento?
A su'aguia orgulhosa acaso estende
Pelo paiz de Morven? - Taes o filho
Do filho de Fingal assim dizia.

⁴⁴ "The War of Caros: a Poem", publicado pela primeira vez em *Fingal* (1762). G. B.

- Oscar - lhe volve o bardo - a aguia fulgura,
 Mas ai d'elle que só além dos muros
 Ell'ousa apparecer de fraca e timida
 E por sobre o reparo a medo os olhos
 'Stendendo o rei, terrivel te afigura,
 Qual da noite o fantasma temeroso
 Que com mil vagalhoens as naus lhe rende.
 - Vae, ó tu dos meus bardos o primeiro -
 Oscar diz - de Fingal a lança empunha,
 Bem na ponta lhe liga um'acha em flama,
 Do céu aos ventos quatro apoz a agita
 E teus cantos dizendo o rei provoca
 Suas naus a deixar; - diz-lhe que eu ardo
 As minhas forças de provar com elle,
 Que de caças meu arco é já cançado;
 Diz-lhe que homens valentes me fallecem
 E d'annos o meu braço inda está verde.

Partiu. Oscar então a voz altiva
 Tão forte ergueu, que lá d'Ardven nos cerros
 Seus guerreiros intrepididos ouviram
 Qual o fragor da lobrega caverna.
 Quando o mar de Togorma a assalta em furia
 E do vento ao soprar os robles gemem.
 O sabido signal reconhecendo,
 Uns apoz outros os guerreiros descem,
 Quaes da montanha as rapidas torrentes
 Se a tormenta em furor lhe dobra orgulhos.

No em tanto Ryno os passos avançando
 A Caros poderoso emfim se afronta
 E, a lança em chamas sacudindo aos ventos,
 Taes palavras assim do peito arranca:
 O' tu, que zombas do furor das vagas,
 Que o oceano indomito avassallas
 Ao jugo forte dos baixais, que tardas
 Que não vens combater selvagens hostes?
 Que está só e Fingal d'aqui bem longe
 Em Morven ouve os canticos dos bardos
 E o zephyro natal lhe agita a coma
 Lá tem ao canto a lança temerosa
 E o seu broquel: vem pois, ó rei: - que tardas?
 Oscar é só; vem pois e Oscar assalta!

Caros cedeu, pojou na praia; e o bardo
 Murmurando seus canticos regressa.
 Pelas ribas de Crona amplo silencio

E ampla escuridão o envolve inteiro.
 Não se ouve um grito ou voz; só se ao longe
 Tão lugubre mudez quebram torrentes
 Fervendo em 'spuma e rabidas rebramam
 Pelos eccos do vall'ouco rebombo.
 Tristes então os mil fantasmas d'Ardven
 Occorrem e ao longe aos olhos mostram
 Suas aereas, impalpaveis formas.
 Meia escondida em meteoro horrivel
 Lá vem Concala e Hidallan sombrio,
 Com seu manto tenaz lhe occulta o brilho.

- Porque estás, Hidallan, sombrio e triste?
 Diz Ryno, que elle só notava o chefe:
 Porque estás triste tu? Caso o teu nome
 Nas harpas não soou d'augustos bardos?
 Não houveste Ossian p'ra cantar teus feitos?
 Não te contenta o animo grandioso
 De gloria o teu laurel? E inda estás triste!
 E a tua sombra vem pairar nos ares
 E d'um c'rocheu de nuvens se debruça
 A ouvir os hymnos do cantor de Morven?

- Mas como - Oscar lhe diz - teus olhos notam
 A sombra d'Hidallan? Diz-nos, ó Ryno,
 A morte d'esse chefe temeroso,
 Qual o cometa que por noite aziaga
 Fuga e terror vae palido espalhando.
 Diz-nos que aneio de saber-lhe a morte,
 Que de Crona aos rochedos e ás torrentes
 Das montanhas ligado está seu nome.

- Fingal banira - o bardo lhe responde -
 Hidallan do seu campo das batalhas
 E era a razão, que o rei ardendo em zellos
 Por Comala gentil, a ver tal chefe
 Não se podiam costumar seus olhos.
 Banira-o pois; e triste e solitario
 O pobre Hidallan ei-lo em silencio
 De tardo pé lá vae buscar a patria.
 Pendem-lhe ao lado as armas em desordem,
 Os cabellos fluctuam-lhe na fonte
 E nos seus olhos humilhados brilha
 Uma lagrima e seu peito aneicia, arqueja
 De ardente suspirar. Errante vaga
 Por tres dias nos montes, e ao cabo chega
 A casa de Lamor. - Castello ativo

Era ella e a era de seus annos
Das troneiras pendia e na torrente
De Balva iam lá baixo projectar-se
De esguias torres os musgosos tectos.

Quando chegou a um'arvore sentado
Era Amor, que cego já dos annos
Seus turvos olhos estendia embalde
Como um adeus soltado á natureza.
Pobre velho! seu povo se aballára
Com seu filho na guerra a cobrar gloria
E preso elle ás correntes de seus annos
Ficára ali co'a fronte encalvecida
Encostada ao bordão e as fortes armas
A um canto lá em ocio vil, inutil!

Aos passos d'Hidallan Amor conhece
Seu filho e a cabeça um pouco erguendo
Pesado lhe dirige estas palavras:
- O filho de Amor é quem eu vejo
Ou spectro seu? Acaso nas ribeiras
De Carun escabrosas tu morreste,
Filho do ancião Amor? Mas se teus passos
É que eu ouço, aí então onde os valentes,
Onde, infeliz de mim, são meus guerreiros!
Ao som de seus broqueis, toldando os ares
De gritos mil elles voltar usavam;
Mas tudo em torno a ti, tudo está mudo!
Onde estão pois? Acaso nas ribeiras
De Carun mortos são?

- Não! volve o jovem -
Arrancando um suspiro; - lá na guerra
Inteiro o povo de Amor existe;
Sobre todo o broquel a gloria fulge
Sobre só um, sobre Hidallan vergonha
Eterna, ó pae, vem deslustrar-me o nome
E em quanto os meus se envolvem na peleija,
Cumprer sentar-me aqui por junto ao Balva!
- Mas teus pais - lhe tornou Amor soberbo -
Nunca vieram 'spairecer a vida
Junto do Balva em quanto das batalhas
Rebombava o clamor. Vês esta campa?
É do valente Garmallon que nunca
Soube fugir do campo das batalhas!
Garmallon, Garmallon, 'sconde-me a face

Que meu filho fugio, tudo hei perdido !
Nobre era o nome que eu herdei, mas hoje
Só que me resta, ó pae? Resta-me a tumba!
- Rei de Balva - Hidallan diz suspirando; -
Porque afliges assim minh'alma triste?
Ouve, Amor! Eu não fugi; d'amores
Triste Fingal me ha recusado a honra
De o imigo pugnar junto a seu lado.
Volta, me disse, ás rabidas torrentes
De teus campos de bruma e lá definha
Qual roble a que prostrou ventou de Balva
Para não mais erguer au céu a fronte!
- E hei-de eu ouvir o estrondo solitario
Dos passos d'Hidallan? - Amor lhe volve -
Em quanto bravos mil com gloria morrem,
Ha-de meu filho vir sentar-se inutil
Sobre as minhas torrentes! Que vergonha!
Sombra do nobre Garmallon! conduz-me
A tua ultima estancia que estes olhos
Já se escurecem, triste está minh'alma,
E su'honra meu filho ai tem perdida!
- Mas onde - o moço exasperado exclama: -
Onde irei buscar gloria bastante
A' alma de Amor? D'onde em triunfo
Voltarei p'ra que o som d'armas e vozes
Possa encontrar-lhe o ouvido? Ai se ás montanhas
Vou mover guerra ao javali, meu nome
Não ouvirá ninguem e da collina
Quando eu voltar Amor doces caricias
Não fará a meus fêrvidos molossos.
Onde pois irei eu buscar a gloria?!...
- E resta-me o cahir qual o carvalho
Sem folhas: n'um rochedo ia medrando,
Mas o tufão rugiu e ei-lo por terra!
Morreu e inglorio assim eu morrer devo!
Vae, ó meu filho, de Amor aos paços
Que de nossos avós encerra as armas;
Lá jaz de Garmallon a espada illustre.
Que d'imigo alcançou; - traz-me essa espada!

Partiu; em breve a espada, a um cinto preza
De exquisito lavor, ao pae entrega.
- Conduz-me, ó Hidallan, do pae á tumba,
Que se ergue ao-pe d'um'arvore viçosa
De tremula folhagem: - eu oiço a brisa
Já ciciar na erva, que o circunda;

Uma fontinha branda lá murmura
E á torrente de Balva apoz se abraça.
E lá que eu quero descansar que o dia
Já corre em meio e o sol luz na planície.

De Garmallon ao tumulto chegando
Toma Lamor da espada e o braço erguendo
N'um derradeiro esforço, o peito vara
De seu filho infeliz. Espirra o sangue,
Jorra em ondas e apoz, tirando o velho
D'um jacto a espada ao corpo simivivo,
A ensopa em si e miserando cahe!...

Ide, ó filhos de Morven, ás torrentes
'Strepitosas de Balva e n'uma campã
Filho e pae vereis 'star inda hoje unidos!
Cerca-os em torno o polido destroço
Dos paços, que prostrou a mão do tempo;
Lá negros 'spectros se alewantam sempre,
Mudos os montes são e o vall' é mudo
E qual se ali fosse um logar de espanto
A' tumba de Lamor se esquivam todos.

– Illustre bardo dos antigos tempos,
Oscar diz, o teu conto oh como é triste!
Como nos faz ancian! Minh'alma geme
Por Hidallan; ai d'elle! uns breves dias
Contou de primavera e agora paira
Sobre as azas do vento do deserto
Em terra estranha. Aquí fez breve pausa
Oscar, e apoz tornou: – Filhos de Morven
Ide passar em canticos a noite;
Atalaia as forças inimigas
Que o praso da batalha se avesinha.
E em tanto eu vou para os heroes, que foram,
Para essas sombras silenciosas d'Ardven,
Onde em nuvens escuras assentados
As guerras do provir meus paes contemplam.

Oscar de tardo pé sobe a collina.
Ante seus olhos meteoros fulgidos
Apparecem da noite e uma torrente
Ronca e a espaços lá eccõa ao longe
E os ventos gemem nos annosos robles.
Perde a luz pouco a pouco inteira a terra
E com solemne magestade a lua
Detraz do ultimo cerro esconde o rubro,
Enublado crescente; adeuses solta,
E mui triste depois desaparece.
Debeis vozes então se ouvem no brejo
E Oscar tirando a espada assim exclama:
– O' sombras de meus paes, ó vinde, vinde!
Vós, que haveis combatido os reis do mundo,
Descendei a dizer-me as grandes coisas,
Que tem de acontecer e o que nas vossas
Negras cavernas concertaes vós todos,
Quando juntos por lá miraes o mundo
E os vossos filhos contemplaes na guerra!

Dissera; e de seu filho á voz potente
Trenmor baixou dos montes. Uma nuvem,
Semelhante ao corcel dos estrangeiros,
Os seus membros aéreos sustentava.
Tece-lhe ao corpo as fluctuantes roupas
Nevoa de Lano⁴⁵, que dá morte aos povos;
A espada, que no cinto lhe flamêja,
È verde, quasi extincto meteoro
E no semblante informe e tenebroso
Com horrivel luzir dois olhos brilham.
Ao chegar vezes tres o heroe suspira
E tres vezes da noite os ventos roncam!
Largo a Oscar fallou, mas as palavras
Cortadas ao ouvido nos chegavam
E confusas e escuras como as lendas
D'antigos dias, quando a luz dos cantos
Sobre o passado não se erguia ainda,
Trenmor depois das praticas somindo
Se foi no ar e emfim desfez-se a sombra,
Como a nebrina quando um sol radiante
Nas montanhas brilhou e a espanca ao longe.

⁴⁵ Lano era um lago da Scandinavia, celebre em tempo d'Ossian pelos vapores pestíferos, que exhalava no outomno.

Foi então que o mancebo a vez primeira,
 O' filha de Toscar, sentiu tristeza.
 Ai d'elle que seus olhos no futuro
 Viam da sua raça a ignobil quéda!
 Meditação sombria o tinba ás vezes
 E o pallido semblante lhe alterava,
 Bem como o sol tendo brilhado em Cora
 Nuvem lhe empana a face e as trevas descem.

Co'as sombras de seus paes Oscar a noite
 Passou fallando e como a branca aurora
 Tentasse de romper, já sobe as margens
 Se achava de Carun. Lá sitio existe,
 Em que uma campã se distingue em meio
 D'um vall' risonho; placidas collinas
 Erguem aqui e ali suas cabeças
 E da brisa ao soprar seus vastos ramos
 Curvam á terra as arvores gigantes.
 Era lá que de Caros os guerreiros,
 Tendo passado a rapida corrente
 Pelo callar da noite, se enxergavam;
 E quem assim os visse á luz bacentã
 Do alvorecer, talvez notar cuidasse
 Troncos d'abetos, que seccasse o raio.

Oscar parou junto da tumba e erguendo
 Por vezes tres a voz altiva e horrivel,
 Por tres vezes os valles retumbaram.
 'Stremece o gamo e as sombras dos finados
 Priscos heroes espavoridas fogem
 Nas nuvens ululando gritos lugubres.
 - Tanto a voz de meu filho era tremende
 Ao chamar ao combate os seus amigos!
 Mas, filha de Toscar; ah porque choras?
 Porque nas minhas tuas mãos 'stremecem?
 Se Oscar lá vêjo só, elle é meu filho!
 Como o fogo do ceu, seu braço fere;
 E qual cometa que as estrellas varre
 Com a cauda feroz, tal sua espada
 Lampêja sobre as hostes estrangeiras.

- 'Stou só - diz elle - em meio d'inimigos
 Mas que rondão de gente, espadas, lanças!
 E eu fugir? Meus paes nunca fugiram!
 De seu braço as facções jazem inscriptas
 Em mil duras, mil férvidas pelêjas;

E hei-de eu fugir? Oh não que a gloria busco!
 Vinde, vinde, ó fantasmas nebulosos
 De meus paes, vinde ver minhas proesas:
 Posso morrer, mas qual raça de Morven
 Então nas bocas soará meu nome!

Callou-se e mudo e forte e magestoso
 Todas do corpo as forças envidando,
 Qual torrente feroz, que um valle aberta,
 Dá sobre o imigo e o encontro principia.

Então do Crona os seus rompem fervendo.
 Como quando de neve o albo penhasco
 Se se dos montes despejou rolando
 E rolando lá vae troando os ares;
 Nada ha que essa carreira embargue, estorve;
 Tudo cede; - lá prostra mil cabanas
 Morre o pastor e o seu redil, lá morre
 Surpreza a gente, arrasam-se os castellos
 E quem com vida fica olhos de magoa
 'Stende por esse campo de ruinas.
 Assim d'Oscar as gentes sobre o imigo
 Caem, voam; precipites no golpe
 Ferem aqui e ali; o sangue golfa,
 Dez mil espadas pelo ar fulguram:
 Tomam fuga de Caros as fileiras;
 E o numero dos cadaveres atesta
 Que a victoria é por nós, que é nossa a gloria.

Mas, Ossian, a que fim cantar batalhas
 E os feitos dos heroes! Ai pobre velho!
 Como o braço me cae e a mão já tremula
 Covarde verga ao peso d'uma espada!
 Como a fronte que outr'ora erguia altiva
 A mandar minhas hostes á pelêja
 Hoje se humilha ao chão! ai triste sorte!
 Bem feliz quem morreu na juventude,
 Traspassado das lanças inimigas
 Em pról da patria! Lá feliz descança,
 A falta não sentiu de seus amigos
 Nem - oh horror! - c'o a espada a mão tremer-lhe!
 E sua sombra a divagar nas nuvens
 Ouve os hymnos dos bardas, que á porfia
 Sabre a campã lhe vem cantar victoria!
 O' filha de Toscar, a harpa emmudece
 E a luz da inspiração morre em minh'alma!

Já meus olhos não vêem do filho a sombra
 De Crona ao alcantil; – fugiu, sumiu-se,
 Os ventos para longe a hão conduzido
 E o seio de seu pae geme em tristeza!
 Oh leva-me, Malvina, ao ouvir o grato
 Remurmurar dos bosques meus; conduz-me
 Ao rugir das torrentes das montanhas;
 Deixa que lassos olhos estendendo
 Pelo triste horizonte do passado,
 Se quer relembre esses ditosos dias,
 Ai! esses dias que eu passei na vida
 Tão feliz e tão bem e apoz morreram
 E saudade mortal me espinham n'alma!
 Depois, filha gentil, traze-me a harpa;
 E quando me tocar a voz do canto
 Vem a mim para ouvir meus nobres hymnos!

Em breve o coração ha-de ensinar-l'os
 E depois tua voz saltando aos ares
 De seculos em seculos o meu nome
 Unido ao teu ha-de viver p'ra sempre!
 E um dia lá os filhos das covardes
 Observar virão nossas ruinas
 E aos rochedos de Crona os olhos dando
 Clamarão: – Era aqui d'Ossian a torre! –
 Pobres d'elles, que raça abastardada
 Nossos chefes e leis, nossos costumes
 Inveja lhes trarão e nós, Malvina,
 Em tanto iremos a pairar nas nuvens
 Sohre as azas dos ventos das tormentas;
 E os nossos hymnos troarão na brisa
 E nos éccos esconsos do deserto.

Tradução de Luiz Ribeiro de Sottomaior (Março de 1851) publicada na revista *A Peninsula: Jornal Literario e Instructivo*, 1.º Volume, Porto: Typographia da Revista, 1852, pp. 354-357, e 369-371. A versão incluída na colectânea, *Poesias* (Sottomaior, 1862), é diferente⁴⁶.



On the rocky bank of a stream, sleep the daughter of Malvina.

The Poems of Ossian; Translated by James Macpherson, Esq., Boston: Phillips, Sampson, and Company, 1854

⁴⁶ Compare o início (Sottomaior, 1862: 65):
 O filha de Toscar, traze-me a harpa,
 Que a ancia d'harmonia, qual reflexo
 De fugitiva luz, aquece est'alma.
 E minh'alma está triste como o plaino,
 Se as collinas d'emtôrno a sombra empana, ... G.B.

Oina-Morul⁴⁷

(Depois de uma invocação a Malvina filha de Toscar, Ossian refere a sua expedição a Füárfed, ilha da Scandinavia. Mal-orchol, rei de Füárfed estava reduzido á ultima necessidade na guerra que lhe fazia Ton-thormod, chefe de Sar-droulo, isto por elle ter negado sua filha Oina-morul. Fingal mandou então Ossian em seu auxilio. Ossian, no dia seguinte ao da sua chegada, combateu-se com Ton-thormod e fel'o prisioneiro. Mal-orchol offerece a Ossian sua filha Oina-morul, mas elle, conhecendo o amor que a donzella tem a Ton-thormod, generosamente a cede ao amante e faz com que os dois reis se reconciliem.)

Como de Larmon sobre o ervoso oiteiro
O sol foge inconstante, assim de outr'ora
Os contos por minh'alma á noite passam:
E quando os bardos retirados jazem -
E quando as harpas no salão de Selma
Penduradas estão, que junto de Ossian
Vem uma voz fallar e que lhe acorda
A alma entorpecida. A voz é essa
Do tempo que já foi - ante mim volve
Com todos os seus feitos. Esses contos
Por mim ao perpassar aférro e em cantos
Os arrojio depois ao mundo inteiro
Não é do rei o canto vea torva;
Como os preludios é de dôce musica
De Lutha sobre as harpas dedilhada.
Ó Lutha, a das mil harpas, teus rochedos,
Que mil riachos cobrem, não são mudos,
Quando faz sobre as cordas sonoras
As mãos de neve deslisar Malvina.
De Toscar, o dos elmos, linda filha,
Luz que illumina o pensar sombrio,
Que minha alma atravessa, ouvir não queres

Agora o canto meu! Passados tempos
Eu vou fazer surgir, de Lutha ó virgem.

Do rei no tempo foi - os meus cabellos
Moços eram então - quando Concáthlin⁴⁸
De sobre as ondas do oceano a noite
No espaço denotei. Para Füárfed,
Ilha que o mar habita qual floresta
Sobre as ondas par'cendo, eu navegava.
De Füárfed, a silvestre, ao rei Mal-orchol
De Fingal os soccorros conduzia -
Que féra em torno d'elle ardia a guerra
E outr'ora nossos páes juntos haviam
Ambos comido em festival banquete.⁴⁹

A Cul-coiled cheguei - ferrei o panno,
Minha espada a Mal-orchol, o das lyras,
Eu enviei então. De Albion o signo
Elle reconheceu e dentro d'alma
A alegria se ergueu. Dos altos paços
Desceu a procurar-me e angustiado
Minha mão apertou.

⁴⁷ "Oina-Morul, a Poem", publicado pela primeira vez em *Temora* (1763).

⁴⁸ Concáthlin - *dôce luz das ondas* - Era uma estrella, qual não sei. Macpherson diz em nota que na Escocia alta (*Highlands*) ainda no seu tempo havia uma cantiga que alludia a este lugar d'Ossian. Querera elle dizer que essa cantiga foi por elle aqui aproveitada?

⁴⁹ A expressão banquete, festa (*feast*) indica quasi sempre em Ossian a hospitalidade. Aqui a que Mal-orchol deu a Fingal quando aportou em Füárfed.

- «Porque é que a raça
De heroes vem procurar o rei perdido
Quasi sem trono? De Sar-dronlo, a undosa,
E Ton-thormod o chefe, o das mil lanças;
Minha filha Oina-morul, cujo seio
À neve se assemelha, viu um dia.
Elle m'a demandou: neguei a virgem,
Que tinham nossos páes sido inimigos.
A Fúárfed então desceu em guerra -
E ante elle o povo meu fugiu de medo!
Porque vem procurar o rei perdido
Quasi sem trono dos heroes a raça?

- «Não venho - respondi - a olhar a guerra
Qual menino em socego. De Mal-orchol
Fingal se lembra bem e de teus paços,
Hospicio aos estrangeiros. O guerreiro
Tomou de sobre as ondas terra um dia
Da tua ilha nos bosques; negra nuvem⁵⁰
Não foste para elle. Ao som das harpas
Teu banquete puzeste. A minha espada
Por ti se ergue por isso e talvez hoje
Teus inimigos caiam. Bem que longe
Nossos amigos sejam, quando em p'riço
Jámais em caso algum os olvidamos.

- «De Trenmor, o audaz, ó descendente,
Tuas fallas á voz de Cruth-Loda,
Do vasto espaço o habitador valente.
Oh! similhantes são, quando de cima
Da sua nuvem perpassando falla.
À minha meza muitos se assentaram,
Mas todos de Mal-orchol se esqueceram!
Mil vezes attentei p'ra os ventos todos
E nunca a branquejar vi uma vela.
Mas é que hoje em meus paços soa o ferro
E não harpas alegres.⁵¹ Vem p'ra dentro
Da minha habitação, de heroes ó raça;
Seu manto escuro já estende a noite.
Resoar vem ouvir a voz dos cantos
Da virgem de Fúárfed nos labios.

Fui. Da harpa pelas cordas deslisaram
De Oina-morul então as mãos formosas.
Em cada corda, que vibrava, a historia
Da sua intima dôr ella accordava.
Em silencio escutei; porque formosa
Em seus cabellos em verdade que era
Das ilhas mil a filha. Eram seus olhos
Duas estrellas refulgindo bellas
Atravez um chuveiro espesso e forte.
Nota-as no espaço o nauta e abençoã
Seu doce scintillar. A manhã veiu;
De Tórmul junto ás retumbantes aguas
A combater nos arrojamos féros.
Veiu o inimigo ao encontro, de Ton-thormod
Movido ao som de cravejado escudo.
De uma ala a outra se travou a lucta,
Ton-thormod encontrei. Voou p'ra longe
O seu ferro quebrado. Prisioneiro
Na guerra o fiz. Com uma corrêa
Bem firme e bem segura as mãos bem prezas
A Mal-orchol o dei, dador das lyras.
De Fúárfed no banquete então ergueu-se
Alegria vivaz, que succumbido
Seu inimigo tinha. De Oina-morul
A face desviava então Ton-thormod.

- «Filho de Fingal - começou Mal-orchol -
Por mim não passarás tu olvidado.
Uma luz poisará no teu navio;
É Oina-morul, a dos olhos meigos.
Doce alegria na potente alma
Ella te accenderá. E não sem amparo
Em Selma a virgem vagueará nos paços.

No paço repousei eu essa noite;
Os olhos mal fechados tinha ao somno,
Eis que aos ouvidos meus vem doce musica.
Era qual brisa ao começar que a barba
Voltêa ao cardo; apoz negra-sombria
Por sobre a relva foge. A virgem era
De Fúárfed, a silvestre. Ergueu o canto

⁵⁰ Note-se este modo de dizer. Significa - tu o trataste bem.

⁵¹ É um bello sarcasmo lançado por Mal-orchol sobre os seus amigos parasitas. Outro poeta caledonio, posterior porém, como diz Macpherson, a Ossian, exprime a mesma ideia da maneira seguinte:

Da noite assim – Oh! ella bem sabia
Em minh'alma existir doce corrente.
Que a harmoniosos sons se deslisava.

– «Quem do mar na nebrina todo envolto –
Ella assim diz – a vista sobre a terra
Do seu alto rochedo está lançando?
Seus compridos cabellos, semelhantes
Do corvo ás azas, ao tufão fluctuam.
Magestosos na dôr marcham seus passos.
Nos olhos baila o pranto. Está-lhe arfando
Seu peito varonil sobre a alma afflicta.
Aparta-te d'ahi – para longe eu parto,
Vagar vou peregrina em terra estranha.
Estar de mim em torno inda que vejo
Dos reis a raça, escura oh! é minh'alma.
Porque brigaram nossos paes outr'ora,
Doce enlevo das virgens, ó Ton-thormod?

– «Da ilha dos ribeiros voz suave –
Lhe respondi então – porque de noite
Te vens tu lamentar? a alma dura
De Trenmor, o audaz, não tem a raça.
Peregrina não serás em terra estranha,
De olhos azues ó virgem. N'este peito
Fallar sinto uma voz, que outros não ouvem,
Que a Ossian attender ao malfadado
Na hora do penar está mandando.
Da noite ó voz mimosa, eia retira-te,
Que sobre a rocha sua malfadado
Jámais a amante chorará Ton-thormod.

Mal a manhã raiou, a liberdade
E a dos cabellos longos linda virgem
Ao rei eu entreguei. Minhas palavras
Em seus paços resoantes de alegria
Ouviu assim Mal-orchol –

«– Rei de Füárfed,
Porque p'ra sempre chorará Ton-thormod?
À raça dos heroes elle pertence
E é na pleja um raio. Se inimigos
Outr'ora vossos paes, ora na morte
Seus espiritos subteis se regosijam.
À mesma lyra em Loda⁵² estendem juntos
Agora as mãos de névoa. Eia, guerreiros,
Seus odios apartae vós da memoria –
A nuvem foram de passados tempos.

Taes d'Ossian as acções, quando inda moços
Os seus cabellos eram. E a belleza
A filha das cem ilhas revestia
Com um manto gentil. De Lutha ó virgem,
Passados tempos resurgir eu faço.

Tradução de A. S. D. Gama, *A Península: Jornal Literário e Instructivo*, 1.º Volume, Porto: Typographia da Revista, 1852, pp. 395-396.

Esses que o cercam, volvem d'elle em roda
Bem como em largo espaço em torno ao fogo
O fumo usa volver, Dá grande aspecto
Esse fumo à fogueira: – fátuo e oco
É porém o vapor e a cada aragem
De forma elle varia. Quando o tronco

Se consumio, que o fogo alimentava,
Então nos ventos todo fuge o fumo:
Assim largou seu chefe os lisonjeiros,
Se o poder lhe findou.

⁵² Lugar onde as almas ou os espiritos iam viver depois de largarem os corpos. No fim do Cath-loda, Cant. I. Ossian chama-lhe – *a nebrinosa Loda, a casa dos espiritos dos homens.*



Temora, an Ancient Epic Poem, in eight books; together with several other poems, composed by Ossian, the Son of Fingal; translated from the Galic language by James Macpherson, London: T. Becket and P. A. De Hondt, 1763

O Espirito de Loda⁵³

A lua occultava no oriente a sua face avermelhada. Um vento impetuoso desceu da montanha, trazia sobre as suas azas o espirito de Loda. Passou elle sobre a sua pedra com todos os seus terrores; agita a sombria lança; seus olhos parecem duas chammas em sua tenebrosa face, a sua voz assemelha-se ao som longinco do trovão. Fingal brandindo a espada no meio das sombras, lhe faz ouvir a sua voz,

“Retira-te, filho da noite: revoca os teus ventos e foge! Para que te ostentas diante de mim com essas tuas armas vaporosas? Pensas lugubre espirito de Loda que me amedrontam essas tuas fôrmas tenebrosas? Muito fraco é o teu escudo de nuvens; fraca é a tua espada formada de metéoro. O vento confunde e baralha essas armas; e tu, tu mesmo te esvaiece nos ares. Foge da minha presença, filho da noite! Chama os ventos e foge!

“Expulsas-me, por ventura do meu recincho? Respondeu a voz sepulcral. As nações prostam-se perante mim. Baraho, confundo as probabilidades dos combates, no campo dos bravos. Encaro as nações, e ellas se anniquillam; por meus narizes, sahe o sopro da morte. Caminho sobre as azas dos ventos: e as procelas vão diante da minha face. Porém lá subranceira ás nuvens tenho placida mansão; os campos do meu repouso são apraziveis.

“Premanece pois n’esses teus apraziveis campos, acode Fingal, e olvida o filho de Conhal.

⁵³ Excerto de “Carric-Thura: a Poem”, publicado pela primeira vez em *Fingal* (1762). G. B.

“Por ventura encaminho meus passos das minhas collinas para as tuas socegadas planicies? Por ventura, lugubre espirito de Loda, saio-te ao encontro sobre as tuas nuvens com a lança enriste? Para que franzes as sobranceiras? Para que agitas a tua lança aeria? Tudo isso é se balde! Nunca na guerra fugi na presença dos poderosos; assustariam agora os filhos dos ares ao rei de Morven! Não, elle conhece bem a fraqueza das suas armas!

“Foge para o teu paiz, respondeo o fantasma: aceita as brisas favoraveis e foge! Tenho os ventos fechados na minha mão; governo as tempestades. O rei de Sora é meu filho, ajoelha sobre a pedra do meu poder. Seu exercito acampa junto a Carriethura; hade triumphar! Foge para o teu paiz, filho de Conhal, ou experimentarás a minha colera.

“Diz e ergue a sua lança de vapor, e enclinando para diante a sua formidavel estatura, Fingal arranca da espada do bom Luno, e avança para elle. A passagem scintillante do aço serpenteia através o fantasma tenebroso; a sombra perde no ar as suas fôrmas e se precipita, semelhante a uma columna de fumo que uma criança espalha com um páo, no momento em que se ergue d’uma fornalha meia apagada.

“O espirito de Loda solta um grito pungente, e rolando sobre si mesmo, eleva-se sobre os ventos. Esse grito pungente ouviu-o e tremeu Inistore; ouviram-a as vagas no abysmo, e ficaram immoveis de susto. Tambem estremeceem os irmãos d’armas de Fingal, e lançam mão das pesadas lanças.”

João Nepomuceno de Seixas, “Ossian”, *A Instrucção Publica*, N.º 13, 1.º de Janeiro de 1856, Lisboa: Imprensa Silviana, p. 102.



Nuovi Canti di OSSIAN Pubblicati in Inglese da GIOVANNI SMITH e recati in Italiano da Michele Leoni, Terza Edizione riveduta dal Traduttore, vol. I., Venezia: Tipografia di Alvisopoli, 1818.

COLNA-DONA⁵⁴

(De Ossian)

Torrente de Colamon, as tuas vagas turvas e sombrias, perdem-se ao longe nos extensos valles, e tu banhas da agua mais limpida, as proximidades do palacio de Carul.

E' ahi que mora a sua filha, a bella Colna-Dona. Os seus olhos têm o brilho dos astros da noite: - os braços, a alvura da escuma dos mares. -

Os globos do seu seio, vêem-se arfar docemente, como duas vagas embaladas pela viração do meio-dia. - A sua alma é um raio dos ceus. Quem poderá comparar-se a este encantador objecto do amor dos heroes?...

Fingal ordenou. Encaminhamo-nos para as ribas do Crona. Toscar e eu que ha pouco encetára a carreira dos combates.

Tres bardos seguiam-nos cantando. Precediam-nos tres escudos. Iamos levar um monumento em memoria dos acontecimentos passados: - Fingal tinha dispersado os inimigos nas margens do Crona; os estrangeiros tinham fugido diante d'elle.

Chegámos enfim aquelle lugar famoso. - A noite descia das montanhas. - Arranquei um carvalho da colina: - momentos depois pallida chamma se elevava aos ares.

- Oh! Meus avós, exclamei, lá desses palacios de nuvens onde estais, deixei cahir sobre mim os vossos olhares! A gloria dos vossos descendentes é tambem vossa, e o brilho do seu nome reflete-se sobre vós!

Os bardos cantaram. Ergo uma pedra da torrente e o sangue dos inimigos de Fingal, escorre em negros grumos da erva lodosa que a cobria.

Debaixo desta pedra colloco os tres escudos segundo o tempo marcado pelo compasso já lento, e já rapido, dos cantos nocturnos d'Ullin.

Toscar colloca tambem ahi um punhal e uma cota d'armas. Depois elevamos uma barreira de terra em torno da pedra e dissemos-lhe:

- Falla ao futuro, falla ás fracas gerações que não de succeder á raça extincta de Selma, filha da torrente, que hoje te elevas sobre a terra: em alguma noite de tempestade o viajante virá deitar-se ao teu abrigo. O extremecimento da tua relva acordar-lhe-ha sonhos. Os annos que passaram não-de reproduzirem-se no seu pensamento.

⁵⁴ "Colna-Dona, a Poem", publicado pela primeira vez em *Temora* (1763). G. B.

Verá as batalhas sanguinolentas. Verá os reis descerem do throno para combater, e a lua offuscada allumiando a custo aquelles campos de carnificinia.

Despertará com a aurora e verá em torno de si as sepulturas de mil guerreiros.

Que pedra é esta? Ha de elle perguntar. - Algum velho lhe responderá - *Essa pedra foi ahi collocada por Ossian, heroe dos tempos passados.*

Carul, rei de Colamon, o amigo dos estrangeiros mandou-nos por um bardo, convidar a entrar no seu palacio, morada da bella Colna-Dona.

Aceitamos o convite.

Aquelle velho heroe manifestou a sua alegria vendo os filhos dos seus amigos, crescerem como as arvores da planicie coroados com as suas verdes folhas.

- Filhos dos heroes, disse elle, vós fazeis lembrar o tempo feliz em que desci pela primeira vez a encosta de Morveu. Perseguiu Carglas, os nossos paes tinham sido inimigos.

Combatemos nas margens do Cintha, Carglas vencido, buscou asylo no Oceano: - os meus navios ainda ahi o perseguiram: - mas enganado pela noite abordei ao palacio de Selma - Fingal veiu ao nosso encontro com os seus bardos e Conlo o braço da morte.

Passei tres dias rodeado de festa no palacio de Fingal. Vi ahi pela primeira vez Roscrana, a filha dos heroes, a honra da raça de Cormac.

Á minha sahida fizeram-me os mais ricos presentes e os reis deram-me os seus escudos, que estão suspensos nas paredes do meu palacio como uma prova de amizade de Fingal. - Filhos dos heroes, lembrais-me os tempos passados.

Carul queimou o carvalho da festa: tirou dois novos escudos, pôl-os na terra debaixo d'uma pedra, e quiz que elles fossem um monumento de paz para os nossos descendentes.

- Quando a guerra, disse elle, rugir nesta, e os nossos filhos estejam quasi a combaterem-se os guerreiros da minha raça quando vierem aqui buscar as lanças, deitarão os olhos para esta pedra e dirão: - «Aqui os nossos paes juraram a paz» - e a estas palavras deporão as armas.

A noite cobria os ceus - a filha de Carul, caminhava deixando fluctuar os seus longos cabellos e a sua voz melodiosa casava-se com os sons da harpa.

Á vista de Colna-Dona, o amor dos heroes, Toscar tornou-se triste e pensativo.

A imagem da virgem gravara-se na sua alma agitada, como um raio do sol no mar ondeante, quando atravessa o nevoeiro e illumina o dorso movente das vagas.

.....

Ao raiar do dia acordamos com os nossos gritos. O echo das florestas e os nossos cães fizeram fugir, os timidos cabritos-montezes, para a beira das torrentes e dos lagos solitarios.

Voltavamos ao valle de Crona, quando vimos sahir da floresta um guerreiro, com escudo e lança quebrada.

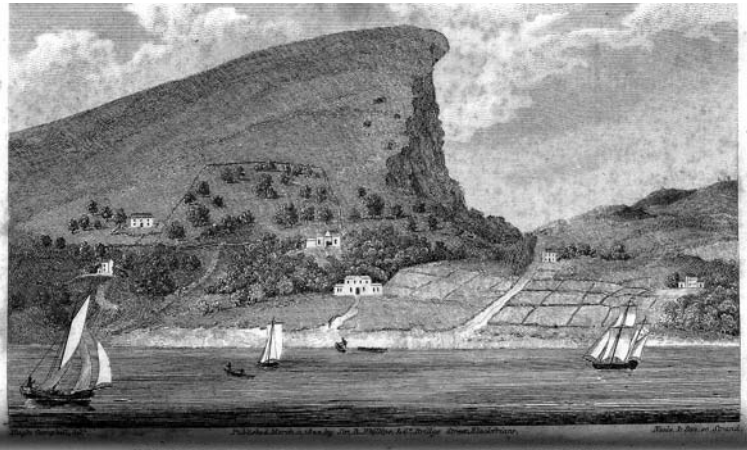
- Dónde vens? Perguntou-lhe Toscar, e dize-nos se em Colamon, no palacio da bella Colna-Dona continúa a reinar a paz.

- Colna-Dona, respondeu o desconhecido, já não está em Colamon, a estas horas atravessa o deserto com o filho d'um rei, que soube encantar a sua alma.

- Moço estrangeiro, disse Toscar, indica-me o caminho que tomaram, e se encontro esse guerreiro, ha-de morrer às minhas mãos. - Dá-me o teu escudo. Furioso arranca-lhe o escudo, mas debaixo d'elle palpitava um seio de mulher, branco como as penas do cysne que voga docemente sobre as vagas.

Era Colna-Dona, a filha de Carul. Vira Toscar, e não o pôde ver sem o amar!

Gervásio Lobato, *Gazeta Litteraria*, Lisboa, 1.º Anno, 15 de Fevereiro de 1868, n.º 18, pp. 2-3.



“Cromla (Cave Hill) and Part of the Lake of Lego of Ossian.” *The Poems of Ossian, translated by James Macpherson, Esq. Authenticated, Illustrated and Explained, by Hugh Campbell, Esq., F.A.S. Ed., vol.II, London: Richard Phillips & Co. 1822.*

Em 2010 comemoram-se os 250 anos da publicação do primeiro texto ossiânico de James Macpherson:

Fragments of Ancient Poetry collected in the Highlands of Scotland, and translated from the Galic or Erse Language (1760).

É difícil subestimar o impacto que *Ossian* teve nas letras, artes e culturas alemãs e francesas, mas durante muito tempo a influência desta obra em Portugal foi ignorada pela crítica. O presente volume reúne dois ensaios que enquadram este fenómeno que largamente ultrapassa as fronteiras literárias, no contexto da cultura europeia e portuguesa. A antologia dos textos traduzidos junta pela primeira vez várias poesias atribuídas ao Bardo escocês, recolhidas de obras e revistas portuguesas do século XIX. Em Portugal os textos de Macpherson nunca foram publicados na íntegra com excepção da epopeia *Fingal*, também incluída nesta edição.



Centro de Estudos
de Comunicação e Cultura



Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR